



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO

JULIANA MELO PEREIRA

PARA FLORESCER PESSOAS:

o pensamento urbanístico de Gaston Bardet

RECIFE

2019

JULIANA MELO PEREIRA

PARA FLORESCER PESSOAS:

o pensamento urbanístico de Gaston Bardet

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Desenvolvimento Urbano.

Área de Concentração: Desenvolvimento Urbano

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Virgínia Pitta Pontual

RECIFE

2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

P436p Pereira, Juliana Melo
Para florescer pessoas: o pensamento urbanístico de Gaston Bardet /
Juliana Melo Pereira. – Recife, 2019.
237f.: il.

Orientadora: Virgínia Pitta Pontual.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de
Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento
Urbano, 2019.

Inclui referências, apêndice e anexo.

1. Gaston Bardet. 2. Pensamento Urbanístico. 3. Urbanismo. 4. Ensino
do Urbanismo. 5. Urbanismo aplicado. I. Pontual, Virgínia Pitta
(Orientadora). II. Título.

711.4 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2019-257)

JULIANA MELO PEREIRA

PARA FLORESCER PESSOAS:

o pensamento urbanístico de Gaston Bardet

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Desenvolvimento Urbano.

Aprovada em 13/09/2019

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Virgínia Pitta Pontual (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Professora Doutora Renata Campello Cabral (Examinadora Interna)

Universidade Federal de Pernambuco

Professor Doutor Fernando Diniz Moreira (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Professora Doutora Maria Cristina da Silva Leme (Examinadora Externa)

Universidade de São Paulo

Professora Doutora Maria da Conceição Alves de Guimaraens (Examinadora Externa)

Universidade Federal do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

A vida acadêmica é desafiadora e testa a cada etapa a determinação de quem por ela se aventura. Nesse caminho, alguns talentos preciosos se perdem, muitas vezes por falta de oportunidade. Por isso, sou muito grata a todos que me deram estímulos, chances, apoios, condições, confiança e inspirações para concluir esta tese. São tantas pessoas que não caberiam neste volume inteiro – quero, então, representá-las por meio de algumas que me é possível citar.

À minha orientadora, Virgínia Pontual, por ter me ensinado tanto durante 12 anos de parceria e transmitir o “vírus” da dúvida, fundamental à pesquisa científica. Agradeço pela delicadeza e respeito dedicado à construção da tese: em meio a tantas inseguranças acadêmicas e emocionais, me senti competente e valorizada, tive meus questionamentos acolhidos como parte do processo de crescimento.

A todos os professores que me inspiraram a transmitir o conhecimento, representados pelos que compõem o Programa de Pós-Graduação de Desenvolvimento Urbano e da comunidade da Universidade Federal de Pernambuco e a todos os funcionários que fazem diariamente funcionar essa instituição.

Em especial, agradeço aos professores que participaram da construção desta tese com uma leitura atenta e sugestões nas bancas de projeto e pesquisa: Renata Cabral (MDU/UFPE), Fernando Diniz (MDU/UFPE), Cêça Guimaraens (PPGAU/UFRJ), Maria Cristina Leme (FAU/USP) e Diego Inglez (Unicap).

Ao Professor Laurent Coudroy de Lille, pela recepção na *l'École d'Urbanisme de Paris* (l'EUP), como supervisor das pesquisas que desenvolvi durante o Doutorado Sanduíche na França, e ao Professor Jean-Pierre Frey, pelas conversas esclarecedoras, orientações, listas e textos gentilmente cedidos.

Aos que facilitaram a consulta de documentos nos arquivos e bibliotecas, especialmente: José Miguel Mayorga (*Bibliothèque historique Poëte et Sellier*), Alexandre Ragois (*Cité de l'architecture & du patrimoine Archives d'architecture du XXe siècle*) e Philippe Lorenzen (*l'Institut Supérieur d'Urbanisme et de Rénovation Urbaine*).

A Annie Bardet, pela solicitude e gentileza com que nos recebeu, por se preocupar em preservar e doar o acervo de Gaston Bardet, o que torna possível a realização de pesquisas como esta.

A Dione Ferreira, professora de francês que encarou o desafio de me tornar fluente numa nova língua, pelo apoio, incentivo ao longo desses anos.

Aos pesquisadores, professores e estudantes que compõem o Laboratório de Urbanismo e Patrimônio Cultural, pelas trocas profícuas, reflexões críticas e aprimoramento contínuo, em especial aos bolsistas de Iniciação Científica, Laryssa Araújo e Victor Uchôa.

Aos amigos Aline Figueirôa e Joelmir Marques, que compartilharam comigo suas experiências no doutorado, agradeço pelo incentivo desde a leitura do projeto de seleção às incertezas profissionais que emergem com a conclusão.

A Aline Galdino, por termos vivido todas as emoções de transformar nossas pesquisas em dissertação/tese, sempre trocando palavras de apoio para seguir em frente. É uma honra conquistarmos essa vitória juntas!

A Camila Leal, amiga querida, sem limites para o *exel*, pelas citações inspiradoras e apoio com a vida e com os gráficos.

Ao amigo Luiz Augusto Monte, pela linda tradução da tese na arte da capa.

À amiga Márcia de Quadros, pelo hercúleo, minucioso e impagável trabalho de revisão num tempo tão limitado.

Às pessoas queridas que estiveram sempre por perto, incentivando de diferentes formas o desenvolvimento deste trabalho: Aline Van der Linden, Camila Cabrita Leal, Carolina Brasileiro, Catarina Barros, Demétrius Ferreira, Doris Campos, Eduardo Moura, Élide Bani, Eva Passavante, Julia Fernandes, Larissa Tollstadius, Laura Medeiros, Margot de Quadros, Mariá Faria, Mariana Amaral e Ravi Rocha.

A toda minha amada família, especialmente ao meu avô, Manoel Ferreira (*in memoriam*), poeta do interior de Sergipe que se orgulhava dos 12 filhos “estudados” e dos 25 netos se tornando “doutores”, a partir do momento em que ingressavam nas universidades. De tanta felicidade, vovô nos apresentava pela profissão, quando começava a esquecer os nossos nomes. Somos uma família transformada pela potência da educação, sou grata pela nossa história.

Aos meus pais, Angela Melo e Gilberto Pereira, pelo amor, por me darem todas as condições necessárias ao pleno desenvolvimento e por me ensinarem a valorizar o estudo.

Ao meu companheiro, Rafael de Quadros, que me ensinou a parar, respirar, ver o céu e o mar para lembrar que a vida e o amor acontecem fora do doutorado.

Agradeço, ainda, ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), pela concessão da Bolsa de Doutorado, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa do Programa Doutorado Sanduíche no Exterior.

RESUMO

Gaston Bardet (1907-1989) foi um urbanista francês e teórico do urbanismo do século XX. Autor de pelo menos 10 livros, 70 artigos, planos, estudos palestras e conferências entre Europa, África e Américas – entre as quais, duas passagens pelo Brasil – pouco se sabe sobre seu pensamento urbanístico e circulação de suas ideias. Sobre o silêncio dedicado à sua obra, pairam os inúmeros embates por se contrapor publicamente à vertente funcionalista do urbanismo. Portanto, o objetivo desta tese é compreender o pensamento urbanístico de Gaston Bardet, para trazer à tona uma contribuição que possa somar à complexidade e heterogeneidade da noção de “urbanismo moderno”. A tese se insere no âmbito dos estudos de História da Cidade e do Urbanismo e parte do entendimento que o objeto de estudo só tem sentido quando lido no seu contexto. O referencial teórico-metodológico da História Cultural sustentou a construção da interpretação, na qual buscou-se analisar o objeto de estudo cotejado com filiações, interlocuções, embates e instituições. A documentação levantada nos arquivos franceses e brasileiros deram substrato a narrativa, que adota os livros do urbanista como fio condutor. A leitura desses livros foi cruzada com o contexto e com as experiências do urbanista nos anos de formação, na prática da docência, nas investigações teórico-metodológicas, nos estudos filosóficos e nas viagens para América Latina. Para contrapor visões redutoras, partiu-se da hipótese que Gaston Bardet constituiu um pensamento urbanístico próprio, denso, de forte apelo social e humanista, orientado pelas questões postas pelo seu tempo.

Palavras-chave: Gaston Bardet. Pensamento Urbanístico. Urbanismo. Ensino do Urbanismo. Urbanismo aplicado.

RÉSUMÉ

Gaston Bardet (1907-1989) fut un urbaniste français et un théoricien de l'urbanisme du XXe siècle. Il a été l'auteur d'un ouvrage d'à peu près 10 livres, 70 articles, des plans, des études, des conférences et des colloques en Europe, en Afrique et en Amérique - y compris deux voyages au Brésil – cependant, on sait peu sur sa pensée urbanistique et la circulation de ses idées. Les innombrables affrontements publics contre le courant fonctionnaliste de l'urbanisme planent sur le silence consacré à son travail. De ce fait, l'objectif de cette thèse est celui de comprendre la pensée urbanistique de Gaston Bardet, d'apporter une contribution qui peut s'ajouter à la complexité et l'hétérogénéité du concept de « l'urbanisme moderne ». La thèse s'inscrit dans le cadre des études de l'Histoire des Villes et de l'Histoire de l'Urbanisme et elle part de la compréhension que l'objet d'étude n'a de sens qu'en étant lu dans son contexte. Le cadre théorique de l'Histoire Culturelle a soutenu la construction de l'interprétation, dans laquelle on a cherché à examiner l'objet d'une étude confrontée des affiliations, des inter-locutions, des différences et des institutions. La documentation recherchée dans les archives françaises et brésiliennes a fourni un substrat à la narration, où on a adopté les livres de l'urbaniste comme le fil conducteur. La lecture de ces livres a été croisée avec le contexte et les expériences de l'urbaniste au cours de ses années de formation, ses pratiques d'enseignement, ses recherches théoriques et méthodologiques, ses études philosophiques et ses voyages en Amérique Latine. Pour s'opposer à des regards réducteurs, on est parti de l'hypothèse selon laquelle Gaston Bardet a constitué une pensée urbanistique propre, complexe, dotée d'un puissant attrait social et humaniste, aussi guidée par les questions posées par son époque.

Mots-clés: Gaston Bardet. Pensée urbanistique. L'Urbanisme. L'Enseignement de l'urbanisme. L'Urbanisme appliqué.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	Um novo tema para antiga inquietação.....	12
1.2	Lentes para enxergar o objeto.....	14
1.3	Culturalista, polemista, continuador ou urbanista? Estado da arte	21
1.4	Os caminhos percorridos.....	25
2	UM DUPLO PROCESSO DE FORMAÇÃO: O URBANISMO E O URBANISTA	28
2.1	Leis, ensino e instituições para o novo campo.....	29
2.2	Arquitetos-urbanistas: a <i>Société Française des Urbanistes</i>	44
2.3	A “evolução das cidades” por Marcel Poëte.....	50
2.4	Roma: um laboratório de evolução e urbanismo.....	59
3	ANÁLISES E SÍNTESES PARA O URBANISMO APLICADO	74
3.1	Da observação à teoria: problemas do urbanismo.....	76
3.2	A “evolução das cidades” por Patrick Geddes.....	89
3.3	Da teoria à aplicação: princípios para enquetes e análises urbanas.....	100
4	O URBANISMO PARA FLORESCIMENTO DO SER.....	115
4.1	Um urbanista em tempos de “revolta da técnica”	116
4.2	Sobre estilhaços de cidades: interlocuções com o Economia e Humanismo	132
4.3	A Cidade Humana: uma utopia do Novo Urbanismo.....	141
5	O ENSINO DO URBANISMO E AS PASSAGENS PELA AMÉRICA LATINA....	161
5.1	O recomeço em Bruxelas: o <i>Institut Supérieur d’Urbanisme Appliqué</i>	161
5.2	Do outro lado do Atlântico: conferências e cursos pela América Latina.....	179
5.2.1	Uruguai, Peru e Venezuela: breves passagens.....	181
5.2.2	Chile e o inimigo dos arranha-céus.....	186

5.2.3	México: da arquitetura à sociologia.....	189
5.2.4	Argentina: laços estreitos e futuros urbanistas.....	192
5.2.5	Brasil: entre previsões e polêmicas.....	196
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS: DE FIGURA QUIXOTESCA À ANTECIPAÇÃO	
	CRÍTICA.....	205
	REFERÊNCIAS	210
	APÊNDICE A – CRONOLOGIA GASTON BARDET.....	230
	ANEXO A – TESES DEFENDIDAS NO IUUP (1921-1945).....	233

1 INTRODUÇÃO

Gaston Bardet (1907-1989) foi um urbanista francês do século XX. Nasceu numa família de artesãos de Vichy; filho de arquiteto, cresceu entre pranchetas e estágios de marcenaria, escultura, serralheria, etc. A influência paterna o levou a cursar arquitetura na *École National Supérieur de Beaux Arts* (atelier Pontremoli), concluída em 1930.¹ Logo em seguida a essa primeira formação, ingressou no *Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris* (IUUP), onde conquistou o diploma de urbanista com láurea, em 1932. A partir de então, dedicou-se ao estudo, teorização, exercício prático e ensino do urbanismo.

Tornou-se professor do IUUP em 1937, onde fundou o *Atelier Supérieur d'Urbanisme Appliqué* (ASUA). Durante a década de 1940, fez parte da *Société Française des Urbanistes* (SFU), da *Société de Statistique de Paris* (SSP) e, da *Société pour la Protection des Paysages de France* e de comitês editoriais diversos.

No cenário de reorganização política e ideológica pós-2ª Guerra Mundial, ficou isolado na França. Para não interromper suas atividades de pesquisa e docência, foi professor no *Institut d'Urbanisme de l'Université d'Alger* (Argélia, 1945-47); coordenou e ensinou no *Institut Supérieur d'Urbanisme Appliqué* (Bruxelas, 1947-74); viajou e proferiu conferências de urbanismo em pelo menos 18 países² (1947-76). Isso demonstra que houve interesse significativo por suas ideias naquele momento. A partir dos anos 1960, mergulhou nos estudos religiosos, afastando-se pouco a pouco do urbanismo e esboçando apenas alguns estudos sobre o planejamento rural na *l'École d'Agriculture de Rennes*.

Gaston Bardet faleceu aos 82 anos, em sua cidade natal.³ Apesar dos 12 livros de urbanismo e mais de 70 artigos publicados em revistas especializadas de 8 países, ele era, para mim – até o início desta tese –, um ilustre desconhecido.

¹ Registro de estudante, Fonds Bardet, cx.27.3.

² Ao longo da tese, foram levantados: Bélgica, Itália, Portugal, Espanha, Argélia, Líbano, Marrocos, Egito, Brasil, Venezuela, Chile, Argentina, Peru, Uruguai, Cuba, Panamá, México e EUA.

³ Ver Apêndice A – Cronologia Gaston Bardet.

1.1 Um novo tema para antiga inquietação

Antes de justificar meu interesse pelo tema, cabe advertir que Bardet é desconhecido de muitos e que isso provocou o estranhamento que hoje toma a forma de tese. Como poderia alguém com tamanha produção ter sido ignorado nos meus cinco anos de graduação em Arquitetura e Urbanismo e nos dois anos de Mestrado em Desenvolvimento Urbano? Assim, foi com a finalidade de resgatar contribuições históricas pertinentes à reflexão no campo do urbanismo que tomei como objeto de pesquisa o pensamento urbanístico de Gaston Bardet.

O interesse pelo tema resulta de uma trajetória de pesquisas iniciadas ainda na graduação, por meio da Iniciação Científica⁴. Nela, ao investigar os dilemas e confrontos entre o urbanismo e a conservação do patrimônio cultural, percebi que as concepções modernistas foram decisivas na transformação da morfologia urbana na cidade do Recife.⁵ Tal fenômeno não foi isolado, repetiu-se nas principais capitais brasileiras na primeira metade do século XX. Em particular, chamou-me atenção como tais preceitos conduziram práticas no campo da conservação, envolvendo protagonistas em comum – questão que incitou o desenvolvimento da minha dissertação de mestrado.⁶

Ao analisar as práticas dos Distritos Regionais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), concluí que, no Brasil, era a perspectiva da arquitetura moderna que conduzia o futuro, por meio das reformas urbanas, e delimitava o passado, por meio dos tombamentos e restauros realizados. O maior representante dessa ambiguidade foi, talvez, Lúcio Costa, durante muitos anos chefe da Diretoria de Estudos e Tombamentos e também urbanista de Brasília, reconhecida mundialmente pela plena aplicação dos preceitos funcionalistas do urbanismo.

A dissertação iluminou trajetórias, práticas e processos pouco conhecidos no campo da conservação e instigou o interesse por operações historiográficas que enaltecem, absolvem e condenam personalidades, práticas e comportamentos sociais. As pesquisas no

⁴ “As Legislações Urbanísticas na cidade do Recife do século XX: as práticas do urbanismo modernista e da conservação urbana”, coordenada pela Prof^a. Pontual (Financiado pelo CNPq, 2007-2010).

⁵ PEREIRA, J.M. **Dilemas e confrontos entre o urbanismo modernista e a conservação urbana na cidade do Recife**: o Plano de Gabaritos de 1965. Trabalho de graduação (Arquitetura e Urbanismo), CAC/UFPE, Recife, 2009.

⁶ Id. **Admiráveis Insensatos**: Ayrton Carvalho, Luís Saia e as práticas no campo da conservação no Brasil. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbanos), MDU-UFPE, Recife, 2012.

campo da história da arquitetura, urbanismo e conservação me inquietavam pelas narrativas hegemônicas conduzidas por um viés ideológico que associava o “modernismo” à democracia, progresso e libertação dogmática.⁷

Tal inquietação ficou ainda mais forte quando ingressei na pesquisa sobre os juízos historiográficos de Gaston Bardet e Gustavo Giovannoni⁸. Ao discutir as semelhanças e diferenças entre esses urbanistas, pude perceber que a historiografia da cultura urbanística pós-2ª Guerra Mundial foi permeada de julgamentos, que terminaram por encobrir contribuições relevantes, como foi a de ambos. Bardet e Giovannoni desenvolveram um legado teórico denso sobre as cidades e passaram anos sem figurar nos principais estudos, por terem sido associados a regimes fascistas.

Longe do propósito da tese querer discutir a procedência desses juízos, que podem ser revisados e até invertidos com o passar do tempo, vide o exemplo de Le Corbusier, cujo legado foi recentemente questionado por uma petição de historiadores na França.⁹ Meu interesse está em explorar a multiplicidade de pensamentos que constituiu o urbanismo moderno, assim como fiz no campo da conservação. Cada indivíduo é um universo de possibilidades, ideias, conflitos, interesses, trocas, experiências, etc., assim, escolher um urbanista para investigar seu pensamento pareceu-me, nesse contexto, uma rica oportunidade.

Portanto, o objetivo geral do trabalho é compreender o pensamento urbanístico de Gaston Bardet, para trazer à tona uma contribuição que possa somar à complexidade e heterogeneidade da noção historiográfica de urbanismo moderno.

⁷ “De Gideon a Tafuri e Frampton [passando por Benevolo, Hitchcock e Zevi, Curtis], os discursos sobre a história da arquitetura demonstram que suposta autonomia ou objetividade dos seus autores é quase uma ficção. Muitos desses livros são frutos da encomenda de determinado arquiteto – no caso de Gideon com Le Corbusier e Walter Gropius – ou refletem uma posição intelectual desenvolvida em contato próximo com arquitetos – no caso de Tafuri com Aldo Rossi e Vittorio Gregotti.” Sobre a revisão historiográfica da arquitetura e do urbanismo moderno, cf: COHEN, J.L. **O futuro da arquitetura desde 1989**: Uma história mundial. São Paulo: Cosac&Naify, 2013, p.14.

⁸ “Entendendo juízos historiográficos: a fortuna crítica de Gaston Bardet e Gustavo Giovannoni e suas contribuições para o campo do urbanismo - França, Itália e Brasil”, coordenada pela Profª. Pontual, com a participação dos professores Renata Cabral e Andrea Pane (Financiado pelo CNPq 2014-2017).

⁹ VICENTE, A. Ideologia filonazista de Le Corbusier põe em risco seu legado na França. **El país**, 1º mai. 2019. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/24/eps/1556120509_019452.html>. Acesso em 1º mai. 2019.

1.2 Lentes para enxergar o objeto

A presente tese se insere no âmbito dos estudos de História da Cidade e do Urbanismo. Parte-se do entendimento de que o objeto de estudo só tem sentido quando lido em seu contexto, que não poderá jamais ser revivido, mas sempre reinterpretado. As interpretações da História não são vagas ou subjetivas, elas se apoiam numa série de procedimentos científicos, entretanto, são carregadas da visão de mundo de quem as produz. Dessa forma, é necessário explicitar os aportes teóricos que guiam os argumentos desenvolvidos.

Em primeiro lugar, a leitura de Le Goff¹⁰, Arriès¹¹ e Veyne¹² permite compreender que história é uma interpretação, cujas fontes são buscadas e lidas de acordo com as hipóteses do historiador. Portanto, não haverá um resultado definitivo e verdadeiro.¹³

Se, à primeira vista, admitir tal limitação lança o trabalho de História ao “reino do inexato”, cabe advertir que isso não é sinônimo de aleatoriedade¹⁴. Como em toda ciência, existe uma série de procedimentos necessários para dar credibilidade à interpretação histórica e validar a documentação utilizada. Ao pesquisador, o documento permite avaliar e concluir o embasamento da interpretação construída, ou seja, isolado, o documento não fala; porém, sem documentos a história não é ouvida.

Le Goff sublinha que todo documento é fruto do recorte de um historiador. Ele não corresponde a uma prova de fatos, mas, sim, reflete a intenção de perpetuar uma história. Para o autor, o documento “resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias”¹⁵. Ao se colocar enquanto sujeito, o historiador insere outras variáveis (argumentos, hipóteses, interpretações) na equação histórica.

¹⁰ LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

¹¹ ARRIÈS, P. **A história das mentalidades**. In LE GOFF, J. A História Nova. São Paulo. Martins Fontes, 1993.

¹² VEYNE, P. **Foucault: o pensamento, a pessoa**. Lisboa: Edições Textos & Grafia, 2009.

¹³ O campo da História passou por várias transformações, principalmente a partir da década de 1930, quando a *École des Annales*, encabeçada por Lucien Febvre e Marc Bloch, pôs em xeque a existência de verdades históricas e reconheceu que o máximo a ser alcançado pelos historiadores seriam verdades parciais. Iniciou-se então um processo de autorrevisão crítica neste campo, redirecionamento das práticas e dos objetos de estudo, cf: NOVAIS, F.A.; SILVA, R.F. (Org.). **Nova história em perspectiva** volume 1. São Paulo: Cosac&Naify, 2011.

¹⁴ LE GOFF, op cit, p.26

¹⁵ Ibid, p.548.

Ainda segundo Le Goff, “nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado”¹⁶. Logo, a conformação dos arquivos e o contexto no qual são produzidos, além da própria seleção dos documentos que os compõem, passam a ser também alvos de questionamento de quem os analisa.

Sobre essa perspectiva, cabe ressaltar que o principal arquivo sobre Gaston Bardet foi reunido por ele mesmo, ou seja, resulta da história que lhe interessava contar. São inúmeras reportagens anunciando o lançamento de seus livros, manuscritos de conferências e cursos proferidos, aulas, registros de docência, planos urbanísticos, cadernos de anotações, fotografias, desenhos e outros documentos que retratam e valorizam o trabalho dele próprio. Não é de se surpreender que não haja documentos criticando seu trabalho (à exceção de algumas discussões na imprensa iniciadas pelo próprio), que precisaram ser buscados em outros arquivos.

Ainda que Gaston Bardet não seja um nome recorrente nos livros de urbanismo, o fato de sua documentação pessoal se encontrar na *Cité d'Architecture et Patrimoine* e constituir um fundo documental já lhe pressupõe alguma relevância. Criou-se, com esse ato, um monumento. Desconfiar desse “documento-monumento”, confeccionado pelo próprio Bardet e tratado pelos arquivistas, é um dos exercícios constantes na presente pesquisa.¹⁷

Por tratar de um tempo passado, que, como já dito, não pode ser revivido, mas reinterpretado, a História é um campo permeado de relações complexas, entre as quais Le Goff destacou três “paradoxos e ambiguidades” nas relações entre passado-presente; parcialidade-objetividade; singular-universal.¹⁸

A primeira ambiguidade sublinhada por Le Goff está em lidar com o passado em função do tempo presente, isto é, “cada época fabrica mentalmente sua representação do passado histórico”¹⁹. Um exemplo dessa “fabricação” é a cultura urbanística da segunda metade do século XX, contexto em que a arquitetura e o urbanismo eram produzidos quase que paralelamente a sua crítica. A proximidade entre arquitetos e historiadores foi então um importante fator para a valorização da vertente funcionalista. Atualmente, rever tais

¹⁶ LE GOFF, 1990, p.110.

¹⁷ Os documentos de Gaston Bardet encontram-se no *Centre d'archives d'architecture du XXe siècle*, foram doados pela família em 1990 e passaram por dois tratamentos arquivísticos, realizados por Pierre Gaconnet (1996); Stanislas Henrion (2011).

¹⁸ LE GOFF, op cit., p.23.

¹⁹ Ibid, p.31.

narrativas historiográficas é possível graças ao distanciamento do contexto em que foram produzidas.

O segundo paradoxo listado está no fato que é impossível ao historiador ser completamente imparcial e objetivo, já que é incapaz de se desfazer de sua visão de mundo, concepções e avaliação do passado. Para Le Goff, isso não quer dizer que o historiador irá defender uma causa, mas buscar a “objetividade histórica”, que se constrói cumulativamente, por intermédio de revisões incessantes do trabalho histórico.²⁰

Nesse sentido, ao escolher meu objeto de estudo já realizei uma escolha por um recorte historiográfico, visto que fui motivada a estudar Gaston Bardet pela minha trajetória de pesquisa e pelo silêncio sobre ele nas narrativas. Ter noção dessa subjetividade permite melhor contorná-la, evitando a constituição de um novo mito, como aqueles que questiono.

Por fim, o terceiro paradoxo apontado por Le Goff é o fato da História buscar, por meio de um objeto “singular” (um acontecimento, uma operação, um personagem), alcançar um objetivo “científico”, ou seja, “universal” e “geral”²¹. Cabe sublinhar que não há, nessa perspectiva teórica, uma História totalizadora – apenas é possível afirmar que há regularidades, séries e rupturas que permitem tornar os processos históricos inteligíveis. Assim, o objeto singular desta tese (Bardet) permite revisar uma narrativa histórica sobre o campo disciplinar, trazendo à tona disputas, interesses e perspectivas sobre o urbanismo moderno.

A construção da interpretação histórica acontece permeada de ideologias, tensões e jogos de poderes, em meio aos quais algumas narrativas podem ser ressaltadas, repetidas, disseminadas e cristalizadas ao ponto de não serem mais questionadas, transformando-se no que Foucault²² chamou de “regimes de verdade”. A partir da contribuição desse filósofo, entendi que estranhar noções naturalizadas poderia ser o primeiro passo para a compreensão de processos históricos.

Foucault²³ define a arqueologia como procedimento que conduz o pesquisador a detectar os discursos e suas formações históricas, em determinado campo do saber. Tal entendimento fez com que as questões iniciadas por “como?” passassem a me interessar mais do que aquelas iniciadas com “por que?”. Se, no início do doutorado, me preocupava

²⁰ Le Goff, op. cit, p.33.

²¹ Ibid, p.33.

²²FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

²³ Ibid.

em questionar “Por que Bardet havia sido esquecido?”, o amadurecimento teórico me fez reformular o **problema de pesquisa** para “Como Gaston Bardet conformou seu pensamento urbanístico?”

Ao me alinhar com a perspectiva teórica aqui exposta, não há o interesse de buscar a origem dos fatos, para construir uma narrativa em sequência. O objetivo é realizar incursões aos momentos mais relevantes da constituição do pensamento urbanístico estudado. Segundo Foucault²⁴, na arqueologia do saber “o problema não é mais o rastro, mas o recorte e o limite; não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundamento que se perpetua”.

Portanto, mais do que definir a autenticidade da documentação, os problemas metodológicos são: I) a constituição de conjunto coerente de documentos (séries); II) o estabelecimento do princípio de escolha para se tratar a massa documental; III) a definição do nível de análise e dos elementos que são pertinentes; IV) a especificação do método de análise; V) a delimitação de conjuntos e subconjuntos que articulam o material estudado; VI) a determinação de relações que permitam caracterizar um conjunto; VII) e o confronto entre os documentos e as hipóteses de pesquisa.

Nesse contexto, não se pode deixar de citar a trama complexa entre sujeito e ambiente cultural tecida por Carlo Ginzburg²⁵. Ao escolher uma trajetória singular como objeto, o historiador procurou constituir a configuração sociocultural na qual o indivíduo se insere. A leitura do inquérito do moleiro Menochio – homem simples denunciado por suas leituras e ideias consideradas hereges pelo Santo Ofício – foi cotejada pela leitura do contexto econômico, social, intelectual, cultura e religioso da Veneza do século XVI.

Sobre a utilização das fontes documentais e a possibilidade de explorá-las em dimensões mais complexas, Ginzburg²⁶ alerta que é fundamental questionar-se diante das fontes e se desfazer da simplificação positivista da relação entre evidência e realidade. Para o autor, a “reconstrução do relacionamento entre vidas individuais e os contextos em que elas se desdobram” torna-se, então, a principal tarefa do historiador, a partir da qual florescem as questões, lacunas e novas interpretações.

²⁴ FOUCAULT, 2008, p.6.

²⁵ GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

²⁶ GINZBURG, C. Controlando a evidência: entre o juiz e o historiador. In: NOVAIS; SILVA, 2011, p.156.

Desse modo, a interpretação do pensamento urbanístico de Gaston Bardet apresentada nesta tese está pautada na circulação de ideias e no entendimento de que as concepções por ele formuladas se relacionaram ao contexto intelectual, político e sociocultural. Ora refletindo, ora propondo, ele buscou responder à agenda posta por seu tempo. Por isso, a leitura que realizo sobre sua obra é constantemente balizada pelos debates, disputas, filiações e acontecimentos de que participou, os quais me permitem entrelaçar os fios que configuram a trama histórica em que estava inserido.

À filósofa Hannah Arendt²⁷ devo minha compreensão do pensamento urbanístico de Bardet como um “fenômeno mental”, situado numa “lacuna temporal” entre o passado e o futuro. Para Arendt, o pensamento não seguiria fluxo unidirecional, tampouco retilíneo, sendo comparado metaforicamente a um paralelogramo de forças dirigidas para o homem e sobre ele. Partir dessa noção faria pouco sentido numa biografia, entretanto, na análise que aqui apresento, sobre as múltiplas dimensões do pensamento urbanístico, tal concepção se faz fundamental.

Ao se deixar conduzir pela *persona* de Gaston Bardet, esta tese também dialoga com estudos das trajetórias e biografias profissionais. De antemão, Bourdieu²⁸ chama atenção para os perigos da “ilusão biográfica”, na qual o autor tem interesse em dar sentido, lógica e finalidade à experiência de vida do objeto, construindo, assim, uma narrativa recortada de acontecimentos significativos sobre algo que se desenvolve de modo complexo, heterogêneo e quase sempre incoerente. Portanto, admite-se que o indivíduo é um objeto múltiplo, sendo impossível para o biógrafo captá-lo em sua totalidade.²⁹

Para contornar os riscos de entregar-se por completo à “ilusão biográfica”, Borges³⁰ recomenda ao pesquisador voltar-se para o contexto social do biografado, as redes pessoais e profissionais constituídas no seu cotidiano. O ambiente no qual o objeto de estudo se insere deve ser cotejado, mas não enraizado, visto que precisa ser lido em movimento no

²⁷ ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2014, p.39.

²⁸ BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J. e FERREIRA, M.M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.183-191.

²⁹ “Ela [história de vida] conduz à construção da noção de trajetória como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou mesmo grupo), num espaço que ele é próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações. Tentar compreender uma vida como série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede [...]” (Ibid, p.189).

³⁰ BORGES, V. P. Grandezas e mistérios da biografia. In: PINSKY, C.B. (Org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

tempo. A autora corrobora com Bourdieu ao reforçar a precaução do pesquisador sobre ler/escrever acerca de uma vida como se tivesse encaminhamento, propósito ou finalidade pré-definidos, desprezando, assim, os acasos, o fluxo caótico e aleatório daquela vida.

Entre os estudos que têm como objeto uma trajetória singular, para discutir processos, campos de saber, noções e ordens estabelecidas, destaco as contribuições de Rodrigo de Faria³¹, José Lira³²; Renata Cabral³³, Maria Stella Bresciani³⁴ e Donatella Calabi³⁵.

Foi especialmente útil analisar a experiência de Faria – ao investigar o urbanismo no Brasil na perspectiva de José Oliveira Reis –, pelo desafio semelhante ao enfrentado na construção desta tese: um arquivo constituído pelo próprio objeto de estudo. Ciente das limitações dadas por tal peculiaridade, o pesquisador justificou sua incursão metodológica de acessar a documentação despojado de estruturas, conjunturas, concepções, filiações e interpretações prévias. Ele aceitou as exclusões realizadas pelo engenheiro antes da doação do acervo e, somente após a compreensão dos conjuntos documentais, delimitou as séries temáticas para instrumentalizá-los.

Perceber o dilema metodológico desse pesquisador me acendeu um alerta para a urgente necessidade de uma estratégia de entrada, coerente com o conjunto documental de que eu pude dispor. Dessa forma, optei pelos livros de Gaston Bardet como caminho inicial para a inteligibilidade da vasta documentação.

Já o estudo de Bresciani foi um alento, por partilhar as dificuldades de investigar um objeto já “rotulado” e fixado num “lugar” político e teórico. Tal qual Gaston Bardet, Oliveira Viana é considerado um pensador “conservador” e, por isso, sua contribuição teórica merecedora de “descrédito”. Ao recusar esse pressuposto, a pesquisadora conseguiu perceber que não havia uma ruptura tão forte entre Viana e outros intelectuais de seu tempo, canonizados como “intérpretes do Brasil”. Como eu, a pesquisadora enfrentou o

³¹ FARIAS R. S. de. **O urbanista e o Rio de Janeiro**: José de Oliveira Reis, uma biografia profissional. São Paulo: Alameda, 2007.

³² LIRA, J.T.C. **Warchavchik**: fraturas da vanguarda. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

³³ CABRAL, R. **A noção de “ambiente” em Gustavo Giovannoni e as leis de tutela do patrimônio cultural na Itália**. Tese (doutorado). São Carlos: IAU/USP 2013.

³⁴ BRESCIANI, M.S. **O charme da ciência e a sedução da objetividade**: Oliveira Viana entre os intérpretes do Brasil. São Paulo: Unesp, 2005.

³⁵ CALABI, D. **Marcel Poète et les Paris des années vingt**: aux origines de l’histoire des villes. Paris-France / Montréal-Canada : L’Harmattan, 1997.

receio de parecer buscar elementos positivos que permitissem a reabilitação do autor mediante a comunidade acadêmica.³⁶

A metodologia de pesquisa e a proximidade entre os objetos de estudo fazem de Calabi ³⁷ uma importante referência para a tese. Metodologicamente, a leitura que essa autora construiu sobre a obra de Marcel Poëte se estrutura em três eixos: I) as fontes e filiações nas quais ele se aportou; II) sua visão de mundo, as interlocuções e os rebatimentos na obra construída; III) seu legado, ou perpetuação do pensamento por meio da obra e de seus alunos.

Nos três eixos, a cidade de Paris é o fio condutor, que Marcel Poëte permitiu enxergar à lupa. A cidade foi lida pela pesquisadora por meio de fontes diversificadas: dos arquivos escolares do estudante às exposições, livros e cartas do profissional renomado. Os movimentos de pensamento que gravitavam em torno de Poëte foram identificados na narrativa, à medida que ele aderiu ou se distanciava. Dessa forma, Calabi desvencilha processos históricos complexos, sistemas culturais, estratégias institucionais e ordens escondidas.

A partir do momento em que adoto o pressuposto da circulação das ideias, Bardet é compreendido como modificador e modificado de diferentes vias e formas de interação, nos contextos em que esteve inserido. Procurei, então, abarcar a complexidade em que os processos interpretativos são traduzidos, trocados, moldados, transformados, reformulados, etc.

No Brasil, as discussões nesse âmbito já são bem consolidadas e aportadas em autores como Andrade³⁸, Leme³⁹ e Gomes⁴⁰. Em comum, são contribuições que apontam para a compreensão de fenômenos históricos no campo do urbanismo que superam o uso de fronteiras nacionais e culturais. Nesse sentido, a proposta de estudar o pensamento de

³⁶ BRESCIANI, 2005. p.26.

³⁷ CALABI, 1997.

³⁸ ANDRADE, C.R.M.A circulação transatlântica da ideia de cidade jardim. In: Segundo Congresso Internacional de História Urbana, 2009, Campinas. **Anais do Segundo Congresso Internacional de História Urbana**. Campinas, 2009; Barry Parker em São Paulo: ressonâncias da ideia de cidade-jardim. **Anais do IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Rio de Janeiro: 1996; Ressonâncias do tipo cidade-jardim no urbanismo de cidades novas no Brasil. **Anais do VI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Natal - R: UFRN - PPGAU, 2000.

³⁹ LEME, M.C.S. A circulação de ideias e práticas na formação do urbanismo no Brasil. In: Pontual, V; PICCOLO, R. (Org.). **Cidade, território e urbanismo: um campo conceitual em construção**. Olinda: CECI, 2009; **Urbanismo no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel/FAUUSP/FUPAM, 1999.

⁴⁰ GOMES, M.A.A.F. (Org). **Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo, 1920-1960**. Salvador: EDUFBA, 2009.

um urbanista francês do século XX, cujas ideias circularam entre países da América Latina, se apresenta aqui como mais uma contribuição para desconstruir visões homogeneizadoras e superficiais.

Por fim, necessário elucidar que, nesta tese, Gaston Bardet é lido como um autor⁴¹; seu urbanismo como um discurso ⁴²; e o urbanismo moderno, uma disciplina.⁴³ Como autor, Bardet é o sujeito que confere unidade à obra fragmentada e ambígua, podendo ser lido não só por seu discurso, mas também por meio de seus intérpretes. O urbanismo de Bardet é uma prática, entendida como discurso pelos elementos que lhe conferem coerência e pelo contexto sociocultural em que foi concebido. E o urbanismo moderno, enquanto disciplina, é provido de codificações, métodos e proposições específicas.

1.3 Culturalista, polemista, continuador ou urbanista ? Estado da arte

As interpretações sobre a obra de Gaston Bardet não são muitas e foram basicamente publicadas em artigos ou estudos que não tratam diretamente da contribuição dele. Ainda assim, esse tópico tem o objetivo de apresentar o estado da arte sobre o objeto de estudo. Os primeiros e principais artigos desenvolvidos sobre ele são de autoria de Jean-

⁴¹ No texto "O que é um autor? ", Foucault afirma que o autor exerce um papel classificatório com relação ao discurso, permitindo identificá-lo, caracterizá-lo e distingui-lo da prática cotidiana. É o autor que permite identificar um conjunto de discursos e que lhe confere status em determinado contexto social e cultural. No conjunto de uma obra, é o autor que permite explicar os acontecimentos, possibilitando relacionar as transformações mais diversas à sua biografia e perspectiva individual. Entretanto, a função do autor não é exercida de modo universal nas diferentes ordens de discurso, cabendo, portanto, compreender as operações específicas e complexas que as constituem (FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**: Filosofia, diagnóstico do presente e verdade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014).

⁴² A noção de discurso aqui utilizada também vem de Foucault e remete à materialidade de um "regime de verdade", ou seja, é um dispositivo produtor de sentidos, podendo corresponder às práticas, interações, relações, formas, saberes, etc. Todo discurso existe dentro de uma ordem, que por sua vez delimita as exigências para que se faça parte dela. "O discurso nada mais é que uma reverberação de uma verdade [...] quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque tendo manifestado e intercambiado seu sentido, pode voltar à interioridade do silêncio da consciência em si" (Id. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p.19).

⁴³ Entende-se por disciplina "um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um *corpus* de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e definições de técnicas e instrumentos" à disposição de quem quer ou pode formular novas proposições em determinada ordem do discurso (Ibid, p. 12).

Pierre Frey⁴⁴ e Jean-Louis Cohen⁴⁵, que convergem ao afirmar que Bardet constituiu uma abordagem original sobre as aglomerações urbanas.

Nos textos de Frey, Bardet é lido pelos olhos de um sociólogo, que ressalta a erudição, a preocupação com a cidade pré-existente e o contínuo esforço do urbanista em analisar o espaço urbano atrelado ao espaço social, associando o urbanismo aos aportes da História, da Geografia e da Sociologia.⁴⁶ Segundo o autor, Bardet foi um dos principais teóricos do urbanismo dito “culturalista”⁴⁷ – por mais que tenha ressalvas a essa classificação –, o que não impediu que ele fosse relegado ao “descrédito” e “tombado no esquecimento”, pela falta de compreensão e leitura dos “doutrinários do movimento Moderno”⁴⁸.

A interpretação de Cohen é balizada pelo olhar de arquiteto. O autor destaca a formação prática e complexa de Gaston Bardet e a capacidade de reunir diferentes disciplinas para conformar um “urbanismo aplicado”. A seu ver, Bardet era portador de um “ecletismo doutrinal”, no qual associava o evolucionismo de Marcel Poëte às ferramentas de sondagem desenvolvidas por Patrick Geddes.⁴⁹ Em certos momentos, Cohen reduz a leitura de Bardet aos embates e polêmicas com Le Corbusier, aos quais atribui o isolamento do urbanista, não deixando de remeter também ao fato dele ter adotado uma postura mística nos últimos anos de vida.⁵⁰

De fato, a filosofia cristã sempre esteve presente no pensamento urbanístico de Bardet, sobretudo nas concepções que o fizeram reagir à emergência de um urbanismo

⁴⁴ FREY, J.P. [Jean-] Gaston Bardet: L'espace social d'une pensée urbanistique. **Les Études Sociales**. Paris: Société d'économie et de science sociales, v. 130, p.57-82, jul. 1999; Gaston Bardet, théoricien de l'urbanisme 'culturaliste'. **Urbanisme**. Paris, n. 319, p.32-36, jui-aoû, 2001a.

⁴⁵ COHEN, J.L. Entretien avec Gaston Bardet. **Revue Architecture, Mouvement, Continuité**. Paris : Societé des architectes diplômés par le gouvernement, n. 44, 1978a; Gaston Bardet e la "Rome de Mussolini", **Zodiac**, nº. 17, p.70-85, mai. 1997; Gaston Bardet: un humanisme à visage urbain. **Revue Architecture, Mouvement, Continuité**. Paris : Societé des architectes diplômés par le gouvernement, n. 44, 1978b; Le 'nouvel urbanisme' de Gaston Bardet. **Le Visiteur. Ville, territoire, paysage, architecture**. Paris: S.F.A, n. 2, printemps, 1996; «Ville sur ville, le destin de Gaston Bardet ». **L'Architecture D'Aujourd'hui**. Paris: L'Architecture d'Aujourd'hui, n. 265, oc, 1989.

⁴⁶ FREY, 2001a.

⁴⁷ O “urbanismo culturalista” era oposto ao “progressista” e definido como um modelo na antologia de Choay. Para a autora, este modelo abarcava as ideias de Camillo Sitte, Ebenezer Howard e Raymond Uwin. Em comum, os culturalistas tinham proposições teóricas e práticas movidas pela nostalgia da cidade pré-industrial em oposição à civilização e progresso. Cf: CHOAY, F. **O urbanismo**. Utopias e realidades, uma antologia. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

⁴⁸ FREY, 2001, p.32.

⁴⁹ COHEN, 1996.

⁵⁰ COHEN, 1997.

cada vez menos humano. Para Pascal Balmand⁵¹, Bardet faz parte de uma geração de intelectuais franceses enunciados como “não conformistas”. Foram intelectuais marcados pela guerra e inconformados com os novos valores, os laços de solidariedade que se perdiam e o paradigma maior de uma sociedade operadora de máquinas.

Os embates com adeptos do urbanismo funcionalista, com o Ministro da Reconstrução Urbana, Eugène Claudius-Petit e críticas à Le Corbusier, fizeram com que Nicholas Bullock⁵² considerasse Bardet um “tradicionalista”. Porém, o autor considera importante o papel de “animador” exercido por ele nos debates sobre o futuro das cidades pós-guerra, especialmente por chamar atenção para as escalas de projeto urbano, priorizando o homem.

Para Martine Morel⁵³, Le Corbusier e Bardet foram os urbanistas “autores maiores” do “antagonismo doutrinal” durante a Reconstrução francesa. O primeiro, definido por Morel como um “discípulo” de Auguste Perret, tendia para a abstração em busca de soluções passíveis de serem produzidas em larga escala; já o segundo, descendente de artesãos e seguidor de Marcel Poëte, mostrava maior sensibilidade aos problemas concretos e soluções contextualizadas. A autora conclui que, se de um não faltam biografias e intérpretes, o outro ainda está à espera de análises mais aprofundadas.

Calabi⁵⁴ considera Gaston Bardet um “continuador” do discurso urbanístico fundado por Marcel Poëte. Esse argumento é corroborado por Manzione⁵⁵, que, ao tratar das vertentes do urbanismo enquanto ciência, definiu Poëte como um “iniciador” e Bardet como um “codificador” do discurso urbanístico.⁵⁶ Sendo assim, o primeiro teria lançado as bases teóricas, desenvolvidas pelas formulações metodológicas do segundo.

⁵¹ BALMAND, P. Piétons de Babel et de la cité radieuse: les jeunes intellectuels des années 1930 et la ville. Vingtième Siècle. *Revue d'histoire*. Paris: Centre National de Lettres, n. 8, octobre-décembre, 1985, p. 31-42.

⁵² BULLOCK, N. Gaston Bardet: post-war champion of the mainstream tradition of French urbanism. *Planning Perspectives*, [s.l.], v. 25, n. 3, jul. 2010, p.347-363.

⁵³ MOREL, M. Reconstruire, Dirent-ils. – Discours et doctrines de l’urbanisme. In: *Cahiers de l’IHTP*. Images, discours et enjeux de la reconstructions de villes française après 1945. Paris, n°. 5, p.33, jui. 1989.

⁵⁴ CALABI, 1997, 2012.

⁵⁵ MANZIONE, L. *Déclinaisons de l' « urbanisme comme science »*. Discours et projets: Italie et France (1920-1940). Tese (Doutorado), Université Paris 8, Paris, 2006.

⁵⁶ Ibid, p.5.

Se ainda restarem dúvidas sobre a efetiva contribuição de Bardet ou o debate de seus conceitos e propostas pelos intelectuais no campo do urbanismo, Gutiérrez⁵⁷, Almandoz⁵⁸ e Rigotti⁵⁹ ajudam a dissipá-las. Os três autores mencionam a circulação das ideias de Bardet na América Latina como parte representante do urbanismo francês. Ainda que não tratem exclusivamente das práticas do urbanista, todos ressaltam a sua capacidade de incluir as pesquisas sociais no urbanismo e a rede de relações profissionais tecida por intermédio do IUUP e ISUA.

O contato com profissionais latino-americanos rendeu a Bardet convites para inúmeras conferências e viagens, cujos rastros foram explorados por Virgínia Pontual⁶⁰. As passagens do urbanista pelo Brasil (em 1948 e 1953), bem como pelo Chile, Argentina, Peru e Uruguai, foram destrinchadas pela autora, revelando as redes profissionais fortalecidas e a circulação de ideias. Ao proferir cursos e conferências, Bardet alterou o cenário intelectual dos urbanistas latino-americanos, convidando-os, sobretudo, às reflexões humanistas postas por sua religiosidade cristã. Pontual também trata das ressonâncias da obra do urbanista nos trabalhos do engenheiro pernambucano Antônio Bezerra Baltar⁶¹.

As diferentes interpretações produzidas sobre a obra de Bardet podem ser sintetizadas em três vertentes: I) autores que leem o urbanista a partir de sua oposição ao urbanismo funcionalista de Le Corbusier; II) autores que o consideram continuador da obra de Marcel Poëte; III) autores que admitem que produziu uma abordagem original sobre o urbanismo, ainda pouco explorada; IV) autores que mencionam ou tratam de suas passagens por países da América Latina. Cabe sublinhar, por fim, a lacuna sobre a prática da docência e o ISUA, em Bruxelas, ao qual Bardet dedicou muito anos, além da falta de um

⁵⁷ GUTIÉRREZ, R. O princípio do urbanismo na Argentina. Parte 1 – O aporte francês, *Arquitextos*, São Paulo, a. 8, n. 087.01, Vitruvius, ago. 2007. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/216>>. Acesso em 24 jul.2014.

⁵⁸ ALMANDOZ, A. *Entre libros de historia urbana: para una historia de la ciudad y el urbanismo em América Latina*. Caracas: Editorial Equinoccio, 2008.

⁵⁹ RIGOTTI, A. M. Un francés en las pampas. Los viajes a America de Gaston Bardet. *Revista A&P, Facultad de Arquitectura, Planeamiento y Diseño de la Universidad Nacional de Rosario*, nº 15, p. 8-17, jul. 2001.

⁶⁰ PONTUAL, V. Gaston Bardet: um teórico do urbanismo. In: *XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UNB, 2014; O Urbanismo Aplicado do mestre Gaston Bardet: conferências, cursos e instituições. *Urbana - Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade*, v.8, p. 89-110, 2016.

⁶¹ PONTUAL, V. Gaston Bardet: um teórico do urbanismo. *Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Brasília: FAU UNB, 2014; O Urbanismo Aplicado do mestre Gaston Bardet: conferências, cursos e instituições. *Urbana - Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade*, v.8, p. 89-110, 2016; O engenheiro Antônio Bezerra Baltar: prática urbanística, CEPUR e SAGMACS. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 151, mai 2011.

estudo que permita noção mais ampla do pensamento desse urbanista – o qual, a meu ver, aparece fragmentado nas interpretações citadas.

A partir do estado da arte, procurei compreender o pensamento urbanístico de Gaston Bardet abarcando sua complexidade. A leitura de sua obra foi cotejada pelas filiações, embates, interlocuções e instituições de diferentes contextos em que atuou. Com essa abordagem, o intento foi evitar uma visão reducionista, tomando como hipótese que Gaston Bardet constituiu um pensamento urbanístico próprio, denso, de forte apelo social e humanista, orientado pelas questões postas pelo seu tempo.

1.4 Os caminhos percorridos

A metodologia adotada para a elaboração da tese não foi linear. A cada etapa realizada, a necessidade de regressar às anteriores ou avançar nas previstas se revelou de acordo com os questionamentos levantados. Em alguns momentos, por exemplo, as leituras apontavam para retornar aos arquivos, os documentos consultados faziam surgir novas hipóteses, a escrita e o debate da pesquisa redirecionavam os objetivos, etc. A seguir, está disposta a descrição sumária das idas e vindas percorridas ao longo da pesquisa.

Inicialmente, a revisão de literatura possibilitou constituir o estado da arte sobre o objeto de pesquisa, identificando suas principais lacunas, tal como exposto no item 1.3. Além dos autores já mencionados, à medida que a pesquisa avançava foi necessário buscar fontes secundárias, a fim de compreender o contexto social, institucional e intelectual no qual Gaston Bardet estudou, trabalhou, escreveu, se relacionou e viveu. Paralelamente, a revisão teórica também concedia os aportes necessários à leitura e ao trato da documentação, conforme abordado no item 1.2.

O levantamento histórico documental foi realizado em arquivos físicos e virtuais. A prioridade foi levantar todos os livros e artigos de urbanismo publicados por Gaston Bardet; alguns foram levantados em bibliotecas brasileiras, porém, a parte mais significativa estava nas bibliotecas e arquivos internacionais.

No Brasil, foram consultados os seguintes arquivos: Biblioteca Joaquim Cardozo (CAC/UFPE); Biblioteca Central da UFPE; Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (USP); Biblioteca da Escola de Arquitetura (UFMG); Laboratório de

Fotodocumentação Sylvio de Vasconcellos (UFMG); Acervo Antônio Bezerra Baltar (UFPE); Acervo do Laboratório de Urbanismo e Patrimônio Cultural (LUP-UFPE).

No âmbito internacional, as pesquisas se deram no *Archivio LUCE, Biblioteca Nazionale Centrale di Roma* – Itália; *Centre d'archives d'architecture du XXe siècle - Cité de l'architecture et du patrimoine* (Fond Bardet⁶²), *Bibliothèque Cité d'Architecture et du Patrimoine*, *Bibliothèque Poëte et Sellier de l'École d'Urbanisme de Paris*, *Bibliothèque d'Hôtel de Ville*, *Bibliothèque Fourney* e *Bibliothèque Nationale de France (BnF)* – França; *Centre de Documentation de l'Institut Supérieur d'Urbanisme et Rénovation Urbaine* (Fond ISURU) – Bélgica.

A visita à maioria dos arquivos na Europa aconteceu durante meu estágio no Programa Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE/CAPES)⁶³, na *l'École d'urbanisme de Paris-UPEC*, sob supervisão do Prof. Dr. Laurent Coudroy de Lille (*Lab'Urba*). Nesse período (entre 9 abril a 6 agosto de 2017), além do levantamento documental e reuniões com o referido professor, foi possível conversar com o Prof. Frey⁶⁴, que se mostrou aberto e disponível a auxiliar nas recorrentes dúvidas.

Em seminário realizado em 2015 na *Basilique du Sacré-Cœur*, em Paris, em homenagem a Gaston Bardet⁶⁵, foi possível conhecer a viúva do urbanista, Annie Bardet. Na ocasião, ficou esclarecido que todo acervo reunido pelo urbanista em vida, inclusive sua biblioteca pessoal, havia sido doado pela família à *Cité de l'Architecture et du Patrimoine*. Segundo a viúva, que foi sua segunda esposa, era o melhor destino para garantir a perpetuação da obra e de todo o arcabouço conceitual desenvolvido pelo urbanista. Porém, ficou reforçada a necessidade de complementar a pesquisa em Bruxelas, onde poderiam estar documentos relativos ao ISUA.

A sistematização das fontes primárias foi realizada com o objetivo de apropriação do conjunto documental. Nos arquivos foram coletados: livros, revistas, edições e publicações diversas, notas de curso, palestras, rascunhos, desenhos, cartas, programas de aula, álbuns, fotografias, reportagens e críticas de jornal, cartografias, etc. Sempre que possível, foram alimentados quadros para os diferentes arquivos, catalogando origem, autoria, data e

⁶² Fond Bardet, 161 IFA, Caixas 1 à 27; 23 à 27; 28 à 30, 51 à 74.

⁶³ BARDET, A. Depoimento cedido à autora e à Prof. Pontual, Paris, 12 nov. 2015.

⁶⁴ FREY, J.P. Depoimento cedido a autora e à Prof. Pontual, Paris, 9 nov. 2015; Depoimento cedido a autora, Paris, 24 abr. 2017.

⁶⁵ O seminário acontece anualmente e é voltado para o legado religioso de Gaston Bardet.

resumo informativo dos documentos encontrados. Da mesma forma, a elaboração de infográficos permitiu a síntese e visualização da relação entre a produção de Bardet e o contexto e trajetória profissional.

A análise crítica e interpretação do arcabouço documental, à luz do referencial teórico, permitiu constituir séries documentais, definidas após uma noção total do conjunto, leitura dos escritos e conhecimento da trajetória profissional de Bardet.

O recorte temporal estabelecido foi entre 1932, ano de conclusão do curso no IUUP, e 1952, ano do último livro de urbanismo. Porém, não fiquei totalmente presa a essas datas, permitindo que a pesquisa recuasse e avançasse no tempo, sempre que necessário compreender determinado contexto.

Diante da vasta documentação e produção de Gaston Bardet, as possibilidades de análise se multiplicaram, apresentando o risco de ser perder o foco da pesquisa. Por esse motivo, escolhi seus livros como porta de entrada para conduzir a narrativa que aqui apresento. A leitura cruzada entre essas obras e o contexto permitiu compreender em diferentes dimensões o objeto de estudo, tanto pelos temas tratados, quanto pela repercussão que suscitavam.

Para conduzir as reflexões apresentadas nos próximos capítulos, foram escolhidas algumas obras. No Capítulo 2, cujas instituições, legislações e primeiras iniciativas no campo do urbanismo francês são apresentadas, o livro "Roma de Mussolini" foi selecionado por ser um desdobramento da tese de Bardet no IUUP. Já no Capítulo 3, duas obras complementares conduzem um olhar às reflexões teóricas e investigações metodológicas do urbanista: "*Problèmes d'urbanisme*" e "*Principes inédits d'enquêtes et d'analyses urbaines*". No Capítulo 4, "*Le Nouvel Urbanisme*" permite observar, além das interlocuções, os anseios e embates, ideológicos e institucionais, que marcam o período da segunda Reconstrução. Por fim, o Capítulo 5 trata da circulação das ideias de Bardet fora da França, por meio de sua atuação no ISUA e das turnês de conferências realizadas pela América Latina.⁶⁶

⁶⁶ Os demais livros que ficaram de fora dessa seleção, mas não deixaram de aportar o trabalho sempre que necessário: "*L'urbanisme*", "*Pierre sur pierre*", "*Mission d'Urbanisme*" e "*Naissance et méconnaissance de l'urbanisme*".

2 UM DUPLO PROCESSO DE FORMAÇÃO: O URBANISMO E O URBANISTA

O presente capítulo é dedicado aos anos de formação de Gaston Bardet, que ocorreram quase paralelamente à configuração do campo, profissão e instituições do urbanismo na França. Ainda que o desenvolvimento desta tese não esteja preso à sequência linear dos acontecimentos, este momento inicial foi fundamental para contextualizar questões sobre as quais ele conformou seu pensamento urbanístico.

Para dar conta da complexidade deste duplo processo – formação do urbanista e do urbanismo – foi necessário entender a explosão de crescimento das cidades europeias na virada do século XX. Portanto, antes de adentrar o universo de Bardet, busquei compreender como as instituições francesas se organizaram para responder às demandas impostas pela cidade industrial. Por esse motivo, evidenciei as primeiras iniciativas do *Musée Social* (MS) no sentido da institucionalização, legislação e ensino do urbanismo francês.

Bardet se formou arquiteto pela *École National Supérieur des Beaux Arts* (ENSBA) em 1930⁶⁷ e, insatisfeito com esta formação, ingressou imediatamente no curso de urbanismo, a fim de estudar os temas de seu maior interesse. A leitura do contexto institucional e intelectual mostra que neste período foram intensos os debates sobre as questões urbanas, principalmente relacionadas aos problemas de higiene, circulação, habitação e estética. Certamente, sua formação não foi alheia a tais discussões, afinal, no início do século o *Grand Prix* fora vencido por arquitetos – Henri Prost (1902), Tony Garnier (1903) e León Jaussely (1903) – que, assim como ele, tornaram-se urbanistas de renome internacional.

Ao analisar a emergência do urbanismo como campo de atuação que incorporou profissionais de diversas formações, busquei, em especial, olhar para os arquitetos que, assim como Bardet, tornaram-se urbanistas e criaram a *Société Française des Urbanistes* (SFU). Ciente de que meu objeto de estudo se aproximou e se afastou de diversas vertentes de pensamento que gravitavam ao seu redor, tentei situar personalidades que tiveram papel significativo à frente da SFU e no ensino do *Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris* (IUUP).

⁶⁷ *Fond Bardet*, Cx. 027.3

Sabe-se que a constelação de profissionais é imensa, por isso, direcionei-me àqueles ligados a sua formação. Entre os urbanistas citados, a figura de Marcel Poëte se impôs, tanto por protagonizar a organização do ensino de urbanismo na França, quanto por ter introduzido Bardet neste campo, orientando-o e servindo como referência teórica, profissional e pessoal. Por fim, munida da compreensão do contexto, apresento o primeiro livro de Bardet, derivado de seu trabalho de conclusão no IUUP.

2.1 Leis, ensino e instituições para o novo campo

O “nascimento” do urbanismo foi um tema especialmente explorado nos escritos de Gaston Bardet, sobretudo nos anos 1930. Ainda que estivesse no início da carreira, ele foi um dos principais nomes considerados para explicar aos franceses os objetivos deste novo campo. Isto pode ser observado nos seus primeiros artigos: “*Naissance de l’Urbanisme*”⁶⁸, “*Qu’est ce que l’urbanisme ?*”⁶⁹ e “*Un problème moderne: l’Urbanisme*”⁷⁰. A boa repercussão rendeu-lhe o convite para organizar a edição especial de “20 anos de urbanismo aplicado” da revista *l’Architecture d’Aujourd’hui* e desenvolver o verbete “*L’Urbanisme*”⁷¹, na célebre coleção “*Que sais-je ?*”⁷²

A história do urbanismo francês apresentada por Bardet teve ressonâncias além das que poderia imaginar, pois, como demonstrou Frey⁷³, foi de sua autoria um dos erros mais repetidos na genealogia deste termo. No livro de maior tiragem (“*L’Urbanisme*”, 81.000 exemplares), o urbanista afirmou que o termo *urbanisme* foi utilizado pela primeira vez num artigo de Paul Clerget no *Bulletin de la Société de Géographie de Neufchâtel*; essa informação equivocada foi reproduzida tal qual pelo dicionário e enciclopédia “*Le Robert*” e pela antologia de Françoise Choay⁷⁴, ou seja, teve difusão ampla e internacional. Frey explica que a grafia correta é Pierre Clerget e *Bulletin de la Société Neuchâteloise de Géographie*. Sem querer aqui entrar na discussão etimológica do termo, ressalto apenas a circulação das ideias de Bardet na construção dessa narrativa.

⁶⁸ BARDET, G. Naissance de l’urbanisme. *Urbanisme*, Paris, n. 28, p. 232-233, jui-sep, 1934.

⁶⁹ _____. Qu’est-ce que l’urbanisme? *Revue d’Administration Communale*. Paris, n. 48, p.75-81, mar. 1935e.

⁷⁰ _____. Un problème moderne : l’Urbanisme. *Organisation et statistiques du bâtiment*, Paris, a.I, n. 5, p. 131-138, mai 1938h.

⁷¹ *L’ARCHITECTURE D’AUJOURD’HUI*. Paris, mar, 1939. N. Spécial: 20 Ans d’Urbanisme Appliqué..

⁷² _____. *L’Urbanisme - Que sais-je?* Paris: PUF, 1945f

⁷³ FREY, J.P. Généalogie du mot ‘urbanisme’. *Urbanisme*, Paris, n. 340, , p.63-71, jan-fev, 2001b.

⁷⁴ CHOAY, 2005.

Segundo Bardet, o urbanismo foi uma “disciplina moderna” nascida das necessidades impostas pelo fenômeno da industrialização, ou seja, uma resposta à explosão demográfica dos centros urbanos e ao “[...] desenvolvimento hiperbólico do maquinismo em todas as suas formas e, enfim, do direito de cada um ao acesso igualitário à água pura, ar puro, sol...”⁷⁵ O autor inscreve o surgimento do urbanismo na evolução do modo de construir cidades – a arte urbana –, cujos propósitos eram modificados conforme as etapas de civilização, da Antiguidade à Renascença. Neste sentido, o autor afirma que a partir do século XIX as cidades teriam se tornado palco de dinâmicas tão complexas que somente o surgimento deste novo saber poderia abarcar:

A palavra urbanismo, uma síntese de ideologias muito francesas, é uma dupla afirmação: a afirmação de salvar a vida da cidade como um ser organizado, uma afirmação de salvar as vidas dos habitantes menos favorecidos.⁷⁶

A definição apresentada por Bardet explicita duas questões fundamentais ao urbanismo francês. A primeira se refere à urgência de organizar as cidades que cresceram de forma abrupta e sem organização, mas também ao paradigma filosófico-científico do evolucionismo em voga naquele momento. Já a segunda, remete à dimensão social que mobilizou a articulação entre profissionais de campos diferentes preocupados em reverter o quadro de precariedade que assolou as cidades após a Revolução Industrial.

Ainda que o recorte desta análise esteja no século XX, não se pode deixar de mencionar o que significou a transformação sem precedentes do século anterior. O processo de industrialização e de vertiginosa urbanização transformou radicalmente cidades por toda Europa, no âmbito espacial, social e cultural. Nas representações literárias emblemáticas, as cidades aparecem marcadas pela sujeira, miséria, exploração do trabalho operário, a exemplo da Coketown de Charles Dickens⁷⁷, da Paris de Victor Hugo⁷⁸ ou da São Petersburgo de Fiódor Dostoiévski⁷⁹, mas também por certo fascínio pelo afluxo de multidões e pelo novo, como retratado por Charles Baudelaire⁸⁰ e Walter Benjamim⁸¹.

⁷⁵ BARDET, 1934, p.232, tradução nossa. Texto original: “[...]développement hyperbolique du machinisme sous toutes ses formes et, enfin, affirmation du droit de chacun das une égale répartition d’eau pure, d’air pur, de soleil...”

⁷⁶ BARDET, 1934, p.232, tradução nossa. Texto original: “ Le mot urbanisme, synthèse d’idéologies bien françaises est une double affirmation : affirmation de sauvegarder la vie de la cité en tant qu’être organisé, affirmation de sauvegarder la vie des habitant moins favorisés de la fortune.”

⁷⁷ DICKENS, C. **Tempos difíceis**. São Paulo: Boitempo, 2014.

⁷⁸ HUGO, V. **Os Miseráveis**. [S.l.]: Book House, 2006.E-book.

⁷⁹ DOSTOIÉVSKI, F. **Crime e Castigo**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

⁸⁰ BAUDELAIRE, C. **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

De acordo com Mumford⁸², entre 1820 e 1900, a desordem e a destruição nas grandes cidades eram semelhantes às de um campo de batalha, resultando no “[...] mais degradado ambiente urbano que o mundo jamais vira; na verdade, até mesmo os bairros das classes dominantes eram imundos e congestionados”.

As cidades industriais surgem, então, atreladas à ruptura com a natureza e com o mundo anterior e despertam diferentes reações. Neste sentido, utopistas tentaram resgatar o equilíbrio entre a industrialização e sociedade, testando novas formas de organização social: as iniciativas de Charles Fourier, Jean-Baptiste Godin e Robert Owen são exemplos elencados por Choay⁸³, Calabi⁸⁴ e Bardet⁸⁵. Médicos, sanitaristas, engenheiros e higienistas em geral, alarmados pelas epidemias, colocaram a questão da salubridade como prioritária, sobretudo, por meio do acesso ao saneamento, ventilação e insolação. Já os pesquisadores sociais, como Friedrich Engels⁸⁶ e Charles Booth⁸⁷, buscaram registrar e compreender a dimensão deste fenômeno.

Segundo Calabi⁸⁸, Paris passou de 577.000 habitantes em 1801, para 1.174.000 em 1856, atingindo uma densidade territorial de 342 habitantes por hectare. Neste mesmo período, Londres beirava os 3.000.000 de habitantes e capitais como Berlim e Viena cresciam em proporções semelhantes. O crescimento nesse ritmo era também observado nos subúrbios, que logo extrapolariam os limites municipais no processo de cornurbação.

A fim de adequar o tecido urbano medieval às demandas físicas e socioculturais modernas, Napoleão III encarregou Eugène Haussmann⁸⁹ de grandes obras públicas que transformaram a paisagem medieval e definiram a Reforma de Paris como um marco da urbanística moderna. Entre 1853-1869, a abertura de grandes vias arborizadas, o isolamento de monumentos históricos, a padronização tipológica, a implantação de infraestrutura, a

⁸¹ BENJAMIM, W. **Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

⁸² MUMFORD, L. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.484.

⁸³ CHOAY, 2005.

⁸⁴ CALABI, 2012.

⁸⁵ BARDET, 1934.

⁸⁶ ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2008 [1ª.ed 1845].

⁸⁷ Charles James Booth (1840-1916) foi empresário e pesquisador independente, realizou um estudo e mapeamento detalhado sobre as condições de pobreza na Inglaterra, publicado em dois volumes: “*Life and Labour of the People of London*”(1892) e “*Urban Poverty in Britain*” (1983). Cf. BRESCIANI, 2009.

⁸⁸ Calabi, 2012, p.171.

⁸⁹ Sobre Georges-Eugène Haussmann (1809-1891) e a difusão do modelo da Reforma de Paris, inclusive no Brasil, cf: PINHEIRO, E.P. **Europa, França e Bahia: difusão de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador)** [online] 2nd. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em <<http://books.scielo.org>> acesso em 25 mai.2019.

criação de parques públicos e equipamentos culturais foi possível às custas de um amplo perímetro de destruição. Segundo Bardet:

Com Napoleão III e Haussmann, um método de recorte de grande envergadura entrou em vigor. Após sua intervenção, é suficiente comparar o mapa de Paris com o de outras capitais para ver brilhar nele a claridade francesa. Mas ao preço de quantas destruições! É preciso confessar que aí foram sobretudo o artilheiro e o administrador que agiram [...] não se tratava verdadeiramente de uma cirurgia que respeitasse os órgãos, mas de grandes golpes de sabre imperialistas.⁹⁰

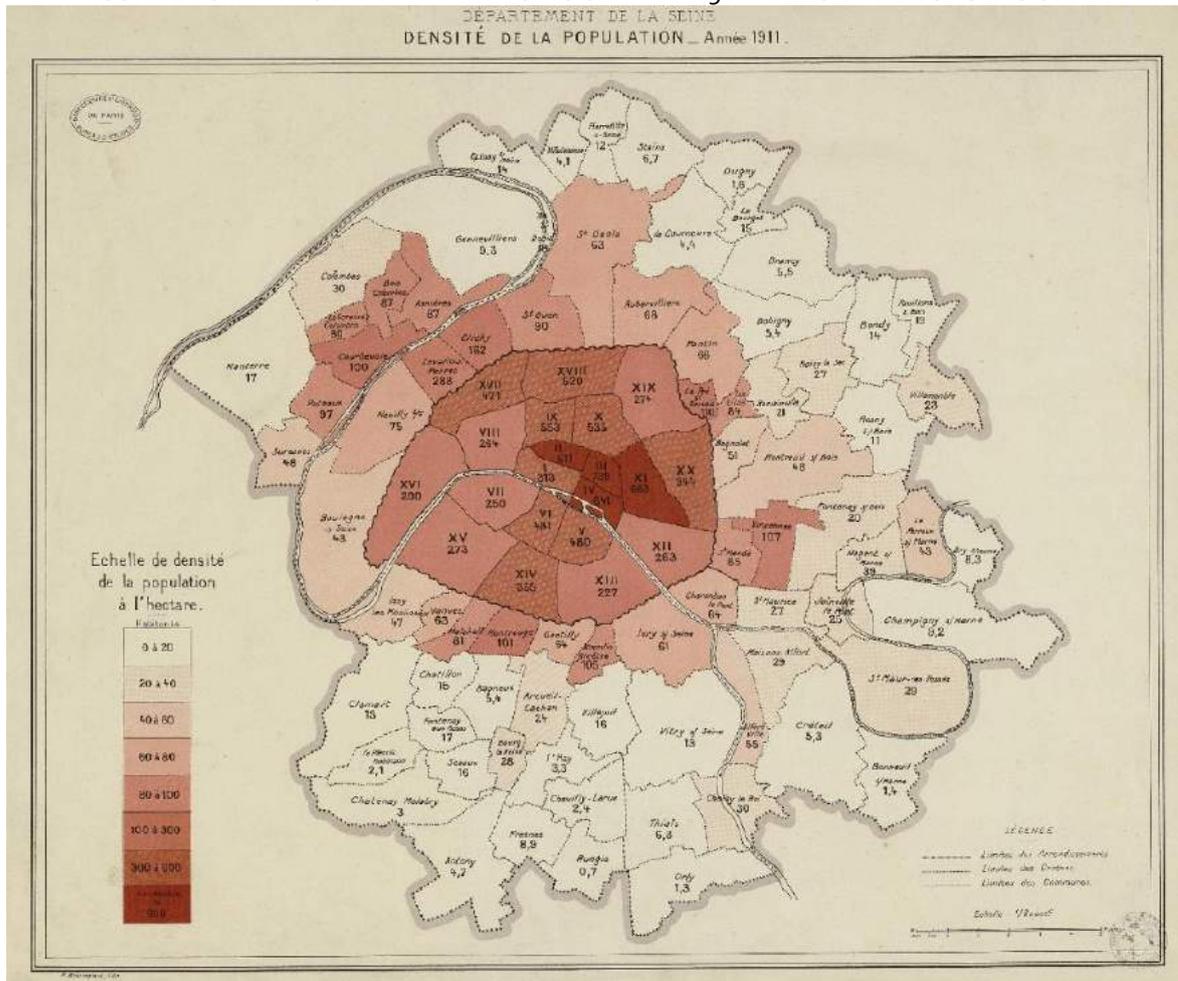
Apesar da difusão internacional da Paris *haussmanniana*, a virada do século mostrou que os grandes trabalhos não foram suficientes para sanar a complexidade dos problemas da capital, sobretudo os sociais. Em alguns aspectos tinham até piorado, como as dívidas públicas, a forte especulação imobiliária e a expulsão da população mais pobre para a periferia da cidade – formando os *banlieues*.⁹¹ Na Figura 1 – Carta do Departamento do Sena, é possível observar distribuição da densidade populacional naquele momento.⁹² É notável a saturação do centro de Paris com índices acima 600 hab/ha, assim como o crescimento às margens da cidade: Montrouge (101 hab/ha), Levallois-Perret (288 hab/ha) e Clichy (162 hab/ha). Como se vê, a Paris de 1911 já não tinha limites definidos, o que demandava articulação muito maior e mais complexa que as intervenções na capital.

⁹⁰ BARDET, G. **O urbanismo**. Campinas: Papirus, 1990, p.16.

⁹¹ PINHEIRO, 2019.

⁹² Os bairros de maior densidade (acima de 600 hab/ha) estão na cor vinho, clareando gradativamente para a menor densidade (o a 20 hab/ha).

FIGURA 1 - CARTA DO DEPARTAMENTO DO SENA EM 1911 - DENSIDADE POPULACIONAL.



FONTE - < <https://bibliotheques-specialisees.paris.fr/ark:/73873/pf0000855749/0001/v0001.simple.selectedTab=record> >.
 Acesso 23 mar. 2019.

Retomando a dupla afirmação de Bardet, salvaguardar a vida dos menos favorecidos – ou reestabelecer a ordem social – foi também o que motivou a ação dos reformadores sociais no século XIX, que estão diretamente ligados à fundação do *Musée Social* (MS), iniciativa pioneira da qual germinaram as instituições do urbanismo francês.

Sobre os reformadores, Topalov⁹³ afirma que antecederam e prepararam o surgimento de políticas públicas urbanas do século XX. Visto que realizaram os primeiros registros e iniciativas em prol da higiene e saneamento, habitação e assistência aos trabalhadores. Segundo o autor, eram médicos, sanitaristas, engenheiros, industriais e profissionais liberais em geral, embebidos de ideal progressista e desejo de conter as

⁹³ TOPALOV, C. Da questão social aos problemas urbanos: os reformadores e a população das metrópoles em princípios do século XX. In RIBEIRO, L. C. de Q; PECHMAN, R. (Org.). **Cidade, povo e nação: Gênese do urbanismo moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

crecentes tensões sociais. Ao seu ver, tinham projeto educativo para os trabalhadores urbanos que também poderia ser lido como uma estratégia refinada de dominação.

Aos reformadores ou “observadores” – como enuncia Bresciani⁹⁴ – se devem as primeiras pesquisas que consolidaram as ciências sociais. Com o objetivo de construir um escopo com rigor científico a partir da observação dos fatos sociais, as primeiras pesquisas têm em comum a descrição detalhada e isenta de impressões emocionais. Segundo a autora, estes observadores tiveram como principal desafio registrar fenômenos novos e irregulares. Neste sentido, foram desenvolvidos métodos de pesquisa/observação rigorosos abarcando “formas de compreensão qualitativas e quantitativas da evidente tensão entre classe opostas da sociedade”⁹⁵.

O MS foi um organismo filantrópico fundado em 1895 para reunir profissionais liberais, políticos, estudantes e industriais, entre outros intelectuais mobilizados pela promoção da “estabilidade social”.⁹⁶ Fortemente inspirada pelo reformador Frédéric Le Play⁹⁷, a instituição incumbiu-se de pesquisar, divulgar e propor questões sobre o crescimento urbano, habitabilidade, higiene moral, salubridade e organização do trabalho.

Entre os fundadores do MS, Moreira⁹⁸ destaca os nomes de Jules Siegfried e Émile Cheysson, envolvidos diretamente na articulação inicial do grupo. O primeiro, industrial têxtil, Prefeito do Departamento do Havre, engajou-se na militância por instrumentos e políticas promotoras de habitação social (*Habitation à Bon Marché* – HBM). Já o segundo, engenheiro e estatístico, discípulo de Le Play, buscou aprimorar sua metodologia desenvolvendo novas formas de apresentação das pesquisas estatísticas à sociedade.

⁹⁴ BRESCIANI, M.S. Cidade e território: os desafios da contemporaneidade numa perspectiva histórica. In: PONTUAL; PICCOLO (Org.), 2009.

⁹⁵ Ibid, p.129.

⁹⁶ CALABI, 1997.

⁹⁷ Pierre-Guillaume-Frédéric Le Play (1806-1882) é considerado pioneiro no método de pesquisa social na França. Foi inspetor geral das Exposições Universais de Paris em 1855 e 1867, fundou a *Société d'Économie Sociale*, primeiro centro de investigação social privado da França. Em 1855, publicou "*Les ouvriers européens. Études sur les travaux, la vie domestique et la condition morale des populations ouvrières de l' Europe, précédées d'un exposé de la méthode d'observation*". Nesta obra, elegeu a família como categoria microsocial de estudo, a família e orçamento familiar como unidade microeconômica e defendeu a moral cristã como base sólida da organização social. Desenvolveu um guia prático para realização de investigações sociais, combinando indicadores qualitativos e quantitativos, ideias fundamentais para as formulações de Patrick Geddes, como veremos mais adiante. Cf: MONERRIS, J.I.G. Frédéric Le Play y su círculo de reforma social. **Papers**: revista de sociologia, Barcelona, v. 1, n. 69, p.133-146, fev. 2003.

⁹⁸ MOREIRA, F.D. **Shaping Cities, Building a Nation**: Alfred Agache and the Dream of Modern Urbanism in Brazil, 1920-1950. Ph.D. Diss., University of Pennsylvania, Philadelphia, 2004.

No âmbito do MS foram realizados cursos, pesquisas, missões de estudo no exterior⁹⁹ e publicações¹⁰⁰. Alguns desses resultados tiveram espaço de destaque na Exposição Universal de Paris em 1900. De acordo com Calabi¹⁰¹, essas “análises cognitivas” tiveram representantes por todos os países da Europa, sendo expostas e debatidas nos eventos, congressos e exposições internacionais. O objetivo era, a partir do acúmulo de dados e observações, identificar tendências futuras. Por meio de amplo levantamento geomorfológico, demográfico e sociológico, as análises conferiam credibilidade aos planos urbanísticos, justificando-os cientificamente. Sobre essas técnicas de pesquisa, uma contribuição francesa significativa já havia sido iniciada pelos geógrafos Paul Vidal de la Blache¹⁰² e Elisée Reclus¹⁰³, além do já citado, Le Play.

As discussões do MS eram divididas em seções. Em 1908 foi criada a *Section d'Hygiène Urbaine et Rurale* (SHUR), presidida por George Risler¹⁰⁴ e formada principalmente por engenheiros, arquitetos e membros da administração pública. Nela foram delineados temas específicos como: o combate à especulação, aquisição de terrenos públicos, criação de um sistema de parques e espaços públicos, promoção da habitação social, aprovação de legislação urbanística, normas construtivas de higiene e articulação política. Fizeram parte da SHUR: Jules Siegfried, Louis Bonnier, George Bechman, León Jaussely, Robert de Souza, Jean-Marcel Alburтин, Honoré Cornudet, Eugène Hénard, Donat-

⁹⁹ Entre as quais se pode citar a viagem de Donat-Alfred Agache para os EUA (1904) e Henri Prost para o Marrocos (1913).

¹⁰⁰ O MS contava com duas linhas editoriais, os *Annales* eram publicados mensalmente com as atividades e documentos periódicos, enquanto o *Mémoires et Documents* publicava monografias científicas sobre temas de interesse aos membros da instituição. Alguns desses volumes estão disponíveis em <<http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb344380601>>, acesso em 28 mai.2019.

¹⁰¹ CALABI, 2012.

¹⁰² Paul Vidal de La Blache (1845-1918), considerado pai da geografia francesa, era contrário às concepções de determinismo geográfico, defendeu a ideia que o homem pode modificar as condições naturais a que está submetido e que o Estado deveria planejar considerando todas as características naturais e humanas do território. Cf: LA BLACHE, P V de. Les genres de vie dans la géographie humaine. **Annales de Géographie**, [s.l.], v. 20, n. 111, p.193-212, 1911. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.3406/geo.1911.7340>>. Acesso em 23 jul.2019.

¹⁰³ Jean Jacques Elisée Reclus (1830-1905), geógrafo anarquista francês, fundou a geografia crítica, posicionando num caráter eminentemente social. Cf: CIRQUEIRA, J. V. Elisée Reclus e a excentricidade de sua geografia anarquista. **Terra Brasilis** [s.l.], n. 7, p.1-18, 9 dez. 2016. Disponível em: <<http://terrabrasilis.revues.org/1787>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

¹⁰⁴ Georges Risler (1853-1941) foi industrial, membro de uma família de algodoeiros. Atuou na promoção de instrumentos e políticas de moradia. Participou do Conselho Superior de HBM, presidiu o MS e a *Union de Fédérations d'Organisme HBM* em 1924. Cf: GAUDIN, J.P. **Desenho e futuro das cidades**: uma antologia. Rio de Janeiro: Rio Books, 2014.

Alfred Agache, Augustin Rey, Georges Hottenger, Georges Bechmann, Jean-Claude Nicholas Forestier, Marcel Poëte e Henri Sellier.¹⁰⁵

A SHUR manteve estreitos vínculos com as associações de HBM e se inseriu no debate sobre o emprego dos terrenos públicos, tanto para atender a finalidades dessas entidades, quanto para a criação de um sistema de espaços verdes. A campanha pela regulação de diversos aspectos urbanísticos pelo Estado por meio de legislação específica teve também um forte papel exercido pela instituição. Tais questões fomentaram a difusão de propostas como as cidades-jardins, idealizadas por Ebenezer Howard¹⁰⁶ e consideradas um modelo de cidade alternativo, embasado na descentralização de serviços, controle social, equilíbrio da densidade populacional e desenho urbano.

Entre as principais realizações da SHUR está a aprovação da Lei Cornudet¹⁰⁷, o primeiro instrumento dedicado ao urbanismo e planificação das cidades francesas. A lei – embasada em preceitos higienistas, arqueológicos e estéticos – fixou a obrigatoriedade do “Plano de Organização, Embelezamento e Extensão” [*Plan d’aménagement, d’Embellissement et d’Extension*] para comunas que se encaixavam nos seguintes critérios: I) População acima de 10.000 habitantes; II) Inseridas no Departamento do Sena; III) População entre 5.000 e 10.000, com crescimento igual ou superior à 10% no intervalo entre dois recenseamentos consecutivos; IV) Dotadas de interesse turístico sazonal – balneárias, marítimas, termas, esportivas e outros casos que impliquem no aumento de 50% da população em períodos do ano; V) Dotadas de características pitorescas, artísticas, históricas ou arqueológicas; VI) Grupos de habitação e loteamentos criados por associações particulares; VII) Atingidas por guerras ou desastres naturais.¹⁰⁸

O principal objetivo da Lei Cornudet foi se antecipar e conduzir o crescimento urbano. Graças à campanha intensa dos membros do SHUR, incentivados pelo exemplo da

¹⁰⁵ Sobre estas personalidades, cf. GAUDIN, J.P. *L’avenir et le plan: thecnique et politique dans la prévision urbaines*. Paris: Champ Valon, 1985.

¹⁰⁶ A obra de Ebenezer Howard (1850-1928) teve grande repercussão entre os urbanistas do século XX. Ao constatar que os principais problemas da metrópole se relacionavam à superpopulação atraída pela oferta de empregos e serviços não existentes no campo, propôs uma nova tipologia urbana intermediária: as cidades-jardins. De forma bastante resumida, propunha o crescimento urbano às margens da metrópole em núcleos urbanos independentes, autônomos economicamente, dotados de espaços verdes, com baixa densidade construtiva e limite populacional. Cf. HOWARD, E. *Cidades-jardins de amanhã*. São Paulo: Hucitec, 1996.

¹⁰⁷ Após tentativas anteriores dos membros do MS a Lei Cornudet foi aprovada em 19 de março de 1919 e revisada em 12 de julho 1924.

¹⁰⁸ FRANÇA. Loi Cornudet, de 14 mar. 1919. Disponível em <<http://www.urbaniste.com/>>. Acesso em 24 jul. 2019.

Inglaterra, que já havia consolidado a legislação urbanística pelo *Town Planning Act* (1909) e a prática profissional do urbanismo pelo *Town Planning Institut* (1913). A participação de Eugène Hénard, Augustin Rey, Louis Bonnier no *Town Planning Conference* (1910) evidenciam estas interlocuções com o urbanismo anglo-saxão. De acordo com Simões Jr.¹⁰⁹, este foi o evento mais relevante para a difusão do ideário urbanístico, especialmente das cidades-jardins, antes da 1ª Guerra Mundial.

Cabe lembrar que as primeiras décadas do século XX foram marcadas pela forte circulação de ideias e que as experiências tratadas aqui acontecem com semelhanças e diferenças em outros países. As ressonâncias do MS, por exemplo, ocorrem tanto na Europa quanto na América Latina. Tendo como exemplo essa instituição, foi rapidamente criado o *Museo Social* de Barcelona e o *Casellario dell'abitazione* de Turin, em 1909,¹¹⁰ e o *Museo Social Argentino*, em 1911¹¹¹.

A existência do MS está diretamente relacionada ao desenvolvimento do urbanismo como um campo independente da arquitetura na França. A cidade que até então era objeto de análise de diversos campos disciplinares, começava a moldar uma disciplina específica. Enquanto a arte urbana era desenvolvida pelos arquitetos da *École de Beaux Arts* e as obras de infraestrutura eram enfrentadas por engenheiros da *École des Ponts et Chaussées* ou *Polytechnique*, o MS teve o papel crucial de aglomerar esses saberes e introduzir análises sociológicas, econômicas, históricas e geográficas no olhar sobre o urbano.

Os encontros promovidos entre os profissionais da SHUR tiveram desdobramentos em outras instituições e associações, como a *Société française des Habitations Bon Marché* e a *Société pour la Protection des Paysages de France* e a *Société Française des Architectes-Urbanistes*. Tais segmentações envolviam instituições, profissionais, ideias, práticas conjecturadas em torno dos problemas sociais, ao que Topalov¹¹² deu o nome de “nebulosa da reforma, cimentada por algumas instituições-chave e muitos homens polivalentes.”¹¹³

¹⁰⁹ SIMÕES Jr., J.G. *Town Planning Conference*, Londres, 1910. Intercâmbios internacionais nos primórdios do urbanismo moderno e seus reflexos no Brasil. *Arquitextos*, São Paulo, ano 15, n. 170.01, Vitruvius, jul. 2014.

¹¹⁰ CALABI, 1997.

¹¹¹ NOVICK, A. El Museo Social Argentino: La ciudad desde el campo. *Seminários de Crítica*, Buenos Aires, v. 1, n. 46, p.1-23, dez. 1993.

¹¹² TOPALOV, 1996, p.37.

¹¹³ Em sua tese sobre os “reformadores sociais”, Topalov deparou-se com a heterogeneidade de atores, práticas, redes, instituições, lugares de reunião e discursos em torno da “reforma” social. Neste sentido, empregou o termo “nebulosa” para esse conjunto diversificado, de limites imprecisos, sem ter que necessariamente fixar um conceito para reforma. Sobre a noção de “nebulosa” na historiografia, cf:

Outra “nebulosa”, desta vez enunciada por Guillot¹¹⁴, aglomerou profissionais, políticos, professores e instituições de diferentes procedências na rua *Sévigné*, endereço oficial da *Bibliothèque historique de la ville de Paris*. Em torno da “nebulosa Sévigné” foi articulado o ensino do urbanismo e formação de quadros profissionais, promovidos principalmente pela ação de membros ativos da SHUR: Henri Sellier¹¹⁵ e Marcel Poëte. O primeiro, militante, político, socialista foi uma figura pública de muitos contatos entre a política, a administração pública e os ambientes acadêmicos. Já o segundo, diretor da biblioteca, foi uma figura mais discreta, mas articulava redes e promovia ações para pesquisa e divulgação do urbanismo, desde 1903, tais como: ciclos de conferências, cursos e exposições sobre a história urbana de Paris.

A procura por profissionais especializados para atender à demanda criada com a aprovação da Lei Cornudet motivou a criação do primeiro curso de urbanismo na França. O engajamento acadêmico de Marcel Poëte, unido à articulação política de Henri Sellier à frente do Conselho Geral do Sena, resultou na criação da *École des Hautes Études Urbaines* (EHEU), em 1919.

A princípio, a EHEU foi direcionada à criação de condições intelectuais para o urbanismo pelos quadros administrativos locais, especialmente nas periferias de Paris, onde o crescimento se mostrava mais crítico. Por isso, eram reservadas vagas para o corpo profissional da diretoria de extensão de Paris e Prefeitura do Departamento do Sena. No entanto, o curso se consolidou e começou a atrair o interesse de profissionais de diversas formações e instituições.¹¹⁶

O processo de entrada do urbanismo na universidade não foi fácil, especialmente porque a disciplina foi pautada em práticas transversais, o que implicou a dificuldade de

JACQUES, P. B.; PEREIRA, M. da S. (Org.). **Nebulosas do pensamento urbanístico**: tomo I – modos de pensar. Salvador: Edufba, 2018.

¹¹⁴ GUILLOT, J. F. La Société française des urbanistes et l'Institut d'urbanisme : deux usages du réseau pour une même cause ? **La France savante** (Actes des Congrès des Sociétés Historiques et Scientifiques). Paris: Édition électronique Du Cths, 2017. p. 1 - 9.

¹¹⁵ Henri Sellier (1883-1943) formou-se em Direito pela *École des Hautes Études Commerciales*; em 1919 se tornou Prefeito de Suresnes, onde promoveu a criação da primeira cidade-jardim francesa; em 1927 assumiu a presidência do Conselho Geral do Sena, onde apoiou os sindicatos intercomunais e cooperativas. Engajou-se na difusão das cidades-jardins como modelo para a implantação das HBM. Junto a Poëte, criou a EHEU visando aprimorar formação dos quadros profissionais de administração pública do Departamento do Sena. Para saber cf: GUERRAND, R-H; MOISSINAC, C. **Henri Sellier, urbaniste et réformateur social**. Paris: Ed. La Découverte, 2005.

¹¹⁶ CHEVALIER, G. L'entrée de l'urbanisme à l'Université. La création de l'Institut d'urbanisme (1921-1924). **Genèses**, [s.l.], v. 39, n. 1, p.98-120, 2000. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.3406/genes.2000.1624>>. Acesso em 12 fev.2017.

definição teórica e métodos específicos. Em 1924, o curso da EHEU passou a integrar a *Université de Paris*, constituindo o *Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris* (IUUP)¹¹⁷. Para Chevalier¹¹⁸, esse processo de reconhecimento universitário foi o passo definitivo para legitimar intelectualmente um modo de ação pública e certificar um corpo técnico para o exercício da profissão de urbanista.

O curso de urbanismo do IUUP era desenvolvido ao longo de 2 anos, divididos em 4 semestres compostos pelas disciplinas, exames e tese de conclusão. O Quadro 1 a seguir, mostra que outra peculiaridade do instituto foi a constante interlocução entre o ambiente acadêmico e a administração pública. Os professores atuantes em diferentes sociedades e instituições colocavam os alunos em contato com departamentos de saneamento, higiene, circulação, habitação e prefeituras.

QUADRO 1 - ESTRUTURA BÁSICA DO CURSO DE URBANISMO NO IUUP (1933).

EIXO DISCIPLINAR	DOCENTE	TEMAS
EVOLUÇÃO DAS CIDADES	MARCEL POËTE	HISTÓRIA DAS CIDADES A PARTIR DA TEORIA VITALISTA
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DAS CIDADES	ÉDOUARD FUSTER	DINÂMICAS DA POPULAÇÃO URBANA, DIAGRAMAS E ESTUDOS ESTATÍSTICOS.
ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DAS CIDADES	GASTON JÈZE JOSEPH BARTHÉLÉMY LOUIS ROLLAND HENRI SELLIER	PROBLEMAS POLÍTICOS E ADMINISTRATIVOS DO URBANO. QUESTÕES ATUAIS RELATIVAS À ORGANIZAÇÃO DA CAPITAL VIDA MUNICIPAL NO ESTRANGEIRO
ORGANIZAÇÃO ECONÔMICA DAS CIDADES	AUGUSTE BRUGEMANN WILLIAM OUALID	GESTÃO ECONÔMICA FUNDIÁRIA MUNICIPALISMO
ARTE URBANA	LOUIS BONNIER JACQUES GREBER HENRI PROST	COMPOSIÇÃO DA FORMA URBANA

FONTE - A autora (2018) adaptado de Bardet (1933), *Fond Bardet*, cx.09.

Sobre o Quadro 1, alguns pontos devem ser frisados. O primeiro deles é o curso de Evolução das Cidades como ponto de partida para alunos ingressantes no curso. O peso dessa disciplina foi crucial para formar profissionais mais preparados a realizar pesquisas documentais e sensíveis às pré-existências.

¹¹⁷ Em 1969 tornou-se *l'Institut d'Urbanisme de Paris* (IUP), em 2015 foi unido ao *l'Institut Français d'Urbanisme* e passou a chamar-se *l'École d'Urbanisme de Paris* (EUP), vinculada à *l'Université Paris XII*. As mudanças institucionais e de estruturas físicas implicaram a escassez de documentos relativos à história do curso.

¹¹⁸ CHEVALIER, op cit.

Em segundo, nota-se que pelos professores foram estabelecidas interlocuções com a administração pública e outras instituições como a SHUR e outras seções do MS¹¹⁹. Além dos já mencionados Bonnier, Sellier e Poëte, temos: Henri Prost, membro da SFU e diretor do Plano de Ordenamento e Extensão da Região Parisiense, e Jacques Gréber, arquiteto-chefe da Exposição Internacional de Artes e Técnicas da Vida Moderna (1937). Ainda em relação à formação do corpo docente, cabe sublinhar que apesar de elencar profissionais atuantes em campos diversificados, predominaram os da Faculdade de Direito, como Barthélemy, Rolland, Ouallid e Jèze.

FIGURA 2 - PROFESSORES E ALUNOS DO IUUP, POËTE AO CENTRO.



FONTE - Bardet (1933). Fond Bardet, cx.09.

Todos estes fatores permitiram consolidar como característica principal do ensino no IUUP o aprendizado em contato constante com as ações da administração pública e o direcionamento para considerar a vida social e a evolução da cidade em primeiro plano. Sob orientação do corpo docente, foram promovidas pesquisas minuciosas, incorporando instrumentos estatísticos, representações cartográficas, levantamentos de arquivos históricos e observações sociais. Os resultados podem ser observados não só nas teses, como na publicação "*Paris et la région capitale*"¹²⁰.

¹¹⁹ Fizeram parte do corpo docente da EHEU/IUUP e da SHUR: Marcel Poëte, Paul Juillerat, Edouard Fuster, Léon Jaussely, Georges Bechmann, William Oualid e Louis Bonnier (CHEVALIER, 2000, p.115).

¹²⁰ Publicada em três volumes em 1937, teve Bardet como editor-chefe. Reuniu textos de políticos, professores e ex-alunos do IUUP no debate sobre a região parisiense, levantado com projeto de Henri Prost para um Plano diretor para o Departamento do Sena (1932) abrangendo todos os municípios do departamento do Seine-et-Oise e Seine-et-Marne, distantes do centro da capital num raio de 35km. A publicação tinha o objetivo de criar um registro da região parisiense – como já existia em outras grandes capitais – e dos trabalhos de organização da região. Assumindo o compromisso de apresentar cartogramas regularmente, tornando públicas as pesquisas realizadas.

Com relação às teses, especificamente, havia o interesse em incrementar o acervo documental sobre as cidades francesas, assim como sobre as cidades de origem dos alunos estrangeiros. No Anexo A – Teses defendidas no IUUP (1921-1945) é possível ver o número expressivo de trabalhos sobre cidades estrangeiras, assim como os temas predominantes nos primeiros anos do curso: estudos de evolução urbana, planos de ordenamento e extensão e estudos sobre habitação popular.

Segundo Diniz¹²¹, no período entre 1922 e 1937, dos 150 alunos concluintes do IUUP, 87 eram franceses, sendo os estrangeiros de origens diversas: Romênia, Egito, Colômbia, Palestina, Argentina, Polônia e Brasil. Nesse período, o Brasil teve como único representante o arquiteto Atílio Corrêa Lima¹²², que, ao regressar, foi convidado por Lúcio Costa a assumir a cadeira de Urbanismo na Escola Nacional de Belas Artes, inaugurando o ensino dessa disciplina no país.

O prestígio do IUUP atraiu alunos de diversas nacionalidades, fomentando a circulação das ideias do grupo por parte considerável de uma geração de urbanistas. Calabi¹²³, por exemplo, cita os feitos de alunos egressos ao voltar aos seus países de origem: Paul-Henri Duffournet tornou-se professor e criou a primeira revista de urbanismo no Chile; Carlos M. Della Paolera fundou o Instituto de Urbanismo da Argentina e tornou-se referência em seu país; deve-se também destacar o urbanista Farias da Costa, responsável pelos planos de expansão de Lisboa quando obteve o diploma na instituição.

Gaston Bardet cursou urbanismo entre 1930 e 1932, compondo a 4ª turma de formados pelo IUUP. Entre os colegas de turma, nota-se o número considerável de estrangeiros e o desenvolvimento de estudos de evolução das cidades mais diversas: Pequim, Xangai e Al-Mahalla Al-Kubra.¹²⁴

¹²¹ DINIZ, A. **O itinerário pioneiro do urbanista Atílio Corrêa Lima**. 2015. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Unb, Brasília, 2015.

¹²² Atílio Corrêa Lima (1901-1943) formou-se arquiteto na ENBA em 1925, sua tese foi premiada com custeio dos estudos no IUUP entre 1926-1928, no qual desenvolveu a tese intitulada "*Avant-projet d'aménagement et extension de la ville de Niterói-au Brésil*". Ao regressar ao país, além de assumir a disciplina, elaborou planos importantes como: Plano para a nova capital do Goiás (Goiânia, 1932), Plano de remodelação para o Bairro de Santo Antônio (Recife, 1936), Plano Regional do Município de Barra Mansa no Rio de Janeiro (1941), nos quais aplicou os preceitos aprendidos no instituto.

¹²³ CALABI, 1997.

¹²⁴ Anexo A - Teses defendidas no IUUP (1921-1945).

O desempenho de Bardet durante o curso no IUUP rendeu-lhe o convite, assim que obteve o diploma, para trabalhar junto com o professor Jacques Gréber¹²⁵ na agência de arquitetura da Exposição Internacional de Artes e Técnicas Aplicadas, entre 1934-1937. Bardet atuou na elaboração do plano geral da exposição (Figura 3), com a difícil missão de transformar em conjunto as diferentes expressões dos pavilhões, orientando como um maestro a individualidade e nacionalismo dos mais diversos arquitetos.¹²⁶

FIGURA 3 - BARDET (AO CENTRO) E EQUIPE NA CONFECÇÃO DA MAQUETE DA EXPOSIÇÃO.



FONTE - *Fond Bardet*, cx.027 3.

Nesses anos, o urbanismo já estava melhor estabelecido enquanto campo de atuação profissional na França, sobretudo através da SFU, que projetava internacionalmente seus urbanistas, contratados para a realização de planos em diversos países. De fato, não se pode deixar de mencionar que a 1ª Guerra Mundial contribuiu para essa exportação, pois a demanda de reconstrução de cidades destruídas possibilitou implementar planos e desenvolver ainda mais as experiências. Da mesma forma, países que ainda enfrentavam os problemas urbanos decorrentes da industrialização tardia, tinham no urbanismo francês um repertório de referências.

¹²⁵ Jacques-Henri-Auguste Gréber (1882- 1962) foi arquiteto e paisagista francês formado pela *Beaux Art*. Atuou nos EUA, onde colaborou com a promoção do movimento *City Beautiful*, regressando ao país natal em 1919 para atuar na reconstrução das cidades. Trabalhou nos planos urbanos e regionais da região de Lille (1920-1937), Abbeville (1932-1945), Marsella (1940), Ruan (1940-1947), Cf: Gutierrez, 2007.

¹²⁶ Segundo Gutierrez (2007, p.6): "Na ocasião se construiu o novo Palácio do Trocadero e se destacavam os pavilhões da Rússia e da Alemanha (obra de Speer), que simbolizavam a rivalidade dos novos totalitarismos europeus. Num clima de incerteza pelo triunfo da Frente Popular, a guerra civil espanhola, o avance dos Fascismos e a ameaça da segunda guerra mundial (em dois anos Paris estaria nas mãos dos alemães), a França tratava de mostrar na sua Exposição não somente seu prestígio cultural, mas também um opaco cenário de confraternidade. Os 300 pavilhões da Exposição oscilaram entre o classicismo academicista oficial, o pitoresquismo da arquitetura efêmera ou os avances da modernidade. "

A criação do IUUP acrescentou então novos temas aos debates urbanísticos vigentes. Num contexto cujos limites de Paris davam lugar aos da Região Parisiense, o IUUP mirou em formar profissionais aptos a compreender os movimentos de aglomeração urbana, tão abertos às novas soluções quanto sensíveis à cidade pré-existente. De acordo com Lamas,¹²⁷ por meio do IUUP a França não só estabelecia o ensino do urbanismo, mas também “codificava e definia uma metodologia de composição urbana”, passando a constituir uma prática específica ou “escola” enunciada como “urbanística formal”, pela atenção às características urbanas existentes e continuidade da forma urbana.

Ao explicar o “espírito do urbanismo francês” Marcel Poëte afirmou:

A biologia, a psicologia e a sociologia aportam a ciência do urbanismo, assim como a história, a geografia física e humana, a geologia, a meteorologia, a higiene, a ciência jurídica e o conjunto de ciências econômico-sociais. E se da ciência passamos à arte, ou seja, ao urbanismo aplicado, entram em jogo também a sensibilidade própria do artista e todo tipo de técnicas: as do arquiteto, do geômetra, do engenheiro, do higienista.¹²⁸

A cidade era analisada como se fosse um “organismo vivo”, dissecado por partes até a identificação de regularidades, tendências, leis que permitissem entender a evolução. Os aportes metodológicos da biologia, sociologia, história, geografia física e humana permitiam ao urbanista conhecer o espaço e a sociedade em que deveriam atuar. A higiene, ciências jurídicas e economia sustentavam e justificavam estratégias de intervenção. Aos arquitetos, coube agregar ao novo campo, os princípios da arte urbana, concedendo aporte necessário para intervir no espaço e julgar a pertinência das permanências, além de propor transformações em consonância com o tecido urbano pré-existente.

Nacionalismos à parte, o campo do urbanismo se constituiu a partir da confluência de vários saberes e da intensa circulação de ideias que marcou as primeiras décadas do século XX. Ainda que o foco desta narrativa seja a França, o processo de surgimento de novas instituições, leis, planos, revistas, congressos e cursos aconteceu com semelhanças e diferenças na maior parte dos países, à medida que precisavam lidar com a explosão demográfica das cidades e industrialização.

¹²⁷ LAMAS, J.M. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2011, p.259.

¹²⁸ POËTE, M. L'ésprit de l'urbanisme français. **L'Architecture d'Aujourd'hui**, 1939, p.5, tradução nossa. Texto original: “*La biologie, la psychologie et la sociologie apportent leur concours à la science de l'urbanisme, comme aussi l'histoire, la géographie physique et humaine, la géologie, la météorologie, l'hygiène, la science juridique et l'ensemble des sciences économique-sociales. Et si de la science on passe à l'art, autrement dit à l'urbanisme appliqué, ce sont, outre la sensibilité propre à l'artiste, des techniques de toutes sortes qui entrent en jeu: celles de l'architecte, du géomètre, de l'ingénieur, de l'hygiéniste.*”

2.2 Arquitetos-urbanistas: a *Société Française des Urbanistes*

Entre as instituições que surgiram no seio do MS, a *Société Française des Architectes-Urbanistes* (SFAU) foi fundada em 1911, representando mais um avanço no sentido de delimitar as práticas circunscritas no campo do urbanismo. No seu estatuto fundador consta como objetivo “o estudo de questões relativas à construção e melhoria das aglomerações urbanas e rurais, assim como o desenvolvimento desta ciência e defesa dos interesses profissionais comuns aos técnicos urbanistas”.¹²⁹

A associação profissional acrescentou ao ambiente de pesquisas e políticas da SHUR e do IUUP a possibilidade de realizar contratos para planos urbanísticos na França e no estrangeiro. Entre os membros fundadores constam os nomes de Nicolas Forestier (engenheiro), Ernest Hébrard (paisagista), Marcel Auburtin, André Bérard, Albert Parenty, Edouard Redont, Léon Jaussely, Henri Prost, Eugène Hénard e Alfred Agache (arquitetos).

Como o nome inicial anunciava, a SFAU surgiu com predominância de arquitetos – formados pela *École des Beaux Arts* – que através da prática profissional tornaram-se urbanistas. Entretanto, não era uma sociedade restrita. Segundo o estatuto, poderiam também ser associados economistas, engenheiros e técnicos experientes na composição de planos de cidade e estudiosos do urbanismo. Os membros poderiam ser franceses ou estrangeiros e estariam divididos em três categorias: Fundadores, Societários e Correspondentes (articuladores com instituições no exterior).¹³⁰

Em 1919, a SFAU passou a ser denominada *Société Française des Urbanistes* (SFU). A mudança de nome deixou para trás as ambiguidades, legitimou e distinguiu o campo profissional do urbanismo daquele da arquitetura. No programa de ação da SFU, ficou determinado:

- 1º Reunir uma documentação técnica e manter atualizada
- 2º Ajudar a disseminar o conhecimento do urbanismo por meio de conferências, cursos, exposições e publicações de livros, artigos, etc
- 3º Organizar visitas de estudo em diferentes aglomerações urbanas

¹²⁹ SFU. Status nº 1, le 19 mai 1920, p.1, tradução nossa. Texto original: “[...]a pour but l’étude en commun des questions relatives à la construction et à l’amélioration des agglomérations urbaines et rurales, ainsi que le développement de cette Science et la défense des intérêts professionnels communs aux techniciens urbanistes.” Acervo BnF.

¹³⁰ Ibid, art. 3º

4º Centralizar os desejos expressos nos diversos congressos internacionais e estudar a realização prática para a França

5º Orientar as cidades ou agrupamentos urbanos interessados no desenvolvimento de programas e, se necessário, na organização de concursos e obras.¹³¹

Nos primeiros anos, as discussões de estratégias para reconstrução de cidades atingidas pela 1ª Guerra Mundial foram mais intensas. Nesse período, a SFU foi projetada internacionalmente, exportando um “modo de fazer” urbanismo particular. Como ficou evidente nos planos de Agache para Camberra (1911), Chicago, Dunkerke (1912), Istambul (1933) ou Curitiba (1941); Henri Prost em Casablanca (1917) e Rabat (1923-1933); Forestier em Havana (1925), Buenos Aires (1924) e Servilha (1929), entre outros.

Na hierarquia da SFU estava previsto o Comitê Diretor – Presidente, Vice-Presidente, Secretário-geral, Secretário-adjunto e Tesoureiro – e o Comitê de Honra, formado por personalidades que recebiam a distinção como homenagem pela contribuição no campo do urbanismo.¹³²

O primeiro presidente da SFU foi Hénard¹³³, reconhecido internacionalmente, cujas ideias inovadoras já tinham grandes reverberações em congressos e exposições internacionais. Para Bardet, esse urbanista foi uma forte referência desde os tempos de estudante, quando integrou o *Group d'Études du Centre Urbain Souterrain* (GECUS). O propósito desse grupo era discutir o aproveitamento do subsolo como alternativa aos problemas da hiperconcentração nas metrópoles. O princípio do urbanismo subterrâneo embasava-se nas ideias da “Rua do Futuro”, para resguardar a superfície como prioridade de pedestres, separando os tipos de fluxos automatizados e permitindo, assim, segurança e velocidade no deslocamento populacional e de produção.¹³⁴

¹³¹ Ibid., art. 2º, tradução nossa. Texto original: “1º Réunir une documentation technique et la tenir au courant ; 2º Aider à la diffusion des connaissances d'urbanisme par des conférences, des cours, des exposition et des publications d'ouvrages, articles, etc.; 3º Organiser des visites d'étude dans les différentes agglomérations urbaines ; 4º Centraliser les vœux émis dans les divers congrès internationaux et en étudier la réalisation pratique pour la France ; 5º Guider les villes ou les groupements intéressés dans l'élaboration de leurs programmes et le cas échéant, dans l'organisation de leurs concours et de leurs travaux.”

¹³² Ibid, art. 6º.

¹³³ Eugène-Alfred Hénard (1849- 1923) foi arquiteto e urbanista francês, atuou na Prefeitura de Paris, autor de *Études sur les transformations de Paris* (dividido em fascículos publicados entre 1900-1909) onde expôs análises e planos para a capital. A Rua do Futuro foi apresentada na Conferência de Planejamento Urbano de Londres como uma proposta de separar os edifícios dos fluxos, propondo vários níveis de circulação subterrânea e aérea (BARDET, 1939j).

¹³⁴ Bardet foi relator geral do 1º *Congress International d'Urbanisme Souterrain* (1937) que reuniu debates no âmbito jurídico, administrativo, da engenharia, arquitetura e higiene. Sobre o tema publicou os artigos : « Paris, le centre d'échange et les autoroutes souterraines » (1937c), « Paris et les autoroutes souterraines»(1935c),

Em 1919, a presidência da SFU passou a León Jaussely¹³⁵, porém, coube a Alfred Agache¹³⁶, como Secretário-geral desde a fundação até 1939, a maior parte das articulações da instituição. Naquele momento, em que as discussões se pautavam, sobretudo, a partir de experiências práticas vivenciadas pelos membros na elaboração de planos e intervenções, Agache empreendeu esforços no sentido de esboçar uma doutrina ou pelo menos uma abordagem para os urbanistas da instituição.

Segundo Moreira¹³⁷, além do papel fundamental de aglutinar ideias dispersas para constituir um conjunto de práticas coerentes na SFU, Agache atuou como divulgador e interlocutor do urbanismo francês no estrangeiro. A participação nos concursos e congressos internacionais rendeu-lhe autoridade para representar seu país e estabelecer uma consistente rede de relações. Entre as ações de divulgação que contaram com a participação dele, cabe destacar a exposição "*La Cité Réconstituée*" em Paris (1916), com a presença de Patrick Geddes, e o "*Congrès International de l'Urbanisme et d'Hygiène Municipale*" em Estrasburgo (1923), onde se juntaram às reflexões e propostas urbanas, não só arquitetos, mas também engenheiros, juristas, administradores, políticos, tanto franceses quanto estrangeiros.

Eventos como estes foram terrenos férteis à circulação de ideias e novas teorias partindo de preocupações diversas, mas aconteceram quando Bardet era ainda muito jovem e morava em Vichy. O ingresso do urbanista na instituição só aconteceu na década de 1940, conforme registrado no seu currículo¹³⁸, nas contracapas dos livros¹³⁹ e artigos publicados por ele, que passaram a apresentar o título de Secretário-geral da SFU.

Apesar de ter sido sucessor de Agache – que deixou o cargo ao emigrar para o Brasil – a atuação de Bardet na instituição consiste numa lacuna. Além dos já citados, há outros documentos (palestras, trabalhos, notas pessoais) no Fundo Bardet, que confirmam o título,

« *La Paris souterrain* »(1937), « *L'Organisation de l'urbanisme souterrain* » (1938d), « *L'Urbanisme souterrain : essai de doctrine et de méthode* » (1938f).

¹³⁵ León Jaussely (1875-1932) foi arquiteto formado pela *Beaux-Arts de Toulouse*. Recebeu o *Grand Prix de Roma* em 1903 e o concurso internacional para o plano de extensão de Barcelona em 1904. Foi professor de Arte Urbana na EHEU e na *Beaux-Arts de Paris*. Cf: GAUDIN, 2014.

¹³⁶ Donat-Alfred Agache (1877-1960) formou-se arquiteto pela *ENSBA* em 1905; foi membro ativo MS na seção de pesquisa a partir de 1909; trabalhou com Prost e Hénard no plano de substituição das muralhas da fortificação de Paris em 1909-10; venceu o concurso do plano de extensão para Durkenque (França) e foi premiado pelo plano para a cidade de Camberra (Austrália) em 1912. Sobre Plano elaborado para o Rio de Janeiro (1928-30) e atuação no urbanismo do Brasil, cf: MOREIRA, 2004, 2007 e 2016.

¹³⁷ Ibid.

¹³⁸ BARDET, A. *Curriculum vitae de Gaston Bardet*. São Paulo: 03 nov. 2013 [documento não publicado].

¹³⁹ BARDET, 1941c, 1943h.

mas não há referências nas fontes SFU, tampouco, menção ao seu nome na exposição comemorativa do centenário institucional.¹⁴⁰ Sabe-se que em 1948, ao regressar da primeira turnê de conferências divulgando o urbanismo francês na América Latina, Bardet foi homenageado como Presidente de Honra da SFU, título do qual muito se orgulhou e utilizou nas conferências, viagens entrevistas e publicações dos anos seguintes.

De fato, Bardet ingressou num momento bem menos expressivo da SFU. Além do afastamento de Agache, que exercia papel animador, a 2ª Guerra Mundial levou muitos urbanistas a deixar o país. As ações da SFU continuaram, porém, mais restritas às atividades educativas e de conscientização do público em geral, como: ciclos de palestras públicas, exposições e salões de urbanismo. Após 1945, a instituição não retoma o ritmo com unidade, enfrentado dilemas e embates sobre as políticas de reconstrução e ordenamento territorial. Os membros SFU desenvolvem reflexões com diversos posicionamentos, como os do próprio Bardet, aos de André Gutton, Robert Auzelle, René Magnan, Maurice François Rouge, o que dispersou de certo modo o discurso da instituição.¹⁴¹

Ainda que não tenham convivido na SFU, Alfred Agache foi referência para a instituição e certamente teve ressonâncias na formação do pensamento urbanístico de Gaston Bardet.¹⁴² Ambos partilharam o anseio por definir o urbanismo como uma síntese de disciplinas, tiveram interesse pela sociologia como ferramenta de apreensão mais completa das dinâmicas urbanas, e foram entusiastas dos ensinamentos do escocês Patrick Geddes, que serão tratados no próximo capítulo.

A filiação a Geddes se evidencia nas concepções de urbanismo formuladas e difundidas por Agache na SFU, principalmente com relação ao estudo monográfico das cidades como prática que antecede o plano, a observação das características antropogeográficas do local e a busca por leis que regem a “evolução” urbana. Neste sentido, são também claras as referências a Marcel Poëte e à concepção vitalista das cidades.¹⁴³

¹⁴⁰ SFU. 100 ans d’Urbanisme : 1911 – 2011. Paineaux de l’expo itinérante de la SFU, 2011. Disponível em <<http://www.urbaniste.com/notre-histoire/lexpo-itinerante-de-la-sfu/>>. Acesso em 24 mai.2016.

¹⁴¹ SFU (França). Historique de la SFU. Disponível em: <<http://www.urbaniste.com/notre-histoire/historique-de-la-sfu/>>. Acesso em: 24 jul. 2019.

¹⁴² Constam na bibliografia de Bardet (1941c, 1943h): “*Nos agglomérations rurales*”, “*La Cité reconstituée*” (1917) “*La rémodelation d’une capitale*” (1932).

¹⁴³ Sobre a relação entre o urbanismo e sociologia tecida por Agache, cf: BRUANT, C. Donat-Alfred Agache: urbanismo, uma sociologia aplicada. In RIBEIRO, L.C. de Q.; PECHMAN, R. (Org.), 1996.

Em 1932, o Plano de Remodelação-Extensão e Embelezamento para o Rio de Janeiro foi publicado em francês e teve grande circulação. Sem entrar na discussão do plano em si, Bardet o recomendou em 1941 como uma leitura “essencial”¹⁴⁴. Da mesma forma, Bruant¹⁴⁵ ratifica a importância do plano, ao afirmar que apresenta uma contribuição teórica e proposta de método. Preocupado em estabelecer as bases da recente disciplina, Agache apresentou a seguinte definição:

O urbanismo - como costumamos dizer em nossas conferências - é ao mesmo tempo uma ciência, uma arte e uma filosofia; uma ciência porque procede do estudo metódico dos fatos. É necessário ter estudado as cidades do passado, suas características, sua formação [...] O urbanismo também constitui uma arte, porque a intuição, a imaginação e a composição têm um papel importante na sua aplicação: o urbanismo deve traduzir-se em proporções, volumes, perspectivas, silhuetas, as diferentes propostas sugeridas por engenheiros, economistas, higienistas e financistas. [...] O urbanismo também está no campo da filosofia social. A cidade, de fato, procura realizar plasticamente o quadro adequado à existência de uma coletividade organizada; [...] ¹⁴⁶

Ao enunciar o urbanismo como ciência, arte e filosofia, Agache sintetizou uma série de ideias que giravam em torno deste conceito naquele momento: a noção de evolução das cidades, os princípios da arte urbana, os objetivos da sociologia. Ainda que a definição abarque uma complexidade que não necessariamente se materializou no resultado do plano em questão, é certo que tal enunciado marcou uma geração. Quando assumiu o secretariado da SFU, Bardet reafirmou o compromisso com a difusão dessa tríade, tomou-a de empréstimo e resignificou-a, buscando a sua maneira contemplar tais dimensões:

O Urbanismo é um conjunto de disciplinas. O urbanismo é antes de tudo uma ciência que se prende ao conhecimento das coisas, estuda metodicamente os fatos, pesquisa as causas primeiras, depois, após um rigoroso trabalho de análise, tenta, em sínteses sucessivas, determinar, se não leis, pelo menos princípios orientadores, sobre esta base pode estabelecer uma Arte aplicada que vai à ação, à criação de novas sínteses, [...] mas a aplicação desta arte, após a análise científica, requer uma dupla escolha: a escolha de componentes urbanos para tratar,

¹⁴⁴ BARDET, 1941c, p. 353.

¹⁴⁵ BRUANT, op cit.

¹⁴⁶ AGACHE, A. **La remodelation d'une capitale**, 1932, tradução nossa. Texto original: « *L'Urbanisme – nous l'avons souvent dit dans nos conférences – est à la fois une science, un art et une philosophie ; une science car il procède de l'étude méthodique des faits. Il faut avoir étudié les villes du passé, leurs caractéristiques, leur formation [...] L'Urbanisme constitue également un Art, car l'intuition, l'imagination, et la composition jouent un rôle important dans son application : l'Urbaniste doit traduire en proportions, en volumes, en perspectives, en silhouettes, les différentes propositions suggérées par les ingénieurs, les économistes, les hygiénistes et les financiers. [...] L'Urbanisme est aussi du domaine de la philosophie sociale. La ville, en effet cherche à réaliser plastiquement le cadre adéquat à l'existence d'une collectivité organisée; [...]* » Disponível em: <<http://www.urbaniste.com/notre-histoire/historique-de-la-sfu/>>. Acesso em: 24 jul. 2019.

modificar, criar, escolher [...] implicando a determinação de valores humanos, é, em essência, uma filosofia.¹⁴⁷

No âmbito da SFU, buscou-se que os urbanistas se tornassem aptos a trabalhar a complexidade urbana artisticamente, sem desconsiderar os aspectos sociais, econômicos e funcionais que o exercício da profissão exigia. Neste sentido, tomavam com referência os princípios de Joseph Stübben¹⁴⁸, Camilo Sitte¹⁴⁹ e Raymond Unwin¹⁵⁰ para conciliar o desenho e concepção dos espaços urbanos à continuidade defendida por Poëte e Geddes. As demandas por espaços públicos, higiene, salubridade, habitação e circulação, tão latentes no início do século XX, não foram completamente superadas, mas passaram a contar com um escopo de referências a partir das experiências dos urbanistas da SFU, como Hénard, Jaussely e Agache.

Bardet participou da SFU entre as décadas de 1940 e 1960.¹⁵¹ Ao longo desse período, sua concepção de urbanismo foi transformada por experiências profissionais e de vida. Especificamente nos anos de formação, participar da instituição fez com que Bardet estivesse bem inserido no contexto profissional e intelectual vigente, acompanhando os debates de seu tempo e assimilando o leque de referências que lhe foi apresentado para o enfrentamento das questões urbanas.

¹⁴⁷ BARDET, 1941c, p.7, tradução nossa. Texto original: "*L'Urbanisme est un ensemble de disciplines. L'urbanisme est tout d'abord une science qui s'attache à la connaissance des choses, étudie méthodiquement les faits, recherche les causes premières, puis, après un travail rigoureuse d'analyse, essaie, en des synthèses successives, de déterminer, sinon des lois, du moins des principes directeurs; sur cette base peut s'ériger un Art appliqué qui passe à l'action, à la création de synthèses nouvelles, [...] mais l'application de cet art, après l'analyse scientifique, nécessite un double choix: choix des composants urbains à soigner, modifier, créer, choix [...] impliquant la détermination des valeurs humaines, c'est, par essence, une Philosophie*"

¹⁴⁸ Joseph Stübben (1845-1936) foi arquiteto e urbanista, nas cidades de Berlim (1864-1870), Aachen (1876-1881), Colônia (1881) e Posen (1904-1920), elaborou inúmeros planos de extensão e remodelação para cerca de 40 cidades da Alemanha e Europa. Teve papel fundamental nos Congressos Internacionais de Urbanismo, sobretudo nos de Bruxelas (1898), Londres (1910), e Gand (1913).

¹⁴⁹ Camillo Sitte (1843-1903) como arquiteto e historiador da arte austríaco criticou as soluções monótonas, repetitivas e desproporcionais, priorizando àquelas de caráter artístico. Cf: SITTE, C. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

¹⁵⁰ Raymond Unwin (1863-1940) engenheiro, urbanista britânico. Atuou na organização do *Town Planning Conference* em 1910 e na fundação do *Town Planning Institut* em 1913. Publicou "*Town Planning in Practice*" em 1909, projetou junto ao sócio Barry Parker a cidade-jardim de Hampstead (1905-1914), sempre lembrada por Bardet como um bom exemplo, cf: UNWIN, R. **L'étude pratique de plans de villes**. Paris: Infolio edition, 2012.

¹⁵¹ Período estimado de acordo com a documentação pesquisada no *Fond Bardet*.

2.3 A “evolução das cidades” por Marcel Poëte

Para refletir sobre o urbanismo de Gaston Bardet é necessário antes direcionar o olhar àquele que foi o seu principal mestre. Seja pelo papel exercido na documentação e divulgação da história das cidades ou pelo empenho em consolidar o urbanismo enquanto campo disciplinar, Marcel Poëte é recorrentemente citado na historiografia como fundador do urbanismo francês¹⁵².

A formação de Poëte foi de arquivista-paleógrafo. Especializado no período medieval pela *École de Chartes* (1890), tornou-se diretor da *Bibliothèque Historique de la Ville de Paris* (1903) e do *Institut d'Histoire, Géographie et Économie Urbaines* (1916). Além de integrar a maior parte das instituições mencionadas anteriormente, ele participou, junto a Louis Bonnier, da Comissão de Extensão da Paris Antiga (1911-1913) e da direção da revista *La Vie Urbaine* (1919)¹⁵³, um dos mais importantes meios de divulgação de planos e estudos dos urbanistas franceses no início do século.

Poëte atuou num contexto de ricas discussões e revisão de paradigmas no campo da história, provocadas especialmente por Lucien Febvre e Marc Bloch, à frente da *École des Annales*¹⁵⁴. Este movimento reuniu historiadores motivados pelo desenvolvimento de novos métodos, objetos e abordagens de pesquisa. Apesar de não ter participado diretamente, é possível observar nas pesquisas de Poëte alguns pontos de convergência com essa escola, tais quais: a compreensão interdisciplinar da história, a busca por objetividade, a diversificação de fontes históricas, além da visão crítica de documentos.

Segundo Iggers¹⁵⁵, “os *Annales* aboliram as fronteiras entre as disciplinas tradicionais e as integraram sob o termo ‘ciências do homem’”. As abordagens dessa escola demonstravam laços estreitos entre a geografia, sociologia, antropologia e economia, e, entre tais ciências, concediam à história papel central.

¹⁵² CALABI, 1997.

¹⁵³ Primeira revista francesa de urbanismo, criada em 1919, dirigida por Poëte e Bonnier, vinculada à EHEU/IUUP. Entre os temas prioritários estavam: a difusão das cidades-jardim, habitação social, higiene e a evolução das cidades, mais tarde somam-se as experiências nos planos urbanísticos em ex-colônias. Os artigos eram produzidos tanto por autores nacionais como Sellier, Jausely, Forestier, Agache quanto internacionais como Unwin e Howard e Correia Lima. Cf. FREY, J.P.; FOURCAUT, A. L'Urbanisme en quête de revues In PLUET-DESPATIN J., et al. (Org.). *La Belle Époque des revues*, 1880-1914. Paris: Editions de l'IMEC, 2002, p. 285-304.

¹⁵⁴ Sobre a *École des Annales* cf. NOVAIS; SILVA (2011,2013).

¹⁵⁵ IGGERS, G G. França: os Annales. In NOVAIS; SILVA, 2013, p. 344.

De acordo com Calabi¹⁵⁶, a convergência de Poëte, com as ideias dos *Annales* está nas ressonâncias do método sociológico de Émile Durkheim¹⁵⁷ e da geografia humana de Vidal de la Blache, aportando o conhecimento do ser vivo, do ser social, do espaço social. Por outro lado, a percepção do tempo histórico foi um ponto de divergência. Enquanto o urbanista manteve a perspectiva de um tempo unidimensional, encaminhando-se do passado ao futuro, a escola propôs uma mudança radical ao considerar o tempo como unidade relativa e multidimensional.

É, portanto, na perspectiva evolucionista da história – igualmente presente no pensamento urbanístico de Gaston Bardet – que Poëte se distingue dos entusiastas da "Nova História".

Embora os estudos anteriormente mencionados situem Poëte como figura-chave nas articulações iniciais do urbanismo francês, foi Calabi¹⁵⁸ que lançou o olhar para sua grande complexidade de interesses e para as particularidades de sua formação e atuação profissional. Para a autora, a obra dele abarcou com aporte teórico e devida erudição a transformação de Paris no início do século XX. Isso a permitiu analisar temas como: a morfologia social, conservação e destruição do tecido urbano e o paradigma evolucionista.

Marcel Poëte iniciou sua trajetória entre arquivos e bibliotecas francesas, firmando-se na capital como conservador-chefe da *Bibliothèque Historique de la Ville de Paris*. Uma vez nesta, engajou-se em transformá-la numa instituição de documentação e divulgação da memória da cidade, contribuindo para as discussões promovidas pelo MS.

O trabalho na biblioteca e o ambiente intelectual de Paris na virada do século despertaram em Poëte o interesse pelo potencial das fontes documentais no estudo das cidades e na divulgação de tais estudos ao grande público. Diante da transformação voraz da metrópole, ele começou a organizar exposições de bastante popularidade: *La vie populaire à Paris par les livres et illustrations* (1907); *Un promenade à Paris au temps des*

¹⁵⁶ CALABI, 1997.

¹⁵⁷ Émile Durkheim (1858-1917) foi filósofo positivista e sociólogo, delimitou a teoria do fato social propondo a existência de um consciente coletivo e o estudo dos fatos como coisas pela sociologia. Empenhou-se em definir métodos rigorosos de análise dos fatos, valendo-se instrumentos da estatística, procedimentos de observação, etc. Entre suas principais obras estão: "A divisão do trabalho social" (1893), "As regras do método sociológico" (1895), "O suicídio" (1897).

¹⁵⁸ CALABI, op cit.

Romantiques (1908); *Paris sous la République de 1848* (1909); *Les transformations de Paris sous le Second Empire* (1910).¹⁵⁹

Nessas exposições, Poëte construiu uma narrativa do passado por meio do uso diversificado e inovador das fontes: iconografias, cartografias, relatórios, dados, manuscritos originais, etc. Para ele, o estudo da “evolução das cidades” poderia inscrever as práticas de intervenção urbana num campo disciplinar específico: o urbanismo. Assim, tomou como missão o estudo e o ensino dessa noção, formulando procedimentos para pesquisa e trato da documentação e transmissão do conhecimento.¹⁶⁰

Paralelamente às exposições, Poëte criou o curso sobre a História de Paris nas dependências da biblioteca e ciclos de conferências abertas ao público interessado. Os cursos tiveram repercussão suficiente para envolver Poëte nas redes profissionais que o apoiaram na fundação do IUUP, como visto no anteriormente.

A presença de Marcel Poëte na institucionalização e no ensino do urbanismo francês rendeu protagonismo à História no conjunto de saberes aglutinados na constituição do campo disciplinar. A chave para a compreensão do pensamento *poëtiano* está no entendimento da cidade como um organismo vivo em evolução, como mostra a seguinte explanação:

A evolução é um fato de uma ordem científica, que se aplica ao mundo vivo. Dizer que a cidade está evoluindo é considerá-la como um organismo em si. [...] O organismo urbano não é uma imagem, mas uma realidade viva. A cidade é mais do que apenas uma manifestação de vida; é também uma forma.¹⁶¹

Além de buscar com afincado conferir unidade à história fragmentada das ideias e das transformações urbanas, Poëte apoiou-se na teoria vitalista¹⁶² para combater o entendimento de que a cidade seria redutível à matéria inanimada ou simples aglomerado de edifícios construídos. Foi com base nela que enunciou a noção de “alma da cidade”, para

¹⁵⁹ CALABI, 1997.

¹⁶⁰ Ibid.

¹⁶¹ POËTE, M. **Paris, son évolution créatrice**. Paris: Vicent, Fréal Éditeurs, 1938, p. 1, tradução nossa. Texto original: *L'évolution est un fait d'ordre scientifique, qui s'applique au monde vivant. Dire que la ville évolue, c'est la considérer comme un organisme en soi. [...] L'organisme urbain n'est pas une image, mais une réalité vivante. La ville est plus qu'une simple manifestation de la vie ; c'en aussi une forme.*

¹⁶² O vitalismo consiste numa corrente filosófica desenvolvida nos séculos XVIII e XIX, entre as ciências da vida, como grande impacto epistemológico. Na concepção vitalista os fenômenos vitais não são totalmente explicáveis através de causas mecânicas, admitindo-se, portanto, a existência de uma energia universal ou “élan vital” que permeia todo organismo vivo. Cf: BERGSON, H. **A evolução criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

abarcar o conjunto de características peculiares, permanentes e modeladoras da cidade no tempo, tais como aspectos religiosos, morais e culturais.

Sob a ação do meio exterior - que exprime como os seres, as coisas, as ideias e os sentimentos surgem - e sob o efeito da reação dos meios urbanos internos, a cidade evolui. [...] Sua personalidade é composta de todo o seu passado, constantemente acrescido pelo presente fugaz e imprevisível que o ser urbano, assim feito, cria, ao associar às circunstâncias imprevistas o jogo do livre arbítrio humano. Nenhum determinismo conecta esta vida de cidade, ondulante e diversa. Tal existência permaneceria um enigma, se alguém negasse a existência da alma. São os impulsos desta e não os dados materiais que marcam os estágios da evolução urbana. As forças econômicas, tão importantes quanto parece ser seu papel, são controladas pelas forças morais, únicas verdadeiramente criadoras.¹⁶³

Apesar de se distinguir das características materiais, a “alma da cidade” é indissociável da matéria que ela anima. Essa noção deriva do “elã vital” – uma força criadora presente em todos os seres vivos – e revela o forte impacto da obra do filósofo Henri Bergson¹⁶⁴ sobre o pensamento de Poëte, assim como sobre as ciências sociais na França.

A obra de Bergson teve bastante repercussão no contexto intelectual do início do século XX, sobretudo nas ciências sociais, que eram até então conduzidas por postulados positivistas e materialistas. Na sua obra mais difundida, “*L'évolution créatrice*” (1907), defendeu a impossibilidade de alcançar conhecimento absoluto das coisas. Para o filósofo, existiam dois tipos de conhecimento – através da inteligência e da intuição – que poderiam ser alcançados por duplo e intrincado caminho.

O primeiro tipo de conhecimento seria alcançável pela inteligência, que “se utiliza da linguagem para realizar cortes no devir, efetuando, por conta disso, uma espacialização daquilo que é temporal e exprimindo a duração sempre nos moldes da extensão”¹⁶⁵. A outra forma de conhecimento se daria pela intuição, que tem ligação direta com a essência das coisas e não se apreende no tempo, mas na duração. “A apreensão do espírito pelo espírito

¹⁶³ POËTE, 1938, p.7, tradução nossa. Texto original: “*Sous l'action du milieu extérieur qu'expriment les voies par où arrivent êtres, choses, idées et sentiments et sous l'effet d'une réaction des milieux urbains internes, la ville évolue. [...] Sa personnalité est composée de son passé tout entier, sans cesse accru du présent fugace et imprévisible que l'être urbain, ainsi fait, crée, en associant à l'imprévu des circonstances le jeu du libre-arbitre humain. Nul déterminisme n'enchaîne cette vie de cité, ondoyante et diverse. Une telle existence resterait une énigme, si l'on niait l'existence de l'âme. Ce sont les impulsions de cette dernière et non les données matérielles qui marquent les étapes de l'évolution urbaine. Les forces économiques, si importantes que paraît être leur rôle, sont commandées par les forces morales, seules vraiment créatrices.*”

¹⁶⁴ Henri Bergson (1859-1941) foi importante filósofo metafísico francês de abordagem vitalista, conhecido como o “filósofo da duração”. Entre seus principais livros estão: “Matéria e memória”, “Introdução à Metafísica” e “As duas fontes da moral e da religião”, recebeu Nobel de Literatura em 1927 por “A evolução criadora”.

¹⁶⁵ RIBEIRO, E. S. Bergson, e a intuição como método na filosofia. *Kínesis*, n. 9, p. 94-108, jul. 2013. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/eduardoribeiro.pdf>>. Acesso em 18 mar. 2017.

é o primeiro passo – que se inicia com a intuição interior – para adentrar nas coisas, nos objetos os quais queremos conhecer”¹⁶⁶.

Portanto, a intuição é o que se conecta diretamente ao *elã vital*, permitindo a experiência direta, o conhecimento imediato desprovido de análise e tradução. No raciocínio de Bergson, o tempo é categoria de análise, ao contrário da duração, que é fluxo, é mudança contínua, é imensurável, livre e não intelectualizada. É na duração que está a essência do ser ou a evolução criadora. Segundo Silva, o impulso vital se dá a partir de uma ordem geral da natureza:

[...] o *elã vital* aparece no pensamento de Henri Bergson como o princípio explicativo da evolução da vida em todas as suas formas. Trata-se de um princípio responsável não somente pela evolução da vida até as formas superiores do espírito, mas também pelo nascimento da matéria. Bergson insiste na unidade deste impulso vital que atravessa toda a matéria, todas as formas criadas, dando força e impulso ao movimento unitário da vida e sua evolução.¹⁶⁷

Para o estudar a “evolução das cidades”, Poëte considerou os movimentos urbanos na “duração”, e não no tempo. Procurando compreender que cada cidade teria uma alma, um fluxo histórico e fases particulares. Esse raciocínio, fundamentou seu primeiro grande estudo, intitulado “*Une vie de cité. Paris de naissance à nos jours*”, dividido em quatro tomos: I. *La jeunesse* (1924); II. *La cité de la Renaissance* (1927); III. *La spiritualité de la cité classique* (1931); IV. *Album* (1925) [síntese das demais apresentada em iconografias]. A grande repercussão desses volumes possivelmente alcançou Bardet, na época estudante de Belas Artes.

Ao analisar o urbanismo de Marcel Poëte, Manzione¹⁶⁸ definiu quatro noções-chave para compreensão: continuidade, ser vivo, ciclo vital e evolução. Segundo o autor, a noção de “continuidade” em Poëte é paradoxal: consiste na permanência que legitima as transformações. As permanências são remanescentes das transformações urbanas que têm força para guiar as escolhas do que transformar no futuro, por exemplo, um centro histórico que permanece guardando características locais.

É a continuidade que torna incongruente a prática da *tábula rasa* e situa o pensamento de Poëte no sentido diametralmente oposto ao de Le Corbusier. Enquanto

¹⁶⁶ Ibid, p.102.

¹⁶⁷ SILVA, A. O impulso vital enquanto princípio explicativo da evolução no pensamento bergsoniano. **Existência e Arte** - Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei. Ano 2, n. 2, jan- dez. 2006, p.1.

¹⁶⁸ MANZIONE, 2006.

para o historiador “evoluir” significava continuar de algum ponto que pudesse conduzir a transformação natural da cidade e manter o elo com o passado, para o arquiteto era sinônimo de progresso, transformação e ruptura com a cidade antiga. Ao passo que, para Poëte, o centro de Paris era o coração de uma cidade que evoluiu radialmente ao longo da história, Le Corbusier via como uma área perfeitamente factível de ser demolida para dar lugar aos arranha-céus¹⁶⁹.

No livro “*Paris, son évolution créatrice*” (1938), Poëte deixou explícita a filiação *bergsoniana* ao apresentar as transformações da capital a partir da noção de “evolução criadora”. Para o urbanista, a vida de uma cidade era fluida e continuamente mutável. Logo, o estudo da história seria a chave para compreensão dos “movimentos vitais” da cidade, pois, ao seu ver, a “alma da cidade” era resultado do passado em constante movimento criador, como uma célula em contínua multiplicação.

Poëte também propôs na obra o estudo da cidade a partir dos dois caminhos de conhecimento: intuição e inteligência. O primeiro teria como ponto de partida o homem, os movimentos religiosos, sociais, artísticos e culturais, sobretudo por intermédio da história que permitia compreender o “espírito”¹⁷⁰ de cada época. O segundo objetivava apreender as condições físicas, geográficas, demográficas e econômicas, através dos métodos de levantamento e pesquisa bastante desenvolvidos a partir da criação da SFU.

A união dos dois percursos investigativos permitiria constituir uma compreensão total, ou seja, a “evolução da cidade” na dimensão material e imaterial. Tal conhecimento, para Poëte, evitaria que urbanistas cometessem erros grosseiros e mutilações em características consideradas “essenciais” ao intervir nas cidades.

Para estudar a cidade, não se deve partir da terra, das condições geográficas ou econômicas, mas do ser humano, no qual se manifesta a espiritualidade criativa. Só será em segundo lugar que se observará o uso graças à inteligência humana da natureza pelo homem. ¹⁷¹

¹⁶⁹ LE CORBUSIER. **Maneira de pensar o urbanismo**. Mem-Martins: Ed. Europa América, 1977.

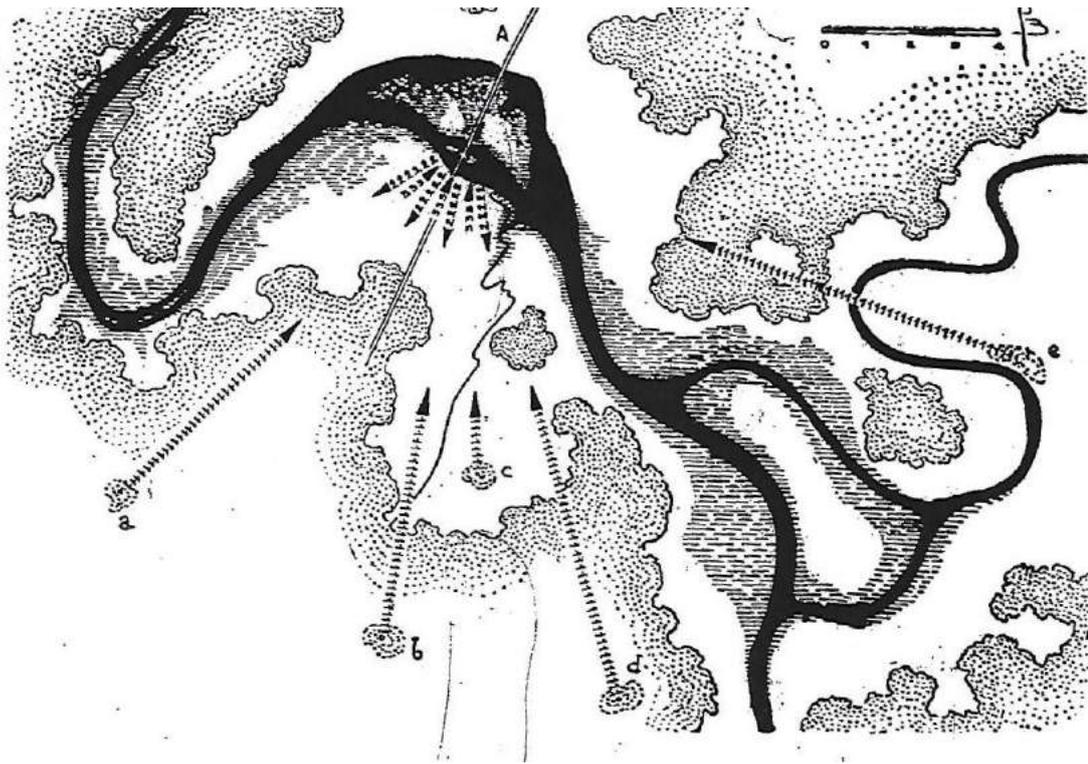
¹⁷⁰ « E por espiritual devemos entender o espírito em si mesmo, isto é, andar nos caminhos da criação e não pela intelectualidade, que é um desvio da mente para o uso da matéria pelo homem. » POËTE, 1938, p. 17, tradução nossa. Texto original : « *Et par spirituel, il faut entendre l'esprit en soi, c'est-à-dire cheminant des les voies de la création et non par l'intellectualité, que n'est qu'un détournement de l'esprit vers l'utilisation de la matière par l'homme.* »

¹⁷¹ POËTE, 1938, p. 18, tradução nossa. Texto original: « *Pour étudier la ville, il ne faut pas partir de la terre ou des conditions géographiques ou économiques, mais de l'être humain en qui se manifeste la spiritualité créatrice. Ce ne sera qu'en second lieu qu'on observera l'utilisation grâce à l'intelligence humaine de la nature par l'homme.* »

Paris, son évolution cráitice, não marcou só a filiação de Poëte a Bergson, mas também de Bardet aos dois teóricos que moldaram consideravelmente seu pensamento urbanístico. Isso porque Poëte utilizou os esquemas gráficos elaborados por Gaston Bardet como poderosa ferramenta de ilustração e síntese.

A Figura 4, por exemplo, ilustra momento do “nascimento” de Paris. Segundo Poëte, a cidade nasceu da fortaleza de Lutèce, localizada na pequena *Île de la Cité*, representada no ponto de encontro de todas as setas. A partir desse ponto, surgiram os primeiros caminhos criados por povos primitivos e animais selvagens (reta A). Os tracejados (a, b, c, d, e) simbolizam outros movimentos partindo de “povoados neolíticos”, convergindo de modo a formar a cidade. Já as setas de sentido duplo (1,2) representam os movimentos de perturbação nos períodos de dominação romana.

FIGURA 4 - FUNDAÇÃO DA FORTALEZA DE LUTECE E MOVIMENTOS DE DESLOCAMENTO DE POVOS. ESQUEMA DE GASTON BARDET.



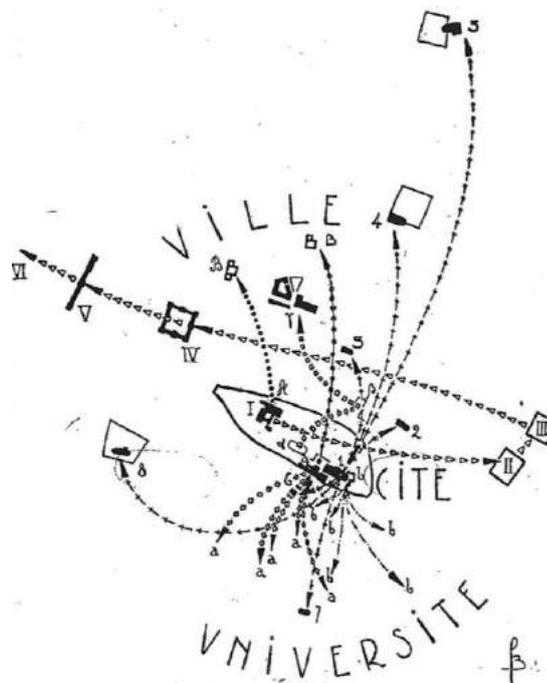
FONTE - POËTE, 1938, p. 31.

A princípio, a Figura 4 chama atenção pela profusão de setas e elementos e texturas, mas, à medida que se avança na leitura do texto, torna-se um aporte indispensável à compreensão dos argumentos de Poëte: 1) o elã vital de Paris está no instinto de defesa, que unido ao desenvolvimento do espírito societário se expressa na *Île-de-la-Cité* – ponto

facilmente identificado como radial de todas as setas; II) Nenhuma fé preside o nascimento desta cidade, que surge do cruzamento de povos primitivos e destes caminhos com o rio; III) Na origem desta cidade está o cruzamento do caminho de terra e da via de água que direcionam para uma ilha, um lugar de defesa que permite ao homem se proteger.¹⁷²

Ao longo de todo o livro, os sucessivos esquemas permitem identificar o elã vital, ainda que representem diferentes movimentos, temporalidades, temáticas e complexidades. Na Figura 5, estão representados a os movimentos de fusão e dissociação de elementos catalizadores da “vida” urbana. As setas indicam para monumentos e equipamentos capazes de gerar ou mudar a dinâmica de determinados territórios, por exemplo: a habitação real, que passou do Palácio (I), ao Hotel Saint-Paul (II), Tournelles (III), Louvre (IV), Tuileries (V) até chegar em Versailles (VI). Há também indicações de movimentos gerados pelo deslocamento do mercado (α), das escolas (b), teatro (β) e outros equipamentos da cidade moderna.¹⁷³

FIGURA 5 - A DISSOCIAÇÃO DE ELEMENTOS ORIGINALMENTE UNIDOS. ESQUEMA DE GASTON BARDET.



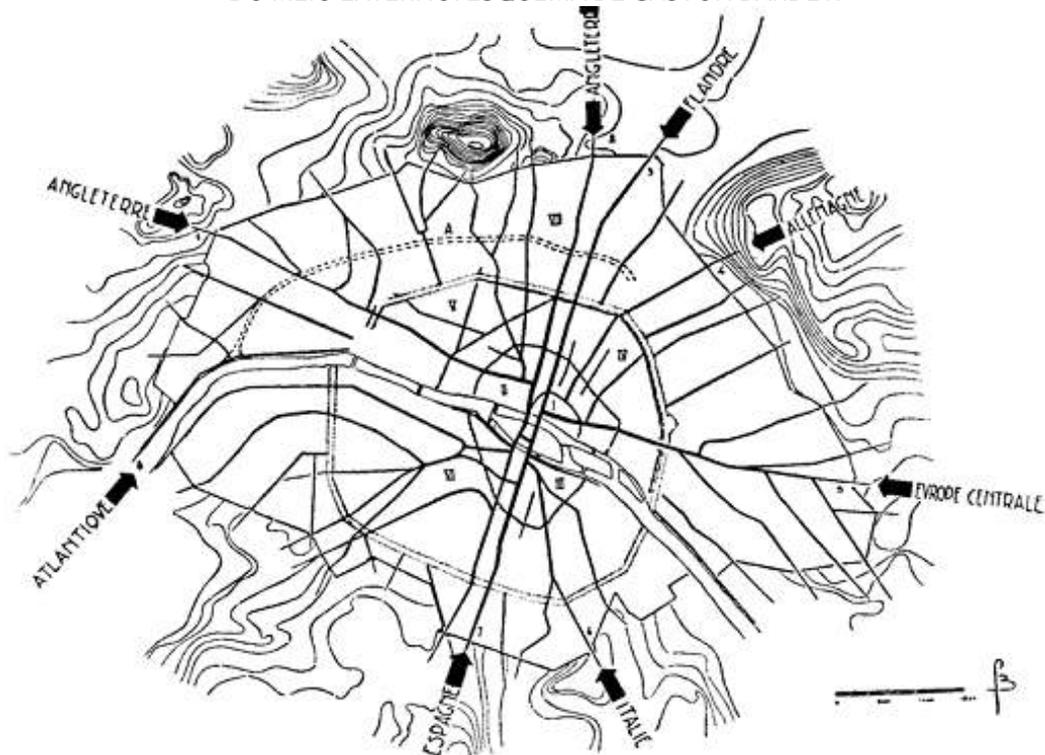
FONTE - POËTE, 1938, p.49.

¹⁷² POËTE, 1938.

¹⁷³ POËTE, 1938.

Através de 13 esquemas, Bardet traduziu graficamente a evolução de Paris narrada por Poëte, ao passo que se apropriou do seu modo de compreender as cidades. Partindo de uma base cartográfica simplificada, dotada apenas de representações da hidrografia e relevo em escala, ele representou transformações urbanas relacionadas às guerras, invasões, religiões, migrações, movimentos artísticos e outros fatores como a influência do meio externo (Figura 6). Entretanto, à medida que as ilustrações se tornam mais complexas, o texto apresenta-se mais inteligível e acessível.

FIGURA 6 - CRESCIMENTO DE PARIS E AS REAÇÕES DO ORGANISMO URBANO ÀS INFLUÊNCIAS DO MEIO EXTERNO. ESQUEMA DE GASTON BARDET.



FONTE - POËTE, 1938, p. 65.

No livro nota-se ainda a profícua parceria entre o mestre-historiador, cujas investigações detalhadas eram explanadas através de texto narrativo linear, e o aluno-arquiteto, criativo com habilidades em representar e transmitir os movimentos descritos. Para Poëte, o urbanista não poderia fazer algo eficaz sem conhecer a evolução das cidades. Somente a partir dela seria possível tomar decisões como o melhor sentido para expansões, os perímetros de preservação, as demolições possíveis e o caráter das novas criações. Incorporar a filosofia vitalista no conjunto de saberes que conformou o urbanismo significou admitir uma dimensão que não poderia ser generalizada por leis e padrões abstratos, precisava ser percebida.

Dotada de “vida” e “alma”, a cidade de Poëte (e Bardet) evolui. Evoluindo, essa cidade tem movimentos vitais passíveis de serem captados por diversas disciplinas, mas somente o estudo da história seria capaz de decifrar o processo evolutivo, fornecendo assim as bases para intervenções que promoveriam a sua continuidade.

2.4 Roma: um laboratório de evolução e urbanismo

Em 1932, Gaston Bardet apresentou a tese intitulada « *La Rome de Mussolini, contribution à l'étude du plan régulateur 31* »¹⁷⁴ para conclusão do curso de urbanismo no IUUP. Sob orientação do Professor Marcel Poëte, ele desenvolveu um trabalho que atrelou o estudo da evolução urbana à planificação da cidade futura, algo semelhante ao que o colega argentino Carlos Della Paolera havia feito, tomando como objeto a cidade de Buenos Aires.¹⁷⁵

Bardet foi ousado ao propor contribuições para um plano ainda recente – quase que elaborado paralelamente à escrita da tese – e, mais ainda, ao encarar o desafio de escrevê-la sem ir a Roma, utilizando principalmente bibliografia francesa. Fizeram parte da banca examinadora os professores Willian Oualid, Edouard Fuster e Louis Bonnier, que, além de aprovar, concederam ao aluno a láurea inédita entre os franceses até então.¹⁷⁶

Em 1937, a tese foi publicada como livro.¹⁷⁷ Na ocasião, o trabalho foi novamente reconhecido recebendo o *Grand Prix de l'Exposition Internationale de Paris*.¹⁷⁸ Segundo recortes da imprensa, o livro foi amplamente divulgado e bem recebido pela crítica, com resenhas positivas em revistas como *Arquitectura y Urbanismo* (Cuba), *l'Urbe* (Itália), *Construction Moderne, Beaux Arts e l'Architecture d'Aujourd'hui* (França), entre outras¹⁷⁹. Recebeu elogios como o de George Sebillé, arquiteto da SFU, que definiu o livro como uma

¹⁷⁴ BARDET, G. **La Rome de Mussolini**: contribution à le étude du Plan Regulateur de 1931. Thèse (Curso de Urbanismo), l'IUUP, Paris, 1932. Bib. EUP.

¹⁷⁵ DELLA PAOLERA, C. M. **Contribution à l'étude d'un plan d'aménagement, d'embellissement et d'extension de Buenos Aires**: Étude sur l'évolution de la ville. Thèse (Curso de Urbanismo), l'IUUP, Paris, 1927. Bib. EUP.

¹⁷⁶ UN FRANÇAIS lauréat de l'Institut d'Urbanisme. **Les Débats**. Paris, s/p., 08 jul. 1932. Fonds Bardet, cx.19.

¹⁷⁷ BARDET, G. **La Rome de Mussolini**: une nouvelle ère romaine sous le signe du Faisceau. Paris : CH. Massin et C. Editeurs à Paris, 1937e. BnF

¹⁷⁸ LE JURY de l'Exposition 1937 a attribué deux grand prix à un architecte vichyssois. **Tribune Republicaine**. Vichy, s/p, 5 dez.1937. Fond Bardet, cx.19.

¹⁷⁹ Fond Bardet, cx. 019.

obra sólida que prestava serviço à França, especialmente pelas comparações que suscitava¹⁸⁰.

No intervalo entre a defesa da tese e a publicação do livro, Bardet viajou a Roma e aproveitou a oportunidade para complementar a análise com dados atualizados, iconografias e a própria experiência de observação da capital.¹⁸¹ Tudo isso rendeu algumas alterações, como a incorporação de capítulo sobre a análise demográfica e a avaliação das primeiras implementações do Plano de 1931.¹⁸²

FIGURA 7 - CAPA DO LIVRO LA ROME DE MUSSOLINI (ILUSTRAÇÃO DE BARDET)



FONTE - BARDET, 1937e.

“*La Rome de Mussolini*” é uma obra sobre como o urbanismo pode intervir na fisionomia e na “alma da cidade”. Considerada uma tese notável por Frey¹⁸³ e uma

¹⁸⁰ SEBILLE, G. Roma de Mussolini. *L'Architecture d'Aujourd'hui*. Paris :n.?, mars 1937. Fond Bardet, cx.19.

¹⁸¹ Bardet foi pela primeira vez à Roma em 1935, na ocasião do Congresso Internacional de Arquitetos. Durante a estadia, escreveu o capítulo « *Dix ans de politique démographique* » onde apresenta através de dados, quatro grandes problemas demográficos enfrentados pelo Fascismo: baixa natalidade, emigração do país, êxodo rural e unificação do país (BARDET, 1937e).

¹⁸² A tese está dividida em quatro capítulos: I) *La question romaine est une question Nationale*; II) *Développements naturels et artificiels de Rome*; III) *Variation et Genèse depuis 1870, du Plan Régulateur de Rome Capitale*; IV) *Mégalomanies*. Já o livro está dividido em três partes (subdivididas em capítulos): I) *Prologue*; II) *Genèse de la Roma de Mussolini*; III) *Le réalisations du Fascisme*.

¹⁸³ FREY, 2001a.

contribuição teórica singular por Cohen¹⁸⁴, intriga pelo silêncio que sobre ela paira. É o livro de urbanismo menos comentado de Bardet, entretanto, pode fomentar várias análises, tanto pela forma que o argumento é construído, quanto pelo conteúdo que apresenta. Nas páginas a seguir, buscaremos explicitar as ressonâncias do pensamento de Poëte, mas também das ideias debatidas durante a formação de Bardet.

A escolha de Roma como objeto de estudo, não é surpreendente se considerarmos que a primeira formação de Bardet se deu na ENSBA. Sabe-se que a Itália era considerada berço da civilização, fonte dos primeiros tratados de arquitetura e urbanismo, objeto de interesse de artistas e intelectuais. Desde o Renascimento, as viagens de formação à Itália eram comuns entre membros da elite, sobretudo franceses, ingleses e alemães. Na França, especificamente, o fascínio pelos remanescentes da Antiguidade Clássica atraía jovens artistas e arquitetos promissores através do *Grand Prix de Rome*, com a oportunidade de estudos na Villa Médici.

O interesse por Roma também é notável nos inúmeros artigos da revista *Le Maître d'Œuvre*¹⁸⁵, especialmente em 1930, quando uma edição completamente dedicada à cidade foi organizada por Pierre Vago¹⁸⁶. Na apresentação, o editor afirma que o desenvolvimento urbano de Roma, em diversas fases, era “um dos problemas mais interessantes do urbanismo moderno”, pois os remanescentes da cidade histórica constituíam um desafio para a elaboração de novos planos de organização e extensão.¹⁸⁷ Prestigiado entre meios franceses e italianos, o editor conseguiu reunir e apresentar fontes oficiais (dados, gráficos, fotografias e cartografias) concedidas por engenheiros do escritório de organização da cidade de Roma. Tornando-se, portanto, uma preciosa fonte para a pesquisa de Bardet.

Além da *Le Maître d'Œuvre*, inúmeros artigos de Pierre Vago na *l'Architecture d'Aujourd'hui*¹⁸⁸ e *La Vie Urbaine*¹⁸⁹ são importantes para assinalar o interesse dos intelectuais franceses pelas experimentações de Mussolini, antes da 2ª Guerra.

¹⁸⁴ COHEN, 1997 e 2015.

¹⁸⁵ Revista francesa de urbanismo fundada em 1926, pela *l'Amicale de l'École spéciale d'architecture* com a colaboração da *Société des urbanistes diplômés de l'UUP*. Foi dirigida por Jean Royer e teve contou com urbanistas Marcel Poëte, Henri Sellier, Henri Prost e Donat Alfred Agache no corpo editorial.

¹⁸⁶ VAGO, P. Le développement urbain de Rome. *Le Maître d'œuvre*. Paris, 1930, n° 43-44, mai-jui, p.12. BnF.

¹⁸⁷ O prestígio da edição foi reforçado com o prefácio do embaixador francês Comte Manzoni, reforçando a qualidade das soluções urbanas propostas por Benito Mussolini.

¹⁸⁸ VAGO, P. Sabaudia. *L'Architecture d'aujourd'hui*. Paris: L'Architecture d'Aujourd'hui, 1934, p. 16-30. BnF.

¹⁸⁹ VAGO, P. Le développement urbain en Italie et la lutte contre l'urbanisation. *La vie urbaine*. Paris: Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris, 1930, p. 216-224. Bib.d'Hôtel de Ville.

A predominância de fontes francesas no texto de Bardet¹⁹⁰ reforça a existência de uma bibliografia substancial sobre o tema. Segundo Cohen¹⁹¹, certa admiração pelo Fascismo pode ser identificada na juventude universitária e intelectual francesa, sobretudo pela imagem de ser um “regime forte e técnico”.

Neste sentido, é possível inferir que o estudo de Roma representou para Bardet a possibilidade de aplicar o conhecimento adquirido nas aulas de “Evolução das Cidades”, num objeto de estudo familiar desde a *Beaux Arts*, ao mesmo tempo atual por apresentar desafios enfrentados pelos urbanistas franceses: problemas de circulação, criação de espaços públicos, intervenção no centro histórico e conservação de monumentos. A capital apresentava muitas camadas de forma urbana, muitos ciclos socioeconômicos, muitos movimentos populacionais, culturais e religiosos, portanto, o laboratório perfeito para o urbanista.

Em “*La Roma de Mussolini*”, Bardet explicitou os fundamentos sobre os quais sustentou suas ideias do urbanismo como uma ciência de evolução das cidades, deixando evidentes a filiação a Poëte e Bergson. A aproximação com as ideias dos mestres aparece principalmente na tentativa de apreender Roma – tanto nos aspectos “espirituais” quanto “físicos” – pela teoria da evolução criadora. Numa abordagem muito próxima da proposta em “*Une vie de cité*”, Bardet apresenta logo no prólogo do livro “trinta séculos da vida” da capital italiana, referenciado em historiadores clássicos como Fustel de Coulanges¹⁹², André Piganiol¹⁹³ e Tito Lívio¹⁹⁴.

A referência à geografia humana, sobretudo de Vidal de La Blache, se revela na investigação de Bardet sobre como o homem constituiu a cidade e no constante cuidado em inter-relacionar os processos socioeconômicos de cada época às transformações espaciais. O prólogo apresenta ao leitor a compreensão de Roma tal qual um “organismo vivo”, com objetivo de fundamentar a análise desenvolvida nas características consideradas “essenciais”, ou seja, na “alma da cidade” analisada.

¹⁹⁰ BARDET, 1932, 1937e.

¹⁹¹ COHEN, 1997, [não p.].

¹⁹² Numa Denis Fustel de Coulanges (1830-1889) foi historiador francês primeiro titular da cadeira de história medieval da Sorbone, autor de “*La Cité Antique*” (1864).

¹⁹³ André Piganiol (1883-1968) foi historiador e arqueólogo francês autor de “*Essai sur les origines de Rome*” obra na qual utiliza um método comparativo associando a antropologia, etnografia, arqueologia, mitologia e história do direito.

¹⁹⁴ Títo Lívio (c. 59 a.C.-17 d.C) historiador da antiguidade narrou a mítica fundação de Roma em *Ab Urbe Condita*.

Bardet definiu etapas da transformação romana como movimentos desse “organismo”. Antes da Era Cristã, por exemplo, a capital foi retratada como um “organismo devorador”, que crescia alimentando-se dos territórios conquistados. Já na Idade Média, foi descrita como um “ser em desagregação”, que seria sufocado por séculos até voltar a respirar no Renascimento.

Cidade-polvo, Roma não se contenta em atrair estranhos por seus caminhos, a cada conquista, a fim de aumentar sua vitalidade, transfunde o sangue fresco dos povos conquistados [...]

A Roma da Idade Média não é apenas a cidade santa, pontuada de igrejas e conventos, mas também a cidade feudal, repleta de fortalezas. A cidade parece estar se fragmentando e se desintegrando[...]

O renascimento levanta assim uma nova cidade baseada no retorno aos conceitos clássicos de ordem e proporção, que dão uma serenidade contrastante com a instabilidade medieval [...]¹⁹⁵

Nas contínuas mudanças de Roma através da “duração”, Bardet identificou como características “essenciais”: a centralidade, a religiosidade e a historicidade dos elementos da morfologia urbana. Para o autor, Roma era o coração da Itália, uma cidade-museu, um cruzamento de rotas e povos que simbolizava no século XX o poder da unificação de um país tão diversificado. Cabe aqui destacar que, apesar da grande quantidade de mapas e fotografias, Bardet explicou a transformação de Roma sem desenvolver os esquemas gráficos, tão presentes nos seus próximos escritos.

Na primeira parte do livro, os capítulos foram dedicados a explicar a “gênese da Roma de Mussolini” (1871-1909). A perspectiva evolucionista permanece, porém, a prioridade é discutir a relação com a cidade pré-existente a partir dos sucessivos planos após a unificação italiana¹⁹⁶. As análises de Bardet demonstram seu olhar atento ao modo com que as intervenções propostas se relacionavam aos temas debatidos pelos professores do IUUP.

Um destes temas foi a circulação viária, na qual Bardet vislumbrava uma estratégia eficiente de preservação da forma e da ambiência urbana. A circulação subterrânea, por

¹⁹⁵ BARDET, 1937e, p.XII et seq., tradução nossa. Texto original: "*Ville-pièuvre, Rome ne se contente pas ainsi d'attirer l'étranger par ses chemins, à chaque conquête, afin d'augmenter sa vitalité, elle se transfuse le sang frais des peuples vaincus [...] La Rome du moyen-âge n'est pas seulement la ville sainte à la robe ponctuée d'églises et de couvents, mais encore la cité féodale, hérissée de forteresses. La ville semble se morceler, se désagréger [...] La Renaissance élève donc une nouvelle ville basée sur le retour aux concepts classique d'ordonnance et proportion, qui donne une sérénité contrastant avec l'instabilité médiévale*"

¹⁹⁶ Nesta parte do livro, somam-se as fontes francesas plantas e planos publicados na revista italiana *Capitolium* entre 1931 e 1933.

exemplo, era vista por ele como uma possibilidade de preservar a superfície, assegurar a sociabilidade da rua e evitar “mutilações” do tecido urbano, embora controversa pela destruição de artefatos arqueológicos. Ao longo de todo o livro, os temas da circulação e intervenção no centro histórico aparecem constantemente interligados – um rebatimento dos aprendizados que alcançou ao participar do GECUS. Sobre a necessidade de priorizar soluções eficazes para aliar a circulação e conservação dos centros históricos, afirmou:

Na verdade, nunca devemos hesitar no traçado das principais artérias, como na via Nazionale: esta deve se impor com clareza e continuidade, a fim de absorver naturalmente a maior parte do tráfego mecânico e, assim, proteger efetivamente a ambiência das vias secundárias. Numa cidade-museu como Roma, é importante separar o máximo possível os pedestres e veículos, a fim de permitir o estudo cuidadoso dos monumentos e o florescimento da educação artística.¹⁹⁷

As demolições provocadas para abertura de uma via arterial eram admitidas por Bardet como uma cirurgia por vezes necessária, numa tentativa de resgatar a função vital da circulação na cidade. Essa posição convergia com a de urbanistas da SFU – Hénard, Agache e Jaussely, por exemplo – que consideravam uma “cirurgia conservadora” a abertura de eixos, com objetivo de evitar um perímetro de demolição maior.¹⁹⁸

No entanto, o mesmo não se pode afirmar das demolições provocadas pela prática da tábula rasa, como aconteceu na Paris de Haussmann. A aversão de Bardet à tal prática e às soluções padronizadas indiferentes ao contexto urbano ficou explícita desse primeiro livro ao último. Ele criticou, por exemplo, as destruições propostas pelo engenheiro Alessandro Viviani (Plano Regulador de Roma - 1873) para construção de perspectivas axiais inspiradas em Paris¹⁹⁹. Julgou-as como soluções em dissonância com as “leis naturais” de formação da cidade, resultando numa “uniformidade lamentável” e empobrecedora da experiência urbana proporcionada pelo aspecto pitoresco das ruas romanas.

Nesse sentido, Bardet demonstrou preocupação com o traçado de vias secundárias para preservação do que denominou como “quadros urbanos” [perspectivas], deixando

¹⁹⁷ BARDET, 1937e, p.14, tradução nossa. Texto original: *“Il ne faut, en effet jamais hésiter dans le tracé des artères principales, telles que la via Nazionale: celle-ci doit s'imposer par leur clarté et leur continuité, afin d'absorber naturellement la majeure partie du trafic mécanique et ainsi protéger efficacement l'ambiance de voiries secondaires. Dans une ville-musée comme Rome, il n'importe de réaliser le plus possible de la séparation du promeneur et de la machine, afin de permettre l'étude attentive des monuments, l'éclosion et l'épanouissement de l'éducation artistique.”*

¹⁹⁸ GAUDIN, 2014.

¹⁹⁹ Calabi (2001, p.119) afirma que foi um período de “exportações” das transformações urbanísticas parisienses para Roma: “o fantasma do barão francês pairava sobre o projeto do engenheiro Alessandro Viviani para a Via Nazionale”, principalmente pelas custosas desapropriações para demolições consideradas necessárias.

aparente a aproximação com os princípios de Camilo Sitte e Raymond Uwin, sendo este último citado recorrentemente.

Os cais são próximos a bairros pitorescos, que oferecem uma sucessão de pequenas pinturas urbanas que gostamos de ver a cada curva do rio, seja na luz vertical do meio-dia ou no cinza dourado do pôr-do-sol. É essencial que cada uma dessas frentes ribeirinhas carregue a marca do bairro que limita e esteja em sintonia com as ruas que se infiltram no interior construído.²⁰⁰

Da análise dos planos realizados durante a “gênese da Roma de Mussolini”, Bardet concluiu que toda desordem, incerteza e falta de direção das propostas refletiam as condições do Estado italiano, ainda disperso por ter sido unificado há relativamente pouco tempo. As observações sobre o regime são rasas e desprovidas de substratos, aportadas em fontes secundárias, visto que o trabalho não foi sobre o Fascismo em si, mas sobre a política urbana empreendida por Mussolini.

Na narrativa de Bardet, o Fascismo surgiu como solução aos problemas de desordem, desacordo e desunião entre as diferentes regiões italianas, constituindo também reação à “intrusão estrangeira” e à ameaçadora “internacionalização” vigente no contexto pós-1ª Guerra²⁰¹. Benito Mussolini foi descrito como um político que foi capaz de unir o país através de uma série de manobras hábeis, respeitando a liberdade de consciência, a república e os trabalhadores. Se, por um lado, o Duce foi elogiado pela sua capacidade de unificar urbanistas de diferentes vertentes, por outro foi criticado pela intransigência e ambiguidade no que se refere aos dilemas de conservação e destruição da cidade antiga.

Para Bardet, o *Piano Regolatore de 1931* foi o grande plano da Roma de Mussolini, pois conciliava ideias antagônicas dos dois grupos que mais fomentaram os debates nos anos 1920: os *Urbanisti Romani* e *La Burbera*.²⁰² Segundo ele, o grupo *Urbanisti Romani* – encabeçado por Marcello Piacentini – tinha como proposta principal desafogar o centro, através da construção de artérias para melhoria do tráfego e da criação de novos centros para receber os edifícios públicos. Enquanto que o grupo *Burbera* – liderado por Gustavo Giovannoni – partia no sentido contrário ao propor a manutenção da centralidade,

²⁰⁰BARDET, 1937e, p.21, tradução nossa. Texto original“Les quais cotoient des quartiers pittoresques, qui offrent une succession de petits tableaux urbains que nous aimons voir se composer à chaque détour du fleuve, soit sous la lumière verticale de midi, soit dans la grisaille dorée du couchant. Il est indispensable que chacun de ces fronts de fleuve porte le cachet du quartier qu’il limite, et soit en accord avec les rues qui se faufilent dans l’intérieur construit.”.

²⁰¹ BARDET, 1937e, p. 50.

²⁰² Ibid., p.58.

reforçando-a com a abertura de duas grandes avenidas com intersecção no Fórum de Mussolini²⁰³.

Ao primeiro grupo, Bardet teceu muito elogios, especialmente por considerar que a descentralização preservaria a “vida espiritual” do centro antigo resguardando-o das necessidades modernas, portanto, “exprimindo perfeitamente o seu pensamento.”²⁰⁴ Já o segundo grupo, foi visto com ressalvas devido às propostas que poderiam interferir na ambiência da Fontana de Trevi. Ao rejeitar tal ideia, Bardet apresenta uma análise que recorre novamente aos princípios de Sitte:

[...] mas que ideia tocar a ambiência da Fontana di Trevi! Este amontoado de mármore, estátuas e cavalos, esta imensa mancha branca que deslumbra porque o olho, privado do recuo, é forçado a ver num ângulo que vai além de suas possibilidades comuns. O bom efeito deste lugar fechado é que não há razão secundária que possa pegar o olhar, nenhuma perspectiva onde possa escorregar a atenção, impõe somente essa imensa muralha decorada de onde jorra vitoriosamente a água conquistada.²⁰⁵

Os embates entre os *Urbanisti Romani e Barbera* tiveram fim quando foi criada uma comissão sob a presidência do Governador Boncompagni Ludovici, que resultou na proposta conciliatória do *Piano Regolatore de 1931* (Figura 8).²⁰⁶

Ao apresentar o plano, Bardet não se limitou a detalhá-lo, analisando minuciosamente as pranchas de diferentes intervenções, mas acrescentou também seus julgamentos, acompanhados de soluções alternativas. Não hesitou, por exemplo, em discordar da localização da estação ferroviária (Termini) que, na sua opinião, deveria ser mais distante do centro histórico transformando-se num atrativo para uma nova centralidade. Discordou também da adoção desta como única estação de viajantes,

²⁰³ A abordagem de intervenção desenvolvida por Giovannoni se desenvolvia em duas escalas: a primeira na conexão do centro antigo ao território, desviando fluxos e funções invasivas, a segunda no interior do centro antigo através de um conjunto de intervenções pontuais pensadas segundo as características do bairro no objetivo de melhorar as condições de higiene, salubridade e liberar monumentos. No caso desta proposta, não se pode afirmar que corresponde às ideias defendidas na maior parte dos escritos de Giovannoni, sobretudo pela utilização do *desventramento*. Cf: PANE, A. Atualidade de Gustavo Giovannoni. In: KUHL, Beatriz (Org.). *Gustavo Giovannoni, 1873-1947: Textos escolhidos*. Cotia: Atelier Editorial, 2013. p. 31-52.

²⁰⁴ BARDET, 1937e, p.68, tradução nossa. Texto original: « *Nous ne pouvons pas qu'applaudir à ces résolutions, qui expriment parfaitement notre pensée* ».

²⁰⁵ Ibid, p.74, tradução nossa. Texto original: “[...] *mais quelle idée toucher à l’ambiance de la Fontaine de Trevi ! Cet entassement de marbres, de statues et chevaux, cette immense tache blanche vous éblouit parce que l’œil, privé de recul, est forcé de la considérer sous un angle que dépasse ses possibilités ordinaires. L’heureux effet de cette place fermée tient à ce qu’il n’est pas de motif secondaire qui puisse accrocher le regard, pas de perspective où puisse se glisser l’attention, seule s’impose cette immense muraille décorée d’où jaillit victorieusement l’eau conquise.*”

²⁰⁶ Fizeram parte da comissão os urbanistas Amando Brasini, Cesare Bazzani, Alberto Calza Bini, Edmondo del Buffalo, Gustavo Giovannoni, Cesare Palazzo, Roberto Paribeni, Marcello Piacentini, Paolo Solatino e o arqueólogo Antonio Muñoz.

argumentando que outras cidades do mesmo porte – Paris, Berlim e Londres, por exemplo – tinham mais estações funcionando em plena capacidade.

FIGURA 8 - PLANO REGULADOR DE ROMA, 1931.



FONTE - BARDET, 1937e, p.105.

Em vários trechos da análise, Bardet mostrou-se atento à questão da ambiência dos conjuntos urbanos, a qual, no seu ponto de vista, estava atrelada à escala, perspectiva, cor e materiais. Outras noções como “fisionomia”, “panorama”, “caráter” e “atmosfera” aparecem imprecisas ao longo do texto, com o objetivo de complementar o que a ambiência abarcava. Para ele, a preservação focada apenas à dimensão material era ineficaz, como se observa na seguinte afirmação:

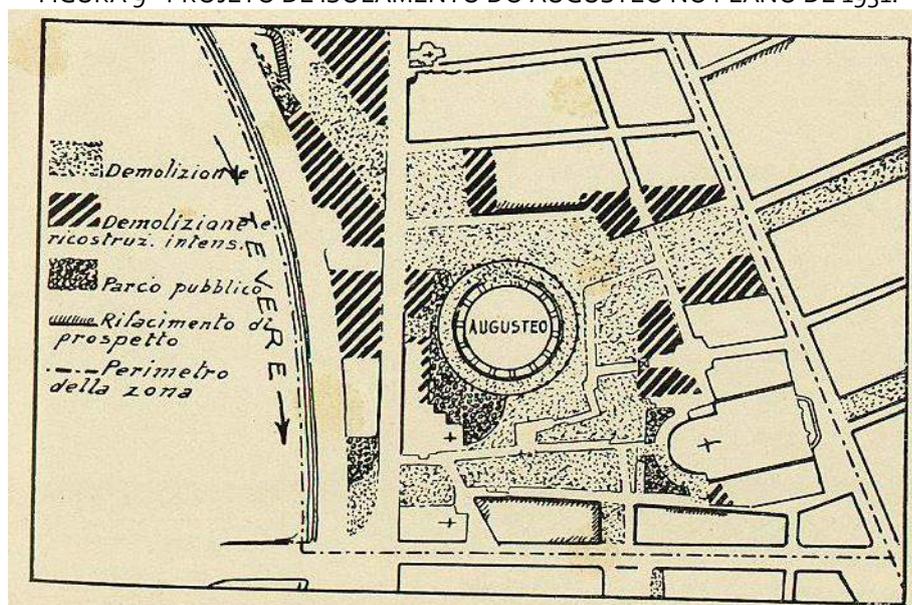
Esta preservação das belezas do passado não deve simplesmente incluir a pura e simples intangibilidade material dos monumentos - quase coisas mortas - mas também a sensação de respeito pela atmosfera apropriada ao valor ou à história destes [...] foram redigidos regulamentos arquitetônicos relacionados não apenas ao tamanho e à altura dos edifícios a construir, mas também ao uso, caráter e cores destes.²⁰⁷

²⁰⁷ BARDET, 1937e, p.151, tradução nossa. Texto original: “Cette conservation des beautés du passé ne doit pas comprendre simplement la pure et simple intangibilité matérielle des monuments – presque choses mortes – mais aussi le sens du respect de l’atmosphère convenant à leur valeur ou a leur histoire [...] on a édicté des règlements architectoniques qui intéressent non seulement la grandeur et la hauteur des édifices à construire, mais jusqu’à leur destination, leur caractère et leur couleur”.

Em alguns momentos do texto, a preocupação de Bardet com a ambiência o aproxima das ideias desenvolvidas por Giovannoni²⁰⁸. À maneira do italiano, Bardet prezava pela conservação de conjuntos, especialmente aqueles definidos por certa coerência espacial conferida primordialmente por aspectos visuais. Ambos os urbanistas eram contra a prática do despojamento do entorno de monumentos históricos, realizada muitas vezes sob a justificativa de valorização e salubridade.²⁰⁹

Neste âmbito, Bardet corroborou com o posicionamento de Giovannoni na polêmica acerca do despojamento do Augusteo, considerando uma intervenção de "boa vontade enganosa"²¹⁰. O entorno do monumento foi demolido, como previsto no projeto (Figura 9), ele lamentou o resultado afirmando que isso o reduziu à função de rótula giratória e questionou: "Mas o que podem fazer esses conselhos sábios [de Giovannoni] diante da palavra de ordem do Duce? [...] onde a grandeza da ideia e a magia das palavras escondem um grave erro de urbanismo".²¹¹

FIGURA 9 - PROJETO DE ISOLAMENTO DO AUGUSTEO NO PLANO DE 1931.



FONTE - MUÑOZ, A. Roma di Mussolini. Milano: Fratelli Trevis, 1935,p. 111.

²⁰⁸Gustavo Giovannoni (1873-1947) formou-se em engenharia civil e atuou como arquiteto, urbanista, restaurador e historiador da arte. Autor de *Vecchie Città ed Edilizia Nuova* (1931) trabalhou temas relacionadas à transformação da cidade pré-existente adequando a demanda por modernização, circulação e higiene à preservação. Cf: CABRAL (2013).

²⁰⁹Cabe ressaltar que Bardet não incluiu *Vecchie Città* [...] entre as referências, tampouco mencionou a teoria do "desbastamento" formulada pelo italiano. Limitando-se a discutir as ideias de Giovannoni impressas no Plano de 1931 e nas propostas do grupo *La Burbera*.

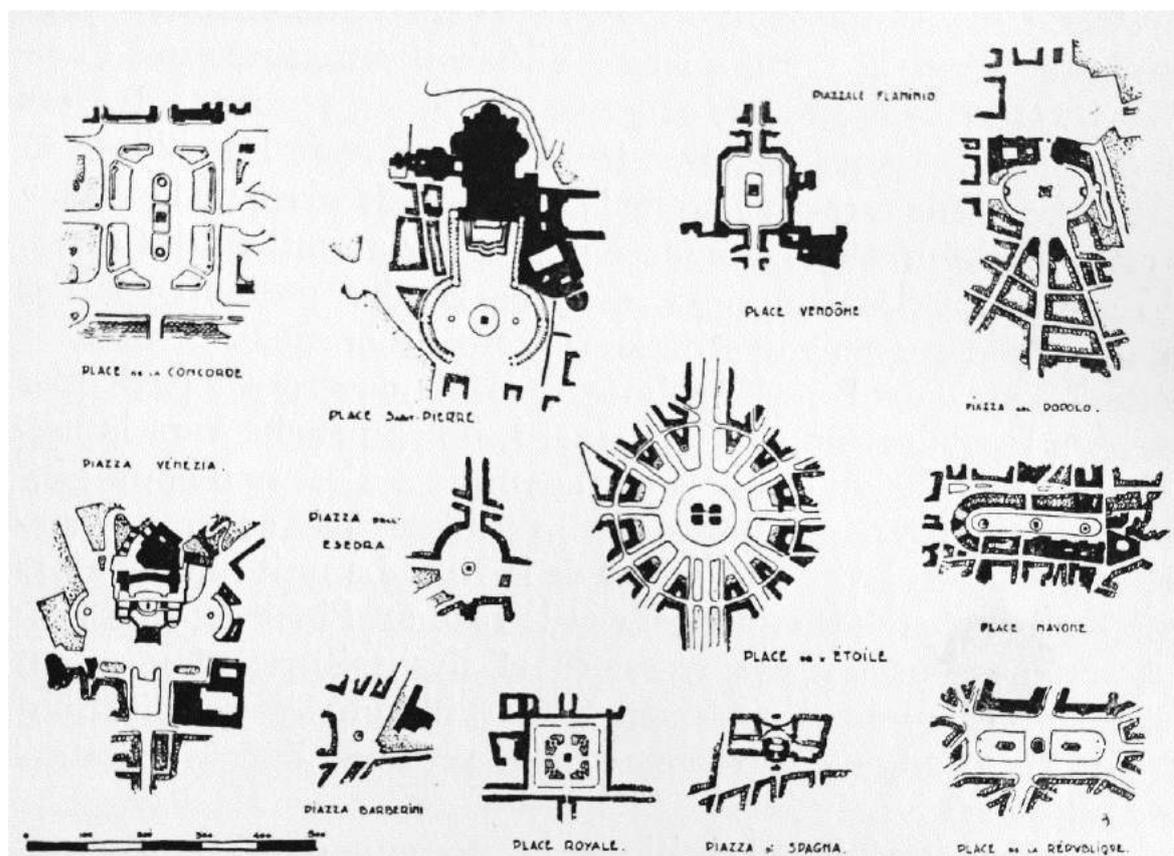
²¹⁰ BARDET, 1937e, p.114.

²¹¹ Ibid, p.114. tradução nossa. Texto original: « Mais que peuvent ces sages conseils [de Giovannoni] devant de le mot d'ordre du Duce ?[...] où la grandeur de l'idée et la magie des mots dissimulent une grave erreur d'urbanisme».

Outro tema que mereceu atenção na análise de Bardet sobre o Plano de 1931 foi o sistema de espaços públicos e áreas verdes. Aportado em preceitos higienistas, ele elogiou o sistema radial-concêntrico de zonas verdes que “oxigenaria todo corpo da cidade” do exterior para o interior, consolidando no centro antigo uma “rede pulmonar” isolada das emissões poluentes e de outros problemas oriundos da circulação. A fim de exemplificar boas referências de sistemas de zonas verdes, o urbanista recorreu aos projetos de Forestier em Paris e de Jaussely em Barcelona.

As comparações com Paris são recorrentes ao longo do livro. Na Figura 10, por exemplo, Bardet apresenta esquemas para concluir que havia “juventude” nas praças romanas e pobreza compositiva nas *hausmmanianas*. O paralelo tem por objetivo criticar a falta de variedade, de relação com a escala e percepção humana que marcavam as intervenções modernas criticadas por Camillo Sitte. Bardet ressalta que, apesar de antigos, os espaços públicos romanos foram integrados aos equipamentos necessários à vida urbana (jardins, escolas, ginásios, etc.), portanto, dificilmente se tornariam degradados e obsoletos.

FIGURA 10 - CROQUIS DAS PRAÇAS PARISIENSES E ROMANAS NA MESMA ESCALA.



FONTE - BARDET, 1937e, p. 126.

A segunda parte do livro apresenta a análise de Bardet sobre as realizações do Fascismo e a aplicação do Plano Regulador de 1931. Para tal, ele define categorias que permitem tratar problemas urbanos separadamente: I) Problemas de Grandiosidade: arqueologia, remanescentes históricos, embelezamento, grandes ligações e outros aspectos ligados à monumentalidade; II) Problemas de Necessidade: todos os tipos de circulação, arquitetura, habitação, higiene; III) Problemas Sociais e Espirituais: “higiene do corpo e mente”, educação, equipamentos de cultura, esporte e lazer, aspectos ligados à civilidade e nacionalismo; IV) Problemas Rurais e Regionais: crescimento e expansão urbana, relação cidade-campo; V) Problemas Nacionais e Humanos: desafios econômicos e sociais do país relacionados à capital.

Sobre tais categorias, é importante compreender que Bardet estava esboçando um método que foi uma permanência no conjunto da sua obra. Os problemas que no livro aparecem sobrepostos e pouco precisos foram desenvolvidos, reorganizados e renomeados nos seguintes, mas continuaram a contemplar os mesmos aspectos. Portanto, é possível afirmar que foi um meio que ele encontrou de compreender a realidade urbana.

A arqueologia foi considerada por Bardet como um Problema de Grandeza, diretamente relacionado à “alma romana”. Ao seu ver, Roma sempre teve “fases da evolução” marcadas pela grandeza de monumentos, por isso Mussolini teria dois grandes desafios pela frente: resgatar a grandiosidade do passado e se projetar na história. Deste modo, ele fez com que a postura ambígua de Mussolini, promovendo escavações arqueológicas por um lado e demolições infundadas por outro, ficasse sutilmente exposta.²¹²

Entre as ações de Mussolini, Bardet expressou maior entusiasmo por aquelas que reforçavam o sentimento de nacionalismo como reação aos preceitos da arquitetura e urbanismo internacionais. Os investimentos do Estado na arqueologia, a definição da arquitetura oficial para edificações públicas, o papel civilizatório dos espaços verdes e desportivos são alguns exemplos que o urbanista ressaltou como empreendimentos fundamentais no resgate do “orgulho nacional”.

A arquitetura nacional era, do ponto de vista de Bardet, um “Problema de Necessidade” e deveria se adequar às condições naturais e culturais do lugar, alcançando o equilíbrio entre o natural e o artificial. Para ele, a padronização e a produção de arquitetura

²¹² BARDET, 1937e, p.206.

em série poderiam atender às demandas da vida moderna, mas não deveriam impor padrões construtivos desconexos com a realidade de cada lugar. Sobre os pontos da arquitetura moderna difundidos por Le Corbusier, afirmou serem “práticas de um formalismo” que travavam uma disputa com a natureza, expondo o homem ao calor, frio e falta de identidade com seu lar.²¹³

Entre os exemplares da arquitetura fascista, Bardet demonstrou admiração pelo *Fórum Mussolini*, um complexo esportivo (conhecido atualmente como Fórum Itálico - Figura 11). A obra, que tende ao historicismo arquitetônico, foi elogiada por exaltar valores do regime, como: solidez, nacionalismo e a raça italiana. Neste sentido, Bardet sublinhou o papel civilizatório do Fórum ao afirmar que servia para controle, higiene e sanidade do corpo e da alma da população. Deixava, portanto, evidente a admiração pelo empenho do Fascismo em resolver o que entendia como “Problemas Sociais e Espirituais”.

FIGURA 11 - FÓRUM MUSSOLINI (1937).



FONTE - Instituto Luce.

Para Bardet, o urbanismo de Mussolini em Roma fortalecia o homem italiano e o senso de comunidade, à medida que promovia o ordenamento e a modernização condizentes com o *status* da capital durante o regime. Ao prever e conduzir a expansão da capital integrada à região, o Plano de 1931 concedia ao urbanista referências para o enfrentamento dos “Problemas Rurais e Regionais”, sobre os quais se debruçou nos anos seguintes.

Por fim, os “Problemas Nacionais e Humanos” foram postos de forma redundante, apontado ações da política urbana e populacional de Mussolini, entre as quais são destacadas: o resgate e a valorização da história nacional através da arqueologia e

²¹³ BARDET, 1937e. p.207.

intervenções nos centros históricos; o controle do crescimento urbano e densidade através da fixação do homem no campo e política demográfica; a promoção do desenvolvimento de uma linguagem arquitetônica nacional; a multiplicação e conexão dos espaços públicos e desportivos.

O livro "*La Roma de Mussolini*", por si só, poderia ser objeto de um estudo mais aprofundado pelas temáticas que suscita. O tema escolhido remete não só ao contexto intelectual vigente, visto que era debatido entre os franceses, mas também à primeira formação de Bardet, arquiteto. É também uma obra marcada pela parceria com o orientador Marcel Poëte. Bardet acredita no conceito de "evolução das cidades", se lança ao seu estudo e o aplica em Roma, busca apreendê-la pela inteligência e pela intuição, mesmo com a limitação de não a vivenciar pessoalmente. Que cidade poderia ter mais estratos do passado para um jovem arquiteto-urbanista europeu naquele momento, senão Roma?

Este capítulo, nos permitiu observar rebatimentos do contexto em que Gaston Bardet se formou urbanista e a sua visão de mundo até então. É notável, ao longo de toda sua análise, a busca por referências para enfrentar os problemas urbanísticos de seu tempo. Deste modo, ainda estudante ele se mostrou inteirado das ideias em circulação entre as instituições, legislações, grupos, congressos e publicações de urbanismo. Mais do que isso, demonstrou o desejo de contribuir com seu estudo, trazendo o que havia de mais atual no campo. O desejo de manter-se atualizado e ser um urbanista culto, ou seja, que dispõe de um leque de referências, observações e experiências que o permitisse pensar melhores soluções se manifesta, portanto, desde seus anos de formação.

Ao fim deste capítulo, é possível perceber que o urbanismo francês surgiu, no início do século XX, resultando da convergência de vários saberes e fortemente atrelado às ciências sociais. Ainda que não tivesse idade suficiente para vivenciar esse processo, Bardet foi aluno dos membros do *Musée Social* e das instituições que dele derivaram. Esta "sucessão direta" com os fundadores da disciplina em seu país foi, certamente, um fator determinante para seu esforço contínuo em narrar historicamente o "nascimento do urbanismo".

Ainda que partilhassem da mesma origem e contassem com algumas personalidades em comum, é importante reforçar que o IUUP e a SFU tiveram grandes diferenças na concepção de urbanismo. O primeiro, dava ênfase maior às ciências sociais, ao estudo da evolução das cidades, à administração pública e legislação. Enquanto que o segundo, sem

desconsiderar tais questões, tinha como expressão maior do urbanismo a composição dos planos. Convivendo entre os círculos das duas instituições, Bardet encontrou aportes necessários para se lançar ao novo desafio: refletir e aprimorar a prática do urbanismo

3 ANÁLISES E SÍNTESES PARA O "URBANISMO APLICADO"

Em 1939, Bardet foi convidado por Pierre Vago a organizar uma edição especial com o balanço do urbanismo francês, 20 anos após a aprovação da Lei Cornudet.²¹⁴ Pela importância da "*Architecture d'Aujourd'hui*" naquele momento, pode-se afirmar que essa publicação foi um duplo marco – da consolidação do urbanismo enquanto disciplina e do reconhecimento de nosso urbanista – e significou, na minha leitura, o fim dos anos de formação.

Para compor a documentação da revista, Bardet selecionou 65 Planos de Ordenamento (*Plans d'aménagement*) entre os 300 aprovados durante a vigência da lei, além da publicação de textos de Marcel Poëte, George Sebillé, Robert de Souza e Jacques Gréber. Ao apresentar a publicação, ele avaliou que, apesar da multiplicação de planos, o avanço do urbanismo de modo geral ainda era incipiente, pois era preciso "habilidades tanto de observação ou análise, quanto de evocação ou de síntese"²¹⁵ para que tais planos alcançassem resultados satisfatórios.

Partindo desta inquietação, Bardet se dedicou, entre 1939-1945, à formulação de princípios metodológicos e analíticos de apreensão do urbano. Seu propósito era que os próximos planos tivessem aporte para captar os movimentos e tendências das aglomerações humanas no território. Para ele, algumas noções como "alma da cidade" e "evolução criadora" ainda careciam de ferramentas objetivas que possibilitassem a aplicabilidade. Assim, seria possível alcançar propostas cada vez mais atreladas à realidade de cada local, o que denominou de "urbanismo aplicado".

Neste capítulo, então procurei discutir os esforços de Gaston Bardet visando a formular um método para o urbanismo. Como fio condutor, foram selecionados os livros "*Problèmes d'Urbanisme*"²¹⁶ e "*Principes Inédits d'Enquêtes et d'Analyses Urbaines*"²¹⁷. Essas obras devem ser lidas como sequenciais e complementares, pois de início seriam parte de uma coleção intitulada "*Traité d'Urbanisme Appliqué*", em quatro volumes. Porém, por

²¹⁴ L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI, 1939.

²¹⁵ BARDET, 1939g, p.3, tradução nossa. Texto original: "*La composition des plans urbains réclame de sérieux dons d'observation ou d'analyse, ainsi que d'évocation ou de synthèse.*"

²¹⁶ BARDET, G. *Problèmes d'urbanisme*. Paris: Dunod, 1941c.

²¹⁷ BARDET, G. *Principes inédits d'enquêtes et d'analyses urbaines*. Paris: Colma, 1943h.

motivos não documentados, os dois volumes posteriores não chegaram a ser escritos: *III-Réglements urbains; IV-Applications*.²¹⁸

Segundo Auzelle, Bardet incontestavelmente construiu métodos de análise que facilitaram a compreensão do meio urbano e teve como mérito aportar-se nos escritos de Patrick Geddes, que foi o primeiro a perceber os elos entre uma aglomeração urbana e a região circundante.²¹⁹

Neste sentido, assim como fiz com Poëte, busquei compreender o pensamento dessa importante referência teórica de Gaston Bardet.²²⁰ Admitindo que Geddes foi uma figura fascinante, cuja obra impressiona pela antecipação e atualidade, tomei o olhar de Bardet como régua dessa leitura, limitando-me a discutir a noção de evolução, a noção de região e as técnicas de pesquisa.

Entre as experiências que se cruzam e se rebatem no seu pensamento urbanístico, foi dado o devido destaque ao *Atelier Supérieur d'Urbanisme Appliqué (ASUA)*. Junto aos alunos do IUUP, Bardet procurou consolidar o conhecimento do urbano a partir da experiência, isto é, da vivência própria de cada pesquisador. Cada área estudada, problema enfrentado e fato observado forneceu substrato para que ele esboçasse uma abordagem teórico-metodológica para o urbanismo.

Embora o prolongamento da 2ª Guerra Mundial tenha interrompido as atividades do ASUA, Bardet continuou suas investigações no *Laboratoire d'Enquêtes et d'Analyses Urbaines*.²²¹ Apesar de mencionar o laboratório em entrevistas e artigos, a documentação existente não permite definir a estrutura e tornar mais preciso o papel da instituição, porém, é possível afirmar que as enquetes, pesquisas e mapas de topografia social foram realizados por meio dela, possivelmente através de contratos de consultoria às administrações comunais. Com base nas menções dispersas entre livros, revistas e programas de curso, estima-se que funcionou entre 1943 e 1949, dirigida à maior parte do tempo por Françoise Poëte.²²²

²¹⁸ BARDET, 1943h.

²¹⁹ AUZELLE, R. *Cours d'Urbanisme a l'Institut d'Urbanisme de Paris: L'Intelligence du milieu et stratégie de l'aménagement*. Paris: Vicent, Féral Et Cie, 1965.

²²⁰ HALL, P. *Cidades do amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

²²¹ Fond Bardet e Fond ISUA.

²²² Fond Bardet, c. 22, cx.30, *Fond ISUA*.

Sobre essa pesquisadora paira uma lacuna ainda maior, pois nem mesmo sua formação se sabe. No entanto, sua contribuição ficou evidente ao fim desta pesquisa. Françoise Poëte não consta na lista de teses concluídas no IUUP, mas deu aulas de enquetes urbanas e topografia social no *Institut d'Urbanisme d'Alger* (1945-1947) e também no ISUA em Bruxelas (1947-1954) e, em ambos, era anunciada como Diretora do *Laboratoire d'Enquêtes et d'Analyses Urbaine*. Como tantas outras figuras femininas na história, sua memória ficou reduzida à "filha de Marcel Poëte" e "esposa de Gaston Bardet".

3.1 Da observação à teoria: problemas do urbanismo

Quando obteve o diploma de urbanista, Bardet permaneceu bastante envolvido nas atividades desenvolvidas no IUUP. Em 1937, assumiu o cargo de professor assistente e, atendendo à solicitação dos alunos de complementar o ensino predominantemente teórico, criou o ASUA²²³. Sob sua orientação, os alunos tiveram a possibilidade de trabalhar temas específicos do curso, aplicando o conhecimento adquirido em situações urbanas reais, nos lugares escolhidos como objeto de estudo.

No ASUA foram desenvolvidas as primeiras experiências do "ensino do urbanismo aplicado", ou seja, a construção do conhecimento atrelado à experiência e observação. À essa altura, Bardet já conquistara certa autonomia teórico-metodológica, ainda que muito ligado a Poëte. O descolamento do mestre para formular um pensamento urbanístico próprio aconteceu de modo gradual, a partir dos estudos, experiências e ampliação do leque de referências teóricas.

Apesar da vida curta interrompida pelos atribulados anos da 2ª Guerra Mundial, entre 1939 e 1940 o ASUA ofereceu a Bardet a possibilidade de explorar temáticas que deram substrato à escrita do seu segundo livro. "*Problèmes d'urbanisme*" incorporou muito das reflexões formuladas no atelier, como revelam os registros periódicos das atividades nos manuscritos "*Les Nouvelles de l'Atelier*"²²⁴.

²²³ COHEN, 1978a.

²²⁴ Estes documentos não publicados constituíram uma espécie de diário (entre nov.1939- set.1940) no qual Bardet relatava mensalmente as atividades do grupo e informações de cada aluno, assim como a transcrição de palestras e debates com o objetivo de manter "o espírito do atelier" (Fond Bardet, cx.25).

A proposta pedagógica do ASUA se caracterizou pelo aprofundamento na dimensão social do urbanismo, levando os alunos a experimentar, registrar e partilhar as observações. Os grupos eram orientados a construir o conhecimento sobre os locais estudados, através de enquetes, estudos da transformação, levantamentos físicos, populacionais e outras formas de apreensão. Do mesmo modo, eram instigados a aprimorar as formas de representação, desenvolvendo cartogramas, mapas, gráficos maquetes e iconografias diversas. Exerciam, portanto, um contínuo esforço de análise e síntese do meio urbano.

Em 1939, os grupos do ASUA apresentaram os trabalhos no VI Salão de Urbanismo, promovido pela SFU (Quadro 2). Em comum, todas as propostas se embasaram no levantamento prévio e análise da transformação das áreas de estudo. A principal contribuição desses trabalhos estava em unir as teorias estudadas no IUUP à prática profissional, onde a demanda por planos de ordenamento, extensão e higiene foi reforçada após a 1ª Guerra e com a vigência da Lei Cornudet. Outro aspecto que cabe ressaltar é a presença de alunos estrangeiros, que partilham com Bardet, o conhecimento sobre a cultura urbanística de seus países.

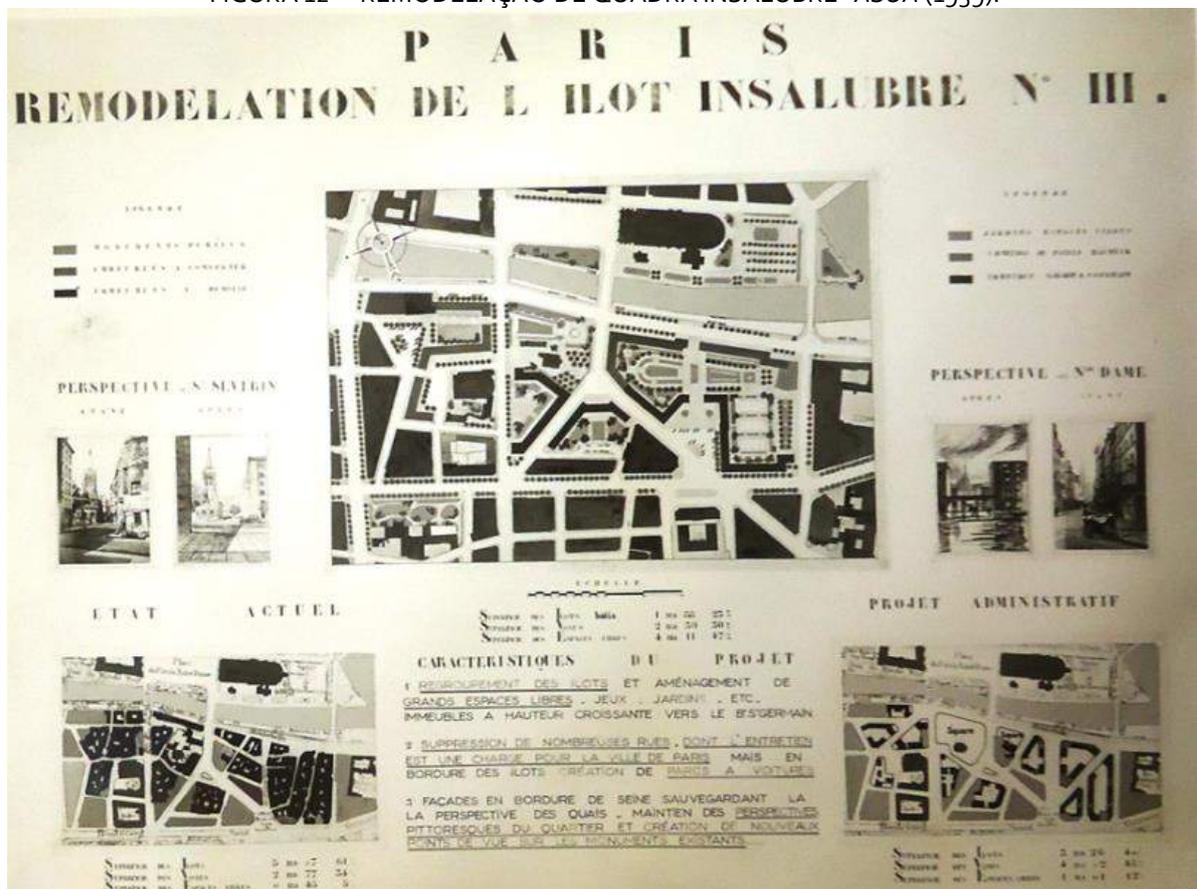
QUADRO 2 - TRABALHOS DO ASUA NO VI SALÃO DE URBANISMO (1939).

GRUPO	TRABALHO
ROBERT AUZELLE HENRI JEAN-CHARLES DELCOURT JEAN DE MAISONSEUL MANUEL MARCHANT-LYON	SUGESTÃO PARA A ORGANIZAÇÃO DO BAIRRO DO MARAIS
ROBERT AUZELLE ROGER MILLET PIERRE RENAULD JEAN DE MAISON-SEUL	ORGANIZAÇÃO DA ZONA INDUSTRIAL DE UMA COMUNA DA REGIÃO PARISIENSE
RHÉAL-GEORGES-GILLES (CANADENSE) ÉMILLE SALA	UM JARDIM PAISAGÍSTICO EM ANJOU
PAUL-HENRI DUFFOURNET (CHILENO)	UMA CÉLULA DE FORMAÇÃO RURAL DA FRANÇA MONOGRAFIA DE UM POVOADO NA PICARDIA
RODOLPHE HENRI (ARGENTINO)	URBANISMO NA ARGENTINA
ANDRE-JEAN-MARIE LEPRESTE RODOLPHE HENRI	REMODELAÇÃO DE UMA QUADRA INSALUBRE
FRIEDRICH STENDER (ALEMÃO)	UMA CIDADE DO AR

FONTE - Fond Bardet, cx.25, tradução e edição nossa..

Em algumas propostas listadas no Quadro 2 são perceptíveis orientações próximas daquelas que Bardet defendeu em sua tese. Por exemplo, o trabalho de Lepestre e Henri demonstram preocupação com interferência nas perspectivas, nas demolições necessárias ao plano de remodelação para quadras insalubres na região de Saint Michel, em Paris. No painel apresentado na Figura 12, é possível ver que o grupo liberou espaços de ventilação e insolação por meio do alargamento de vias existentes e inserção de pequenos jardins ao longo delas, além de demolições pontuais no interior das quadras. O grupo se mostrou sensível às “perspectivas pitorescas”, propondo a manutenção das fachadas ao longo do Sena.

FIGURA 12 - “REMODELAÇÃO DE QUADRA INSALUBRE” ASUA (1939).



FONTE - Fond Bardet, cx.025

Entre os trabalhos apresentados, destaca-se o plano de ordenamento do bairro do Marais, em Paris, elaborado pelo grupo de Auzelle, até hoje numa referência documental (Figura 13). Utilizando o estudo sobre a evolução, o grupo apresentou cartogramas do estado passado e presente do Marais. Dessa forma, ao constatar a estagnação do bairro, verificaram três principais motivos: a superpopulação, o desaparecimento dos jardins e a

taxa de superfície construída elevada. Tal conclusão motivou a proposta com ênfase em quatro principais ações: I) criação de jardins valorizando edificações históricas; II) taxa de construção fixada em 40%; III) demolições no interior das quadras para ventilação; IV) saneamento e descongestionamento do tecido urbano, respeitando o traçado histórico.

FIGURA 13 - PLANO DE REORDENAMENTO DO MARAIS ASUA (1939).



FONTE - Fond Bardet, cx.025

As Figuras anteriores são exemplos do esforço dos alunos do ASUA em produzir sínteses gráficas, para tornar as pesquisas cada vez mais acessíveis. Além dos estudos preliminares, as propostas dispostas no Quadro 2 também convergem na compreensão da cidade como um "organismo vivo". Termos como "diagnóstico", "curetagem", "cirurgia conservadora", "tratamento" são recorrentes entre as explanações, transmitindo a ideia que a cidade precisava de tratamento. A partir da observação de casos reais, Bardet e seus alunos aprimoravam a metodologia de apreensão e representação do urbano, ao passo que assimilavam a teoria da "evolução urbana".

Segundo os relatórios do ASUA, as atividades eram desenvolvidas pelos alunos paralelamente às desenvolvidas no segundo ano no IUUP. Sempre aos domingos, eles desenvolviam as atividades práticas relacionadas ao tema da palestra proferida uma vez ao mês por Marcel Poëte. Na primeira delas, o historiador definiu o ponto de partida das investigações desenvolvidas pelo atelier: "Para entender uma cidade, é necessário partir do

conhecimento do homem, que representa a base da cidade, e não da terra, do qual o ser humano não nasce. Só depois se deve considerar o terreno".²²⁵

As conferências de Poëte tinham papel doutrinário no ASUA e eram abertas ao público, reafirmando seu compromisso de divulgar o campo do urbanismo. Na transcrição dessas conferências, a filiação do pensamento urbanístico de Gaston Bardet fica muito evidente, às vezes posta com as mesmas palavras. Mestre²²⁶ e discípulo²²⁷ alertavam para o crescente maquinismo que provocava uma "revolução demográfica e moral" desafiadora para os urbanistas. Para enfrentá-la, eram fundamentais o conhecimento e habilidade para manter a "alma da cidade" diante das mudanças na forma de atender às necessidades da sociedade atual.

Os relatórios de Bardet revelam um contexto atribulado pela 2ª Guerra Mundial, apesar do esforço por manter as atividades da forma mais normal possível. As atividades no IUUP permaneceram, ainda que alunos retornassem aos seus países ou fossem convocados aos campos de batalha. Os documentos mostram que ele iniciou uma revisão sobre o papel do urbanista, movido pela dimensão social deste campo. Ao centrar o homem como ponto de partida, o urbanismo de planos e intervenções se tornava contraditório se não fosse apoiado num estudo demográfico e do deslocamento da população sobre o território.

[...] Eu submeto todos os dias à crítica mais rigorosa todas as noções de urbanismo ou de ensino clássico. Embora eu soubesse que era uma ciência embrionária, ainda iniciante, nunca pensei que pudesse encontrar tantas contradições²²⁸

Essa inquietação crescente somou-se à expectativa sobre o papel dos urbanistas em reerguer cidades sinistradas quando chegasse o fim da guerra. Bardet ainda não tinha noção do quanto o conflito se prolongaria e tornaria ainda maior a sua revisão de paradigmas.

A observação do fato urbano realizada junto aos alunos do ASUA permitiu a Bardet identificar regularidades agrupadas nas categorias de análise, transformadas em capítulos de "*Problèmes d'Urbanisme*". A experiência permitiu aprimorar os problemas esboçados em

²²⁵ POËTE In LES NOUVELLES DE L'ATELIER ASUA. Paris: 1940, n.3, tradução nossa. Texto original: "*Pour comprendre une ville, il faut partir de la connaissance de l'homme qui représente le fond de la ville et non du sol, dont l'être humain n'est pas issu. La considération du sol ne doit intervenir qu'après*". Fond Bardet, cx.025

²²⁶ Ibid.

²²⁷ BARDET, 1941c, p.2..

²²⁸ LES NOUVELLES DE L'ATELIER ASUA. Paris, 1939, n. 1 , tradução nossa. Texto original: "[...] *je soumets chaque jour à une critique plus serrée toutes les notions d'urbanisme classiques ou enseignées. J'avais beau savoir qu'il s'agissait d'une science embryonnaire, encore balbutiante, jamais je n'aurais cru y trouver tant de contradictions.*"

"*Roma de Mussolini*", alcançando uma nova síntese, mais clara e pertinente: I) Problemas de Higiene e Conforto; II) Problemas Sociais e Econômicos; III) Problemas de Estética; IV) Problemas Intelectuais e Espirituais.

Assim como nos demais trabalhos, a classificação tem objetivo metodológico, pois Bardet foi incisivo em afirmar que os problemas não poderiam ser resolvidos sem que o urbanista desenvolvesse uma visão global.²²⁹

Em "*Problèmes d'Urbanisme*", o excesso de regularidade das cidades produzidas em escala industrial aparece de forma tão preocupante quanto o crescimento desordenado e aleatório das cidades sem higiene e salubridade. Como membro da SFU, Bardet corroborava a importância dos planos como condutores do crescimento organizado, contanto que fossem elaborados em consonância com as dinâmicas próprias de cada cidade. Portanto, conclui-se que a cidade ideal seria aquela que alcançava o equilíbrio.

Quaisquer que sejam os volumes sociais, o método é simples: é necessário compor conjuntos e ser tão desconfiado da desordem pela irregularidade como pelo amorfismo pela regularidade, essas duas são expressões da falta de ordem, em outras palavras, de hierarquia.²³⁰

Se no IUUP, Marcel Poëte era a figura preponderante, na SFU a circulação das ideias de Patrick Geddes parece ser mais forte, especialmente no legado de Alfred Agache. Já existia, portanto, quando Bardet ingressou na instituição, a cultura dos "dossiês urbanos" refletida nos planos caracterizador pelo levantamento, análise e descrição das cidades existentes. Entretanto, Bardet ainda se demonstrava inquieto com o resultado desses planos, tanto pela fragilidade das pesquisas sociais, quanto pelo formalismo das propostas que não permitiam visualizar a contínua mutabilidade do urbano para a qual deveriam estar preparados.

É somente através da cooperação direta dos eruditos locais, cientistas regionais, técnicos oficiais ou privados e administradores que o urbanista poderá reunir as bases essenciais de sua síntese, isto é, o "dossiê urbano", a "civic survey", cuja fraqueza usual invalida toda concepção. Assim será desenvolvido o "Plano Orgânico" - como deveríamos chamar - revelando as mudanças possíveis ou em andamento.²³¹

²²⁹ BARDET, 1941c, p.23.

²³⁰ Ibid, p. 264, tradução nossa. Texto original: "*Quels que soient les volumes sociaux, la méthode est simple : il faut composer des ensembles et se méfier autant du désordre par l'irrégulier que de l'amorphisme par régulier, ces deux expressions du manque d'ordre, autrement dit de hiérarchie.*"

²³¹ Ibid, p.19-21, tradução nossa. Texto original: "*Ce n'est que par une franche coopération des érudit locaux, des savants régionaux, des techniciens officiels ou privés et des administrateurs que l'urbaniste pourra réunir la base essentielle de sa synthèse, c'est-à-dire le « dossier urbain », le « civic survey » dont la faiblesse habituelle infirme*

Não adiantava realizar um “dossiê” completo se o plano urbanístico não se inserisse num processo contínuo de transformação. De acordo com Bardet, as *surveys* poderiam ser ferramentas eficazes de conhecimento do problema mas, quando somadas ao estudo da “evolução das cidades”, permitiam formular o conhecimento mais completo do “ser urbano”.

A fim de legitimar em bases teóricas seu argumento, o urbanista atribuiu a compreensão da cidade como “ser em evolução” a Poëte e Bergson. Da mesma forma, remeteu a Émilie Durkheim o entendimento de um “ser individual” e um “ser social” interagindo continuamente para resultar no “comportamento global” do urbano.²³²

A leitura desses teóricos foi recomendada aos alunos do ASUA, juntamente com os livros de Raymond Unwin, Camilo Sitte e Robert de Souza.²³³ Sobre tais referências – classificadas na lista como “doutrinárias” –, conclui-se que Bardet considerava naquele momento que a base do urbanismo era o conhecimento da noção de evolução, sobre a qual se poderia articular a arte de construir cidades.²³⁴

Entre os problemas de urbanismo que estruturaram o livro em questão, os “Problemas de Circulação” permaneceram como tema prioritário. Bardet compreendia a circulação urbana como “conjunto de trocas de todos os tipos” entre a cidade, a região e o mundo e dentro de cada um deles. Logo, uma função vital do organismo urbano.²³⁵ Ciente de que os limites territoriais estavam extrapolados pelas aglomerações populacionais, o urbanista acreditava que o bom funcionamento da circulação era dependente da existência de deslocamentos eficientes, através de diversos meios de transporte. A circulação poderia ser uma aliada no problema da concentração populacional, permitindo aos habitantes fora da metrópole acesso rápido ao centro de negócios e serviços, quando necessário.

Para propor o tipo de transporte mais adequado a cada tipo de deslocamento, Bardet sugeriu uma análise cartesiana da circulação urbana, dividindo-a em partes menores,

toute conception. Ainsi s'élaborera le « Plan organique » - comme on devrait l'appeler – révélateur des mutations possibles ou en préparation.”

²³² BARDET, 1941c, p. 11.

²³³ LES NOUVELLES DE L'ATELIER: ASUA. Paris, mar. 1940, n.5,p.3.

²³⁴ Na mesma lista, Bardet recomendou como obras “essenciais”: Histoire de l'urbanisme (Pierre Lavedan); L'origine et la fonction économique des villes (René Maunier); Urbanisme e Esthétique (Georges Meyer-Heine); Études sur les transformations de Paris (Eugène Henard); Le Code d'Urbanisme (Georges Montsarrat); Les caracteres originaux de l'histoire rurale française (Marc Bloch) ; Essai sur la formation du paysage rural français (Roger Dion) ; Histoire de la campagne française (Gaston Roupnel) ; La géographie humaine de la France (Jean Brunhes e Pierre Deffontaines) e Principes d'économie politique (Charles Guide).

²³⁵ Ibid, p.37.

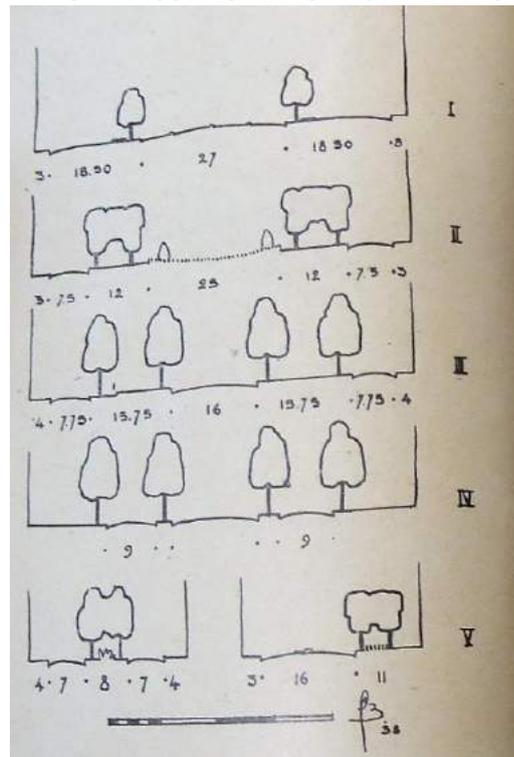
hierarquizando e propondo possíveis soluções. Por exemplo, a separação da circulação industrial, comercial e residencial trazia a possibilidade de elevar a velocidade de escoamento da produção sem perturbar o funcionamento dos centros comerciais. Entre projetos analisados e perfis esquemáticos, ele reforçou a inexistência de um modelo ideal, pois toda proposta deveria partir do conhecimento sobre os deslocamentos e do lugar.

Antes de projetar qualquer rede, é necessário estabelecer um plano de massa das manchas humanizadas, livrar as grandes correntes de circulação destas, para depois estudar o interior de cada malha de acordo com sua própria função [...] Um plano da cidade deve estar mais próximo de uma unidade biológica do que de uma quadrícula.²³⁶

Há na análise de Bardet uma série de exemplos de planos, esquemas, observações e sínteses de soluções propostas, por exemplo: Plano Casablanca, por Prost; Plano Regional da Grande Londres; Plano de Manchester; desenho urbano de Lechworth e Hampstead; estudos para uma “rua-jardim” de Jacques Gréber; croquis de observação em Birmighan, etc. Na Figura 14, estão dispostos perfis que sintetizam os tipos das avenidas principais parisienses, segundo o autor: I) Av. Champs-Élysées; II) Av. de Breteuil; III) Av. de la Grande-Armée; IV) Av. de la Grande Armée (trecho modificado); V) Boulevard Raspail (à esquerda, atual, e à direita, melhoria sugerida).

²³⁶ BARDET, 1941c, p.69, tradução nossa. Texto original: “*Avant de tracer un réseau quelconque, il faut établir un plan de masse des taches humanisées, dégager les grands courants de circulations entre ces dernières, puis étudier l’intérieur de chaque maille suivant sa fonction propre. [...] Un plan de ville doit se rapprocher davantage d’une unité biologique que d’un carrelage.*”

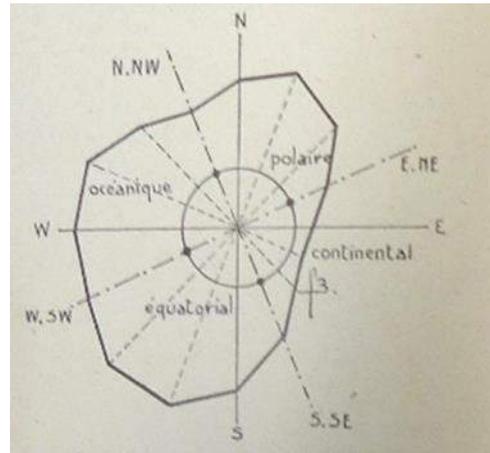
FIGURA 14 - PERFIS VIÁRIOS DAS PRINCIPAIS AVENIDAS PARISIENSES.



FONTE - BARDET, 1941,p.58.

Ao discorrer sobre os “Problemas de Higiene e Conforto”, Bardet colocou questões em voga desde o surgimento do campo do urbanismo – ventilação, saneamento, espaços públicos e habitação – , acrescentando a necessidade de adaptação ao meio. Ele se mostrou atento ao fato de que as demolições legitimadas pelo discurso higienista não tinham sido acompanhadas pelo conhecimento aprofundado do solo, da topografia, da pluviosidade, das águas, do clima e dos ventos. Apresentou, então, uma série de estudos – principalmente da geografia natural – sobre tais temas, todos acompanhados de gráficos e exemplos que reforçassem o argumento de que o urbanista deveria adaptar a cidade ao ambiente, e não lutar contra ele. Na Figura 15, por exemplo esquematiza as grandes correntes de vento em Paris.

FIGURA 15 - AS GRANDES CORRENTES DE VENTOS NA REGIÃO PARISIENSE.



FONTE - BARDET, 1941, p.116.

Ao tratar os “Problemas Sociais e Econômicos”, Bardet tomou como referência Vidal de la Blache, para deixar claro que se tratavam de questões transcendentais aos aspectos físicos que abarcavam “o espaço social, complexo e heterogêneo”²³⁷. Apresentou uma série de movimentos para representar o “ciclo vital” urbano: aglomeração; agregação/desagregação, congestão/descongestão, etc, sempre com metáforas do campo da biologia e utilização de sínteses gráficas. Na Figura 16, o esquema compara o crescimento da mancha urbana ao organismo que realiza a fagocitose, nutrindo-se continuamente de novas partículas (equipamentos urbanos como portos, estações, aeroportos, etc) sendo incorporados para o núcleo da célula enquanto ela cresce.

FIGURA 16 - ESQUEMA ILUSTRATIVO DA CIDADE ATRAÍDA CONTINUAMENTE POR PARTÍCULAS.



FONTE - BARDET, 1941, p.43.

Evocar tais movimentos foi uma estratégia de Bardet para defender o “zoneamento pela evolução natural” em detrimento do “zoneamento dogmático”, como denominou o propalado pelos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM’s).²³⁸ Cabe aqui

²³⁷ BARDET, 1941c, p.147.

²³⁸ BARDET, 1941c, p.157.

sublinhar que ele reconhece o zoneamento como uma ferramenta de organização territorial do urbanismo moderno, no entanto, discordava da inflexibilidade e imposição de usos e funções. Para Bardet, se aplicada respeitando a “evolução natural”, a ferramenta do zoneamento poderia orientar as vocações regionais, abarcando a complexidade do urbano e admitindo a sobreposição de usos e funções quando necessário.

Além da crítica à segregação funcional, Bardet também se opôs à verticalização como melhor solução para a demanda habitacional das grandes cidades e afirmou: “Os arranha-céus, por exemplo, foram um desastre econômico para as cidades que lhes permitiram se instalar, especialmente quando implantados em centros congestionados.”²³⁹ No seu ponto de vista, a tipologia não liberava o solo para novas áreas verdes e espaços públicos, mas sim para a construção de outros arranha-céus e exploração imobiliária.

Dessa forma, o “ser urbano”, como todo organismo, apresentaria um centro e limites que deveriam ser respeitados para manutenção do equilíbrio. Do contrário, o crescimento rápido e a transformação radical imposta pela verticalização romperiam com a organicidade urbana, impossibilitando a estrutura antiga de se adaptar ao novo “ser social”.

Ao discutir os “Problemas de Estética”, Bardet deixou claro que não se tratava de uma dimensão superficial, mas principalmente filosófica: “A beleza urbana nascerá então, como expressão orgânica da personalidade deste ser, que é a cidade, vivendo e se perpetuando através das gerações”.²⁴⁰ Além dos aportes de Sitte e Unwin, evocou o colega Tony Socard²⁴¹ para discutir a existência de uma beleza funcional, limitada aos aspectos físicos, e uma beleza criadora, ilimitada e crescendo à medida que envolvia a espiritualidade (conceito próximo de cultura).

A cidade é feita para homem e pelo homem. Sua silhueta, sua cor, seu jogo de cheios e vazios, seu caráter, sua escala, provém de seus materiais: homens ou pedras, do seu sítio humanizado, dos tipos de vidas passadas ou presentes, da importância numérica de seus habitantes, etc. são os elementos constitutivos e

²³⁹ BARDET, 1941c, p.201, tradução nossa. Texto original: “*Les gratte-ciels, par exemple, ont été une catastrophe économique pour les villes que leur ont permis de s’installer, et ce d’autant plus qu’ils se surajoutaient à des centres congestionnés.*”

²⁴⁰ Ibid, p.212, tradução nossa. Texto original: “*La beauté urbaine naît donc de l’expression organique de la personnalité de cet être, vivant et se perpétuant à travers les générations successives, qu’est la ville.*”

²⁴¹ Tony Socard (1901-1996) foi arquiteto e urbanista francês de grande atuação na Argélia. Conclui o curso no IUUP com a tese “*La beauté de villes*” (laureada em 1938) sob orientação de Poëte. Escreveu inúmeros artigos sobre o tema entre os anos 1930-1950, atuou na criação do *l’Institut d’Urbanisme de l’Université d’Alger*.

primordiais dessa personalidade, que dão o tom qual as notas - isto é, as vibrações reguladas - que o urbanista tem em seu teclado.²⁴²

Bardet esmiuçou cada um dos elementos que compunham a estética da cidade, exemplificando e demonstrando como se relacionavam com o caráter de cada local. Na Figura 17, o autor apresenta o esboço da "silhueta" da vila medieval de Saint-Omer, para explicar como cada torre de igreja estava relacionada ao espírito da pequena cidade. A compreensão desses elementos fundamentou mais uma ressalva em relação à verticalização: a ruptura que o fenômeno provocava na escala humana da cidade. A desumanização dos espaços urbanos teria consequências diretas na "alma da cidade".

FIGURA 17 - ESQUEMA DA SILHUETA DA VILA DE SAINT-OMER EM 1677..



FONTE - BARDET, 1941, p.220.

No último capítulo, "Problemas Espirituais e Intelectuais", Bardet defende o argumento de que a cidade do século XX enfrentava um problema de "espírito". Essa categoria é uma clara alusão às duas vias de conhecimento definidas por Bergson e apresenta os primeiros esboços de Bardet na tentativa de construir um método de investigação urbana.

Com referências a Lewis Mumford, no livro "*Culture of de Cities*", Bardet descreveu a cidade de seu tempo como ambiente de constante opressão ao homem e à "Megalópole", como resultado do intenso e acelerado desequilíbrio provocado pela "revolução maquinista". Esses urbanistas não foram os primeiros a ver de modo negativo a sociedade industrial. Há em tal posição muita convergência com a crítica que Patrick Geddes²⁴³

²⁴² BARDET, 1941c, p. 213, tradução nossa. Texto original: "*La ville est faite par l'homme et pour l'homme. Sa silhouette, son coloris, son jeu de pleins et vides, son caractère, son échelle, qu'ils proviennent de ses matériaux: hommes ou pierres, de son site humanisé, des genres de vies passé ou présents, de l'importance numérique de ses habitants, etc., sont les éléments constitutifs et primordiaux de cette personnalité qui donne le ton suivant lequel devront s'égrener les notes - c'est-à-dire les vibrations réglées - que l'urbaniste possède à son clavier.*"

²⁴³ Mumford conheceu Geddes durante passagem deste por Nova York em 1923. O botânico o inspirou a fundar a Regional Planning Association of America, com o objetivo de aplicar as ideias inovadoras na cidade. Dois anos depois do primeiro contato, ao coordenar um número especial da revista Survey sobre o plano regional, afirmou: "[Geddes] foi quem forneceu o arcabouço para meu pensamento: minha tarefa tem sido revestir de carne esse seu abstrato esqueleto" (MUMFORD, 1925 apud HALL, 1995, p. 173).

apresentou sobre a cidade de seu tempo, quando definiu em duas ordens a “Era Industrial”: “Paleotécnica” e a “Neotécnica”.

A primeira – na qual Geddes viveu – era movida pelos interesses comerciais de aumentar a produção, o rendimento e a prosperidade financeira proporcionalmente à pobreza social, ao desperdício e dissipação dos recursos energéticos e naturais. Na segunda – para a qual se poderia caminhar – o conhecimento sobre a natureza permitiria seu melhor aproveitamento para a prosperidade e lazer e a favor da “evolução da vida”.²⁴⁴ Cabe sublinhar que Mumford foi dos principais difusores das ideias de Geddes na América e que, no referido livro, as etapas da vida urbana (adotadas também por Bardet) nada mais são do que desdobramentos da Paleotécnica *geddesiana*.²⁴⁵

Endossando o coro de Poëte, Geddes e Mumford Bardet defendeu que o “ser urbano” e o “ser humano” eram indissociáveis e precisavam de equilíbrio. Na visão dele, uma cidade saturada demandava pela produção de espaços, moradia, circulação de modo industrial (padronizado, veloz, impessoal), o que contrariava a vida e as tendências naturais da “evolução”. Portanto, reforçou a noção de região como caminho para descentralizar os aglomerados urbanos, trazer de volta a dimensão humana das cidades e o “caráter” de cada aglomeração. A região, ao seu ver, era constituída de vários centros de diferentes tamanhos em interação e movimento constante.

A região, como todo grupo social, possui não somente limites (para onde geralmente se olha), mas também um centro, este sendo frequentemente uma constelação de centros de diferentes grandezas.²⁴⁶

As reflexões sobre a Megalópole levaram Bardet a defender uma dupla reforma na concepção das cidades, em escala regional e celular. Essa conclusão embasaria o desenvolvimento das próximas obras – como veremos nos capítulos seguintes –, mas já deixava sublinhados três princípios fundamentais: I) eliminação da especulação sobre terreno; II) controle do crescimento e limite da população; III) equilíbrio funcional entre a cidade-campo, residência-mercado, indústrias, funções espirituais, políticas, sociais, recreativas, etc.

²⁴⁴ GEDDES, P. **Cidades em evolução**. Campinas: Papirus, 1994,, p.70-71.

²⁴⁵ *Éopolis, Metrópolis, Megalópolis e Nekrópolis*. Os estágios não seriam necessariamente sucessivos ou obrigatórios, porém havia certeza que ao atingir o estágio de megalópole significava saturação e declínio.

²⁴⁶ BARDET, 1941c, p.327, tradução nossa. Texto original: “*La Région, comme tout groupe social, possède non seulement des limites (vers lesquelles les regards sont trop attirés), mais encore un centre, ce dernier étant fréquemment une constellation de centres de différentes grandeurs.*”

As investigações desenvolvidas junto ao grupo do ASUA, bem como os temas trabalhados em "*Problèmes d'Urbanisme*", reforçaram em Bardet o anseio de conhecer o "ser urbano" do modo mais abrangente possível. Percebe-se aqui uma diferença crucial do livro anterior, com Bardet percorrendo o caminho inverso: ao invés de ler um objeto a partir da referência teórico-metodológica, ele esboça uma metodologia própria a partir da observação dos fatos, exemplos, estudos e planos. Tal feito não teria resultados tão ricos sem as interlocuções com os alunos do ASUA, mas também evidencia sua filiação a Patrick Geddes, cujas noções principais são tema do próximo item.

3.2 A "evolução das cidades" por Patrick Geddes

Nascido na Escócia, Patrick Geddes (1854-1932) foi um dos nomes que ajudou a estabelecer as bases teóricas do urbanismo enquanto campo disciplinar. Assim como Marcel Poëte, teve uma formação peculiar e muitas afinidades com a filosofia de Henri Bergson, o que suscita muitas comparações. Entretanto, há uma diferença crucial a ser demarcada entre os dois: enquanto o francês não admite a existência de "leis da evolução" e prega o estudo da evolução como uma experiência única em cada cidade, o escocês assume e dedica boa parte das suas reflexões ao desenvolvimento de métodos para identificá-las.

Ao analisar a obra de Geddes, Welter²⁴⁷ ressalta a complexidade do seu pensamento e abordagem: tratava-se de um botânico observador da vida na perspectiva evolucionista, tão pragmático quanto aberto aos fenômenos metafísicos. É importante sublinhar que ele se considerava, sobretudo, um botânico.²⁴⁸ É daí que deriva sua marca mais pessoal na compreensão da cidade e do território. Desse modo, seu pensamento não foi só urbanístico, mas sobre a evolução da vida aplicável às cidades, porque as enxergou como manifestação maior da vida em sociedade.

Para Bardet, Geddes foi um dos percussores do "urbanismo essencial", isto é, fundamentado no conhecimento do "ser urbano".²⁴⁹ Ele também ressaltou a importância de

²⁴⁷ WELTER, V.M. *Biopolis: Patrick Geddes and the city of life*. Cambridge: MIT, 2002.

²⁴⁸ Geddes em 1874 ingressou na *Edinburg University* para estudar botânica e ciências naturais, porém não prosseguiu, ao perceber que as plantas seriam estudadas em laboratório ao invés de livremente na natureza. Em 1875, foi admitido na *School of Mines* para estudar zoologia com o renomado professor darwinista, Thomas Henry Huxley, figura marcante na sua formação.

²⁴⁹ BARDET, 1948d, p. 20.

noções como a “cirurgia conservadora”, “diagnosticar antes de intervir” e da “*Regional Survey*”, entre as formulações mais originais do botânico. Ainda, reconheceu o mérito de Geddes por ter direcionado o urbanismo para uma ciência de observação e não limitada à cidade, mas ampliada à região, considerando e articulando todos os pontos de vista possíveis: espiritual, geográfico, histórico, econômico e sociológico.

Este escocês deve muito à França, seu lar espiritual, seu país de eleição, onde ele tomou o senso do universal, o amor do verdadeiro. Ele retornou em 1924 - depois de dez anos na Índia - à Montpellier, onde via um lugar estratégico ‘urbano’ próprio para fundar o Collège des Ecosais, que dirigiu até sua morte em 1932.²⁵⁰

Segundo Bardet, foi na França que Geddes se tornou sociólogo. De fato, o botânico nunca escondeu a afinidade com o ambiente intelectual francês, tendo estudado na Sorbonne em 1879, quando se aprofundou na sociologia, geografia e na filosofia.²⁵¹ Além disso, participou da Exposição Universal de 1900 e não passou despercebido na *Town Planning Conference* (TPC), em 1910, na qual teve uma galeria dedicada à explicação do método *Regional Survey* e da *Outlook Tower*.

Segundo Simões Jr.²⁵², a TCP foi o principal evento de difusão internacional de ideias urbanísticas antes da 1ª Guerra Mundial. Além do propósito de discutir experiências no campo do urbanismo em formação, apresentou a *Housing and Town Planning Act* - recém-aprovada normativa urbanística inglesa. Entre as figuras mais importantes que participaram do evento, estavam: Ebenezer Howard, Raymond Unwin, Thomas Adams (Grã-Bretanha); Joseph Stübben, Rudolf Eberstadt, Werner Hegemann (Alemanha); Eugene Hénard, Augustin Rey, Louis Bonnier (França); Daniel H. Burnham, Charles Mulford Robinson (EUA). Cabe destacar que os relatórios do congresso constam na bibliografia de “Problèmes d’Urbanisme”.

²⁵⁰ Ibid,22, tradução nossa. Texto original: “*Cet Écosais doit beaucoup à la France, son foyer spirituel, son pays d’élection où il prit le sens de l’universel, l’amour du vrai. Il y revint, en 1924 - après dix ans de séjour aux Indes - à Montpellier où il voyait un site stratégique “urbain” propre à fonder le Collège des Ecosais, qu’il dirigea jusqu’à sa mort, en 1932.*”

²⁵¹ Ao concluir o curso, atuou em pesquisa científica no México-1879-80; foi nomeado professor de botânica na *University College of Dundee* - 1888-19; organizou o curso de verão na Exposição Internacional de Paris -1900; Participou da *Town Planning Conference* em Londres – 1910; organizou a *Cities and Town Planning Exhibition* – 1913-16; assumiu a cadeira *Sociology and civics at the University of Bombay* – 1920-23.

²⁵² SIMÕES Jr, 2014.

Em 1900, Geddes conheceu pessoalmente Henri Bergson na Exposição Universal de Paris. De acordo com Welter²⁵³, a filosofia *bergsoniana* já era conhecida do botânico, pois ganhara espaço a partir do contato com círculos intelectuais abertos ao estudo da teosofia. Bergson representou para Geddes um alento aos questionamentos pessoais, com a possibilidade de acolher fenômenos metafísicos e comportamentos religiosos numa filosofia. Ao agregá-la à perspectiva científica e pragmática de sua formação, o botânico não só buscou a compreensão da vida, como também possibilidades de evolução, questionando-se sempre: “Como a vida pode ser melhorada?”²⁵⁴

Na conferência intitulada “Um botânico olha para o mundo”, proferida por Geddes aos estudantes de Dundee em 1927, fica explícita sua compreensão sobre o pensamento *bergsoniano*:

Afinal, o que é o *Élan vital* de Berson a não ser uma apreciação de como crescem as flores? Nossas teorias mais antigas tendiam antes de tudo para o efeito visual das flores artificiais, ou como as moscas artificiais eram preparadas – mecanicamente belas, sem dúvida – mas não eram flores ou moscas vivas e verdadeiras!

Aqui, nesse jardim, a coleção é relativamente pequena, porque só mantemos o que cresce sistematicamente. Algumas plantas, como vocês vêem, crescem aqui até a desordem selvagem – mas isso também é vida mais abundante. Vocês também podem ver no jardim, lá fora, como a doutrina de Bergson sobre a Duração é uma fuga do tempo que passa mecanicamente pelo relógio, para apreciação da fase e do tipo de crescimento a que chegou cada ser vivo.²⁵⁵

Assim como as flores, são as cidades. Para Geddes, a noção de “elã vital” aplicada ao urbanismo estava na percepção de que cada aglomerado urbano teria um ciclo, uma duração, uma essência própria, portanto, deveria ser apreendido particularmente, pela experiência – ou intuição, para colocar nos termos de Bergson.

Logo no início do livro intitulado “Cidades em evolução”, o botânico deixou claro que a noção de evolução ia além da recuperação do passado e da análise dos processos sociais do presente. Era uma pesquisa de tendências futuras, balizada pela pergunta: “Para onde?” Tal pesquisa teria como desafio atrelar o conhecimento da história à compreensão do

²⁵³ Segundo o autor, Geddes mergulhou num movimento de “revolta contra a razão” por não conseguir todas as repostas sobre a vida a partir da racionalidade científica. Cita a participação de Geddes na *Fellowship of the New Life* e as interlocuções com Annie Besant figura influente no círculo teosófico internacional criadora do *Central Hindu College* na Índia, por volta de 1870 (WELTER, 2002, p.20).

²⁵⁴ Ibid, p.20.

²⁵⁵ GEDDES, 1994, p.265.

presente para antever e preparar o futuro, sempre considerando as limitações de não controlar por completo o “fluxo mutável da vida”.²⁵⁶

Tomado pelo propósito de dar continuidade à vida, a prioridade dos estudos de Geddes sempre foi o futuro. Era, acima de tudo, um otimista. No entanto, guardava grandes ressalvas a visões futuristas construídas sobre rupturas bruscas e abstracionismos, resultante da fé absoluta nas ciências dominantes desde o Iluminismo. A cultura, a história, a economia e todas as relações existentes deveriam ser levadas em conta para reagir ao que considerava uma “cegueira artificial”²⁵⁷ propagada na cidade industrial.

Geddes apresentou, então, dois extremos. De um lado, reformas como as de Paris, Roma e Viena, provocando transformações violentas e expurgando o que havia de bom e de ruim no “ser urbano”. De outro, visões românticas tentando preservar o passado ao custo de sacrificar as demandas do homem do presente. Como conciliar direções tão distintas? O botânico propôs a emergência de uma ciência renovada – a qual denominou *civics* –, fundamentada numa “visão sinóptica” da cidade e da natureza.

Na França, Geddes foi introduzido ao pensamento social cristão de Frédéric Le Play, cujo método se centrava na tríade “lugar, trabalho e família” (*lieu-place-famille*). A visão reformadora desse sociólogo foi impulsionada pelas demandas urgentes do meio que abrigava as populações mais pobres; melhorá-las significava modificar o curso da degradação social da cidade industrial. O pensamento *leplaysiano* foi bastante difundido entre as instituições abordadas no capítulo anterior. A pesquisa social considerava a família enquanto célula fundamental e priorizava conhecer as condições do habitat e da vida operária.

A tríade de Le Play inspirou Geddes a formular “máquinas de pensar”. Novas matrizes geravam possibilidades de investigações do território por meio da ampliação das variáveis, tanto em escala como em possibilidades de interação. A partir da nova tríade “conquista, sinergia e nação”, ele desenvolveu o tão célebre quanto complexo diagrama “Notação da vida”.

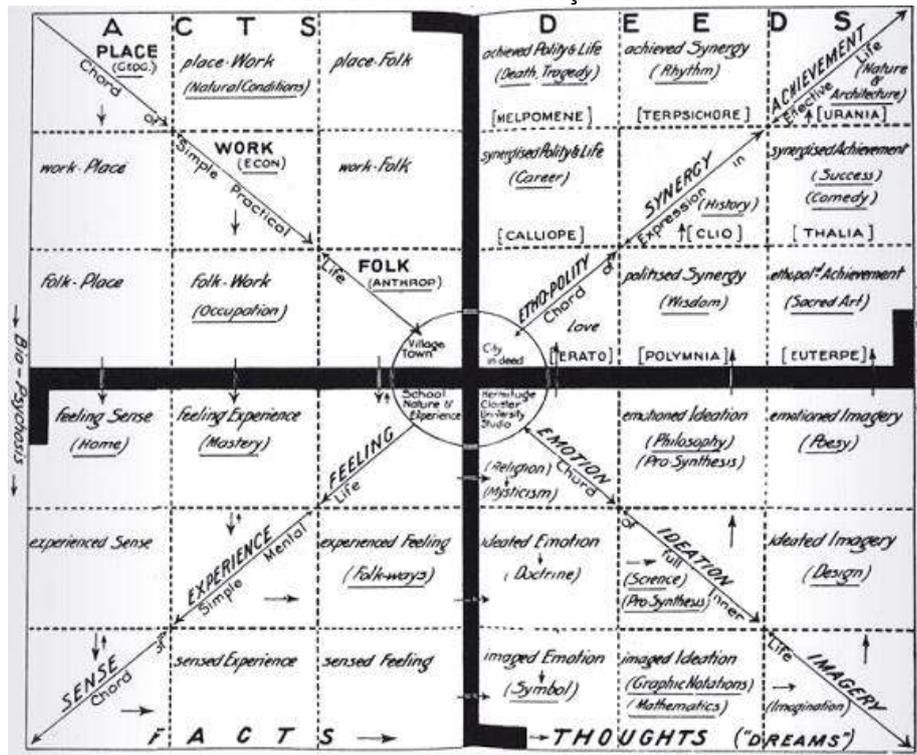
Apresentado na Figura 18, o diagrama é uma síntese visual da teoria das cidades de Geddes. A leitura do mesmo deve ser realizada no papel dobrado em quatro partes, iniciando pelo quadrante superior esquerdo e seguindo as setas no sentido anti-horário. A

²⁵⁶ GEDDES, 1994, p.35.

²⁵⁷ Ibid,p.41.

cidade da ação é produtora e produto dos processos econômicos, sociais e culturais que nela se desenvolvem, assim como as ações individuais e associações coletivas se retroalimentam. As fases evolutivas têm vários níveis, onde o ápice é a Eutopia. O objetivo do botânico era demonstrar como fatores ambientais, antropológicos, sociais e políticos estão intrínsecos na vida urbana.

FIGURA 18 - DIAGRAMA "NOTAÇÃO DA VIDA"



FONTE - GEDDES, 1945, p.194.

A aproximação com a geografia também se deu pelo contato com dois anarquistas: Piotr Kropótkin e Elisée Reclus.²⁵⁸ O primeiro foi uma importante referência, tanto para Geddes quanto para Howard, ao propor um "Comunismo Anarquista sem Governo". Kropótkin se embasou na cooperação entre indivíduos livres como uma tendência da natureza e resgatou historicamente as comunas europeias do século XII.²⁵⁹ Ao desenvolver a filosofia anarquista para as condições do século XX, ele foi defensor da reestruturação socioeconômica do campo pela articulação da agricultura às indústrias descentralizadas no território.²⁶⁰

²⁵⁸ ROJAS, L.G.D Patrick Geddes: Geografia y urbanismo em el marco de la planificación regional. ARKA – Revista de Arquitectura, Bogotá, v.3, p.116-125, ene-dic, 2012.

²⁵⁹ HALL, 1994, p.168.

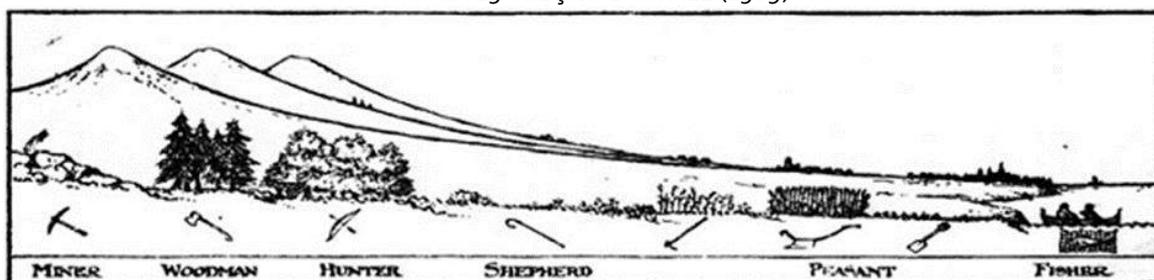
²⁶⁰ "Não há, em absoluto, nenhuma razão por que essas e outras anomalias semelhantes devam existir. É preciso que as indústrias se dispersem pelo mundo; e a dispersão das indústrias dentro das nações civilizadas

Já o Reclus, permitiu a Geddes conceber a “visão sinóptica”, síntese do conhecimento geral e empírico sobre o homem e o meio em que vive. Não por coincidência, esse geógrafo escreveu um breve ensaio intitulado “*The Evolution of Cities*”, em 1895, no qual já trazia suas impressões sobre o crescimento tentacular das cidades sobre os países europeus. Como cidade ideal, cogitou a possibilidade de concentrar a propriedade comunal, as instituições educacionais e culturais no centro histórico urbano, expandindo-se contínua e hierarquicamente por meio de nós culturais menores no território. Desse modo, o campo passaria a ter vida social e cultural tão elevadas quanto os centros urbanos.²⁶¹

Na geografia, o estudo de Vidal de La Blache ampliou o interesse de Geddes pela região e pela relação entre as condições naturais e o desenvolvimento social. Para Peter Hall²⁶², ambos construíram uma concepção de região como “base da reconstrução total da vida social e política”. Através do estudo da região se alcançava “o conhecimento de um ambiente ativo e vivenciado” e neste ponto está a mais significativa contribuição.

A noção de região em Geddes relaciona os aspectos naturais, físicos, socioculturais, econômicos e espirituais. Uma região corresponde a uma unidade desses aspectos. Ela é identificada e mutável, semelhante ao “organismo vivo” que não se limita ao aglomerado urbano. A região, quando identificada, deveria ter suas características fortalecidas, o que as permitiria crescer em equilíbrio.

FIGURA 19 - SEÇÃO DO VALE (1909)



FONTE - WELTER, 2002, p.60

No diagrama “Seção do Vale”, desenvolvido pela primeira vez em 1909, Geddes sintetiza os aportes teóricos desenvolvidos, utilizando o apelo visual para atingir o maior público possível. Conforme disposto na Figuras 19, a seção transversal das montanhas até o

será necessariamente seguida de uma ulterior dispersão de fábricas pelos territórios de todas as nações.” (KROPÓTKIN, 1913 *apud* HALL, 1994, p.169)

²⁶¹ WELTER, 2002.

²⁶² HALL, 1994, p.166.

rio relaciona condições físicas, atividades humanas e tipos de assentamento. Representa uma visão territorial unindo cidade e campo, ao invés de contrapô-los, podendo também ser lido como uma visão evolucionista.

Segundo Welter²⁶³, a “Seção do Vale” foi inspirada num levantamento botânico desenvolvido pelo amigo de Geddes, Charles Flavan, em Montpellier. Nele, foram mapeadas as distribuições de espécies de plantas, concluindo que as mais adaptadas às condições naturais do ambiente eram dominantes, além de se associarem entre si em hierarquia. Transpondo para a análise da região, Geddes apresentou no diagrama um sistema de assentamentos com características próprias, que se influenciam de modo hierárquico entre si e, quando adaptados ao meio, têm o desenvolvimento potencializado.

O regionalismo não vai contra a vida. O potencial de uma região, longe de ser diminuído pelo aumento da cultura e das artes técnicas é, ao contrário, enaltecido. Recursos potenciais entram em ação.[...] Quanto mais o homem cultivar os valores naturais do solo e do subsolo, mais ele incorporará suas criações, mais ele multiplicará as diferenças entre as regiões, tornando-as mais sutis.²⁶⁴

Aparentemente simples, esse diagrama reuniu diversas e complexas referências de Geddes, que mais tarde também foram apropriadas por Bardet, para formular a concepção de região nas alternativas aos centros urbanos adensados. Veremos no capítulo seguinte, que estes preceitos foram fundamentais para que o urbanista formulasse a ideia do “urbanismo rural” e de “vilarejos centrais”.

Se fosse necessário definir com uma frase de Patrick Geddes toda sua técnica de pesquisa, sem dúvida seria: “Aprendemos com a vida”.²⁶⁵ É por isso que seu urbanismo é tantas vezes definido como experimental, não no sentido de que propõe experimentos, mas que se fundamenta na experiência. Para ele, o urbanista deveria viver a cidade que almejaria conhecer, já que cada cidade tinha vida única:

Daí decorre uma nova exigência para quem estuda as cidades, a de partilhar o ambiente e as condições de vida do povo e, quanto possível, também o seu trabalho; é compartilhar com suas dificuldades e seus prazeres, e não apenas com os de gente das classes cultas ou governantes.²⁶⁶

Com o intuito de conduzir a experiência do pesquisador na “vida” da cidade e da região, Geddes formulou as *Surveys* (Quadro 3). Aparentemente, um roteiro para o

²⁶³ WELTER, 2002, p.61.

²⁶⁴ BARDET, 1990, p.82.

²⁶⁵ GEDDES, P. Um procedimento social experimental. In GAUDIN, 2014, p.280.

²⁶⁶ Ibid, p.281.

levantamento de aspectos a serem observados/vivenciados antes da elaboração de qualquer plano ou intervenção urbanística. Mais que isso, pode-se afirmar que foi a tentativa de Geddes atingir o duplo conhecimento do “organismo urbano”: pela inteligência e pela intuição.

QUADRO 3- ESBOÇO GERAL DOS TÓPICOS DA *REGIONAL SURVEY*

SITUAÇÃO, TOPOGRAFIA E VANTAGENS NATURAIS
GEOLOGIA, CLIMA, FORNECIMENTO DE ÁGUA, ETC.
SOLOS, VEGETAÇÃO, VIDA ANIMAL, ETC.
PESCA FLUVIAL E MARÍTIMA
ACESSO À NATUREZA (COSTA MARÍTIMA, ETC.)
MEIOS DE COMUNICAÇÃO, TERRA E ÁGUA
NATURAL E HISTÓRICO
ESTADO ATUAL
DESENVOLVIMENTOS PREVISTOS
INDÚSTRIAS, MANUFATURA E COMÉRCIO
INDÚSTRIAS NACIONAIS
MANUFATURAS
COMÉRCIO ETC.
DESENVOLVIMENTOS PREVISTOS
POPULAÇÃO
MOVIMENTO
PROFISSÕES
SAÚDE
DENSIDADE
DISTRIBUIÇÃO DO BEM-ESTAR (CONDIÇÕES FAMILIARES, ETC.)
EDUCAÇÃO E ATIVIDADES CULTURAIS
REQUISITOS PREVISTOS
CONDIÇÕES URBANAS
HISTÓRICAS: FASE POR FASE, DESDE AS ORIGENS. REMANESCENTES IMPORTANTES E ASSOCIAÇÕES, ETC.
RECENTES: EM ESPECIAL, DESDE O LEVANTAMENTO 1932, INDICANDO ÁREAS, LINHAS DE CRESCIMENTO E EXPANSÃO E MUDANÇAS LOCAIS, SOB CONDIÇÕES MODERNAS, POR EXEMPLO, DE RUAS ESPAÇOS ABERTOS AMENIDADES, ETC.
ÁREAS DO GOVERNO LOCAL (MUNICIPAL, PAROQUIAL, ETC.)
ATAUAIS: PLANOS URBANOS EXISTENTES, EM GERAL E EM DETALHE:
- RUAS E AVENIDAS
- ESPAÇOS ABERTOS, PARQUES, ETC.
-COMUNICAÇÕES INTERNAS, ETC.
- ÁGUA, DRENAGEM, ILUMINAÇÃO, ELETRICIDADE, ETC.
-HABITAÇÃO E SANEAMENTO (DE LOCALIDADES, EM DETALHE)
- ATIVIDADES EXISTENTES VISANDO A MELHORIA URBANA, MUNICIPAL E PARTICULAR
PLANEJAMENTO URBANO [PLANOS URBANÍSTICOS] – SUGESTÕES DE PLANOS
EXEMPLOS DE OUTRAS CIDADES E CAPITAIS BRITÂNICAS E ESTRANGEIRAS
CONTRIBUIÇÕES E SUGESTÕES PARA O ESQUEMA DE PLANEJAMENTO URBANO, EM RELAÇÃO A:
- ÁREAS
- POSSIBILIDADES DE EXPANSÃO URBANA (SUBÚRBIOS, ETC.)
- POSSIBILIDADES DE MELHORIA URBANA E DESENVOLVIMENTO
- SUGESTÕES DETALHADAS DE ATENDIMENTO DAS CIDADES (ALTERNATIVAS POSSÍVEIS)

FONTE - A autora (2019) adaptado de GEDDES, 1994. 166-167.

O Quadro 3 mostra uma sugestão de Geddes para dar início ao levantamento urbano. Cabe advertir que não era um roteiro absoluto. Segundo o botânico, o quadro surgiria “naturalmente” em cada cidade/região, assim como possíveis complementos. São notáveis as ressonâncias das mais diversas concepções presentes em sua formação: a classificação, hierarquização e categorização presentes nas ciências biológicas estão associadas às observações sociais; a visão sinóptica busca por todos os pontos de vista possíveis captar o urbano; o conhecimento do meio natural está vinculado aos aspectos urbanísticos. De igual modo, amarradas ao estudo do passado (fases históricas) estão as sugestões para as projeções futuras.

Além de compreender, as técnicas de pesquisas desenvolvidas por Geddes demonstram forte preocupação de traduzir a vida da região. Isso pode ser observado no apelo visual e na constante criação de sínteses gráficas, esquemas e mapas, apoiando suas formulações teóricas.²⁶⁷ Essa técnica também foi adotada por Bardet – como foi possível observar no item anterior – e tal marca no seu pensamento urbanístico reforça a filiação às ideias do botânico.

Geddes apostou na divulgação dos estudos como estratégia para formar uma cultura urbanística. Os desenhos e esquemas gerais, juntamente com cartografias históricas, fotografias panorâmicas e outros artefatos, apresentavam o enfoque transdisciplinar das inúmeras exposições mobilizadas pelo botânico.²⁶⁸ Ao seu ver, as exposições deveriam exercer o papel de “museu-orientador”, dispondo sobre as origens do lugar, os principais componentes da comunidade e também divulgando sugestões para aprimorar as atividades econômicas predominantes exercidas a serviço do planejamento urbano.²⁶⁹

A *Outlook Tower* (Figura 20), construída em 1892, permanece até hoje em pé como representação dos esforços de Geddes por uma pedagogia urbana. Inspirado no Globo Terrestre de Elisée Reclus, ele construiu a torre no centro de Edimburgo para abrigar uma mostra permanente sobre a evolução da cidade. O material exposto tornava-se completo

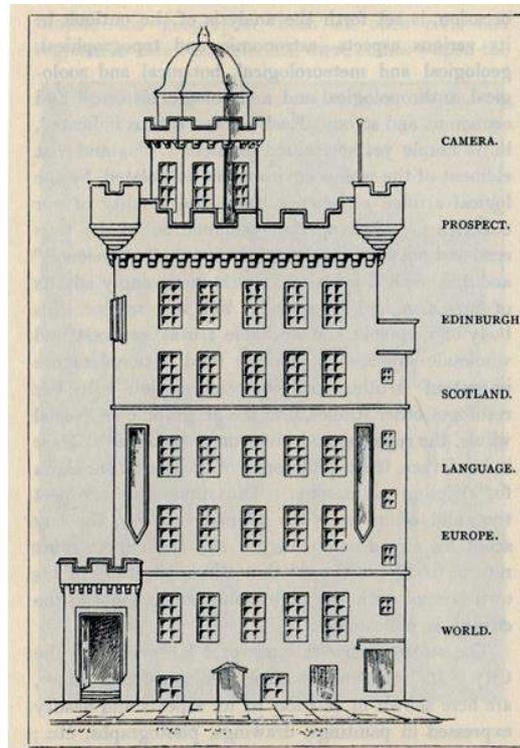
²⁶⁷ Sobre o pensamento visual em Geddes, cf: GARRIDO, M.D. Pensamiento visual en Patrick Geddes. **Revista de Expresión Gráfica Arquitectónica**, [s.l.], v. 22, n. 29, p.256-265, mar. 2017. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.4995/ega.2017.7374>>. Acesso em 20 jan.2019.

²⁶⁸ Edimburgo (1910), Londres, Belfast e Dublin (1911), Ghent (1913), Madras (1915), até perder todo seu material num naufrágio a caminho da Índia (1915).

²⁶⁹ GEDDES, 1994, p.199.

com a vista panorâmica da torre , que permitia vivenciar diariamente cada transformação. Assim, o público é levado a constatar empiricamente toda teoria supracitada.

FIGURA 20 - ESQUEMA DA OUTLOOK TOWER



FORTE - GARRIDO, op cit, p.263.

Sem dúvida, Geddes foi uma forte referência para o pensamento urbanístico de Gaston Bardet. Entretanto, nunca constou na bibliografia de suas obras, ao ponto de dificultar a identificação específica da produção do botânico que foi lida por ele. As primeiras menções a Geddes estão em "*Problèmes d'Urbanisme*", porém, aparecem ao longo do texto e relacionadas aos nomes de Lewis Mumford e Patrick Abercrombie. O mesmo acontece em outros livros, até mesmo em "*Le Nouvel Urbanisme*", que apresenta um capítulo dedicado às pesquisas do botânico.

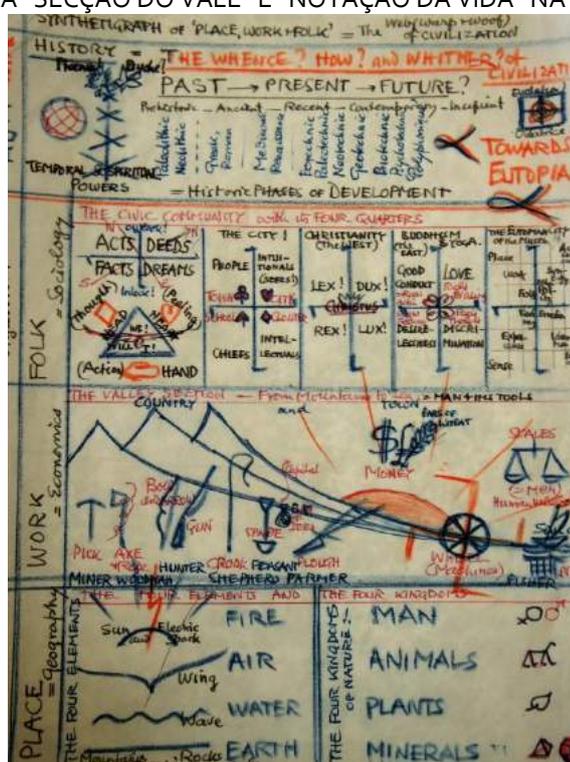
Em entrevista²⁷⁰, Bardet afirmou ter descoberto os livros de Geddes em Montpellier, mas não especificou quais tampouco quando. Ainda assim, é possível afirmar que ele tinha conhecimento das *surveys* desde seus primeiros artigos, tanto por intermédio da leitura de Agache e dos urbanistas da SFU, quanto de Unwin, que dedica um capítulo de seu livro às pesquisas do botânico.

²⁷⁰ COHEN, 1978 a.

O professor Geddes publicou sobre o tema, alguns ensaios úteis e frutíferos, e embora nunca seja fácil de dar às enquetes o entendimento que ele preconiza, elas são indispensáveis para que haja continuidade entre a vida anterior e as necessidades atuais e futuras das cidades que devem ser traduzidas no plano de desenvolvimento e extensão; sua importância é indubitável.²⁷¹

Não há registros de interlocuções entre Poëte e Geddes, entretanto, o conhecimento da produção mútua é evidente, até mesmo pelos ambientes intelectuais em comum. Os croquis de estudo encontrados na biblioteca que Bardet herdou do sogro são reveladores e datam de 1918 (Figuras 21). É importante também destacar a existência de muitos livros de Patrick Abercrombie, com dedicatórias ao amigo Poëte.²⁷²

FIGURA 21 - CROQUIS DA "SECÇÃO DO VALE" E "NOTAÇÃO DA VIDA" NA BIBLIOTECA DE BARDET.



FONTES - Fond Bardet, cx.22.

Embora Bardet nunca tenha especificado o que leu exatamente de Geddes, minha leitura de "Cidades em Evolução" trouxe à tona inúmeras convergências. Além de partilhar aportes teóricos (Bergson, De La Blache, Réclus, Kropótkin), o urbanista adotou uma abordagem regional contra o excesso de abstração, imposição de modelos e objetificação

²⁷¹BARDET, In COHEN, 1978 a., tradução nossa. Texto original: "Le Professeur Geddes a publié sur ce sujet quelques essais de plus utiles et de plus fécond, et bien qu'il ne soit pas toujours facile de donner aux enquêtes l'étendue qu'il p'réconise, elles sont indispensables si l'on qu'il y ait une continuité entre la vie antérieure et les besoins actuels et futurs de la villes qui doivent se traduire sur le plan d'aménagement et d'extension; leur importance ne fait aucun doute."

²⁷² Fond Bardet, cx. 22.

do urbano. Assim, como o botânico, enxergava no equilíbrio cidade-campo uma possibilidade do desenvolvimento social e humano.

Nota-se que a visão de Geddes sobre a cidade de seu tempo é muito próxima daquela apresentada por Bardet, nos escritos a partir de 1945, inclusive com a utilização das mesmas expressões – “cidade tentacular”, “crescimento urbano em mancha de óleo”, “megalópoles”, etc. Talvez, a crítica incisiva do francês ao crescimento desordenado das cidades e às consequências do maquinismo tenha sido mais pessimista, até porque a vivência da 2ª Guerra Mundial e suas consequências assim o impuseram.

Bardet acreditava no aprendizado aplicado, pela experiência e apreensão do mundo empírico. Neste sentido, as *surveys* foram fundamentais para a formulação da topografia social e dos princípios de enquete e análise urbana. Nos próximos itens, veremos que Bardet parte das preocupações de Geddes para dar um passo além: identificar os problemas e aprimorar os princípios metodológicos, conduzindo as urbanistas na elaboração de análises urbanas complexas e, conseqüentemente, intervenções bem-sucedidas.

3.3 Da teoria à aplicação: princípios para enquetes e análises urbanas

Por muitos motivos, “*Principes inédits d'enquêtes et d'analyses urbaines*.” é uma obra particular no conjunto de Gaston Bardet. O primeiro deles é o caráter de “manual prático”, quase um guia ilustrado. Sem grandes discussões teóricas, o autor introduz a noção de urbanismo com ciência-arte-filosofia e anuncia que o objetivo do livro é se debruçar sobre as técnicas de pesquisa, isto é, os instrumentos de aplicação da teoria trabalhada no livro anterior.²⁷³

Nitidamente incomodado com a falta de precisão dos planos urbanísticos, cujos resultados iam da tábula rasa às cirurgias conservadoras, Bardet fez um convite à produção de levantamentos que embasassem e constituíssem um escopo documental das cidades. A seu ver, seguindo um roteiro de investigações completo, complexo e coerente, seria mais difícil compor planos urbanísticos desconexos com a realidade.

Se insistirmos no valor da enquete, é porque ela domina todo o problema. Uma vez que o urbanista determinou locais adequados para seus conjuntos monumentais, ele pode, como arquiteto consultor, mostrar seu talento como compositor e procurar expressar, em volume, a condição social da população que

²⁷³ BARDET, 1943h, p.77.

analisou anteriormente. [...] Por isso, todos os talentos técnicos que o arquiteto ou o engenheiro poderão empregar não servirão nada se o diagnóstico não estiver correto, se negligenciar o plano de topografia social, por exemplo.²⁷⁴

Na condição de Secretário-geral da SFU, Bardet iniciou seu livro delimitando a formação necessária para ser um profissional regulamentado naquele momento: um diploma de arquiteto (estudos gerais), um diploma do IUUP (semelhante à especialização), além do registro na *l'Ordre des Architectes*.²⁷⁵ No entanto, considerava pouco produtor que tais urbanistas contassem apenas com regulamentações como a Lei Cornudet e instruções ministeriais para definir o plano urbanístico, sem diretrizes sobre os levantamentos, análises e pesquisas.

Tais fatores somaram-se à urgente demanda por profissionais preparados para o desafio de reconstruir as cidades quando a 2ª Guerra Mundial chegasse ao fim. Nesse contexto, Bardet propôs um manual prático para guiar as pesquisas urbanísticas, com o ambicioso objetivo de dotar os estudos e levantamentos de linguagem mais universal. O grande trunfo da obra é reunir a capacidade de criar sínteses visuais às ferramentas da estatística e aos métodos de investigação das ciências sociais.

O segundo motivo que torna "*Principes Inédits* [...]" um livro peculiar está na percepção totalizadora do urbano, ou visão sinóptica, para utilizar o conceito de Geddes. Os problemas do urbanismo, esmiuçados em categorias distintas no livro anterior, são trabalhados aqui de modo indissociável. Bardet propôs substituir a noção de "plano de ordenamento e extensão" (*plan d'aménagement et d'extension*) por "estudo de aglomeração e do território comunal" (*étude d'agglomération et du territoire comunal*)²⁷⁶.

Mais do que uma revisão terminológica, isso significou um deslocamento conceitual. Evitar o conceito de "extensão" significava combater o espraiamento indiscriminado da mancha urbana no território e priorizar a descentralização em núcleos consolidados e hierarquizados, segundo a noção de região. Adotar o conceito de "estudo" marcou a

²⁷⁴ BARDET, 1943h, p.73, tradução nossa. Texto original: "*Si nous insistons sur la valeur de l'enquête, c'est que celle-ci domine tout le problème. Une fois que l'urbaniste aura déterminé des emplacements judicieux pour ses ensembles monumentaux, il pourra, comme architecte-conseil, montrer son talent de compositeur et chercher à exprimer, en volume, l'état social de la population qu'il aura précédemment analysée; [...] C'est pourquoi, tous les talents techniques que l'architecte ou l'ingénieur, pourront, déployer ne serviront à rien si le diagnostic ne sera pas correct si l'on néglige le plan de topographie sociale, par exemple.*"

²⁷⁵ BARDET, 1943h, p.71.

²⁷⁶ O território francês é dividido hierarquicamente em Regiões, Departamentos, *Arrondissements* e Comunas, sendo esta uma noção próxima à que conhecemos por Município.

restrição de Bardet à concepção de “plano” como uma “intervenção” ou “projeto” fixo e estável, ao invés de orgânico, mutável. Dessa forma, a base do urbanista seria dar continuidade à “evolução urbana”, empregando técnicas modernas sem destruir os “verdadeiros valores” de cada localidade.²⁷⁷

O terceiro motivo está na ausência de críticas à “cidade maquinista” e às práticas urbanísticas pautadas no ideário modernista. Bardet estava exclusivamente focado em responder às inquietações provocadas na conclusão de *“Problèmes d’Urbanisme”*: Se era preciso conhecer a vida de uma aglomeração urbana, como alcançar tal conhecimento? Quais seriam as etapas? Que aspectos, dados e informações a pesquisar e analisar? Como traduzir e representar as características sociais e a natureza mutável das aglomerações?

Quaisquer que sejam as qualidades do urbanista, não servirão de nada se os agrupamentos de homens e de volumes não se adaptarem aos fatos e às necessidades sociais, se o partido da estrutura escolhida não foi realizável. É por isso que nossas pesquisas, tanto as de *‘Problèmes d’Urbanisme’* quanto aquelas mais práticas, desta brochura, não pretendem mais que a observação direta das realidades, a identificação de órgãos e sistemas que respondam às leis da vida e da psicologia coletiva.²⁷⁸

Diante de tais questões, os princípios de enquete e análise urbana foram enunciados por Bardet como inéditos, por incorporar ferramentas da estatística. Como membro da *Société de Statistique de Paris*, ele acreditava que a disciplina forneceria aos estudos urbanos resultados mais fiáveis, especialmente nas pesquisas sociais. Por outro lado, ao apresentar o trabalho numa conferência naquela sociedade profissional em 1944, ele se dispôs a contribuir, com seu estudo, para a “valorização” dos resultados estatísticos por meio das sínteses visuais.²⁷⁹

²⁷⁷ BARDET, 1943h, p.73.

²⁷⁸ Id. s/p, tradução nossa, texto original: *“Quelles que soient les autres qualités de l’urbaniste, elles ne serviront à rien si les groupements d’hommes et de volumes ne s’adaptent pas aux faits et aux besoins sociaux, si le parti de structure choisi n’est pas réalisable. C’est pourquoi nos recherches, celle de ‘Problèmes d’Urbanisme’ comme celles, plus pratiques, de cette brochure, ne tendent qu’à l’observation directe des réalités, à la détection des organes et systèmes répondant aux lois de la vie et de la psychologie collective.”*

²⁷⁹ BARDET, G. Principes d’analyse urbaine. *Journal de la Société Statistique de Paris*. Paris, t. 85, p.245-271, out, 1944d.

Obstinado a demonstrar que “alma da cidade” não era uma simples “linguagem poética”²⁸⁰, Bardet defendeu o uso da estatística para a identificação de padrões característicos e anomalias nas pesquisas de cada local. Para ele, as análises urbanas teriam por finalidade maior a comparação, portanto, a precisão da unidade estatística seria fundamental para embasar qualquer juízo de valor.

Assim como Geddes, ele se esforçou para distanciar o urbanismo da abstração, baseando-se em dados e fatos, representações da realidade observada. No entanto, Bardet cai num certo paradoxo, ao escolher fugir da abstração traduzindo uma noção metafísica como a “alma da cidade” por meios tão positivistas como gráficos e números.

Não sendo o propósito do livro discutir teoria, Bardet se restringiu a recomendar uma “bibliografia básica” na introdução. Entre os autores indicados (à exceção dele mesmo), o conhecimento básico sobre o urbanismo compreendia: a geografia humana francesa - Jean Bruhnes, Pierre Deffontaines; a história e características regionais do país – Marc Bloch, Roger Dion, Gaston Roupnel; a evolução das cidades – Marcel Poëte, Pierre Lavedan; a prática do urbanismo – Alfred Agache, Jacques Gréber, Raymond Unwin.

A falta de Le Play e Geddes é notável, visto que a filiação aos dois é facilmente identificável no objetivo do livro. Logo na primeira página, Bardet apresenta um roteiro no mínimo familiar aos que já conheciam a obra do escocês (ver Quadro 4). Ao desenvolver o argumento, outros pontos em comum se revelam, além do engajamento em dar diretrizes para o urbanismo aplicado. Assim como seus mestres, o autor se mostrou bastante preocupado com as formas de representação, a fim de divulgar o resultado das enquetes de modo mais amplo possível (ver Quadro 5).

²⁸⁰ BARDET, 1943h, p.97, tradução nossa, texto original: “[...] s’imaginent que lorsque les urbanistes parlent de l’âme de villes, il ne s’agit que de langage poétique.”

QUADRO 4- ROTEIRO DE ENQUETE URBANA

I - O QUADRO GEOGRÁFICO
POSIÇÃO DE AGLOMERAÇÃO DA REGIÃO
COMUNICAÇÃO GERAL EXTERIOR
DESLOCAMENTO DA POPULAÇÃO
MOVIMENTO DE MERCADORIA
II- O SÍTIO
TOPOGRAFIA
GEOLOGIA
GEOLOGIA AGRÍCOLA
HIDROLOGIA
CLIMATOLOGIA
HUMANIZAÇÃO DO SÍTIO
III- OS HOMENS
DENSIDADE DA POPULAÇÃO EM RELAÇÃO AO TERRITÓRIO COMUNAL
ACRÉSCIMOS SUCESSIVOS DA POPULAÇÃO DEPOIS DA ORIGEM
ANÁLISES QUANTITATIVAS DA POPULAÇÃO
MODOS E COSTUMES ESPECIAIS DOS HABITANTES
ACRÉSCIMOS SUCESSIVOS DA POPULAÇÃO DEPOIS DA ORIGEM
IV- EVOLUÇÃO DOS AGLOMERADOS
NASCIMENTO DOS AGLOMERADOS
DESENVOLVIMENTO DO PRINCIPAL NÚCLEO AGLOMERADO
ESQUEMAS DE EVOLUÇÃO
PSICOLOGIA DIRETORA: DESEJOS E ANSEIOS
V- ZONEAMENTO DE FUNÇÕES
BASES DO ZONEAMENTO
ZONEAMENTO DE FATO
ZONEAMENTO ATIVO
VI - EDUCAÇÃO E LAZER
EDUCAÇÃO MORAL
EDUCAÇÃO DO ESPÍRITO
EDUCAÇÃO ESCOLAR E PÓS-ESCOLAR
LAZER
FESTAS
VII - ESTÉTICA E VOLUMES SOCIAIS
ESTÉTICA E FISIONOMIA LOCAL
EDIFÍCIOS PÚBLICOS E EDIFÍCIOS SEMI-PÚBLICOS
EDIFÍCIOS PRIVADOS
REGULAMENTOS DE HIGIENE E DE PAVIMENTAÇÃO
PROGRAMA DE ORGANIZAÇÃO
VIII - ATIVIDADE ECONOMICO-SOCIAL
RIQUEZA DO LUGAR OU DO QUADRO
MOVIMENTO GERAL DE ECONOMIA LOCAL
ATIVIDADE SOCIAL
SITUAÇÃO FINANCEIRA DA CIDADE
FUTURO FINANCEIRO DA CIDADE
IX- SAÚDE E HIGIENE
SAÚDE DA AGLOMERAÇÃO
SAÚDE DOS HABITANTES
PLANO SANITÁRIO
ESPAÇOS LIVRES
AS 'UTILIDADES' URBANAS
REGULAMENTOS DE HIGIENE E CONTROLE
X- VIAS E TRANSPORTES
COMUNICAÇÕES INTERIORES
FLUXO DAS PISTAS
ESTADO DAS VIAS
TRANSPORTES

FONTE - A autora (2019), adaptado de BARDET, 1943h, p. 71-72.

Ao comparar o roteiro da *Regional Survey* (Quadro 3) com o da Enquete Urbana (Quadro 4), a filiação de Bardet a Geddes fica ainda mais evidente, mas não é a única. O urbanista incorporou outras referências teóricas e fez modificações relacionadas aos problemas de urbanismo minuciosamente explicados no livro anterior. Nos itens I, II, III e VIII estão dispostos aspectos que permitem construir a compreensão do homem relacionado ao meio, tal qual proposto no “Diagrama do Vale” e bastante difundido na geografia francesa por La Blache.

Do mesmo modo, estão presentes: o estudo da “evolução criadora”, seguindo os ensinamentos de Poëte (Quadro 4, item III); o “zoneamento” posto em voga pelas discussões dos CIAM’s (Quadro 4, item V); os preceitos higienistas ainda presentes nas discussões da SFU e do IUUP (item IX); além da dimensão estética tomando os conceitos de Sitte e Unwin (Quadro 4, item VII).

Sobre educação e lazer (Quadro 4, item VI), os pontos que concernem à educação moral e de espírito merecem ser sublinhados. Primeiramente, quando se referiu à “educação moral”, Bardet considerou atividades religiosas da aglomeração estudada, tomando o cristianismo como parâmetro. Isso foi uma permanência ao longo das análises desenvolvidas por ele – a orientação prioritária de levantar: o número de templos, batismos, primeiras comunhões, casamentos e enterros religiosos comparados aos civis; o número de vocações sacerdotais; festas e manifestações da vida religiosa; outros cultos não católicos; manifestações ateístas. Já a “educação de espírito” estava relacionada ao acesso da população à cultura: bibliotecas, museus, exposições, publicação de jornais e revistas, sociedades científicas e artísticas locais – outra preocupação permanente do autor.²⁸¹

Segundo Bardet, o estudo das aglomerações urbanas poderia ser dividido em três etapas, que poderiam se sobrepor: 1) “enquete bibliográfica”, com fontes documentais, bibliográficas e estatísticas; 2) “enquete pessoal”, numa abordagem corpo-a-corpo, sobretudo em busca de “autoridades sociais” – conceito tomado de Le Play; 3) “enquete monográfica”, para descrição de cada zona, grupo ou peculiaridade local.²⁸²

²⁸¹ BARDET, 1943h, p. 83.

²⁸² Ibid, p.76, tradução nossa.

A seguir, estão dispostas no Quadro 5 as cartografias necessárias para representação:

QUADRO 5 -ROTEIRO DE CARTOGRAFIAS PROPOSTO POR BARDET

A	ESQUEMA DE CIRCULAÇÕES GERAIS EXTERIORES (1/50.000 OU 1/20.000) COM [GRÁFICOS] SILHUETAS CATEDRAIS
B	PLANO DE CARACTERIZAÇÃO DO SÍTIO (1/5.000)
C	PLANO DE UTILIZAÇÃO NATURAL DO SOLO (1/5.000) COM DERIVAÇÕES: ESQUEMA DE ORIENTAÇÃO COMPORTANDO: PONTOS CARDEAIS, ROSA DOS VENTOS (FREQUÊNCIA E FORÇA), INSOLAÇÃO FAVORÁVEL. ESTE ESQUEMA DEVE EMBASAR TODOS OS PLANOS
D	PLANO DA TOPOGRAFIA SOCIAL PONTUANDO A DIVISÃO DA POPULAÇÃO ATIVA DE DIA E DE NOITE (1/2.000) COM DERIVAÇÕES: PERFIL PSICOLÓGICO, PIRÂMIDE ETÁRIA E EVOLUÇÃO DO PATRONATO E DOS ASSALARIADOS
E	ESQUEMAS ESTÁTICOS DE EVOLUÇÃO DESTACANDO OS ELEMENTOS ATRATIVOS E REPULSIVOS, CANAIS, BLOQUEIOS E ESTRANGULAMENTOS (1/5.000)
F	ESQUEMA DINÂMICO DE EVOLUÇÃO DESTACANDO O DESLOCAMENTO DE ATRATIVOS (1/5.000)
G	ATRAVÉS DOS ELEMENTOS PRECEDENTES, CRIAR UM PLANO DE ZONEAMENTO DE FATO (1/5.000)
H	PREPARAR A BASE PARA O ZONEAMENTO ATIVO: HACHURANDO TODOS OS PERÍMETROS DE PROTEÇÃO, DISPONDO O SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES
I	ESTABELECEER O PLANO DE FISIONOMIA LOCAL (MONUMENTOS, LUGARES, CONJUNTOS, BAIRROS A PRESERVAR) A COMPLETAR, SEGUNDO OS CASOS, PELAS PLANTAS DE GABARITO, COLORAÇÃO DOS TELHADOS, ATIVIDADES NOTURNAS, ETC.
J	PLANO SANITÁRIO COM DERIVAÇÕES (1/5.000 OU 1/10.000): PLANO DE DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUAS, PLANO DE EVACUAÇÃO DE RESÍDUOS, PLANO DE CANALIZAÇÃO DE GÁS, ELETRICIDADE, ETC.
L	ATRAVÉS DE TODOS OS ELEMENTOS PRECEDENTES, ESTABELECEER O PLANO DE ZONEAMENTO ATIVO (1/5.000)
M	PLANO DE CIRCULAÇÃO INTERIORES (1/2.000)

FONTE - A autora (2019), adaptado de BARDET, 1943h, p. 72-73.

Para desenvolver as enquetes urbanas, Bardet realizou um cruzamento de instruções advindas de diferentes campos e, entre as fontes utilizadas, destacou: “*Theorie et Pratique des Enquêtes*” (Pierre Marrousem); “*Questionnaire d’enquête*” (*Direction d’Étension de Paris*); “*La vie d’un village*” (H.Bouchet e J.Fauvel). Esse último, ainda preservado na biblioteca dele, guarda muitas semelhanças com as enquetes urbanas, pois trata-se de um questionário explicado para guiar as observações do pesquisador.²⁸³

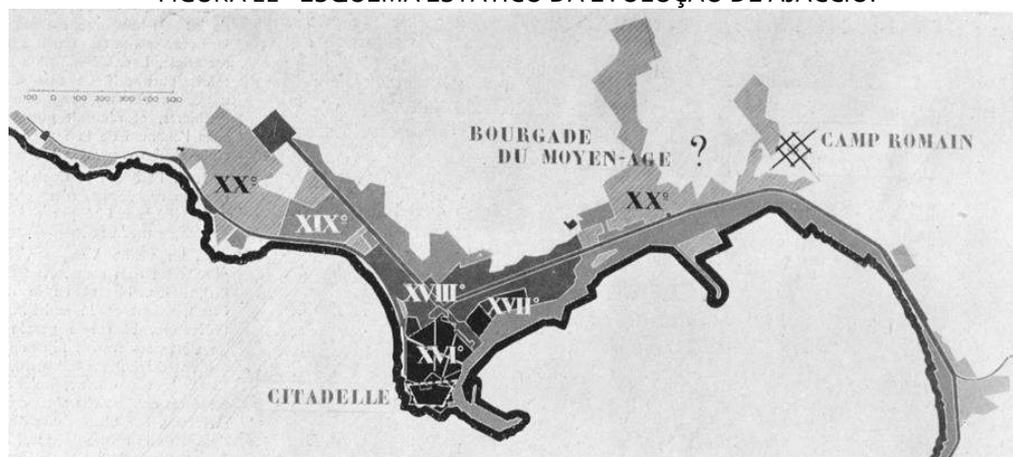
O estudo sugerido por Bardet é exaustivo. Passo a passo, ponto a ponto é explicado sumariamente, a cada tópico há indicações de onde buscar informações, como analisar e como representar. Ele demonstrou-se enfronhado nos arquivos em geral, do Serviço Nacional de Estatística e nos recenseamentos. Ao apresentar a análise comparativa dos métodos dos recenseamentos realizados na França entre 1794 e 1936, facilitou a interpretação de seus resultados: uma contribuição imensa aos futuros investigadores.

Para compreender a “evolução dos aglomerados”, Bardet – assim como Geddes – recomendou ir além da consulta aos arquivos, consultar os eruditos e fontes diversificadas

²⁸³ BOUCHET, H., FAUVEL, J. *Fiches-plans pour enquêtes régionales*, I – *La vie d’un village*. Paris: La Hutte, coll. « l’exploration régionale », s/d. Fonds Bardet, cx.53.

da história política, econômica e artística. Para construir as representações e cartografias, demonstrou grande preocupação em representar não só o estado atual como a dinamicidade, a exemplo dos esquemas gráficos construídos para *Paris, son évolution créatrice*.

FIGURA 22 - ESQUEMA ESTÁTICO DA EVOLUÇÃO DE AJACCIO.



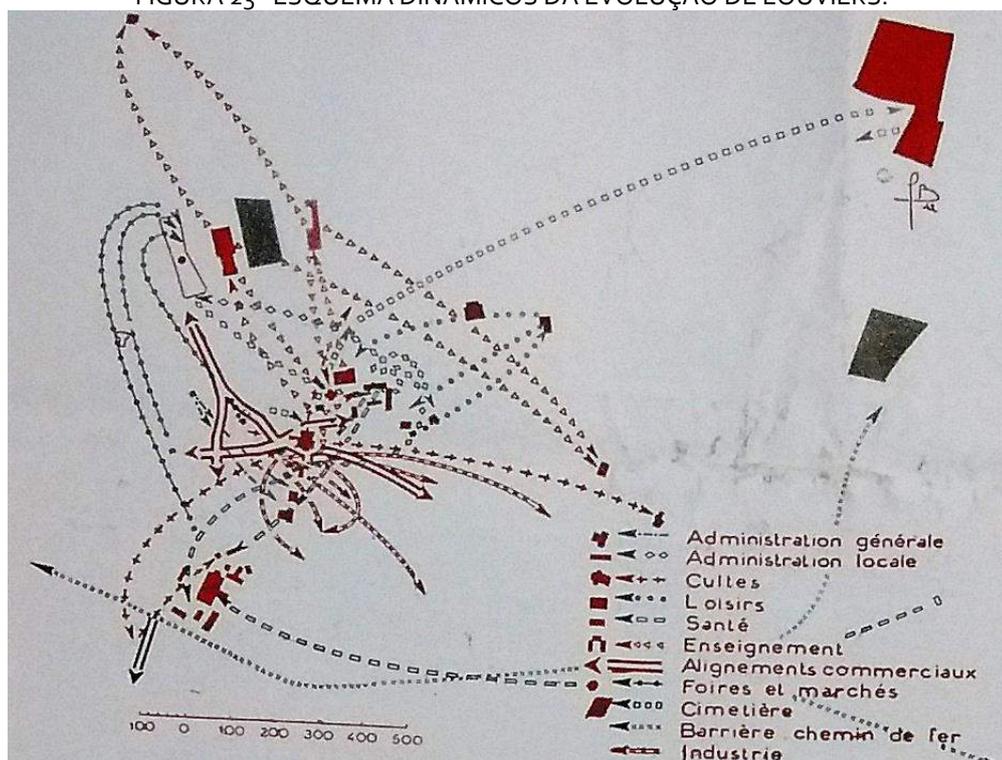
FONTE - BARDET, 1943, p.149.

A Figura 22 exemplifica um esquema de evolução estático (Quadro 5, item E) da comuna de Ajaccio, onde cada hachura representa uma camada histórica acrescentada entre os séculos XVI e XX, contendo os focos atrativos (cidadela) e repulsivos (campo romano), assim como os canais de fluxo (costa marítima, ferrovias e grandes avenidas).

A Figura 23 representa a evolução dinâmica de Louviers (Quadro 5, item F), definida pelo autor como "fogos de artifício da vida urbana, cujos elementos se associam e se dissociam segundo a evolução e multiplicação das funções."²⁸⁴ Isoladamente, essa representação pode fazer pouco sentido, entretanto, acompanhada da enquete monográfica, torna-se uma ferramenta de síntese.

²⁸⁴ BARDET, 1943b, p.154, tradução nossa. Texto original: "Montre le feu d'artifice de l'aviie urbaine, dont les éléments s'associent et se dissocient suivant l'évolution et la multiplication des fonctions."

FIGURA 23 - ESQUEMA DINÂMICOS DA EVOLUÇÃO DE LOUVIERS.



FONTE - BARDET, 1943b, p.154.

Conhecer os movimentos da transformação urbana fazia parte de uma primeira aproximação com o lugar, seguido da pesquisa sobre as características gerais: espaços livres, ruas características, mirantes, ângulos das ruas, perspectivas, etc. Para tal, Bardet recomendou, além da experiência em si, uma consulta à *Comission Départementale des Sites et Monuments Naturels*, para que então fosse confeccionado o "Plano de Caracterização do Sítio".

Ao definir os levantamentos dispostos no Quadro 5, Bardet dispôs as noções de "caráter" e "fisionomia" como distintas e complementares. Enquanto o caráter se aproxima da percepção espacial, sobretudo por meio da escala e espaços livres, a fisionomia diz respeito à tipologia do conjunto edificado: monumentos, grandes equipamentos, edifícios públicos e privados. Segundo o autor, o urbanista deveria verificar a concordância entre o "Plano de Fisionomia Local" e a "Caracterização do Sítio" (Quadro 5, itens B e I, respectivamente), considerando inclusive a utilização natural do sol.²⁸⁵

Para compreensão da estrutura ativa dos aglomerados, Bardet desenvolveu a Topografia Social (TS), ferramenta pela qual militou durante anos, aprimorando-a como

²⁸⁵ BARDET, 1943h, p.86.

meio mais eficaz de captar as dinâmicas econômicas e sociais no espaço. Para construir uma Carta de TS, o pesquisador deveria considerar as atividades agrícolas, comerciais, industriais, artesanais, os tipos de habitação e a “vida familiar” (jornada, condição social, hábitos, atividades intelectuais e espirituais).

A princípio, a TS deveria ser representada numa carta colorida e em escala que permitisse abarcar o território estudado lote a lote.²⁸⁶ A ferramenta poderia ser aplicada em porções territoriais diversas – de uma quadra à cidade inteira – e originar outros gráficos, como as pirâmides etárias e os complexos “perfis psicológicos”. Bardet, a comparava a um microscópio, que permitiria enxergar em detalhes as formas e movimentos da vida urbana.

Vinte planos de análise concebidos como os pontos anteriores não podem substituir o mapa sintético da topografia social, nem do ponto de vista prático, nem pela riqueza das descobertas que o urbanista fará, explorando esta maravilhosa mescla dos modos de vida que os tecidos urbanos ainda não degenerados oferecem em tecidos intersticiais simples[...] É a única pintura real e completa da cidade, a única que convém aos urbanistas praticantes.²⁸⁷

Ao apresentar a TS na sociedade de estatística, Bardet afirmou que, após elaborar os esquemas para Poëte, buscou sem sucesso, durante dois anos, uma forma de representar a “fisionomia urbana resultante de uma coletividade viva”. Até que, ao finalizar a escrita de “*Problèmes d’Urbanisme*”, conseguiu formular os “Perfis psicológicos” – esquemas que dispunham a cada ponto do eixo as atividades urbanas, também denominadas “tipo de vida” (Figura 24).

FIGURA 24 -Esquema base de um perfil psicológico.



FONTE - BARDET, 1943h, p.152.

²⁸⁶ Este não era um recurso acessível para as publicações da época, por isso, toda a cartografia de TS neste livro está em preto e branco.

²⁸⁷ BARDET, 1943h, p.111, tradução nossa. Texto original: “*Vingt plan d’analyse conçus comme les pointages antérieurs ne peuvent remplacer le cartogramme synthétique de la topographie sociale, ni du point de vue pratique, ni pour la richesse des découvertes que l’urbaniste y fera, en explorant ce merveilleux enchevêtrement des genres de vie qu’offrent les tissus urbains non encore dégénérés en simples tissus interstitiels[...] Elle est la seule peinture réelle et complète de la ville, la seule qui convienne à des urbanistes praticants.*”

Tais perfis permitiram que o urbanista pudesse comparar a cidade na “duração”, mas não no espaço, por isso Bardet teve a ideia de marcar a localização de cada “tipo de vida” levantado no mapa. Na primeira tentativa, o resultado foi um mapa pontilhado que indicava a concentração populacional, mas ainda não atingia o objetivo do urbanista, que continuou buscando aprimorar a representação.²⁸⁸

Os “Perfis psicológicos” foram gráficos desenvolvidos para acompanhar periodicamente (a cada recenseamento, por exemplo) as variações socioeconômicas de uma aglomeração. Para construção dos perfis, o urbanista apresentou 14 categorias de atividades (ver Figura 24). À esquerda estão as profissões “elementares” (pesca, agricultura, lenhador), pouco a pouco substituídas por “intervenções maquinistas” (transporte, indústrias, construção).²⁸⁹ A definição dessas categorias foi realizada com base em documentos estatísticos e continuou sendo aprimorada nos estudos seguintes. Em 1944, Bardet acrescentou as categorias de arrendatários e desempregados/indigentes.²⁹⁰

Os perfis psicológicos (ou sociológicos)²⁹¹ eram, segundo Bardet, uma forma de conhecer a população em aspectos qualitativos e quantitativos, pois através deles seria possível mapear a distribuição da população ativa. Portanto, depois de identificadas as tendências gerais e históricas, seria possível conhecer as “variações residuais”, isto é, as dinâmicas passíveis de serem modificadas no território.

²⁸⁸ BARDET, 1944d, p.250.

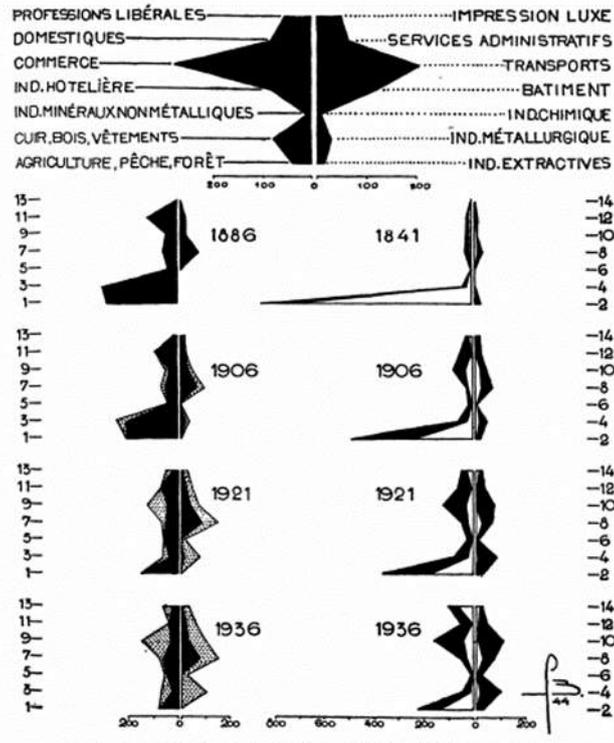
²⁸⁹ BARDET, 1943h, 111.

²⁹⁰ Segundo o urbanista foram consultados os estudos: “*Definitions et classifications recommandées par la Société de Nations pour les statistiques de la population active*” (1938); “*Nomenclature des industries pour le classement des établissements*” (1941); “*Le recensement des industries et professions*” (1941). BARDET, 1944d, p.266-267.

²⁹¹ Segundo o registro do debate, após a apresentação na *Société d’Estatistique* o termo “perfil psicológico” foi bastante questionado pela inadequação, sugerindo-se “perfil sociológico”. A sugestão foi acatada por Bardet, que adotou a nomenclatura nas publicações posteriores.

Na Figura 25, ele apresenta a comparação de duas comunas: Saint-Brice (à esquerda) mostra os trabalhadores ativos na cidade (preto) e fora dela (cinza); Groslay (à direita) destaca o número de patronato (branco) e salariado (preto).

FIGURA 25 - COMPARAÇÃO DE PERFIS SOCIOLÓGICOS.



FONTE - BARDET, 1944d, p.253.

Antes de explicar a TS, é importante sublinhar que os “Cartogramas de TS” apresentados por Bardet nos artigos e livros são, na verdade, sínteses de um longo processo de pesquisa e vivência, o que dificulta nossa interpretação sobre o resultado. Outro ponto que deve ser observado é a qualidade da reprodução, pois esses mapas precisam ser coloridos e ter escala legível para total assimilação, o que não aconteceu na maior parte dos livros do autor.

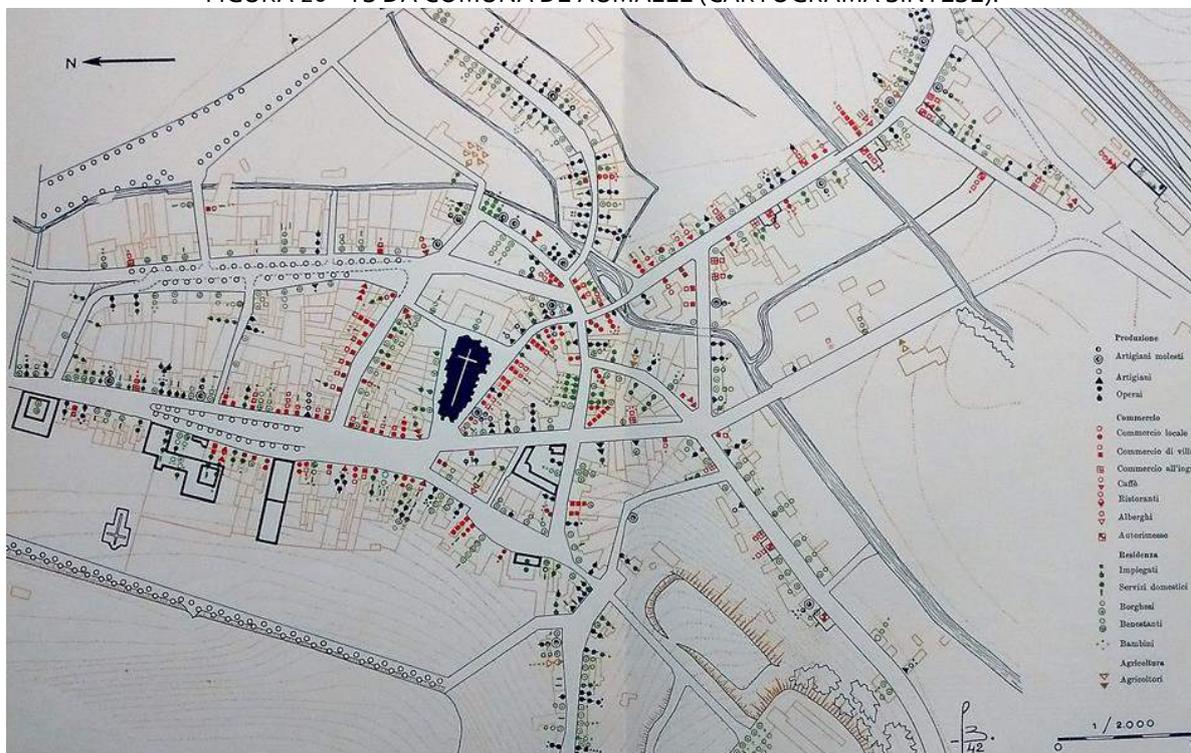
Ao iniciar a elaboração do cartograma, o urbanista deveria estar munido dos recenseamentos, do mapa da aglomeração analisada e das observações levantadas durante a enquete. As etapas a seguir seriam representadas em folhas transparentes e sobrepostas, até alcançar o Cartograma Síntese da TS (Figuras 25 e 26):

1) Mapa base (*fond de plan topographique*): representar o sítio natural e parcelamento do solo. Nesse mesmo mapa, o urbanista deveria destacar os edifícios e espaços públicos; os edifícios e espaços semipúblicos; as vias comerciais;

II) Primeiro decalque: pontuar no local de habitação cada habitante (ou família, a depender da população da área estudada), com auxílio do recenseamento. Sugere-se a utilização de 20 símbolos para representar os “tipos de vida” e 4 cores para indicar o uso do lote (residencial/verde, comercial/vermelho, agrícola/amarelo e produção artesanal ou industrial/ azul). Crianças e pessoas não ativas, seriam representadas por pequenos pontos em preto ;

III) Segundo decalque: repetir a etapa anterior, marcando esses mesmos habitantes no local de trabalho, possibilitando visualizar a “multiplicidade essencial da vida urbana”.²⁹²

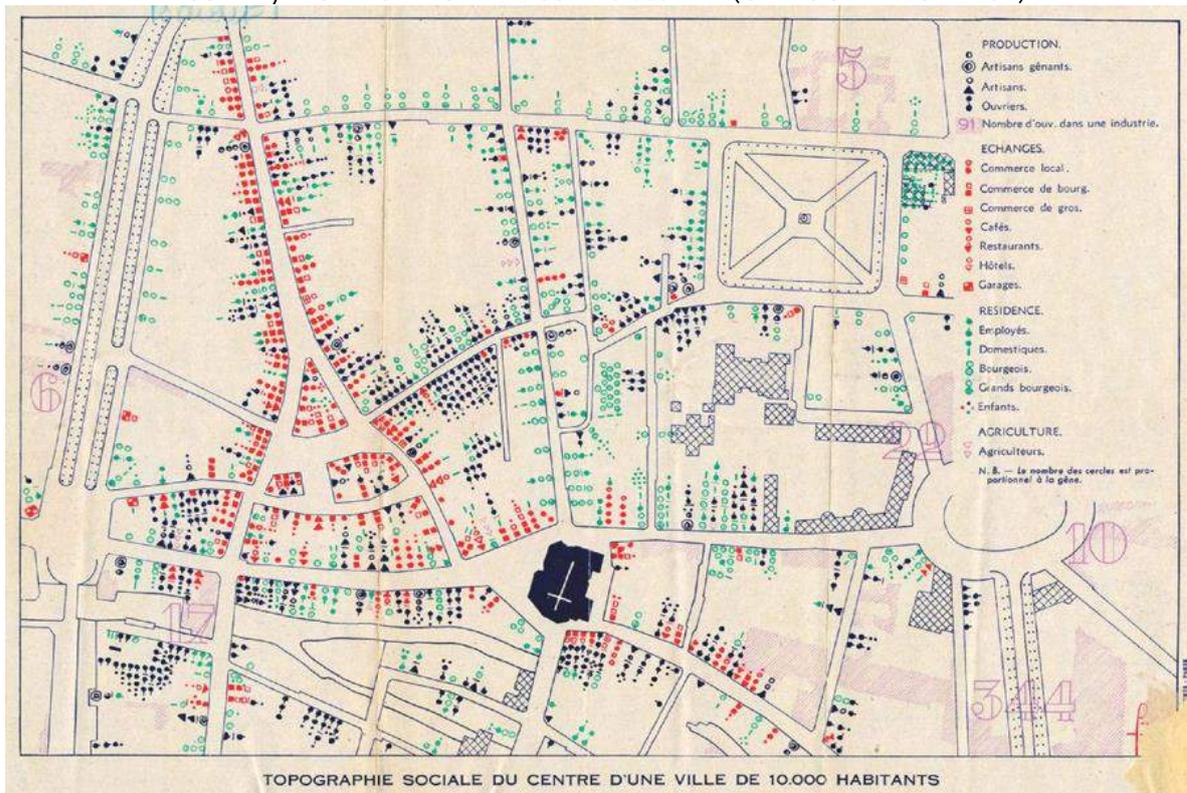
FIGURA 26 - TS DA COMUNA DE AUMALLE (CARTOGRAMA SÍNTESE).



FONTE - Fond Bardet, cx. 09.

²⁹² BARDET, 1944d, p.256-257.

FIGURA 27 - TS DE UMA CIDADE COM 10.000 HAB (CARTOGRAMA SÍNTESE).



FONTE - BARDET In FREY, 2001, p.32-33.

Uma vez configurada a TS e demais investigações listadas nos Quadros 4 e 5, o urbanista estaria pronto para definir o zoneamento dividido em duas partes. O “zoneamento de fato” corresponderia ao aglomerado existente, incorporando os diversos aspectos levantados, tanto físicos quanto econômicos e sociais. Já o “zoneamento ativo” estabeleceria a cidade desejável, definindo os perímetros de proteção (natural, social ou histórica), prevendo um sistema de espaços livres e áreas de transição entre os perímetros de construção e diversos graus de adensamento (que mais tarde se tornariam escalões).

Esses princípios são fundamentais para compreender que o pensamento urbanístico de Gaston Bardet não rechaçava a ferramenta do zoneamento, mas a compreendia como um procedimento completamente distinto do que foi propalado pela Carta de Atenas de 1931. Embasado nas observações sociais, estatísticas e geográficas, o zoneamento se distanciava da abstração e, seguindo um *modus operandi*, deixava de ficar à mercê de subjetividades, posições ideológicas e interesses imobiliários. O urbanista que se dispunha a se embasar nas enquetes e topografia social, e com isso ampliava, indiscutivelmente, seu conhecimento e propriedade sobre a vida urbana.

O novo urbanismo que nosso século deve elaborar será experimental ou não será. Nenhuma ciência é possível sem um documento mensurável e comparável. Nenhuma ciência é possível se não representarmos social e geograficamente os indivíduos que compõem as cidades.²⁹³

A leitura de "*Problèmes d'Urbanisme*" e "*Principes Inédits d'Enquêtes et d'Analyses Urbaines*", cotejada pelo contexto histórico, interlocuções e filiações, leva a concluir que, na contínua busca de referências para consolidar o conhecimento sobre o urbanismo, Bardet ampliou o leque de saberes que lhe serviram de aporte. O estudo da Geografia lhe possibilitou ter uma compreensão mais complexa sobre o território, assim como a Estatística representou uma possibilidade de registrar e universalizar a dimensão social e a "evolução urbana". Há nesse objetivo um descolamento gradual da noção de Poëte, visto que os problemas do urbanismo, as enquetes e as análises urbanas têm por objetivo encontrar as "leis naturais da evolução".

É na busca por tais leis que o pensamento urbanístico de Gaston Bardet converge com o de Geddes. Para formular uma abordagem teórico-metodológica, ele partiu da experiência. Foi a observação dos casos estudados, dos planos realizados, dos projetos e temas do ASUA, das questões enfrentadas na SFU que tornou possível classificar e teorizar os problemas do urbanismo. Ao mesmo tempo, a teoria da "evolução das cidades", a dimensão social e a noção de "região" o motivaram a desenvolver métodos de registrar, sintetizar e comparar as pesquisas urbanas. Nesse sentido, Bardet conformou seu pensamento urbanístico num duplo e intrincado processo de análise/síntese, aplicação/teoria, parcial/total, inteligência/intuição.

Os dois livros de Bardet trabalhados neste capítulo tiveram ressonâncias consideráveis, principalmente pela capacidade de traduzir teorias num conjunto de ferramentas extremamente necessárias para dar início à reconstrução das cidades sinistradas pela guerra. Ao definir os problemas e métodos de análise, o urbanismo aplicado deveria ser conduzido pela vida urbana, tendo como finalidade maior o desenvolvimento humano.

²⁹³ BARDET, 1943h, p.152, tradução nossa. Texto original: "*Le nouvel urbanisme que notre siècle doit élaborer sera d'ordre expérimental ou il ne sera pas. Point de science possible sans document mesurable et comparable. Point de science possible si l'on ne représente pas socialement et géographiquement les individus composant des villes.*"

4 O URBANISMO PARA FLORESCIMENTO DO SER

“Um urbanista é um evocador de almas”²⁹⁴. Aportado em Bergson, Gaston Bardet definiu a atuação do urbanista como algo intrinsecamente ligado à apreensão da alma, elã vital ou essência que permeia todas as coisas. Ao urbanista não poderia faltar a vontade de conhecer, tampouco a habilidade de sentir as transformações das cidades e das populações que nelas habitam. Portanto, ao considerar as cidades como manifestação da vida em sociedade, o urbanismo teria a capacidade de mudar, para melhor ou pior, as relações humanas.

A citação que marca o início do texto é também a frase conclusiva de “*Le Nouvel Urbanisme*”²⁹⁵, obra escolhida como recorte de análise para este capítulo. O livro foi escrito enquanto Bardet vivenciou a 2ª Guerra Mundial e buscou referências para a reconstrução, na expectativa de um recomeço para as cidades e sociedades dilaceradas. É possível afirmar que é o livro mais denso do urbanista. O texto é complexo, repleto de referências e análises, nas quais ele sintetizou os fundamentos filosóficos e estabeleceu diretrizes para o enfrentamento dos novos problemas urbanísticos.

Em geral, a ampla destruição e o estado de calamidade das cidades sinistradas no segundo pós-guerra foram assustadores, por outro lado, isso concedeu aos urbanistas uma *tábula rasa* jamais imaginada. Nos países do velho continente, onde a pré-existência era um ponto importante a ser considerado e debatido nas reformas e planos urbanísticos, a destruição gerou a possibilidade de reconstruir do zero, extinguindo problemas de higiene, circulação e aproveitamento do solo, constantemente relacionados à forma urbana antiga.

“*Le Nouvel Urbanisme*” é um livro que marca um deslocamento no pensamento urbanístico de Gaston Bardet, que passa a centrar o homem como finalidade maior do urbanismo e fundamentar o campo em base filosófica, teológica e moral. Para compreender essa mudança, foi necessário me debruçar sobre o contexto em que o livro foi escrito, relacionando-o aos debates urbanísticos durante a Ocupação Alemã e da Libertação Francesa. De igual modo, a noção de comunidade tantas vezes utilizada pelo urbanista e a ênfase dada aos filósofos cristãos conduziu-me a analisar com mais afinco o curto e período de interlocução entre Bardet e o movimento *Économie et Humanisme*. Por fim, apresento

²⁹⁴BARDET, 1948d, p.321, tradução nossa. Texto original: “*Un urbaniste est un appeleur d’âme*”

²⁹⁵BARDET, 1948d.

minha interpretação do “Novo Urbanismo” de Gaston Bardet, elucidando as principais concepções, filiações, as permanências e as mudanças no seu pensamento urbanístico.

4.1 Um urbanista em tempos de “revolta da técnica”

A 2ª Guerra Mundial foi um evento bélico sem precedentes, com impactos incomensuráveis sobre as sociedades do século XX. Considerada uma “guerra total”, envolveu todos os continentes e mobilizou todas as forças e recursos disponíveis: militares e civis, industriais e humanos, tecnológicos e naturais. Ao questionar-se a respeito dos impactos dessa guerra sobre a produção e tecnologia, Eric Hobsbawm²⁹⁶ define o acontecimento histórico como catalisador de uma revolução na organização industrial, na administração e na tecnologia.

A guerra em massa exigia produção em massa. Mas a produção também exigia organização e administração, mesmo sendo o seu objetivo a destruição racionalizada de vidas humanas da maneira mais eficiente, como nos campos de extermínio alemães. Falando em termos mais gerais, a guerra total era o maior empreendimento até então conhecido do homem, e tinha de ser conscientemente organizado e administrado.²⁹⁷

A guerra foi enunciada por Walter Benjamin²⁹⁸ como a “revolta da técnica”, resultado da disparidade entre a intensificação dos meios de produção e a incapacidade de absorção dos recursos produzidos. À medida que o desemprego, a falta de mercado e as relações de propriedade se colocavam como empecilhos à consumação “natural” das forças produtivas, a guerra impunha sua utilização “antinatural”²⁹⁹.

As visões de Hobsbawm e Benjamin permitem tecer relações entre a guerra e o “maquinismo” enunciado e tantas vezes repellido por Bardet. O saldo de milhões de mortos está diretamente ligado à impessoalidade das massas promovida com a nova organização bélica industrial³⁰⁰. Embora não tenha relatado diretamente a experiência de vivenciar o conflito bélico, é inevitável perceber os impactos desse acontecimento no seu pensamento

²⁹⁶ HOBBSAWM, E. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

²⁹⁷ Ibid, p.51.

²⁹⁸ BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

²⁹⁹ “Essa guerra é uma revolta da técnica que cobra em material humano o que lhe foi negado pela sociedade.” (Ibid, p.196)

³⁰⁰ “As maiores crueldades de nosso século foram as crueldades impessoais decididas a distância, de sistema e rotina, sobretudo quando podiam ser justificadas como lamentáveis necessidades operacionais” (HOBBSAWM, op cit., p.56).

urbanístico. O horror à massificação, às multidões que assolavam os centros urbanos e à sociedade de consumo livre de amarras religiosas e de solidariedade se amplificavam a cada publicação do urbanista. Ele se mostrava aflito com a impessoalidade, a perda de domínio sobre a criação, com a crescente pobreza resultante do desequilíbrio entre cidade e campo, entre produção e consumo.

As máquinas reduziram parte do trabalho duro, mas aumentaram, no momento, o trabalho 'quantitativo'; por outro lado, degradaram o trabalho do homem integral e não especializado. [...] Desemprego, pauperismo, despovoamento do campo, ainda fazem parte do resgate devido à ruptura do equilíbrio entre produção e consumo.³⁰¹

O tormento da guerra não constituiu um empecilho para o avanço das investigações urbanísticas de Bardet. Entre 1939 e 1945 foram identificados 48 artigos, principalmente publicados nas revistas *Économie et Humanisme*, *Bulletin de la Société Française des Urbanistes* e *La Reconstruction (Belgique)*. Os temas preponderantemente abordados eram: a instrumentalização e resultados das pesquisas e análises urbanas; a organização urbana de vilarejos no interior; o maquinismo e consequências sociais e urbanas.

Em 1946, Bardet publicou uma coletânea de artigos de sua autoria³⁰², revisando a primeira década de produção, avaliada por ele como “dez anos de combate”. No prefácio, declarou ter alcançado a “maturidade doutrinal”, o que não era exagero se considerarmos que realizou inúmeros estudos que permitiram aprimorar as enquetes, a topografia social e os princípios de análise urbana. Pautado em dados, levantamentos, observações registradas, ele considerava cumprido o objetivo de munir o urbanismo de aparato “científico”, mas suas constatações o lançaram rapidamente para outra missão: resgatar a humanidade perdida nas aglomerações urbanas.

A atuação dos urbanistas franceses não chegou a ser interrompida, mas foi drasticamente redirecionada com a explosão da 2ª Guerra Mundial, que mobilizou profissionais para atuar nas demandas mais latentes. Arquitetos, urbanistas e engenheiros foram convocados a planejar indústrias, abrigos, depósitos de suprimentos, planos de áreas de segurança e até mesmo a servir no *front* de batalha. A redução de profissionais se tornou

³⁰¹ Bardet, 1948d, p. 85 e 86, tradução nossa. Texto original: “*Les machines ont diminué une partie du labeur pénible, mais elle ont augmenté, pour l’instant, le travail ‘quantitatif’; par contre, elles ont dégradé le travail de l’homme intégral, non spécialisé. [...] Chômage, paupérisme, dépeuplement des campagnes, font encore partie de la rançon due pour la rupture d’équilibre entre production et consommation*”

³⁰² BARDET, G. **Pierre sur pierre**: construction du Nouvel Urbanisme. Paris: Éditions LCB, 1946d.

ainda mais drástica quando contabilizados os que foram presos, viraram fugitivos, clandestinos, foram enviados aos campos de concentração ou mortos.

A política autoritária e antissemítica adotada pelo Marechal Henri Philippe Pétain³⁰³ durante o Governo de Vichy atingiria também urbanistas de círculos próximos ao de Bardet. No prefácio de *"Pierre sur Pierre"*, ele homenageou o colega André Noël, deportado e morto nos campos de concentração.³⁰⁴ No IUUP, o professor Willian Oualid foi forçado a deixar a diretoria por ser judeu, substituído por Pierre Lavedan, que deu continuidade às atividades da instituição³⁰⁵. A tensão se agravaria ainda mais com a prisão do professor, político socialista e militante Henri Sellier, por oposição e hostilidade ao regime.

O contexto de guerra se tornou mais conturbado numa França dividida entre a zona ocupada pelas tropas Nazistas, ao norte, e a zona "livre" sediada em Vichy, ao sul. Ao se estabelecer no poder, Pétain se engajou no estabelecimento de princípios e ações voltadas para a promoção ideológica de sua "Revolução Nacional".

Embasado em concepções nacionalistas, antiliberais e conservadoras, o general impôs ações de "regeneração" moral e política, fundada nos valores do lema "trabalho, pátria e família", como pode ser observado no cartaz de propaganda de 1942 (Figura 28). O cartaz também leva a entender que a "decadência" da França estava relacionada à "preguiça, demagogia e internacionalismo", que faziam disseminar o "radicalismo", "comunismo", "capitalismo", "desordem" e outros aspectos negativos. Não se pode deixar de notar o símbolo judaico que está sobre o telhado da casa em ruínas.³⁰⁶

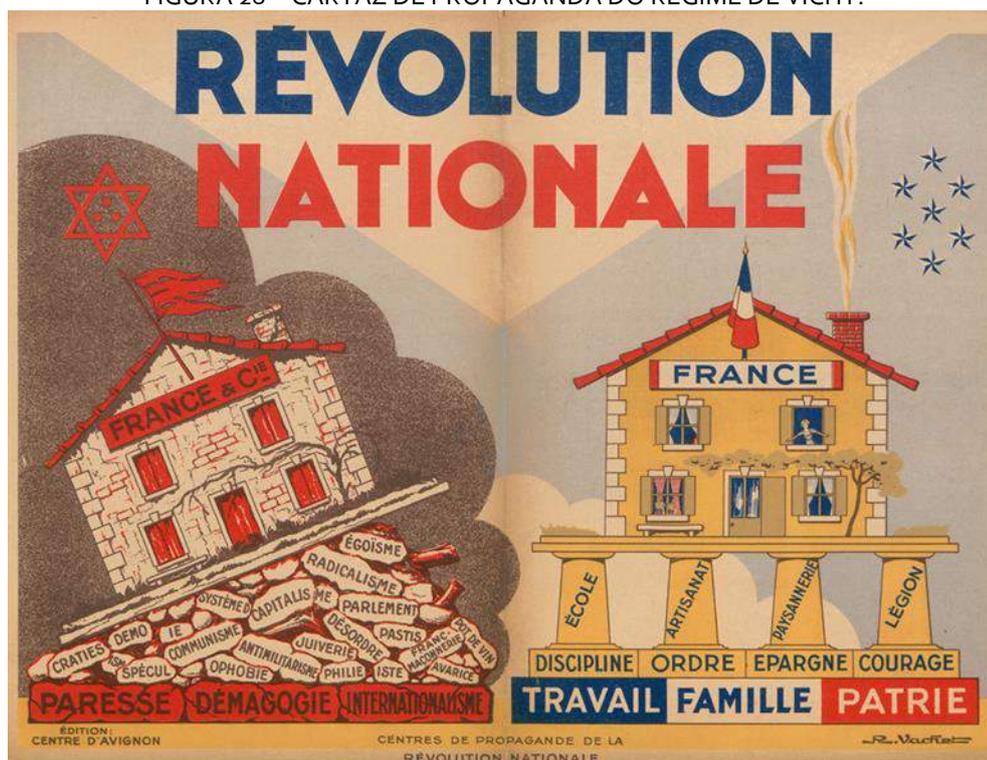
³⁰³ Após a derrota para o exército alemão, em 1940, a parte norte do território francês (Alsácia e Lorena) foi tomada. O presidente Albert Lebrun encarregou o Marechal Pétain de negociar um armistício com a Alemanha, concedendo-lhe para tal plenos poderes. A Terceira República foi então dissolvida e a capital do Estado Francês transferida para a cidade de Vichy. Neste período, que durou até 1944, a França manteve a soberania sobre o território às custas de colaborar com o Nazismo, concedendo a faixa marítima, pagando impostos, mantendo prisioneiros de guerra, enviando judeus para os campos de concentração, entre outras formas. Durante o Regime de Vichy foi criado o "Estatuto Judaico", em 1940, instituindo uma legislação antissemítica. Nesse período, os judeus foram impedidos de exercer atividades econômicas e profissionais. Estima-se que 70 mil judeus foram deportados para a Alemanha e enviados para os campos de concentração. (ANDRADE, G.I.F de; BOTTON, R. R. A influência do pensamento autoritário da Ação Francesa no governo provisório de Vichy. **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão, n. 20, p.52-66, jun. 2015).

³⁰⁴ BARDET, 1946d.

³⁰⁵ PICARD; BAUDUI, 1988, p.78-80.

³⁰⁶ Durante a Ocupação, Vichy investiu em substituir os princípios da Revolução Francesa por uma nova "Revolução Nacional", com ideologia embasada na tríade "Trabalho, Família e Pátria". Como estratégia doutrinária, a educação coletiva de jovens foi fortalecida por meio de novas instituições: *l'Université Jeune France*, *Chantiers de la Jeunesse*, *Compagnon de France*. Cf. COHEN, A. « Vers la révolution communautaire »: Rencontres de la troisième voie au temps de l'ordre nouveau. **Revue D'histoire Moderne et Contemporaine**, Paris, v. 2, n. 51, p.145-161, abr. 2004.

FIGURA 28 - CARTAZ DE PROPAGANDA DO REGIME DE VICHY.



FORTE -

<http://enenvor.fr/eeo_revue/numero_3/mise_en_%c5%93uvre_et_limite_de_la_propagande_du_r%c3%a9gime_de_vichy_ille_et_vilaine.html>. Acesso 4 fev.2019.

No âmbito do urbanismo, Jean-Louis Cohen³⁰⁷ demonstra que Vichy centralizou o controle da organização territorial, empreendendo os primeiros esforços para modernizar a legislação e buscar o fortalecimento dos vilarejos no interior do país. O autor argumenta que foi um período de políticas voltadas para o desenvolvimento rural e regional, promovendo discussões sobre o retorno do homem à terra e às tradições, enunciado como “renascimento dos vilarejos franceses”. Arquitetos e urbanistas foram orientados a investigar as características tradicionais de cada local e propor projetos que as reforçassem. Da mesma forma, deveriam estar atentos às determinações de alinhamento, gabarito, estética e limite de ocupação das legislações locais.

Tal argumento foi endossado por Remi Badoui³⁰⁸ ao afirmar que, num país cuja população urbana crescente chegou a 50% em 1930, a ascensão de Pétain, em 1940,

³⁰⁷ COHEN, J.L. Architecture, arts et culture dans la France de Vichy, 1940-1944. Curso ministrado no Collège de France em 2016. Disponível em < <http://www.college-de-france.fr/site/jean-louis-cohen/course-2015-2016.htm>>. Acesso em 1º nov. 2018.

³⁰⁸ BAUDOUI, R. Les technocrates sous Vichy: Modernité productive et anti-modernité architecturale et urbaine. Colloque Architecture, arts et culture dans la France de Vichy, 1940-1944. Paris: Collège de France, juin, 2016. Disponível em < <http://www.college-de-france.fr/site/jean-louis-cohen/symposium-2016-06-16-09h30.htm>>. Acesso em 1º nov. 2018

representou uma reação da França rural. Por isso, as metáforas de “renascimento”, “regeneração nacional”, “reconstruir a França pela grandeza da técnica” exaltavam a supremacia dos valores tradicionais. O pesquisador lembra que a valorização rural também foi acompanhada pela modernização técnica e industrial – conduzida por engenheiros, que tiveram papel protagonista no regime.

Ressonâncias dessa política podem ser observadas nas publicações de Gaston Bardet, que desenvolveu uma série de enquetes no interior do país.³⁰⁹ O contato com o urbanismo anglo-saxão, sobretudo com a obra de Geddes, assim como os estudos da topografia social, reafirmaram a necessidade de trabalhar em escala regional. Isso porque a articulação entre vilarejos e cidades de médio porte permitiria que as aglomerações urbanas crescessem de forma mais orgânica, amenizando muitos dos problemas enfrentados nas grandes metrópoles, sobretudo os sociais e morais.

No artigo “*Urbanisme: Les villages-centres*”³¹⁰, o urbanista propôs a utilização dos métodos de enquete e análise urbana para identificar vilarejos, cujo raio de abrangência seria mais indicado para serem fortalecidos como centralidades locais e regionais.

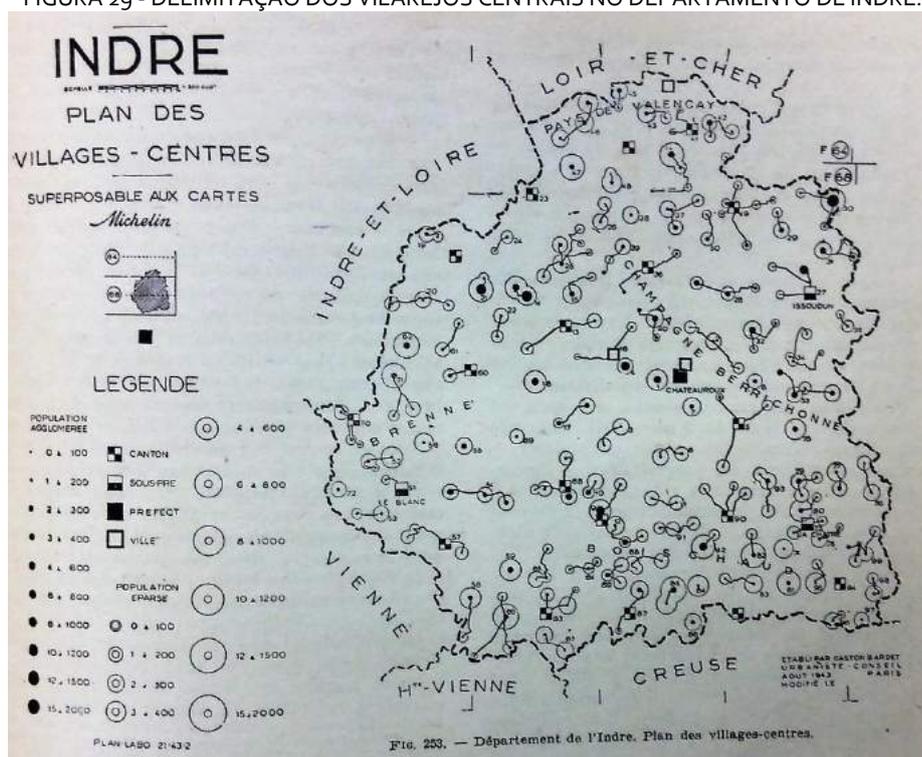
A Figura 29 mostra o exemplo do estudo dos vilarejos no departamento de Indre (região central da França).³¹¹ Entre os critérios representados estão: I) população aglomerada; II) população dispersa, III) localização IV) hierarquia e tipo de unidade administrativa. Segundo Bardet, tal estudo deveria fundamentar a identificação dos: A) vilarejos centrais de 1ª classe, já expressivamente equipados para atender a região; B) vilarejos centrais de 2ª classe, posicionados em localizações estratégicas para tornar acessíveis os benefícios da cidade pela implantação de infraestrutura, centros sociais, esportivos e educacionais; C) vilarejos centrais de 3ª classe, menores e em localidades mais esparsas, com objetivo de interligar vilarejos isolados. Esses pontos nodais consolidariam uma rede de vilarejos, que poderia diminuir o êxodo rural e a dependência da metrópole.

³⁰⁹ BARDET, 1943b.

³¹⁰ BARDET, G. *Urbanisme: Les Villages-centres*. **L'Architecture Française**, Paris, nº 11, p.29-31, sep. 1941b.

³¹¹ BARDET, G. *Le ruralisme : esquisse d'une doctrine*. Sources. Vichy: Chantiers de la Jeunesse, dez, 1943 [Texto publicado na coletânea BARDET, 1946d].

FIGURA 29 - DELIMITAÇÃO DOS VILAREJOS CENTRAIS NO DEPARTAMENTO DE INDRE.



FONTE - BARDET, 1946d, p.259

Instigado pelo debate, Bardet chegou a esboçar num artigo uma “doutrina do ruralismo”, equivalente ao urbanismo para vilarejos e cidadelas nas zonas rurais.³¹² Para ele, o ruralismo demandava métodos específicos que permitissem compreender os vilarejos inseridos numa dinâmica regional, e não como simples redução de escala das cidades. Dessa forma, seria necessário conhecer a evolução da economia rural, estudar e fortalecer a economia regional nas propostas de melhoria e organização das estruturas e do habitat rural.

O desenvolvimento rural era, do ponto de vista de Bardet, um meio de fixação do homem no campo, portanto, uma via para resgatar o equilíbrio econômico e social.

Se sabemos que a metrópole deve ser esvaziada, para salvar a nação devemos ter cuidado para não imaginar um retorno à terra que leve a um aumento no número de produtores agrícolas[...] Como a agricultura não pode absorver mais pessoas, e as metrópoles devem limitar severamente a imigração de desenraizados, toda uma população saudável - proveniente de estratos rurais e de famílias urbanas que ainda não são improdutivas - deve encontrar espaço para seguir.³¹³

³¹² BARDET, 1941b.

³¹³ Ibid, p.265, tradução nossa. Texto original: “Si nous savons qu’il faut dégonfler les métropoles, pour sauver la Nation, il faut se garder d’imaginer un retour à la terre conduisant à une augmentation du nombre des producteurs agricoles. [...] L’agriculture ne pouvant absorber plus de personnel, et les métropoles devant limiter sévèrement l’immigrations des déracinés, toute une population saine – provenant l’excédent des couches rurales et des familles urbaines non encore stérilisées – doit trouver des dévatoires.”

É interessante notar que o texto foi publicado na revista *Sources*, editada pelo *Chantiers de la Jeunesse*, instituição de formação de jovens de Vichy, apresentando algumas afinidades ideológicas como o controle populacional, a exaltação ao trabalho rural e ao regionalismo como elemento nacionalista. Entretanto, as investigações de Bardet nesta mesma temática também foram publicadas por revistas de distintas linhas editoriais, revelando não só o interesse pelo tema como a facilidade do urbanista para transitar em diferentes nichos intelectuais e ideológicos até então.³¹⁴

Durante a Ocupação, as revistas de arquitetura e urbanismo passaram a ter discussões mais restritas devido ao controle do Estado, sendo também pressionadas para eliminar colaboradores judeus. A consolidada revista progressista *L'Architecture d'Aujourd'hui*, cuja linha editorial priorizava as experimentações tecnológicas, arquitetura de vanguarda e novos planos e temas emergentes no urbanismo, teve a publicação interrompida em 1940. Mesmo ano em que foi lançada a *L'Architecture Française*, com uma agenda voltada para temas ligados à religião, regionalismo, nacionalismo e urbanismo rural. Cabe sublinhar que ambas as revistas contaram com a participação de Bardet, tanto com artigos quanto no comitê de redação (ver Apêndice 1 – Cronologia Gaston Bardet).

Se consideradas as afinidades demonstrada nos artigos, não causa espanto que Bardet tenha continuado a atuar como urbanista durante a Ocupação. Natural de Vichy, ele já era reconhecido quando foi convidado pela *Société de Sciences Médicales* a realizar o plano integrado de passeios e parques.³¹⁵ Logo, quando a imprensa anunciou a decisão do Marechal Pétain de realizar um plano urbanístico comemorativo da permanência na cidade, foi ratificada a tendência de que ele fosse o urbanista escolhido para coordenar:

³¹⁴ Outros artigos de Bardet sobre o tema: À la recherche d'une structure rurale: les villages-centres. **C.N.O.F.**, Paris: n° 16, p. 1-3, mai 1942a; À la recherche d'une structure rurale: les villages-centres. **Economie et Humanisme**. Paris: n° 10, p. 873-894, nov. 1943a; Les Villages-centres. **La Reconstruction**, Bruxelles, n. 20, set., 1942b.

³¹⁵ BARDET, G. Les alentours immédiats de Vichy: um plan de promenades et parcs. **Revue d'Administration Communale**, Paris, v. 2, n. 9, p.43-47, fev. 1939d. Fond Bardet, cx. 25.

Foi um funcionário do Ministério do Interior que me confiou o estudo desse plano, porque na época o urbanismo dependia desse ministério por causa de sua supervisão sobre as comunas. Assim, fiz o plano de Vichy, cidade termal, rainha da cidade das águas e não cidade-sede do governo que se considerava então como provisório. Eu não trabalhei com autoridades do governo. Por outro lado, eu tinha o dever de apresentar o plano final ao Marechal Pétain.³¹⁶

Não é possível afirmar que Bardet aderiu ao Governo Vichy, pois o referido plano consiste no único registro de colaboração. Os recortes de jornal (Figura 30) revelam que seu depoimento é esquivo, visto que anunciam de fato um plano para a cidade-sede do governo. De igual modo, há fotografias dele apresentando o plano ao Marechal e equipe (Figura 31). Possivelmente, no período pós-guerra a elaboração desse plano marcou negativamente o seu currículo.

FIGURA 30 - RECORTES DE JORNAL ANUNCIANDO O PLANO DE BARDET PARA VICHY EM 1943.



FONTE - Fond Bardet, Cx.08.

³¹⁶ BARDET In CULLIER, 1977, p.50, tradução nossa. Texto original: « C'est un fonctionnaire du Ministère de l'Intérieur qui me confia l'étude de ce plan, car à l'époque, l'urbanisme dépendait de ce ministère du fait de sa tutelle sur les communes. J'ain donc fait le plan de Vichy, ville thermal, reine des ville d'eaux et non ville-siège du gouvernement que l'on considérait alors comme provisoire. Je n'ai pas travaillé avec les autorités gouvernementales. En revanche, j'ai eu le devoir de présenter le plan terminé au Maréchal Pétain »

FIGURA 31- GASTON BARDET APRESENTANDO O PLANO DE VICHY AO MARECHAL PÉTAIN (1939-1942).



FONTE -< https://archiwebture.citedelarchitecture.fr/fonds/FRAPN02_BARGA> Acesso em 13 jun.2919.

No cenário francês de reorganização profissional e contratação de urbanistas para os planos de reconstrução, ele se tornou uma figura cada vez mais isolada. Em meio à renovação política e ideológica da Liberação³¹⁷, ele permaneceu convicto de sua doutrina, colidindo com as novas políticas de reconstrução e urbanismo. Algumas décadas depois, quando questionado sobre o tema, respondeu de modo incisivo: “Efetivamente, após a ‘desocupação’ e não liberação, pois era uma nova ocupação esquerdista³¹⁸, eu poderia ter sido eliminado se não fosse o apoio de meus colegas”³¹⁹

O depoimento de Bardet alude a conflitos iniciados antes mesmo do fim da guerra. As questões da reconstrução das cidades sinistradas delimitavam um novo campo de disputas profissionais, políticas, econômicas e ideológicas. Nos anos de Ocupação, coube ao *Commissariat à la reconstruction immobilière* a condução dos planos e projetos de

³¹⁷ A Liberação consiste na retomada progressiva do território Francês pelos Aliados, ocasionando o fim da Ocupação Alemã e do Regime de Vichy em 1944.

³¹⁸ A “nova ocupação esquerdista”, à qual Bardet se refere ressentido, foi o Governo Provisório da República da França, estabelecido após a desocupação das forças militares alemãs e liderado pelo Primeiro Ministro Charles de Gaulle.

³¹⁹ BARDET, 1977, p.50, tradução nossa. Texto original: “Effectivement, après la ‘désoccupation’ et non libération, car c’était une nouvelle occupation gauchiste, j’aurais pu être éliminé sans le soutien de mes confrères”.

reconstrução; após a Liberação, o órgão foi substituído pelo *Ministère de la Reconstruction et de l'Urbanisme (MRU)*.³²⁰

Sobre o MRU, Voldman³²¹ converge com Jean-Louis Cohen³²² ao afirmar que, apesar do redirecionamento ideológico, não foram desfeitos os avanços do governo anterior. Por exemplo, foram mantidas legislações urbanas, regulamentação profissional e instrumentos de controle do padrão construtivo, a regulamentação da profissão do arquiteto e as associações de cidades sinistradas.

Ao final da guerra, a iniciativa de criar um órgão que acelerasse o processo de reconstrução das cidades se multiplicou nos países da Europa, demarcando a expansão do Estado sobre o controle e a urgência das questões urbanas e sociais. Em números oficiais, a estimativa do governo francês foi de 270.000 imóveis de habitação destruídos e mais 1.210.000 danificados³²³. Assim, organizar o caos de um país arrasado pela guerra estava determinado como objetivo prioritário do MRU:

Finalmente, a tarefa atribuída ao Ministério da Reconstrução e Urbanismo pelo decreto que o fundou, em 16 de novembro de 1944, é de ordenar o caos, apesar da escassez e de reconstruir cidades bombardeadas e destruídas. Portanto, é uma determinação que emana de instâncias muito diferentes: reconstruir um país devastado por sucessivas campanhas, abrigar todos os sem-teto, construir cidades modernas. A quarta e última preocupação, o *leitmotiv* de discursos e diretrizes ministeriais, não dissocia o vasto negócio de restauração urbana, exigido pelos danos da guerra, de uma ação geral e concertada de planejamento territorial.³²⁴

Voldman ressalta ainda que, a fim de consolidar uma política de “ordenamento territorial”, o MRU constituiu uma visão nacional do desenvolvimento demográfico e econômico. Delimitando, para as etapas de reconstrução urgentes, um elo com a construção de cidades futuras, transformando e, ao mesmo tempo, integrando paisagem urbana e rural.

³²⁰ Sobre a reconstrução no regime de Vichy e atuação do MRU cf: VOLDMAN, D. Reconstruire pour construire ou de la nécessité de naître en l'an 40. **Les Annales de La Recherche Urbaine**, [s.l.], v. 21, n. 1, p.67-84, 1984.

³²¹ Ibid.

³²² COHEN, 2013.

³²³ MINISTÈRE de La Reconstruction et Urbanisme. **La construction, la reconstruction**: un bilan. Paris: Ministère de La Reconstruction Et Urbanisme, 1950. BnF

³²⁴ VOLDMAN, 1984, p.68, tradução nossa. Texto original: "*Enfin, la tâche assignée au ministère de la Reconstruction et de l'Urbanisme par le décret qui le fonde le 16 novembre 1944 est d'ordonner le chaos malgré la pénurie et de rebâtir les villes bombardées et détruites. C'est donc bien une volonté qui émane d'instances fort différentes : reconstruire un pays dévasté par les campagnes successives, loger tous les sans-abris, édifier des cités modernes. La quatrième et dernière préoccupation, leitmotiv des discours et des directives ministérielles, consiste à ne pas dissocier la vaste entreprise de restauration urbaine, nécessitée par les dommages de la guerre, d'une action générale et concertée d'aménagement territorial.*"

As estratégias de reconstrução na Europa foram diversas, variando da reconstituição total à modernização radical. Do exemplo emblemático da reconstituição idêntica de Varsóvia, atendendo ao desejo da população em não rememorar o trauma do bombardeio, à reinvenção da forma urbana e plena utilização do concreto em Le Havre. As experiências, planos e realizações mais diversas foram expostas em 1947, na Primeira Exposição Internacional de Urbanismo e Habitação, com o tema "Reconstrução", em Paris.³²⁵

Na França, o dilema enfrentado pelos urbanistas nos primeiros anos de reconstrução estava entre reconstruir imediatamente, conservando características da antiga forma urbana, com suas limitações, ou romper com o passado e construir o novo, admitindo a necessidade de tempo para a realização de pesquisas, planos e reestruturação industrial. A segunda opção foi o caminho tomado pelo MRU: à medida que se consolidava, transformava a paisagem urbana ao utilizar o máximo das tecnologias disponíveis e do potencial construtivo do solo.³²⁶

Sobre as diferentes doutrinas da reconstrução na França, Morel³²⁷ sublinha que, além dos urbanistas formados pelo IUUP, os planos urbanísticos também poderiam ser realizados por profissionais formados em engenharia e arquitetura. Na reorganização pós-guerra, isso gerou disputas e tentativas corporativistas de apropriação do campo disciplinar como um simples ramo de atuação. Segundo a autora, esse momento representou, para distintas vertentes de pensamento, a possibilidade de emplacar uma teoria sobre a cidade, portanto, um acirrado campo de embates, tanto políticos quanto profissionais.

Entretanto, para reconstruir era preciso saber o mais rápido possível a dimensão dos danos. Daí Calabi³²⁸ sublinhar que as sondagens, pesquisas estatísticas, mapeamentos e análises socioeconômicas, morfológicas e descritivas foram fundamentais. A eficiência em levantar os danos possibilitava a delimitação das áreas prioritárias e agilizava a distribuição dos recursos materiais e humanos. Cabe lembrar que Bardet já era referência no tema, especialmente após a publicação dos seus princípios de enquete e análises urbanas.

Nos primeiros anos de atuação, o MRU contratou profissionais de vertentes e formações distintas. Ao Padre Lebreton e ao *Centre de Économie e Humanisme* coube o

³²⁵ CALABI, 2012.

³²⁶ VOLDMAN, 1984.

³²⁷ MOREL, 1989.

³²⁸ CALABI, op cit.

levantamento do estado precário das habitações em locais bombardeados (Lyon, Saint Etienne, Nantes e Marseille); Le Corbusier foi incumbido da proposta para Saint-Dié; Bardet ficou responsável pelo levantamento das comunas de Louvriers, Avignon e Clermond-Ferrand. Nesse período, entre levantamentos e experimentações, as forças políticas e econômicas se reorganizaram no país, paralelamente ao debate acerca das formas que uma França reconstruída e (re)unida deveria tomar.³²⁹

Com a nomeação de Eugène Claudius-Petit para comandar o MRU, em 1948, o órgão passou a adotar uma doutrina mais definida e clara.³³⁰ Entusiasta da arquitetura e urbanismo propalados pela Carta de Atenas, o novo ministro engajou-se num plano nacional de ordenamento territorial (*plan national d'aménagement du territoire*) focado em amenizar os desgastes da guerra e o imenso déficit habitacional.

Segundo a cartilha do MRU, para suprir o déficit habitacional francês seria necessário construir 20.000 moradias por mês durante 40 anos.³³¹ De fato, a carência habitacional, que já era latente no período entre guerras, exigia a articulação de diversas frentes. A fim de sanar essa demanda tão urgente, Claudius-Petit defendeu a arquitetura e o urbanismo produzidos em escala industrial, utilizando largamente pré-fabricados, tipologias renovadas e habitações coletivas. Em 1949, ele criou o serviço de Arquitetura dentro da direção de Construção, reforçando o protagonismo desses profissionais na política de reconstrução.

O ministro também interviu nas políticas de financiamento imobiliário, na moderação e incentivo aos aluguéis residenciais, na modernização dos escritórios de HBM. Paralelamente, participou de jornadas, conferências, revistas e jornais, reivindicando a renovação doutrinária no ensino da arquitetura e urbanismo e promovendo a disseminação de uma expressão arquitetônica moderna.

Apesar das reações no meio profissional, pode-se dizer que Claudius-Petit foi um político prestigiado, pela capacidade de cooptação de profissionais em torno da causa da

³²⁹ A reconstrução deu início ao período denominado "Trinta Gloriosos" pela historiografia, correspondente às três décadas de crescimento técnico, industrial, econômico e desenvolvimento nos países da Europa Ocidental. A injeção do Plano Marshall promoveu o pontapé inicial da recuperação econômica e as bases do estado de bem-estar social. Nos diferentes países, a reconstrução mobilizou de indústrias e sistemas financeiros a operários e profissionais mais diversos, baixando as taxas de desemprego.

³³⁰ Eugène Petit (1907-1989) se formou na *l'École nationale supérieure des Arts décoratifs*, foi professor de desenho no Liceu Ampère em Lyon, durante a 2ª Guerra, compôs o *Conseil national de la Résistance*, onde adotou o codinome Claudius, foi ministro no período de 1947-52 e novamente em 1954. Sobre a relação entre o ministro e arquitetos e urbanistas cf. POUVREAU, B. **Un politique en architecture: Eugène Claudius-Petit (1907-1989)**. Paris: Le Moniteur, 2004.

³³¹ MINISTÈRE DE LA RECONSTRUCTION ET URBANISME, 1950.

reconstrução. Amigo e admirador da obra de Le Corbusier, partilhou com o arquiteto o desejo de modernizar profundamente o país, explorando o potencial simbólico da arquitetura e urbanismo na representação do país reconstruído. Claudius-Petit era crítico do ensino de arquitetura nas Belas Artes e das reconstruções que recuperavam características perdidas nas cidades sinistradas [*restitutions à l'identique*], acreditando que a adoção da doutrina moderna demarcaria a reconstrução da sociedade do seu tempo.³³²

Em 1945, Claudius-Petit deixou explícita sua posição no artigo de retomada da revista AA. Ao lado de nomes como Pierre-Vago, André Lurçat, Le Corbusier e Marcel Lods, ele iniciava uma empreitada discursiva, relacionando o novo momento político e social ao modernismo. O amplo perímetro de destruição representava, no discurso dessa vertente, a possibilidade de renovação e correção de problemas que atingiam a cidade no pré-guerra, ou seja, de reconstruir seguindo princípios de eficiência na circulação, higiene, salubridade.

Nós não vamos, como em 1918, reconstruir as mesmas pequenas casas ao longo das mesmas ruas pequenas? Não vamos sacrificar em nome do espírito do antigo as possibilidades de libertação do homem que podem nos trazer a novidade? Não reconstruiremos, no século XX, cidades dos séculos XVII e XVIII? Cidades que alimentam pontualmente os dispensários a cada dia menores? Nós não vamos viver somente num passado como um país acabado?³³³

Nesse contexto de disputas e embates entre engenheiros, arquitetos e urbanistas, entre renovação e tradição, ruptura e continuidade, Bardet manteve em seus escritos uma perspectiva antimaquinista, antiliberal e humanista, permeada de regionalismos e referências cristãs. Para ele, a verticalização e a construção de habitações multifamiliares cada vez menores atentavam contra a sociabilidade. Ele reconhecia que, diante da imensa demanda por moradia, não seria o caso de recusá-las totalmente, mas ao menos dosar a proporção dessas tipologias na cidade, direcionando-as aos idosos, celibatários e pequenas famílias.³³⁴

³³² POUVREAU, 2004.

³³³ CLAUDIUS-PETIT, E. Renaissance. *L'Architecture d'Aujourd'hui*, Paris, n. 1, p.5-6, mai-jun, 1945, tradução nossa. Texto original: "*Nous n'allons pas, comme en 1918, reconstruire les mêmes petites maison le long de mêmes petites rues? Nous n'allons pas sacrifier à l'esprit du décor ancien les possibilités de libération de l'homme que peut nous apporter un décor nouveau? Nous n'allons pas réédifier, au XX siècle, des villes de XVII et XVIII siècles? Des villes qui alimentent ponctuellement des sanas de jour en jour trop petits? Nous n'allons pas vivre seulement sur un passé comme un pays finissant?*"

³³⁴ BARDET, 1943a.

Na conferência proferida na SFU em 1945³³⁵, Bardet apresentou referências do urbanismo anglo-saxão – Lewis Mumford e Clarence Perry³³⁶ – para defender que a reconstrução fosse pensada considerando a vida “biológica” e “espiritual” das cidades. O urbanista francês se mostrou atento ao conceito de unidade de vizinhança do qual se apropriou para formulação dos “escalões urbanos”, como veremos mais adiante. Na ocasião, ressaltou que a unidade mínima do urbanismo seria o grupamento de residências familiares, que deveriam ser protegidos para favorecer as possibilidades de encontro entre as pessoas e o senso de comunidade.

Na conferência, Bardet também se posicionou contra a relocação de famílias que viviam no centro de cidades arrasadas para conjuntos de apartamentos construídos pelo MRU. Para ele, a solução estaria longe de ser realmente mais econômica, por considerá-los inabitáveis, exíguos e incapazes de abrigar uma família em crescimento. Ele repudiou a mudança brusca de tipologia, considerando como imposição de novos hábitos às famílias, tão fragilizadas pela guerra. Defendia, portanto, uma solução intermediária, incluindo a recuperação de residências dentro do parcelamento tradicional e novas habitações coletivas.

Não se trata de destruir o pouco de espírito de comunidade que existe entre os habitantes de uma mesma cidade na França, redistribuindo-os de novo, segundo uma concepção puramente financeira e não social. Seria criminoso e entenderíamos porque “os franceses não querem o remembramento!”. Finalmente, o último argumento que não deve ser esquecido pelo Ministério da Reconstrução, se coloca a questão da economia sobre a coletividade.³³⁷

De fato, as diferenças entre Bardet e as políticas desenvolvidas pelo MRU estariam só começando. Segundo o urbanista³³⁸, os altos juros de financiamento habitacional favoreciam banqueiros e a usura do Estado, denunciando casos em que “o infeliz construtor paga mais

³³⁵ “*Concordance entre les méthodes anglo-américaines d'aménagement et les méthodes françaises de topographie sociale.*” Conferência proferida à SFU em 10 abr. 1945. Fonds Bardet, Cx.029. Publicada na **L'architecture Française**, Paris, n. 50, p. 3-10, set. 1945a.

³³⁶ Clarence Arthur Perry (1872-1944) foi urbanista e sociólogo americano, membro do *New York Regional Plan Committee* (1929, idealizou as Unidades de Vizinhanças como uma rede hierarquizada de localidades dotadas de equipamentos comunitários dimensionados de acordo com o número de habitantes (COHEN, J-L., 2013).

³³⁷ BARDET, op cit, p.10, tradução nossa. Texto original: “*Il ne s'agit pas de détruire le peu d'esprit communautaire qui existe entre les habitantes d'une même ville en France, en redistribuant ces habitants encore une fois, suivant une conception purement financière et nullement sociale. Ce serait criminel et l'on comprendrait pourquoi " les Français ne veulent pas du remembrement ! Enfin, dernier argument qui ne devait pas manquer au Ministère de la Reconstruction, se pose la question d'économie, pour la collectivité.*”

³³⁸ BARDET, G. Seul le prêt sans intérêt. **Revue mensuelle de l'habitat populaire**, Paris, p.18-19, n. 34, jul. 1951h. Fond Bardet, Cx.70.

de duas vezes o seu empréstimo”³³⁹. Em contraponto à situação francesa, Bardet apresentou as modalidades de empréstimo na Alemanha, onde habitações sociais chegavam a ter 50% de subsídios dos fundos públicos, oriundos do plano Marshall, e financiamentos com taxas de juros fixas na Inglaterra.³⁴⁰

Sem fugir de polêmicas, Bardet apelidou as diretrizes do MRU de “ditadura dos *Claudius Minimus*”, ironizando a atuação dos arquitetos modernistas e a construção de habitações coletivas.³⁴¹ As querelas se multiplicaram, conforme registrado pelas páginas dos jornais; além das recorrentes críticas à Le Corbusier, Bardet teve discussões públicas com Marcel Lods³⁴² e Pierre Vago³⁴³.

As charges na Figuras 32 ironizam a política de financiamento da reconstrução e a proposta da Unidade de Habitação de Marselha, projeto realizado por Le Corbusier apoiado por Petit. A emblemática unidade, construída em concreto armado aparente, comporta 337 apartamentos projetados nos mínimos detalhes para atingir a eficiência máxima numa área mínima, como uma máquina. Aplicando os preceitos da Carta de Atenas, a unidade de habitação foi construída para ser um modelo: desenvolvida sobre pilotis para liberação do solo ao lazer e contato com a natureza, reinterpretando os objetivos delimitados na formulação das cidades-jardins no século anterior.

³³⁹ BARDET, 1951h, p.18, tradução nossa. Texto original: “[...]le malheureux constructeur paiera plus de deux fois son emprunt.”

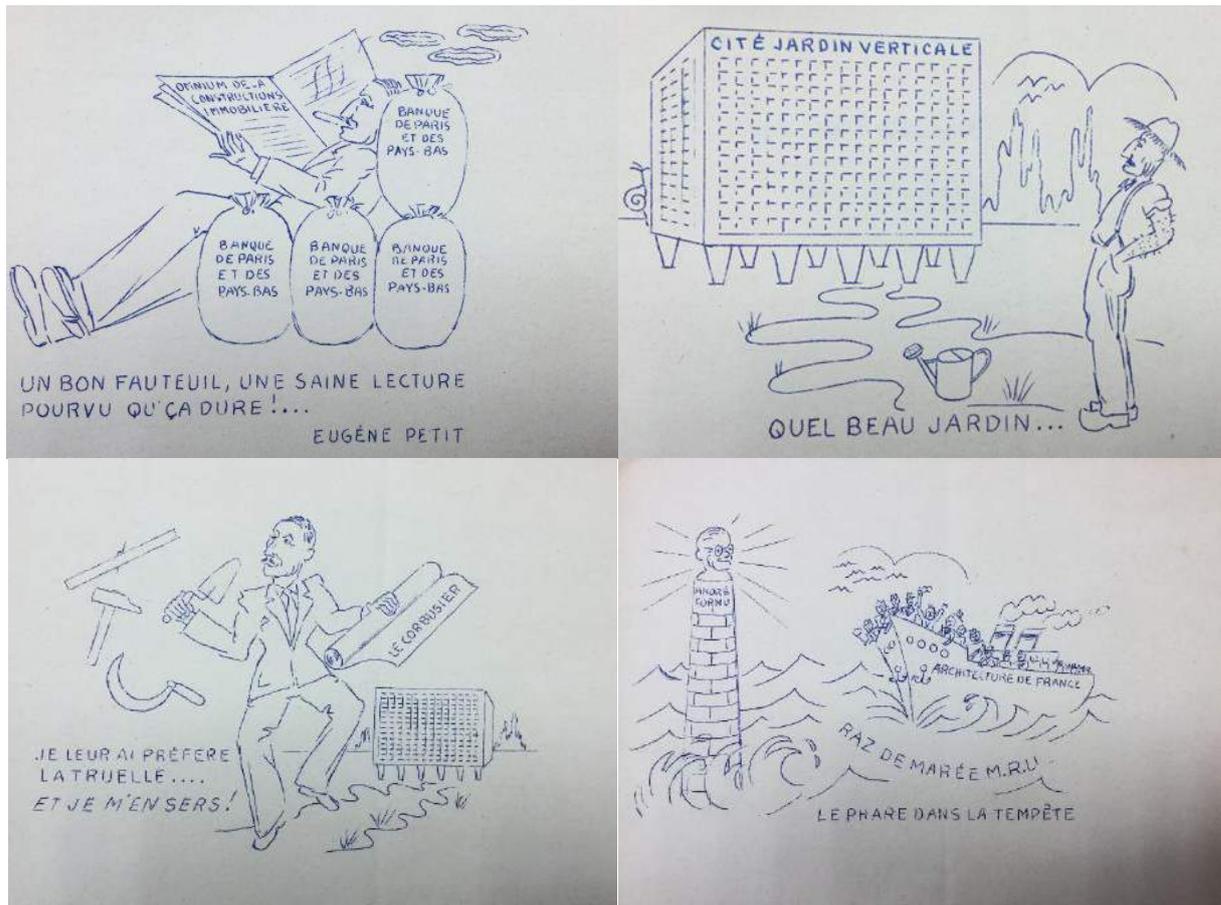
³⁴⁰ Outros artigos de Bardet sobre o financiamento da reconstrução: Comment financer la reconstruction. **La Fédération**, Paris, n. 74, p. 110-114, mar.1951a; Des canons, des munitions, merci! Des maisons, SVP. **L'Architecture Française**, Paris, n.º 109-110, p. 3-6, 1951f; Pourquoi pas le prêt à intérêt? **La Propriété familiale**, Paris, [não. p], jun. 1951g. Fond Bardet, cx.70 e 71.

³⁴¹ Gaston Bardet multiplie les polémiques et dénonce la «dictature de Claudius Minimus célèbre résistant... au ridicule». **La Journée du bâtiment**. Paris, 6 ago. 1949. Fond Bardet, cx. 73/3.

³⁴² LODS, M. Attaques contre la Charte d'Athènes. **L'Architecture d'Aujourd'hui**. Paris: n. 15, nov. 1947. BARDET, G. Réponse de David. **L'Architecture d'Aujourd'hui**. Paris: n.º 16, dez. 1947. Fond Bardet, cx. 9.

³⁴³ Numa carta resposta publicada em 1949, Vago deixa claro o rompimento com Bardet devido aos ataques considerados por ele, frequentes, pessoais e sem fundamentos. O editor recorda que no passado convidou pessoalmente o urbanista para a edição especial de urbanismo. (BARDET, G. Distinguo. **Le Maître d'Oeuvre**: de la reconstruction française. Paris, aôu. 1949; VAGO, P. Je précise mon cher **Le Maître d'Oeuvre** de la reconstruction française. Paris, n.º. 38, aôu.1949). Fond Bardet, cx. 73/2.

FIGURA 32- CARICATURAS CRÍTICAS À POLÍTICA DE FINANCIAMENTOS HABITACIONAL DO MRU E RELAÇÃO DE CLAUDIUS-PETIT E LE CORBUSIER.



FONTE - BARDET, s/d. Fond Bardet, cx. 72.

Entre as vertentes de pensamento acerca da reconstrução francesa, as ideias defendidas por Bardet passaram a ser associadas ao romantismo passadista, conservadorismo e retorno idílico ao campo. Num dos diversos embates publicados pela imprensa, Claudius-Petit rebateu as críticas alegando que a posição filosófica do urbanista supervalorizava o trabalho artesanal, com o qual seria impossível a construção de portos, navios, indústrias.³⁴⁴

As duras críticas ao MRU também podem ser observadas no jornal "*Le Maître d'œuvre de la Reconstruction française*"³⁴⁵, do qual Bardet foi "diretor doutrinário" junto a Raymond Adda, a partir de 1945. Os artigos rejeitavam a prática que denominou "urbanismo formal" e os profissionais "planistas", atingindo, de certa maneira, até mesmo seus colegas e alunos

³⁴⁴ CHEREAU, G. Claudius-Petit a commenté au Havre, au Congrès de la Propriété Familiale, ler rapport de M. Gaston Bardet: De la presence du père. *La Journée du bâtiment*, Paris, 23 jun. 1949. Fond Bardet, cx. 73/3.

³⁴⁵ LE MAÎTRE D'OEUVRE DE LA RECONSTRUCTION FRANÇAISE. Collection complète du 28 septembre 1945 au 7 février 1947. Fond Bardet, cx. 072 e 073.

que conseguiram conciliar a filiação *poëtiana* às estruturas de poder dominante no cenário pós-guerra, tais como Lavedan e Auzelle.

Consciente do seu valor e tão pouco diplomático que poderia se tornar brutal, Bardet havia se tornado uma figura embaraçosa na organização estatal do urbanismo da Reconstrução, a ponto de ser rapidamente excluída enquanto estava em plena maturidade. No entanto, seu trabalho não é apenas um corpo excepcional de crítica, mas também um empreendimento extraordinário destinado a articular a morfologia urbana e social no estudo dos planos das cidades.³⁴⁶

Pode-se dizer que a vivência de uma guerra fez Bardet defender com mais firmeza a necessidade de repensar os efeitos do maquinismo sobre o homem. Por meio de suas investigações, constatava a cada dia que a “alma” das cidades e das pessoas se esvaía para dar lugar à matéria inanimada. Na supremacia da técnica, nada nem ninguém era insubstituível; a guerra era só mais um sintoma desse desequilíbrio entre natureza e homem, essência e matéria, o qual ele decidiu combater através do novo urbanismo.

4.2 Sobre estilhaços de cidades: interlocuções com o Economia e Humanismo

O movimento Economia e Humanismo (EH) foi fundado na França em 1940, reunindo intelectuais religiosos e laicos. O objetivo inicial era formular as bases de uma doutrina que unisse o desenvolvimento econômico e humano, como alternativa à exploração capitalista e à estatização socialista.³⁴⁷ Por meio de publicações, cursos, centros de estudos, consultorias de pesquisas e planejamento urbano, o movimento se expandiu e consolidou redes em outros países, como Uruguai, Argentina, Colômbia, Chile e Brasil.³⁴⁸

³⁴⁶ COHEN, 1996, p. 145, tradução nossa. Texto original: « *Conscient de sa valeur et si peu diplomate qu'il pouvait devenir brutal, Bardet était devenu une figure gênante dans l'organisation étatique de l'urbanisme de la Reconstruction, au point d'en être rapidement exclu alors qu'il était en pleine maturité. Il reste cependant de son œuvre non seulement un corpus critique exceptionnel, mais aussi une extraordinaire entreprise visant à articuler la morphologie urbaine et la morphologie sociale dans l'étude des plans de villes.* »

³⁴⁷ Uma terceira via, chamada “economia humana”, intermediária entre as duas possibilidades, foi bastante difundida pela vertente de pensamento social cristão, especialmente por meio dos escritos de Emmanuel Mounier, Jacques Maritain e publicações da revista *Espirit*.

³⁴⁸ Sobre o EH, cf. ANGELO, M.R. **Les développeurs**: Louis-Joseph Lebre et a SAGMACS na formação de um grupo de ação para o planejamento urbano no Brasil. (Doutorado), EESC-USP, São Carlos, 2010; BOSI, A. Economia e humanismo. **Estudos Avançados**, [s.l.], v. 26, n. 75, p.249-266, ago.2012; CESTARO, L. **A atuação de Lebre et da SAGMACS no Brasil (1947-1964)**: Ideias, planos e contribuições. (Doutorado), IAU-USP, São Carlos, 2015; PONTUAL, V. **Louis-Joseph Lebre et na América Latina**: um exitoso laboratório de experiências em planejamento humanista. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016; ROLDAN, D. D. **Um ideário urbano em desenvolvimento**: A experiência de Louis-Joseph Lebre et em São Paulo de 1947 a 1958. (Mestrado) FAU/USP, São Paulo, 2012; PELETIER, D. **Économie et Humanisme**: de l'utopie communautaire au combat pour le Tiers Monde – 1941-1966. Paris: Les éditions du CERF, 1996.

Entre os signatários do estatuto fundador, constam os padres dominicanos Louis-Joseph Lebret³⁴⁹, Marie-Fabien Moos e Marie-Reginald Loew. Além dos pequenos empreendedores, filósofos e professores: Alexandre Dubois, Jean-Marius Gatheron, René Moreux, Gustave Thibon e François Perroux, todos filiados à vertente do catolicismo social francês.

Pontual³⁵⁰ define o movimento como “uma vertente sociológica e de planejamento urbano e regional, inquestionavelmente, um dos mais importantes ideários que circularam na Europa e América Latina, contribuindo para a formação de quadros de urbanismo”. Segundo a pesquisadora, o Pe. Lebret estabeleceu uma forte rede de relações sociais e intelectuais, responsável pelo desenvolvimento de pesquisas, planos e políticas voltadas para a melhoria das condições sociais no continente latino-americano.

Ao selecionar os documentos que guardou para rememorar a própria trajetória, Gaston Bardet excluiu aqueles que poderiam evidenciar melhor suas interlocuções com o EH. Não se sabe o motivo pelo qual, deste breve e impactante contato, constam apenas recortes dos artigos publicados da revista *Économie et Humanisme*.³⁵¹

O silêncio intrigante do arquivo fala por si. Entre 1941 e 1950, além do número considerável de 13 artigos, Bardet publicou um livro pela editora do movimento³⁵². Além disso, foi convidado para compor uma coletânea de estudos sobre comunidade e manteve correspondência contínua com o Pe. Lebret³⁵³. Há também inúmeras referências ao EH ao longo do livro “*Le Nouvel Urbanisme*”.

As interlocuções entre Bardet e o EH apontam principalmente para o desenvolvimento da utopia comunitária, o ideal de cidade e sociedade em oposição à ordem vigente movida pelo liberalismo e industrialização.

³⁴⁹ Louis-Joseph Lebret (1897-1966) nasceu na região da Bretanha, estudou na *École Navale* e ingressou na Ordem Dominicana em 1923. Em 1929, numa das primeiras experiências comunitárias, Lebret se aprofundou nas condições de vida dos pescadores de Saint-Malo, fragilizados pela competição dos grandes barcos pesqueiros japoneses. O padre formou a Associação dos Jovens Marítimos, ramo da recém-criada Juventude Operária Católica, e estabeleceu o sistema de cooperativa como alternativa às burocracias estatais e à oposição de classe dos sindicalismos. Numa organização horizontal, canalizou os laços de solidariedade e vizinhança como resistência às ameaças do liberalismo (PONTUAL, 2016; CESTARO, 2015; ROLDAN, 2012; PELETIER, 1996).

³⁵⁰ PONTUAL, 2016, p.16.

³⁵¹ Fond Bardet, Cx.09.

³⁵² BARDET, G. *Mission de l'Urbanisme*. Paris: Économie et Humanisme, 1949d.

³⁵³ Apesar de não haver indícios desse contato no Fond Bardet, Cestaro (2015) apresentou a sequência de correspondências entre 1946-1951, encontradas nos *Archives du Père Lebret*.

Segundo Peletier³⁵⁴, a utopia comunitária promoveu um engajamento político “oscilante entre as clivagens de esquerda-direita”, sendo também apropriada pela Revolução Nacional de Vichy. No debate sobre comunidade gravitaram concepções ambíguas completamente opostas. Na perspectiva de Le Bret, a comunidade se constituía do equilíbrio da repartição de funções entre cada membro, formando uma organização harmoniosa e hierarquizada do corpo social no espaço. A família, por exemplo, era uma comunidade espontânea e orgânica, a célula-base.

A imersão nos estudos sobre comunidade, bem como as referências teóricas em comum, indica o quanto foram intensas as trocas entre Bardet e o EH no período. A leitura do conjunto da obra do urbanista permite inferir que a interação foi decisiva para aflorar a dimensão religiosa sutilmente posta nos escritos anteriores, ou seja, lançou as bases do que mais tarde seria desenvolvido como “urbanismo cristão”.

O alcance do ideário do EH não prescindiu da publicação bimestral da *Économie et Humanisme* (1942-2007), revista fundada com o objetivo de divulgar os princípios, discutir temas de interesse e análises de conjuntura, estruturar métodos e divulgar resultados das pesquisas sociais desenvolvidas. O primeiro número apresenta uma resenha do livro “*Problèmes d’Urbanisme*”, sinalizando conhecimento e interesse dos membros do EH pelas pesquisas desenvolvidas por Bardet.³⁵⁵

De fato, o enfoque dado por ele ao espaço social era convergente com a doutrina do movimento. As enquetes urbanas, a topografia social e princípios de urbanismo formulados por Bardet contribuíram para o método de pesquisa do EH, principalmente foco na pesquisa de campo e no desenvolvimento de diagramas. É importante citar que ele foi o único urbanista listado na bibliografia sumária do curso ministrado por Le Bret na Escola Livre de Sociologia Política em São Paulo (ELSP), em 1947.³⁵⁶

O nome de Gaston Bardet também consta entre as referências do texto “*La méthode d’Économie et Humanisme*” (*Économie et Humanisme*, nº.12 e 13), no qual Le Bret e Henri Desroches apresentam o método de trabalho do grupo, utilizando diagramas semelhantes aos formulados pelo urbanista francês.³⁵⁷

³⁵⁴ PELETIER, 1996, p.56.

³⁵⁵ LOEW, M.R. Problème d’urbanisme par Gaston Bardet. *Revue Économie et Humanisme*, Marseille, n.1, p.154-156, avr-mai, 1942. *Fonds Bardet*, Cx.09.

³⁵⁶ ANGELO, 2010; PONTUAL, 2014.

³⁵⁷ PONTUAL, 2014.

Embora o urbanismo fosse inicialmente um tema secundário – se comparado à economia e sociologia –, os sucessivos números da *Économie et Humanisme* mostram que passou rapidamente ao centro das discussões.³⁵⁸ O papel exercido por Bardet nesse deslocamento foi reforçar, pelas suas técnicas de pesquisa, que as cidades saturadas eram cenário principal da pobreza, exploração e desigualdade. Tal percepção, que já aparecia de modo tênue nas primeiras publicações dele, foi aguçada nos anos de guerra, como se observa nos artigos *La Machine pour l'homme*³⁵⁹ e *Megalopolis*.³⁶⁰

Nos dois textos, Bardet retomou as críticas acerca da decadência econômica, social e moral dos grandes centros urbanos. Para o urbanista, as cidades saturadas, congestionadas, desfiguradas e poluídas eram consequência da predominante valorização da máquina sobre o homem, como meio de aumentar a produção e o lucro.

Apesar das conclusões pessimistas, o debate acerca da noção de comunidade entre os membros do EH se mostrou para Bardet como uma alternativa à degradação das cidades. Pela topografia social, ele havia verificado a relação entre a escala da cidade e o desenvolvimento humano, para concluir que quanto mais essa escala era próxima das pessoas, maior a possibilidade de bem-estar social. Ao propor o fortalecimento de vilarejos rurais e a determinação de vilarejos centrais, previu a preservação dessas características e dos laços de solidariedade, ou seja, comunitários.

A noção de comunidade, que já era discutida nos círculos intelectuais franceses desde os anos 1930, tornou-se objeto de análise mais profunda nos anos da 2ª Guerra Mundial. O movimento comunitário não se restringiu ao EH, foi mais amplo, reunindo críticos aos efeitos do liberalismo e do individualismo sobre todas as formas em prol do “bem comum”.

Um marco desse debate foi a *Journées du Mont-Dore*, em 1943, que reuniu representações de diferentes setores do governo e da sociedade civil para discutir diversos aspectos do movimento comunitário. Bardet participou do evento³⁶¹, que chama atenção por

³⁵⁸ ROLDAN, 2012.

³⁵⁹ BARDET, G. La machine pour l'homme, principes d'un plan national d'outillage. *Économie et Humanisme*, Écully, n° 15, p. 421-429, août-sep-oct, 1944b. Fond Bardet, Cx.09.

³⁶⁰ BARDET, G. Megalopolis. La ville tentaculaire. Écully, *Économie et Humanisme*, n. 17, p. 45-63, jan-fév. 1945d. Fond Bardet, Cx.09.

³⁶¹ Além da *Journées du Mont-Dore*, Bardet participou da jornada de Grand-Bornand, em 1942, conforme conta no Fond Lebret, cx. ANS45 e ANS46 (PONTUAL, 2014).

colocar lado a lado representantes do governo, religiosos, empresários, filósofos, profissionais liberais, assim como membros do EH.³⁶²

As discussões da jornada foram divididas em grupos de trabalho conformados em quatro sessões: I) O destino da comunidade Francesa; II) A ordem comunitária; III) A pesquisa efetiva do bem comum e IV) A promoção da ordem comunitária. O objetivo era delimitar as ações necessárias para a promoção da “ordem comunitária”, ou seja, um estágio social em que todos cooperariam para o bem-comum. Em diversos momentos, as conclusões dos grupos de trabalho sublinharam o papel decisivo do Estado, que deveria ser “forte”, “responsável” e “conciliador”, assim como a responsabilidade de todos os membros da comunidade em exercer suas “funções sociais”.

A anarquia gerada pelo capitalismo liberal deve ser substituída pela organização de comunidades profissionais e outras, encarregadas de realizar o bem comum sob o controle de um Estado forte[...]

É necessário para o estabelecimento de uma ordem comunitária que haja um estado forte e desenvolvimento. Este estado deve criar condições morais e jurídicas favoráveis ao surgimento de comunidades.³⁶³

Isso nos permite concordar com Denis Peletier³⁶⁴ e Antonin Cohen³⁶⁵ quando sublinharam a ambiguidade da noção de “comunidade”, que servia aos movimentos de vertentes ideológicas distintas. Se, por um lado, Vichy se apropriou da ideia para legitimar as medidas autoritárias do Estado, por outro o EH – num movimento se não resistente, cada vez mais distante desse governo – a tomou como meio de discutir justiça social e desenvolvimento humano.

³⁶² Na ata de realização constam, na sessão de abertura e de encerramento, discursos de Paul Estèbe (Chefe do Gabinete Civil do Marechal) e Almirante Fernet (Secretário do Conselho Nacional), assim como a presença de ministros e representantes de instituições do Estado, o que demonstra o interesse oficial em sua promoção. Do movimento EH participaram: Marius Gathenron, Alexandre Dubois e Louis-Joseph Lebret. (Fond Lebret, cx. AN45, AS45 e 47).

³⁶³ JOURNÉES DU MONT-DORE, le 10 à 14 avril 1943. Tradução nossa. Texto original: “A *l’anarchie engendrée par le capitalisme libéral, doit être substituée l’organisation de communautés professionnelles et autres, chargées de réaliser le bien commun, sous le contrôle d’un État fort [...] Il est nécessaire, pour l’établissement d’un ordre communautaire qu’il existe un État fort et léger. Cet État doit créer des conditions morales et juridiques favorables à l’éclosion de communautés.*” Fond Lebret, cx. AN45

³⁶⁴ PELETIER, 1996.

³⁶⁵ A. Cohen (2004) demonstra que a noção de “comunidade” transitou facilmente entre a propaganda ideológica de Vichy e doutrinas dos grupos da Resistência. Um exemplo dado pelo pesquisador foi a ampla propaganda dos “Princípios comunitários” formulados pelo Marechal Pétain para assentar as bases da “Revolução Nacional”. Por meio desses princípios, Vichy legitimou medidas autoritárias como a elevação dos interesses coletivos sobre os direitos individuais e a distribuição de responsabilidades para a construção de uma “ordem comunitária e nacional”.

As jornadas de estudos comunitários do EH se desdobraram em alguns textos publicados na coletânea "*Caractères de la Communauté*"³⁶⁶. Nela, há diferentes perspectivas e abordagens da noção de comunidade: sociológica, filosófica, histórica e urbanística. Na apresentação do livro, fica claro que o tema ainda precisava ser desenvolvido e debatido, logo, os expositores foram convidados a fim de sedimentar as bases desse conhecimento. Apesar de distintas, as análises são complementares: a leitura dialética de Henri Desroches; a dimensão filosófica de François Perroux³⁶⁷ e Gustave Thibon³⁶⁸; observações sobre comunidades muçulmanas, por Louis Gardet; e as escalas comunitárias nas aglomerações urbanas, por Gaston Bardet.

A noção de comunidade foi desenvolvida por Bardet como uma "fusão de consciências", a junção de grupamentos que se complementam e formam um todo orgânico, o "ser urbano".³⁶⁹ Nas palavras do autor: "Com a comunidade, chegamos ao ápice do 'nós', porque se realiza a fusão de consciências e atividades, a fusão de atividades conscientes, portanto, a consciência do bem comum".³⁷⁰

Baseado em Bergson – incontestável referência de vida – e na constelação de autores que veremos no próximo item, Bardet fez seus primeiros esboços no sentido de aplicar a noção de comunidade à prática do urbanismo. Ele delimitou-as a partir dos tipos de agrupamento humano: por parentesco, por localidade (vizinhança) e por atividade. Sendo, essa última, a catalisadora das transformações urbanas, para a qual os urbanistas deveriam estar mais atentos.

³⁶⁶ BARDET, G., DESROCHES, H.C., PERROUX, F., THIBON, G. e GARDET, L. **Caractères de la communauté** Ecully: Économie et Humanisme, 1944.

³⁶⁷ François Perroux (1903-1987) foi economista, doutor em direito, discutiu o conceito de comunidade com base em teorias econômicas e sociais. Participou da *Commission de la Constitution* e presidiu a *Fondation Alexis Carrel*, ambas instituições governamentais de Vichy (PELETIER, 1996).

³⁶⁸ Gustave Thibon (1903-2001) foi filósofo francês, trabalhou o conceito de comunidade nas comunidades tradicionais francesas. Segundo Peletier, Thibon e Perroux foram figuras centrais no EH e aderiram ao regime de Vichy. Após a Liberação, alguns membros pressionaram para que eles fossem banidos do Conselho de Administração, o que aconteceu em 1945. Para o autor, esse foi um momento de ruptura no movimento, que se afastou gradativamente da utopia comunitária (Ibid, 1996).

³⁶⁹ BARDET et al, 1944, p. 202.

³⁷⁰ BARDET et al, 1944, p. 202, tradução nossa. Texto original: "*Avec la communauté, nous atteignons le sommet du 'nous', car elle réalise la fusion des consciences et des activités, la fusion des activités conscientes, donc la conscience du bien commun.*"

Se considerarmos qualquer aglomeração urbana, ela é composta de grupos secundários de espírito mais ou menos comunitário. Alguns ocupam uma parte do lugar definido, que pode ser delimitado: são os grupos de localidades. Eles são estabilizados por sua própria fixação. Eles constituem uma estrutura adequada do ser urbano. Os outros, grupos de atividades são associações de pessoas, desprovidas de bases geográficas, associações que mudam infinitamente de posições e dimensões. Essas são as fontes da instabilidade das sociedades modernas[...]³⁷¹

Nesse texto, Bardet retomou a sua noção de urbanismo como uma “ciência das aglomerações humanas”³⁷², capaz de detectar, modificar, direcionar, aumentar ou diminuir tais grupamentos em prol do “organismo urbano”. Para evitar que cidades continuassem a se propagar de forma descontrolada e destrutiva das relações humanas, ele desenvolveu e propôs a utilização dos “escalões comunitários”: Patriarcal, Doméstico e Paroquial.

Ao longo do texto, ficam evidentes as interlocuções entre Bardet e o EH para pensar tais escalões.³⁷³ Para definir as relações comunitárias, ele referenciou Gustave Thibon; para explicar o escalão Patriarcal, recorreu às observações do Pe. Lebret nas comunidades da Bretanha; para nomear o escalão Paroquial evocou o papel de solidariedade exercido pela paróquia na comunidade. Aliás, cabe ressaltar que muitos dos artigos que publicou na *Économie et Humanisme* foram incorporados como capítulos de “*Le Nouvel Urbanisme*”, demonstrando a riqueza dessa aproximação na construção de seu pensamento urbanístico.

Apesar do entusiasmo e das publicações de Bardet, a noção de comunidade saiu pouco a pouco do centro das discussões do EH. O contexto de ruptura política posto pela Liberação e pela urgente reconstrução demandaram que o movimento desse lugar à pesquisa social e do país devastado. A organização do EH se tornou mais complexa, abarcando o centro de estudos, editora, livraria e laboratórios de pesquisa. Além disso, as saídas de Perroux e Thibon, em 1945, e de Henri Desroches, em 1950,³⁷⁴ pesaram no afastamento dos

³⁷¹ BARDET et al, 1944, p.118, tradução nossa. Texto original: “*Si nous considérons une agglomération urbaine quelconque, elle est formée des groupes secondaires d’esprit plus ou moins communautaire. Les uns occupent une portion du site définie, et qui peut se délimiter: ce sont les groupes de localités. Ils sont stabilisés par leur fixation même. Ils constituent une structure propre de l’être urbain. Les autres, les groupes d’activités sont des associations de personnes, dépourvues de bases géographique, associations infiniment changeantes de positions et dimension. Ces sont eles, les sources de l’instabilité des sociétés modernes[...]*”

³⁷² Idem, p.119, tradução nossa. Texto original: “*C’est la science de les agglomérations humaines: l’Urbanisme, car elle s’adresse à des organismes dont on peut détecter [...]*”

³⁷³ Os escalões serão melhor detalhados na análise do livro no próximo item.

³⁷⁴ Segundo Pontual (2016, p.151) o Pe. Henri Desroches manteve pesquisas “estabelecendo convergências entre o cristianismo e o marxismo”, publicando artigos sobre o tema e o livro *Significations du Marxisme* (1949) “no qual explicitou a possibilidade de colaboração entre católicos e comunistas.” A reação da cúpula da Igreja à obra fez com que o Lebret convocasse a Jornada de Estudos de Pentecostes (1950), na qual Desroches, isolado, anunciou sua saída do movimento e da ordem dominicana.

estudos comunitários e direcionamento ao terceiro-mundismo e formação de quadros profissionais.

Enquanto Bardet permanece engajado em seus estudos, a Liberação e a criação do MRU convocou diversas vertentes na reconstrução. Não diferente, Lebret e os membros do EH recorreram à instituição para defender sua perspectiva: a adoção de uma política de organização territorial nacional, embasada em estudos aprofundados sobre as condições reais da habitação no país.

O EH teve estudos sobre habitação contratados pelo então ministro Raoul Dautry e manteve laços estreitos com o MRU após Claudius-Petit o assumir, principalmente quando ele abraçou a política de ordenamento territorial. Influente entre diversos círculos políticos e intelectuais, ele foi uma figura importante para a propagação do ideário. Cabe destacar sua participação na jornada de estudos de *La Tourette* (organizada pelo EH em 1952) para formular, ao lado de especialistas de diversas formações, o escopo conceitual da noção de ordenamento territorial.

Considerando os embates já mencionados, é bem provável que a aproximação entre o EH e Claudius-Petit tenha decidido o afastamento de Bardet do movimento. As duras críticas proferidas publicamente ao ministro, às políticas de reconstrução, aos arquitetos e urbanistas engajados tornaram Bardet uma figura *non grata* em vários círculos franceses. Por outro lado, era crescente o interesse por suas formulações no âmbito internacional, como veremos no próximo capítulo.

Segundo Cestaro³⁷⁵, o rompimento entre Bardet e Lebret (e, conseqüentemente, com o EH) ocorreu devido à reação do urbanista às ideias marxistas aderidas pelo movimento. De fato, na última carta enviada, ele demonstrou descontentamento com a organização, alertando o padre sobre "heresias voluntárias e inconscientes"³⁷⁶, bem como sobre os perigos de inspirar-se em "movimentos avançados atuais".³⁷⁷

³⁷⁵ PONTUAL, 2016.

³⁷⁶ BARDET, G. Carta ao Pe. Lebret. Bruxelas: 03 fev.1951, p.1, apud CESTARO, 2015, p.312, *tradução nossa*. Texto original: "Tout ceci est évidemment peu agréable et je suis peiné de vous dire. J'ai été atterré lorsque j'ai appris par la hiérarchie, le pourcentage d'hérésie volontaire ou inconsciente dans le clergé ou les ordres."

³⁷⁷ Ibid, p.1, tradução nossa. Texto original: "D'ailleurs je vous envoie aussi un petit papier à méditer sur la véritable inspiratrice du Sillon et...des mouvements 'avancés' actuels."

Eu não acho que você pode chegar à E.H. para alcançar a verdade que se manifesta apenas em corações simples. Pelo contrário, seus diagramas espalharam uma pseudo-ciência para seus discípulos, que agora não têm mais corações simples, se achando sábios. Você se lembra que há oito anos, que eu lhe disse para desistir de Economia e Humanismo para Geografia e Humanismo, você teria se mantido fiel ao real e às raízes. Agora eu acho que o Humanismo, o que vocês fazem, é um nome vazio, há o cristianismo e não o humanismo, que é apenas um desvio modernista. Então!³⁷⁸

Por outro lado, a leitura dos documentos e da trajetória de Bardet permitem tecer uma interpretação distinta da apresentada pelo pesquisador. Ao meu ver, parece um pouco tarde para que o urbanista demonstrasse descontentamento com a “abertura marxista”, pois já havia passado tempo do afastamento de Desroches e o rompimento do EH com tal doutrina. O ranço real ficou mais evidente quando Bardet associou a doutrina do padre ao “desvio modernista”. Portanto, as duras palavras, definidas pelo próprio Bardet como “desagradáveis”, soam como pretexto de um urbanista isolado e ressentido com a crescente presença “modernistas” no grupo.³⁷⁹

A colisão entre dois corpos, cuja troca de energia altera a rota de cada um – essa é a metáfora que me permite melhor concluir sobre as aproximações entre Bardet e o movimento EH. Ao se retirar do contexto intelectual francês, Bardet se afastou também da doutrina EH e mergulhou cada vez mais no estudo dos textos religiosos, inicialmente discutindo a possibilidade de um urbanismo cristão no *Institut Supérieur d’Urbanisme Appliqué* em Bruxelas. E, posteriormente, abandonando o tema do urbanismo e dedicando-se somente ao cristianismo. Já o EH redirecionou-se para as cidades, priorizando-as como território das desejadas transformações espaciais, econômicas e políticas necessárias para se alcançar o desenvolvimento humano.

Bardet foi responsável por inserir a dimensão urbana na doutrina do EH, ampliando os horizontes de atuação e as técnicas de pesquisa do movimento. Por outro lado, a extensa rede constituída pelo EH, cujo ideário se difundiu através de publicações, cursos, planos e instituições, levou os princípios do urbanista para além do continente europeu.

³⁷⁸ BARDET, apud CESTARO, 2015, p.312, tradução nossa. Texto original: “*Je ne pense pas que vous puissiez arriver à E.H. à atteindre la vérité qui n’est manifestée qu’au coeurs simples. Au contraire, vos diagrammes ont diffusé une pseudo-science envers vos disciples qui maintenant n’ont pas plus le coeur simple, se croyant savant. Vous souvenez-vous qu’il y a huit ans, je vous ai dit d’abandonner l’Économie et Humanisme pour Géographie et Humanisme, vous auriez collé au réel et aux racines. Maintenant je pense que l’Humanisme, quoique vous fassiez, est un nom qui nous perd, il y a Christianisme et non Humanisme qui n’est qu’une déviation moderniste. Alors !*”

³⁷⁹ Cabe lembrar que um ano após essa carta, Claudius-Petit se engajaria na jornada de estudos de La Tourette e Le Corbusier receberia o convite dos padres dominicanos para realizar o projeto do convento da cidade.

4.3 A Cidade Humana: uma utopia do Novo Urbanismo

A utopia está lá no horizonte.
Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.
Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.
Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei.
Para que serve a utopia?
Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.³⁸⁰

Urbanismo e utopia são duas noções que se cruzaram em diversos escritos de Gaston Bardet. No seu primeiro artigo, por exemplo, é perceptível o esforço em elaborar um conceito de urbanismo que associasse o entendimento *bergoniano* de evolução ao de utopia referenciado em Saint-Simon, Charles Fourier e William Thompson.³⁸¹ Em livros e artigos seguintes, as utopias aparecem como antecessoras do urbanismo, especialmente por representarem o desejo de transformação da realidade para melhor.

De fato, Bardet não era o único a associar essas noções. Para Patrick Geddes, as utopias eram indispensáveis ao pensamento social. A Neotécnica, por exemplo, era uma utopia por ser um lugar ainda inexistente, no qual haveria prosperidade social e individual.³⁸² Para Lewis Mumford, a utopia foi uma parte substancial da constituição original das primeiras cidades, idealizando-as para trazê-las à existência, o que o levou a questionar:

Existe ainda uma alternativa real a meio caminho entre Necrópolis e Utopia – a possibilidade de se construir um novo tipo de cidade que, livre das contradições interiores, enriquecerá de maneira positiva o desenvolvimento humano?³⁸³

Em tempos de guerra, as utopias ganharam mais força nas reflexões de Gaston Bardet. A utopia comunitária significou um alento em meio à falência anunciada do que ele considerava uma “civilização maquinista”. No horizonte, resgatar o senso de comunidade e, com isso, a humanidade dos aglomerados urbanos, tornou-se um motivo para que o urbanista não deixasse de caminhar.

“*Le Nouvel Urbanisme*” foi um livro escrito na plena maturidade de Gaston Bardet. Trata-se de uma obra que agrega muitos textos publicados anteriormente, revisados e sintetizados para fundamentar o argumento do autor: era preciso um novo urbanismo para

³⁸⁰ GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. Porto Alegre: L&PM, 1994, p. 310.

³⁸¹ BARDET, 1934.

³⁸² GEDDES, 1994, p.70-71.

³⁸³ MUMFORD, 2004, p.9.

evitar a destruição do homem.³⁸⁴ As novas filiações apresentadas por ele anunciam o deslocamento no seu pensamento urbanístico, que ganha nuances mais acentuadas de humanismo e filosofia. O urbanista conseguiu coser os pontos da própria obra, se posicionar em meio aos debates urbanísticos vigentes e criar a própria utopia urbanística: a “Cidade Humana ou Comunitária”.

Apesar da excelência, o livro em questão só chegou às livrarias em 1948, num contexto completamente diferente daquele em que fora escrito, em 1943. O pós-guerra reconfigurou os quadros políticos e redirecionou prioridades. Apesar de reconhecido, Bardet já começava a ser uma figura desgastada em seu país, pelas polêmicas e embates profissionais expostos anteriormente.

Para a estruturação de seus textos, Bardet realizou uma ampla leitura crítica da cidade e das teorias vigentes. Das críticas feitas, as mais recorrentes denunciavam que o urbanismo “formal” se efetivava na França por meio do divórcio entre práticas superadas e uma cidade em constante transformação, da priorização da máquina em detrimento do homem e da “forma urbana” em relação ao “ser urbano”.

Do que ele considerou urbanismo “formal” não escaparam Haussmann, Le Corbusier, nem mesmo os colegas da SFU que faziam da “Escola Francesa” um “urbanismo-exportação”.

O urbanismo formal é especialmente a marca da Escola Francesa, e é precisamente isso que tornou o urbanismo francês um item de exportação fácil. Usando parcelas cartesianas, supostamente aplicáveis a qualquer momento e em qualquer lugar [...] ³⁸⁵

Para Bardet, qualquer um que não buscasse o conhecimento “essencial” do urbano cairia nas armadilhas do urbanismo “formal”. A apreensão completa do urbano ultrapassava o conhecimento físico e se somava ao social, à compreensão das dinâmicas e movimentos dos agrupamentos no espaço, sobretudo, da “evolução”. Tal percepção evidencia que a

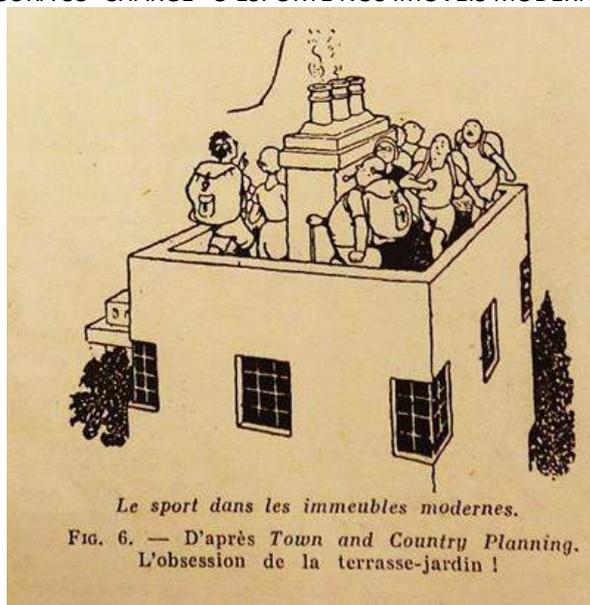
³⁸⁴ Esta obra é dividida em cinco livros, compostos de dez capítulos (em média): I. Dissociação da forma e do ser urbano; II. Falência do maquinismo e megalópole; III. Falência do liberalismo; IV. Escalas comunitárias e cidade humana; V. Articulação cidade, campo, região (BARDET, 1948d, tradução nossa).

³⁸⁵ BARDET, 1948d, p.25, tradução nossa. Texto original: “*L’urbanisme formel est surtout la marque de l’École française, et c’est précisément ce qui a fait de l’urbanisme français un article d’exportation facile. Utilisant des tracés cartésien, soi-disant applicables en tout temps et tous lieux [...]*”

filosofia de Bergson foi uma permanência na visão de mundo do urbanista, agora mais fortalecida com as referências a obra de Charles Péguy.³⁸⁶

Se há uma diferença marcante entre “*Le Nouvel Urbanisme*” e os livros anteriores é o tom crítico acentuado. O Bardet “pós-guerra” é vivido e ácido. Apegado às próprias convicções, não mede palavras, não censura charges (Figura 33), não poupa colegas. Isolado em seu país e no auge da carreira, ele não parecia ter muito a perder ao disparar suas opiniões e ventilar descontentamentos.

FIGURA 33- CHARGE “O ESPORTE NOS IMÓVEIS MODERNOS”



FONTE - BARDET, 1948d, p.6.

No primeiro capítulo, Bardet citou trechos de escritos de Henri Prost, Pierre Lavedan e Le Corbusier, para enunciá-los como variações do urbanismo “formal” e opor ao “essencial”, representado por Marcel Poëte. Enquanto as críticas ao plano de Prost³⁸⁷ e à abstração de Le Corbusier³⁸⁸ já não soavam como novidade, o mesmo não se pode dizer das alfinetadas a

³⁸⁶ Charles Péguy (1873- 1914) foi militante socialista e se converteu ao catolicismo em 1908. Seguidor de Bergson, teve uma produção literária que compreende poesias, obras em prosa e ensaios filosóficos. Cf: CUGINI, P. A filosofia de Charles Péguy: as origens do pensamento pós-moderno. *Dialegesthai*. Revista telemática di filosofia, a.12, 2010.

³⁸⁷ Para Bardet, o plano para a Região Parisiense (1935) demonstrava pouca sensibilidade ao pré-existente e trazia uma apropriação acrítica do modelo cidade-jardim, ao propor o aumento do gabarito escalonado e a taxa de ocupação reduzida no sistema radial concêntrico (*tâche d'huile*). Sobre o tema, publicou os artigos: BARDET, G. L'organisation de la région parisienne. *L'Architecture d'Aujourd'hui*, Paris, v. 3, n. 3, p.6-17, mar. 1939g; Le Nouveau gabarit et l'urbanisme. *Beaux-Arts*, 14 avril 1939c.

³⁸⁸ Com o objetivo claro de provocar e questionar a mudança de posição ideológica, Bardet resgatou textos de Pierre Vago pré-guerra, evidenciando que o editor da AA tinha opinião completamente contrária à obra de Le Corbusier nos anos 1930.

Lavedan, pois o mesmo livro tinha sido indicado como bibliografia básica em obras anteriores.³⁸⁹

Bardet³⁹⁰ recriminou a tese do colega pelo fascínio por planos, colocando-os como obras de arte ao invés das cidades em si. Ao seu ver, Lavedan construíra uma confusa “história da arquitetura urbana”, o que ajudava a ratificar as visões formalistas e “planistas” em voga no momento. Não se pode deixar de pensar aqui num possível ressentimento, visto que Lavedan foi igualmente orientado por Poëte e reconhecido como seu continuador, especialmente pelas duas décadas em que se manteve na direção do IUUP (1942- 1964)³⁹¹.

O desejo de delimitar e se posicionar entre as vertentes do urbanismo continuaria nos capítulos seguintes, nos quais Bardet seguiu determinando pares e antíteses em capítulos como “*Le Corbusier e Marcel Poëte*”, “*Patrick Geddes et la recherche de l’être*”, “*L’école française et l’urbanisme formel*” etc. Na narrativa realizada para apresentar suas referências teóricas, ele afirmou que a aproximação entre a geografia humana e a história resultou da associação dos fundamentos formulados por Poëte e Vidal de la Blache. As referências a Geddes e Abrecrombie são também recorrentes, dado que ele considerava o primeiro como precursor do urbanismo “social” e o segundo, um importante discípulo.

Ao dissertar sobre o entendimento de urbanismo proposto por Geddes, Bardet o inscreveu como o pioneiro do urbanismo aplicado, ressaltando a importância do botânico para o pensar do urbanismo como uma ciência de observação e continuidade do pensamento de Frédéric Le Play. Para Bardet, a noção de região teria sido uma “reação espiritualista” contra o “positivismo reinante”, tendo a “*regional survey*” tornado mais complexo o diagnóstico urbano, possibilitando o reconhecimento do todo e das partes da aglomeração.

Bardet definiu região como um tipo ideal, uma unidade geográfica, social e espacial formada pela articulação de outras menores, hierarquizadas.³⁹² Ainda no sentido de se situar numa linhagem, ele apresentou outros precursores de diferentes culturas urbanísticas:

³⁸⁹ BARDET, 1941c, 1943h.

³⁹⁰ BARDET, 1948d, p.4.

³⁹¹ CALABI, 2012.

³⁹² Idem, p.26.

Observe todos os precursores de uma nova ordem: Play e Reclus na França, W.H. Richl na Alemanha, Kropotkin na Rússia, Grundtwig na Dinamarca, estabelecem as bases para o urbanismo social. Mas Geddes parece o mais completo e mais orientado para o urbanismo *stricto sensu*.³⁹³

A constelação de teóricos apresentada no livro pode ser considerada uma maneira de demonstrar erudição e conhecimento do que estava sendo publicado. Entretanto, não há como deixar de inferir que foi em Poëte, Geddes, Sitte e Howard que predominaram parte substantiva de seu universo de referências urbanísticas. O conhecimento aplicado, a escala humana e o equilíbrio entre meio natural e construído são elementos-chave de suas formulações.

Posto o seu lugar de fala – entre o urbanismo essencial e social –, Bardet dedicou-se a fundamentar a constatação sobre a falência da “civilização maquinista”, como denominava a sociedade industrial e capitalista. Para embasar o argumento, apresentou muitas citações do médico Alexis Carrel³⁹⁴, enaltecendo-o por ter mensurado a “degenerescência” psicológica e sociológica provocada pelo maquinismo no homem moderno.

Tal referência permite identificar nuances de eugenia e darwinismo social evidentes em seu texto, cujos enunciados como “degenerescência”, “raça” e “criminalidade” aparecem associados entre si e ao espaço físico. Numa perspectiva ainda impregnada de reformismo social, Bardet concordava que as populações de “classes inferiores” estavam mais propensas aos vícios e promiscuidade e que isso seria agravado pelo espaço urbano.

Em favelas superpovoadas, observou-se degeneração fisiológica, rebaixamentos quase absolutos da civilização, a emergência de verdadeiras raças inferiores, a tal ponto que percebemos que era mais urgente evangelizar os subúrbios do que os canibais de Fiji!³⁹⁵

Na charge a seguir, extraída do jornal Times (1937), Bardet aponta a “degenerescência” do homem moderno (Figura 34). No desenho, o homem do passado, um

³⁹³ BARDET, 1948d, p. 19, tradução nossa. Texto original: “A noter tous les precurseurs d'un ordre nouveau: Le Play et Reclus en France, W.H. Richl en Allemagne, Kropotkine en Russie, Grundtwig au Danemark, poseront les premiers les bases d'un urbanisme social. Mais Geddes paraît les plus complet et le plus orienté vers l'urbanisme stricto sensu.”

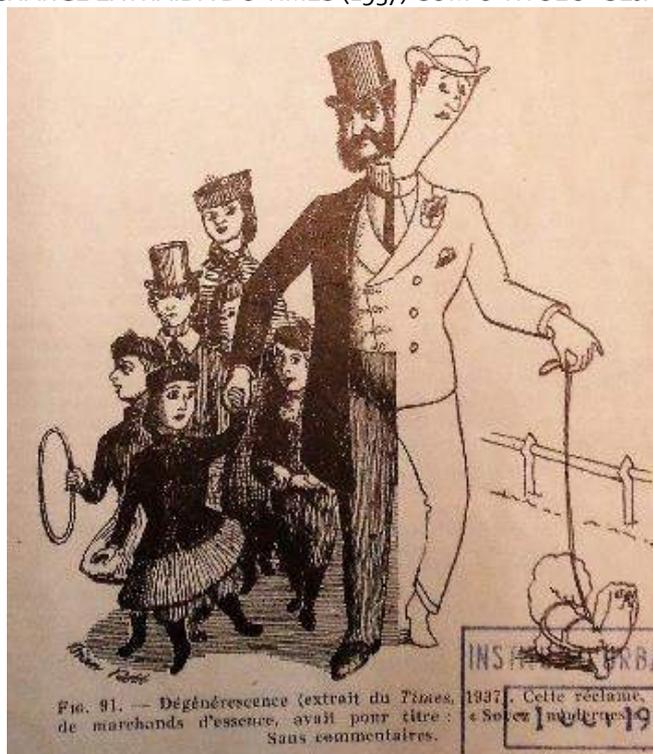
³⁹⁴ Alexis Carrel (1873-1944) recebeu o Nobel em 1912, pela técnica cirúrgica que permitiu a transfusão de sangue. Autor da obra “L'homme cet inconnu” (1935), na qual o leitor moderno encontra traços de eugenismo, incluindo a defesa da eutanásia de criminosos incuráveis e perigosos. Sob o regime de Vichy, criou a *Fondation Française pour l'Etude des Problèmes Humains*.

³⁹⁵ BARDET, 1948d, p.193, tradução nossa. Texto original: “Dans les taudis surpeuplés, on a pu constater des dégénérescences physiologiques, des rétrogradations quasi absolues de la civilisation, l'apparition de véritables races inférieures, à tel point qu'on s'est aperçu qu'il était plus urgent d'évangéliser les banlieues que les cannibales des Fidji !”

patriarca, tem vestes antiquadas, expressão austera e puxa uma fila de muitos filhos e esposa, o que se contrapõe ao homem moderno, de vestes elegantes, semblante entristecido, sendo puxado pelo seu pequeno cachorro.

Há na charge uma forte reação às mudanças na estrutura familiar. Bardet³⁹⁶ explicita seu conservadorismo ao demonstrar inquietação com a “esterilidade voluntária das mulheres”, o que o leva à drástica conclusão de que, para a espécie humana, o “maquinismo é homicida”.³⁹⁷

FIGURA 34- CHARGE EXTRAÍDA DO TIMES (1937) COM O TÍTULO “SEJA MODERNO”.



FONTE - BARDET, 1948d, p.99.

De fato, as rupturas do contexto pós-guerra assustavam Bardet e, por mais que tentasse se adequar aos novos costumes, parecia tropeçar. No artigo “*Si les femmes construisaient les cités ?*”³⁹⁸, por exemplo, sugeriu que os urbanistas tivessem mais ao senso de organização, de cuidado e amorosidade, como era “típico” das mulheres. Entre elogios ao

³⁹⁶ BARDET, 1948d, p.120.

³⁹⁷A queda de natalidade no início do século foi denunciada por alguns conservadores como “suicídio da raça” e relacionada ao desvio do “papel da mulher”. Sobre o tema, Theodor Roosevelt escreveu *The foes of our own household* (1917) e vários artigos no jornal americano *Ladie's Home*. Cf. MONTANER, J.; MUXÍ, Z. **Arquitetura e política: ensaio para mundos alternativos**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

³⁹⁸ BARDET, G. Si les femmes construisaient les cités ? **Économie et Humanisme**, L'Abresle, , p.208-215, mar-avr, 1948c.

“papel” exercido pela mulher na família e sociedade, reforçando estereótipos do início do século, dispara:

Devemos saber o que significa: desde os pioneiros, a mulher branca era rara, muito rara e preciosa. Não faz muito tempo, o homem era considerado uma fera para ganhar dinheiro; quanto à mulher, o divórcio permitiu que ela "servisse várias vezes", se posso me expressar assim, para descontar cada vez que fosse uma pensão alimentícia.³⁹⁹

As observações de Bardet sobre o que considerava a civilização maquinista podem chocar pelo teor preconceituoso e conservador, sobretudo por tocar em feridas abertas pela 2ª Guerra Mundial. Porém, cabe lembrar que a maior parte dessas críticas já havia sido integralmente publicada por revistas de circulação considerável, demonstrando que, até certo momento, houve recepção para tais ideias.

A resistência de Bardet aos novos *habitus* era também uma recusa à organização social que ele considerava falida. A guerra que presenciara era mais um reflexo que a “civilização maquinista” era incapaz de absorver a própria produção, muito menos de converter os avanços técnicos em desenvolvimento humano.

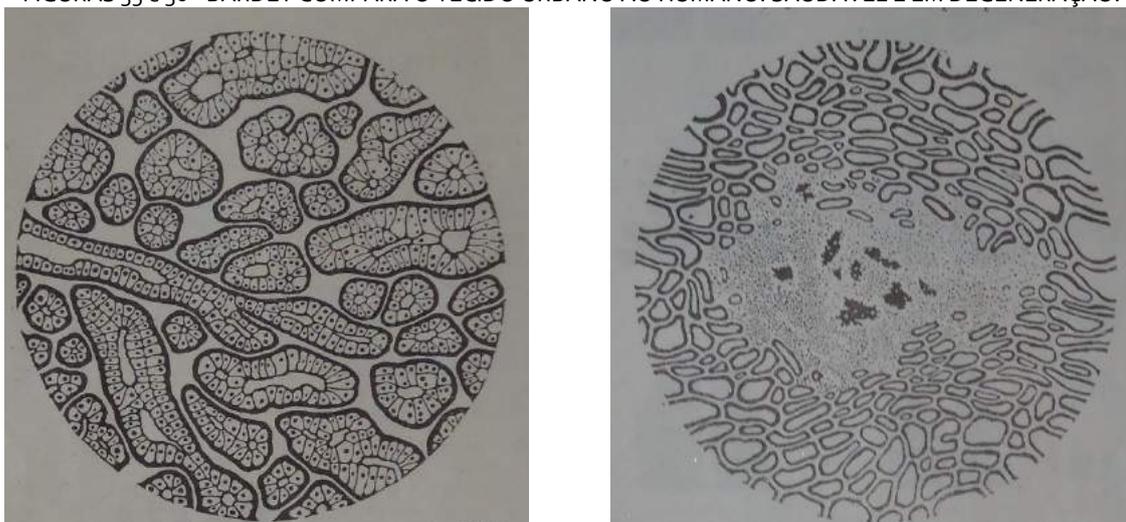
Bardet destacou que eram crescentes os custos dos serviços municipais para atender às necessidades da Megalópole, como um tecido doente, sempre a exigir tratamentos. A seu ver, o crescimento ilimitado da população e do território conduzia inexoravelmente ao estado de “degeneração”.

As metáforas biológicas são muitas, como mostram as Figuras 35 e 36. O corte sobre o músculo/cidade saudável (à esquerda) tem células irregulares e únicas agrupadas, formando conjuntos de variadas formas e tamanhos que se encaixam e se distribuem com diversidade e perfeição. Já o corte sobre o músculo/cidade em degeneração apresenta três tipos de células diferentes, rigorosamente separadas, com formato e tamanho semelhantes entre si. A analogia entre a comunidade e o sistema biológico também foi utilizada por Lebre, como é possível observar em Roldan⁴⁰⁰.

³⁹⁹ BARDET, 1948d, p.209, tradução nossa. Texto original: *"Il faut bien savoir ce que cela signifie : depuis les pionniers, la femme blanche était chose rare, très rare et précieuse. Il n'y a pas longtemps, l'homme était considéré comme une bête à gagner l'argent; quant à la femme, le divorce lui permettait de 'servir plusieurs fois' si j'ose m'exprimer ainsi, d'encaisser chaque fois une pension alimentaire."*

⁴⁰⁰ "Reencontra-se o equilíbrio do vivo composto de células e de membros reunidos pela rede nervosa, sanguínea e linfática, harmonizada pelo jogo das secreções e dos hormônios e, mais eminente, pela alma" (LEBRET, 1942 apud ROLDAN, 2012, p.47).

FIGURAS 35 e 36 - BARDET COMPARA O TECIDO URBANO AO HUMANO: SAUDÁVEL E EM DEGENERAÇÃO.



FONTE - BARDET, 1948d,100-101.

A visão de Bardet sobre seu tempo é marcada pela rejeição à sociedade industrial e suas consequências: individualismo, consumismo, impessoalidade, etc. Para ele, os urbanistas serviam ao maquinismo quando propunham expansões da mancha urbana ao mesmo tempo que concentravam equipamentos, oportunidade de trabalho e infraestrutura nos grandes centros. Há certa idealização do mundo rural em dissolução, que poderia trazer de volta valores para o desejado “florescimento do homem” [*l'épanouissement de l'homme*].⁴⁰¹

O urbanismo não procurou curar a histeria industrial (como disse Moontherlant), mas fornecer morfina. O urbanismo não era mais que um urbanismo de cumplicidade em relação ao mal que devora nossa civilização: o maquinismo, com todas as suas raízes e seus corolários.⁴⁰²

Se desde os primeiros artigos Bardet já alertava para os efeitos negativos que a industrialização e a máquina provocavam nas cidades, o livro em questão se diferenciou por cogitar a possibilidade de um “maquinismo libertador”, ou seja, a máquina a serviço do homem e não o inverso. Com base em Emmanuel Mounier⁴⁰³, Jacques Laffite⁴⁰⁴ e Marcel

⁴⁰¹ BARDET, 1948d, p. 43.

⁴⁰² Ibid, tradução nossa. Texto original: “L’urbanisme ne cherchait pas à guérir “l’hystérie industrielle” (suivant l’expression de Moontherlant), mais à lui fournir de morphine. L’urbanisme n’était qu’un urbanisme de complicité, par rapport au mal qui ronge notre civilisation: le machinisme, avec toutes ses racine, avec toutes ses racines et ses corollaires.”

⁴⁰³ Emmanuel Mounier (1905-1950) foi filósofo francês fundador da Revista *Esprit*. Fundamentou a corrente de pensamento “Personalista”, priorizando o valor absoluto do humano sobre as organizações políticas e econômicas. Ao centrar-se na pessoa, o Personalismo considera também sua liberdade e responsabilidade na relação com o outro e inserção no mundo. Nessa perspectiva, a noção de “pessoa” só se torna completa com a noção de “comunidade”. Para saber mais, cf: ROCHA, A. G. V. **As noções de pessoa e vida pessoal em Emmnuel Mounier**: Fundamentos de sua proposta de sociabilidade e de sua crítica ao processo de despersonalização. 2011. Dissertação (Filosofia), ICA/UFC, Fortaleza, 2011.

⁴⁰⁴ Jacques Laffite (1884-1966) tornou-se conhecido por suas contribuições para a ciência das máquinas, inspirada na evolução biológica, principalmente por meio de sua obra *Réflexions sur la Science des Machines*,

Malcor⁴⁰⁵, ele reforçou o papel das atividades rurais em diferentes escalas, para que equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e social pudesse ser alcançado.

O “maquinismo libertador” enunciado por Gaston Bardet deveria assegurar um mínimo vital ao homem e ganharia expressão na organização do trabalho e numa economia dimensionada em escala local e regional. Ele fez eco aos princípios do EH ao defender uma economia subordinada às necessidades humanas, cuja industrialização poderia ser atrelada às unidades de produção agrícola grandes e pequenas, possibilitando o alcance do bem comum⁴⁰⁶.

A associação fundamental da agricultura industrial em todos os níveis, sejam grandes combinações entre grandes unidades de técnicas e de produção ou entre pequenas unidades, só pode se realizar por meio da eliminação gradual de intermediários desnecessários.⁴⁰⁷

As ressonâncias do EH ficam ainda mais evidentes no conjunto de autores renomados que Bardet utilizou para consolidar a crítica ao liberalismo: de Jacques Maritain a François Perroux. Já a filosofia de São Tomás de Aquino foi apresentada a partir do Pe. Sertillanges, figura importante na formação dominicana de Lebre⁴⁰⁸. As referências se cruzam às experiências do EH, como a comunidade de autogestão operária (Boimondau) criada por Marcel Barbu em 1940, até então elogiada por pelo urbanista.⁴⁰⁹

publicada em 1932. Cf: LE ROUX, R. L'impossible constitution d'une théorie générale des machines? **Revue de Synthèse**, Springer Verlag/Lavoisier, 2009, v.130, n.1, p.5-36. Disponível: <<https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00478459/document>>. Acesso em 15 jun. 2019.

⁴⁰⁵ Marcel Malcor foi economista, escreveu *Au delà du Machinisme* (1937), com prefácio de Gustave Thibon. Não renunciava ao aperfeiçoamento técnico e procurava no domínio da economia uma orientação pautada pela instauração da humanização das trocas, ou de um processo de realização de sínteses progressivas, do estágio mais local ao próximo e mundial. Cf: Xavier, L. Marcel Malcor, Au delà du machinisme (compte-rendu). **Revue néo-scholastique de philosophie**, n.58, p.327. Disponível: <http://www.persee.fr/doc/phlou_0776-555x_1938_num_41_58_3900_t1_0327_0000_2>. Acesso em 25 jul. 2017

⁴⁰⁶ O quadro conceitual do tomismo estabelece o primado do bem comum e dos valores espirituais sobre os materiais. A noção de bem comum estabelece que os direitos e os deveres das pessoas são válidos para todos, que os direitos e deveres de uns não negam os direitos e deveres de outros. Sobre a adoção do tomismo pelo EH, cf: PELLETIER, 1996.

⁴⁰⁷ Bardet, 1948d, p. 85-86, tradução nossa. Texto original: "*L'association fondamentale industrie-agriculture, à tous les échelons, qu'il s'agisse de grandes combinaisons entre grandes unités techniques de production ou entre petits éléments, ne peut se réaliser que par une élimination progressive des intermédiaires inutiles.*"

⁴⁰⁸ Nos estudos de Lebre, dois professores tiveram papel mais relevante: o Pe. Augier, por introduzi-lo à leitura teológica de São Paulo e Santo Agostinho, e o Pe. Sertillanges, por apresentá-los às correntes de pensamento filosóficas do mundo moderno, da filosofia de Jacques Maritain ao pensamento marxista (PELLETIER, op cit).

⁴⁰⁹ Anos depois, ao romper com o Pe. Lebre, Bardet mencionaria esta referência como um erro: "*Il y faudrait surtout relire l'Encyclique sur le Sillon. Barbu, qui a été tant louangé par votre équipe (j'ai marché moi-même... en croyant que les soutanes blanches avaient la vérité) y est nominalement indiqué*" (Carta de Gaston Bardet ao Pe. Lebre. Bruxelas, 03 fev.1951 apud CESTARO, op cit, p.312.)

Para Bardet, a concepção unicista do homem poderia se contrapor ao desequilíbrio entre o corpo e o espírito provocado pelo primado da máquina no mundo moderno. Ainda que o bem comum fosse uma utopia, ele escreveu que a falta de utopias era a interrupção do ciclo vitalista urbano. Elas, segundo o urbanista, seriam eternas por serem ideias que permaneciam através da história, transmitindo o desejo de transformação realidade.

Esse entendimento ficou claro no artigo "*Précurseurs de la cité communautaire*"⁴¹⁰, no qual apresentou uma sequência de utopias pensadas do século XVII ao XX. Da Nova Atlântida (1627), de Francis Bacon, passando pela New Lanarck (1798), de Robert Owen, e o Novo Mundo Industrial, de Charles Fourier (1829), Bardet definiu a Cidade-Jardim do Amanhã (1896), de Ebenezer Howard, como nova concepção de cidade, abarcando todas as teorias anteriores. Todos esses exemplos serviram de aporte para que o urbanista chegasse à proposta da própria utopia.

Quando imaginou a "Cidade Humana", Bardet acreditou que finalmente o urbanismo realizado para o homem ganhava forma. Materializada a partir dos princípios *bergsonianos*, essa cidade seria edificada tendo por referência a medida do homem, tanto para a ordem material como para a espiritual.⁴¹¹ O esforço do urbanista para apresentar, cinco anos depois, o desdobramento da ideia lançada no "*Caractères de la Communauté*", é perceptível. Os escalões comunitários reaparecem no livro teoricamente fundamentados, contextualizados e delimitados claramente para um urbanismo aplicado.

As comunidades de Bardet estariam presentes nos escalões urbanos, como as células sadias representadas anteriormente (Figura 35). Seriam partes do "ser urbano", articuladas em diferentes escalas hierárquicas, formando a região. Ao detectar tais partes, o urbanista estaria tomando conhecimento da "alma da cidade". Assim, ele associou a noção de comunidade aos preceitos de Bergson, Poëte e Geddes para construir um entendimento próprio.

Para que o urbanista possa expressar a alma de uma cidade - que é estritamente seu trabalho - é preciso que haja uma, e que o urbanista faça, antes de tudo, a identificação das estruturas escalonadas que a permitirão tomar consciência dela. A busca por comunidades naturais é a base do novo urbanismo.⁴¹²

⁴¹⁰ BARDET, G. *Précurseurs de la cité communautaire. Économie Et Humanisme*, L'Abresle, n. ?, p.554-560, set. 1946.

⁴¹¹ Segundo o autor, a obra "*Les Deux Sources de la Morale et de la Religion*", de Henri Bergson, foi sua inspiração.

⁴¹² Bardet, 1948, p. 207, tradução nossa. Texto original: "*Pour que l'urbaniste puisse exprimer l'âme d'une cité – qui est strictement son métier – il faut que celle-ci ait une et que l'urbaniste lui fasse, tout d'abord, retrouver les*

Como tal definição poderia ser insuficiente, Bardet exemplifica o conceito por meio da diferenciação entre a organização societária, a cooperativista e a comunitária, em função do fundamento funcional, isto é: a primeira estaria baseada no controle, a segunda no acordo e a terceira no consenso interno. Ele seguiu caracterizando uma organização comunitária como um “ser orgânico e espontâneo”, cujos movimentos deveriam ser percebidos para se dar continuidade e permitir o desenvolvimento material e espiritual do homem.

A Comunidade é um todo orgânico e espontâneo, uma obra de história e geografia. Hierarquiza funções complementares que despertam e expressam a fusão de atividades e consciências na ocasião de elementos comuns e de objetos comuns. [...] É por isso que a realização total do homem deve ser feita na cidade, que é uma comunidade de comunidades. Federação orgânica de grupos [...] ⁴³³

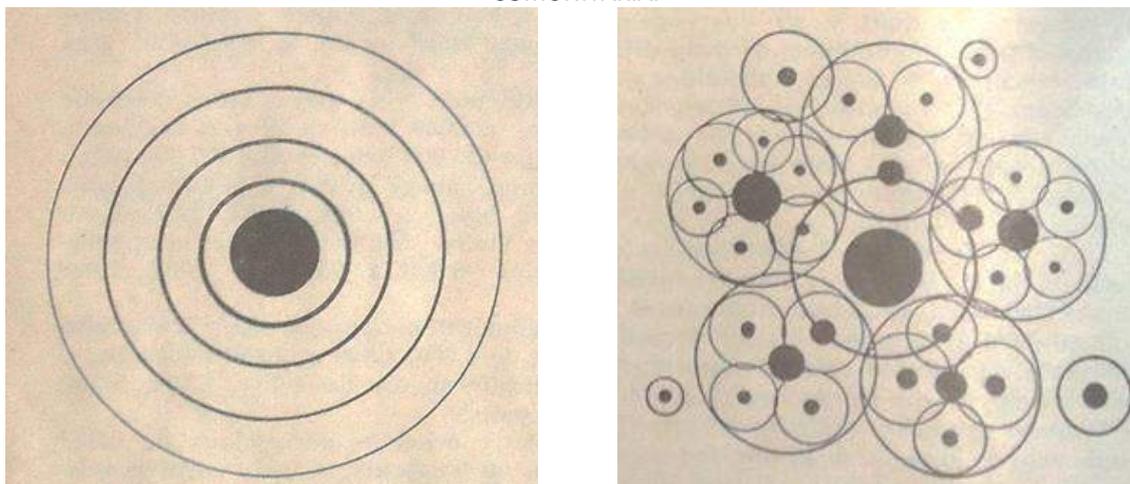
As comunidades federadas propostas por Bardet refletiam algumas das prioridades postas por Lebreton no artigo “*Propriété et communautés*” (1942), como a necessidade da descentralização da indústria e o descongestionamento das grandes cidades.

Nas Figuras 37 e 38, uma das mais conhecidas de sua obra, ele sintetizou como deveriam ser as aglomerações urbanas pensadas segundo princípios da ordem comunitária. Ao invés de um centro dotado de infraestrutura socioeconômica e administrativa se expandindo em torno de si mesmo, defendeu uma federação orgânica de centros menores e hierarquizados gradativamente.

structures échelonnées qui lui permettront de prendre conscience d'elle même. La recherche des communautés naturelles est à la base même du nouvel urbanisme.”

⁴³³ Bardet, 1948, p. 203 e 204, tradução nossa. Texto original: “*La Communauté est un tout organique et spontané, œuvre de l'histoire et de la géographie. Elle hiérarchise des fonctions complémentaires qui suscitent et expriment la fusion des activités et des consciences à l'occasion d'éléments communs et en vue d'objets communs. [...] C'est pourquoi l'épanouissement total de l'homme doit se faire dans la Cité, qui est une communauté de communautés. Fédération organique de groupes [...]*”

FIGURA 37 e 38- ESQUEMAS GRÁFICOS COMPARANDO A ORGANIZAÇÃO URBANA CONCÊNTRICA À COMUNITÁRIA.



FONTE - BARDET, 1948, p.100-101.

Os “escalões comunitários”, deveriam possuir especificidades e complementaridades funcionais, cobririam um amplo espectro constitutivo e teriam certa autonomia. Isto o levou a prescrever uma classificação hierárquica, seguindo as características determinadas pela TS. Uma vez detectados, os escalões poderiam ser organizados, fortalecidos, trabalhados no sentido para compor ordenamento territorial, evitando dinâmicas nocivas como: congestão, hiperconcentração e esvaziamento.

O primeiro escalão, denominado Patriarcal, reforça a filiação *leplaysiana* ao considerar a família como primeira unidade econômico-social. Como já mencionado, Bardet considerava os laços consanguíneos o primeiro tipo de aglomeração humana, logo, a mais primitiva comunidade. Esse escalão deveria ser constituído por famílias, reunidas em grupos de vizinhos que se conhecem e se ajudam. Abarcando de 5 a 15 famílias, o escalão deveria favorecer os laços de solidariedade e as relações de vizinhança, contar com espaços para atividades coletivas e ter o desenho urbano pensado de tal forma que a proximidade entre os habitantes fosse estimulada.⁴¹⁴

⁴¹⁴BARDET, 1948d, p.236

FIGURA 39 - RADBURN, EXEMPLO DE ESCALÃO PATRIARCAL.



FONTE - < <http://arquiscopio.com/archivo/2013/04/28/supermanzana-de-radburn/?lang=pt>>. Acesso em 1º ago.2019.

O segundo escalão, Doméstico, seria a simples extensão do Patriarcal, compreendendo de 50 a 150 famílias. Para que os laços comunitários fossem mantidos, Bardet continuou a alertar sobre a importância do desenho urbano, evocando os princípios de Sitte e Unwin.

Por não admitir a adoção de modelos, Bardet não forneceu um projeto dos escalões que descreveu. Isso não o impediu de citar inúmeros exemplos de boas práticas a serem adotadas nos escalões. Um deles foi o projeto de Radburn, em Nova Jersey (EUA), no qual Clarence Stein e Henry Wright materializaram os conceitos de Unidade de Vizinhança (Figura 39 e 40). Como é possível ver na figura a seguir, as vias arteriais cercam as unidades residenciais menores, delimitando-as enquanto comunidade e resguardando-as do tráfego intenso de veículos.⁴¹⁵

⁴¹⁵ BARDET, 1948d, p.227.

FIGURA 40 - RADBURN COMO EXEMPLO DE ESCALÃO DOMÉSTICO, AS VIAS DE MAIOR FLUXO MARGEIAM OS ESCALÕES.



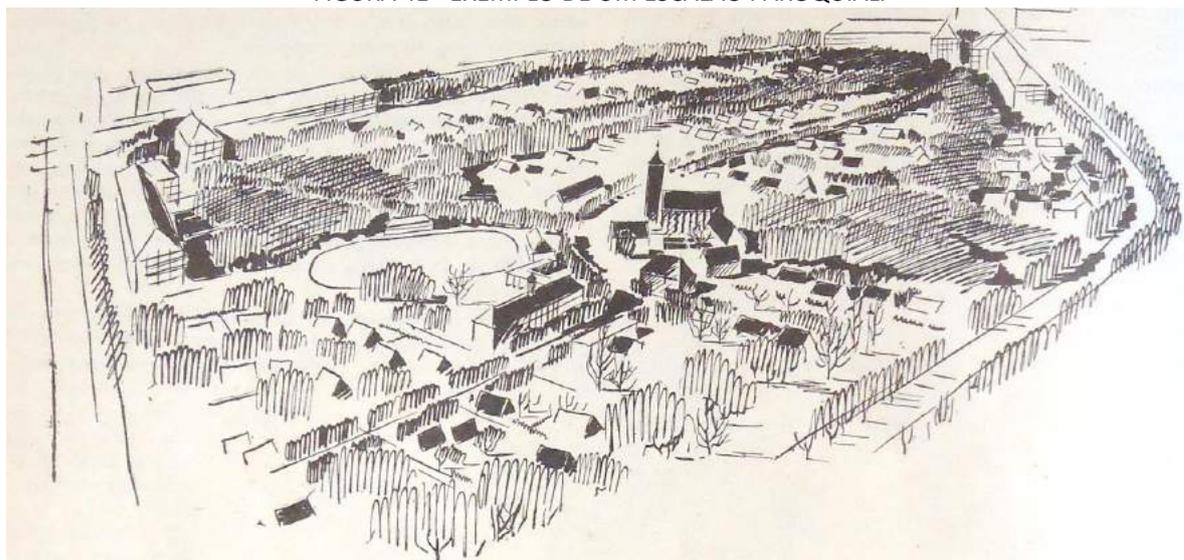
FONTE - < <http://arquiscopio.com/archivo/2013/04/28/supermanzana-de-radburn/?lang=pt>>. Acesso em 1º ago.2019.

Por fim, o terceiro escalão, definido como Paroquial, caracterizaria um bairro contendo de 500 a 1.500 famílias em torno de edifícios públicos dominantes (Figura 41). Novamente, são notáveis as semelhanças com o conceito de Unidade de Vizinhança (UV) desenvolvido no Plano Regional de Nova York, de 1929. De acordo com Bardet, a UV era equivalente ao escalão Paroquial, tanto por ser concebida pelo conjunto de várias células, quanto por se embasar na noção de região. No entanto, guardava diferenças inerentes ao Novo e Velho Mundo: enquanto a UV americana era construída, o escalão francês era identificado; no ponto central da UV estava a escola, edifício dedicado à formação dos cidadãos do futuro, já no centro do escalão estava a paróquia, edifício dedicado à memória e tradições.⁴¹⁶

⁴¹⁶ A abordagem comparativa também está nos artigos: BARDET, G. Concordance entre les méthodes anglo-américaines d'aménagement et les méthodes françaises de topographie sociale. *L'Architecture Française*, Paris, n. 50, p. 3-10, set. 1945a; Concordance entre les méthodes nouvelles françaises, anglaises et américaines d'aménagement des villes. *Bulletin de la Société Française des Urbanistes*, p. 3-10, août. 1945b. L'Unité de voisinage dans l'urbanisme anglo-saxon, *Économie et Humanisme*, L'Abresle, n. 20, p. 427-435, jui-août 1945c.

Ao contrário das UVs, erguidas em subúrbios e locais ainda não habitados, os escalões eram detectados nos vilarejos e cidades, ou seja, partiam da apreensão completa do pré-existente físico e social das tendências de ocupação do território.⁴¹⁷ Os escalões Paroquiais tinham o objetivo de preservar os elos construídos na vida social na escala do bairro, marcando também as interlocuções entre Bardet e Mumford.

FIGURA 41 - EXEMPLO DE UM ESCALÃO PAROQUIAL.



FONTE - BARDET, 1948d,p.214.

Mumford foi o primeiro a ver na "Cidade Humana" de Bardet ressonâncias de Thomas Morus⁴¹⁸. De fato, na descrição de Amaroute, cidade situada no centro da Ilha de Utopia, as semelhanças emergem. A cidade utópica de Morus se insere numa rede de cidades grandes e pequenas da qual dista 38 km; sua planta é limitada por um quadrado perfeito dividido em quatro setores e, no centro deste, está o mercado e pequeno comércio. A vizinhança de Amaroute é baseada na família e para cada 30 famílias é eleito um magistrado. O corpo de magistrados escolhe o prefeito e todos os prefeitos formam o legislativo de Utopia. Para Mumford, ao colocar a família como base da organização primária, Bardet fazia com que "a inovação de Morus não ficasse totalmente perdida".⁴¹⁹

A federação de comunidades mostrada anteriormente na Figura 38 seria, então, a articulação dos escalões Patriarcais, Domésticos e Paroquiais, resultando na "Cidade

⁴¹⁷ BARDET, 1948d, p.223.

⁴¹⁸ Thomas Morus (1478-1535) foi autor de Utopia (1516), romance no qual descreveu uma ilha onde habitava uma sociedade perfeita, idílica, imaginária e inexistente, em oposição às cidades existentes, cf: MUMFORD, 2004.

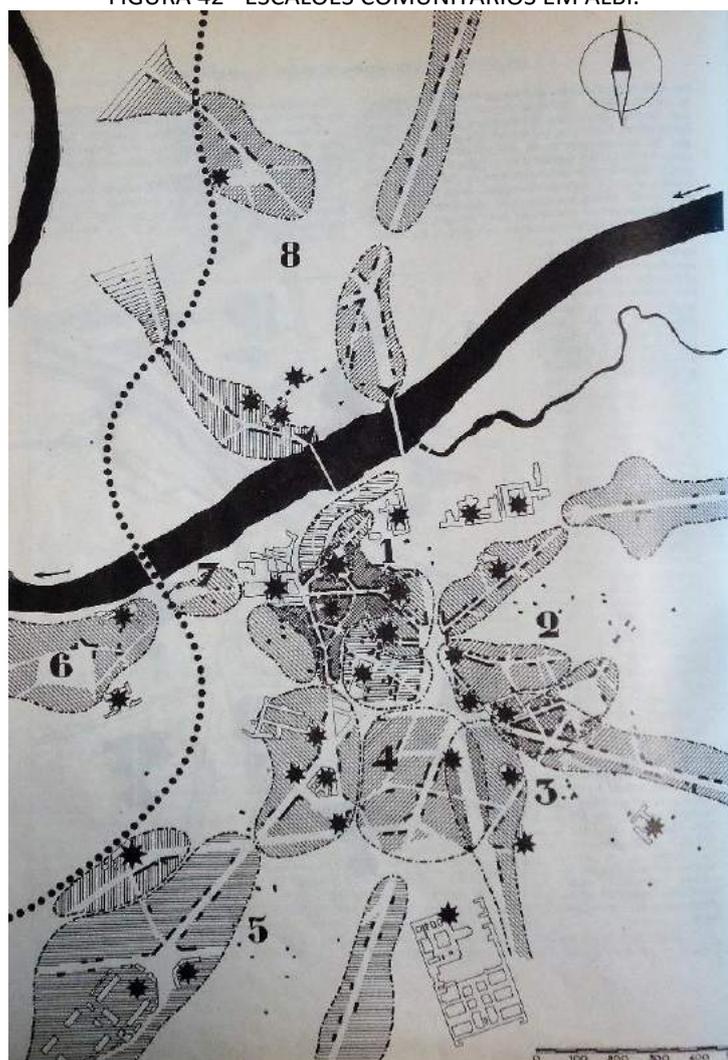
⁴¹⁹ MUMFORD, 2004, p.354.

Humana". Os escalões superiores aos supracitados já seriam uma degradação das relações sociais e comunitárias, por isso, Bardet definiu como escala urbana ideal para a federação a de 5.000 a 15.000 famílias. A fusão das escalas, formando níveis superiores de organização geossocial, era considerada um estágio de degradação: a metropolitana – 50.000 a 150.000 famílias – e a metropolitana capital – 500.000 a 1.500.000 famílias. Segundo o autor, somente Paris, Lyon e Marseille atingiam o número máximo na França até então.⁴²⁰

A Figura 42, a seguir, é uma Síntese da TS na comuna de Albi (comuna francesa do departamento do Tarn), elaborada por Bardet. Os números indicam escalões Paroquiais e as hachuras correspondem aos escalões Domésticos dispostos ao longo de vias comerciais, monumentos ou focos atrativos (representados pelas estrelas). As correntes de circulação estão delimitadas em branco ou tracejado, assim como os pontos de repulsa (estrelas isoladas). Todos esses aspectos deveriam ser observados na definição dos escalões.

⁴²⁰ Em 1950, Paris tinha aproximadamente 2.725.374 hab ~ 682.000 famílias.

FIGURA 42 - ESCALÕES COMUNITÁRIOS EM ALBI.



FONTE - BARDET (1948d, P.233)

O devido crédito deve ser dado ao urbanista, por se antecipar às críticas que explodiram nos anos 1960, determinando a mistura de usos como elemento vital às relações sociais e urbanas. Por outro lado, parece contraditório o controle populacional que delimita e hierarquiza os escalões supracitados, indo de encontro à complexidade e à própria "evolução natural", tão defendida. Bardet tampouco chegou a explicar como seria o exercício desse controle, o que dá margem à associação com as políticas demográficas executadas em regimes totalitários.

Bardet esboçou alguns passos além, para contribuir com o debate sobre a política de ordenamento territorial emergente na agenda francesa do pós-guerra. No seu ponto de vista, o ordenamento deveria equilibrar a repartição da população sobre o território. Isso seria possível mediante a cooperação entre as diversas unidades geoeconômicas hierarquizadas

territorialmente e a implantação de uma política de descentralização das cidades-polos ante as unidades rurais. Esse ordenamento deveria ser consubstanciado num plano de escala regional e outro nacional:

O agrupamento de 'países' rurais em torno de uma cidade forte, geralmente marginal, engendra as regiões. [...] O estudo de qualquer Plano Nacional de Desenvolvimento deve, portanto, basear-se nesses três escalões territoriais: o micro-país, ou panorama de ordem quase biológica; o País - unidade primordial de cultura, tradução de geologia agrícola; e, finalmente, a Região: forte unidade econômica e espiritual nascida da humanização do solo.⁴²¹

Ao fim do livro, Bardet teceu uma conclusão não só sobre aquela obra, mas também sobre o percurso de estudos, pesquisas e vivências realizadas até então. É com essa bagagem e maturidade que ele propôs uma nova tríade: se urbanismo era "ciência, arte e filosofia", o novo urbanismo deveria ser "corporal, biológico e harmonioso". Tais enunciados, no entanto, não chegaram a constituir uma teoria, visto que se dispersaram entre seus trabalhos posteriores.

O urbanismo "corporal" seria o oposto da abstração desumana, da aplicação de modelos e planos desconexos com a realidade socioeconômica, espacial, natural e cultural. Ao apreender a cidade "corpo-a-corpo", o urbanista poderia substituir os "zoneamentos uniformizadores" pelos "escalões unificantes". Citando Péguy, Bergson e Poëte, Bardet anunciou que o urbanismo corporal era o meio de "reencontrar o real, encarnado, corporativo e carnal".⁴²² É o urbanismo de grupos, contrário ao urbanismo de multidão; é o urbanismo das enquetes urbanas, da topografia social e do conhecimento do ser.

Ainda que não tenha retomado explicitamente o tema, há também ressonâncias dos filósofos que questionaram a primazia da máquina no mundo moderno: Maritain, Mounier, Carrel e Laffite. O urbanismo corporal se contrapôs a toda massificação, objetificação e despersonalização que a sociedade industrial implicava.

O urbanismo biológico era aquele que considerava que a vida "deve evoluir ao observar os seres vivos – o ritmo das gerações –, e não segundo um processo de mudanças bruscas e aceleradas."⁴²³ É o urbanismo da continuidade, tanto do passado, por meio da

⁴²¹ Bardet, 1948d, p. 80, tradução nossa. Texto original: "*Le groupement des 'pays' ruraux autour d'une ville forte, généralement marginale, engendre les Régions. [...] L'étude de tout Plan d'Aménagement national devra donc être basée sur ces trois échelons territoriaux: Le Micro-pays ou panorama d'ordre quasi-biologique; le Pays – unité primordiale de culture, traduction de la géologie agricole; enfin la Région: forte unité économique et spirituelle née de l'humanisation du sol.*"

⁴²² BARDET, 1948d, p.311.

⁴²³BARDET, 1948d, p.318.

pesquisa do pré-existente, quanto do futuro, via os “planos orgânicos”. Bardet reafirmou a filiação a Geddes citando sua preocupação com a vida, assim como as interlocuções com Mumford, no desejo de manter a contínua renovação dos espaços públicos coletivos – conexões entre a natureza e comunidade.

Para exercer um urbanismo biológico era preciso esquecer a concepção *a priori*. No entanto, ainda que o contexto pós-guerra fosse tentador à inovação em todos os sentidos, aos olhos do urbanista as características pré-existentes não se limitavam à dimensão material: estavam também nos costumes, nas organizações de trabalho, no ritmo de vida – os quais deveriam ser respeitados.

Por fim, o urbanismo harmonioso poderia ser atingido quando a unidade humana e o desenvolvimento pleno da liberdade criadora fossem respeitados. Para Bardet, o urbanismo deveria permitir ao homem florescer material e espiritualmente, desenvolvendo suas potencialidades. É o urbanismo direcionado ao bem comum e ao estágio do “desenvolvimento harmônico” enunciado pelo Pe. Lebreton. As referências aos valores cristãos também iluminam as interlocuções com o EH.

As ideias postas em “*Le Nouvel Urbanisme*” foram costuradas pelas vertentes filosóficas e doutrinárias das quais Bardet se aproximou e se afastou. Tudo está posto: o autor delimitou os lados, esforçou-se na elaboração do estado da arte da cidade e do urbanismo, para não deixar dúvidas sobre seu posicionamento. Na “civilização maquinista”, colocava-se ao lado dos humanos. No novo urbanismo, essa postura significou partir do conhecimento da vida – vida das cidades e das sociedades, vida econômica, vida cultural e artística, vida natural e ambiental – antes de realizar qualquer passo.

Ao fim deste capítulo, é possível concluir que vivenciar a “revolta da técnica” tornou Gaston Bardet mais convicto da rejeição à ruptura de valores posta pela organização social pós-industrial. Nos anos da 2ª Guerra Mundial, ele se dedicou a conhecer a fundo as regiões francesas, aprimorando as enquetes e princípios de análise nos vilarejos, comunas e cidades de menor escala. Certo da falência dos grandes centros urbanos que concentrava pessoas num ciclo de exploração do trabalho, consumo e sobrevivência, voltar-se para o desenvolvimento do mundo rural foi uma possibilidade de equilibrar as massas populacionais no território.

No período em que formulou o “Novo Urbanismo”, Bardet colocou o homem no centro do seu pensamento urbanístico, com o objetivo de se preparar para apoiar a reconstrução física e moral de seu país. Além de entrar na disputa pelo campo de atuação profissional, ele visualizou a possibilidade de emplacar uma teoria e reverter o processo de desumanização das cidades. Nesse anseio, aproximou-se do *Économie et Humanisme*, contribuindo para o desenvolvimento dos métodos de pesquisa social do movimento e fortalecendo as bases filosóficas de seu pensamento.

As interlocuções com o EH permitiram a Bardet fundamentar sua crítica à cidade e à sociedade de seu tempo. Mais do que uma reação romântica ou tradicionalista, ele conseguiu respaldar teoricamente seu argumento articulando as já conhecidas referências urbanísticas aos aportes da economia, teologia e filosofia. Especialmente nos debates acerca da noção de comunidade, o urbanista encontrou as bases para propor uma utopia.

É a fé inabalável no urbanismo que leva Bardet a pensar a Cidade Humana. Ao acreditar que o urbanismo poderia transformar a sociedade, idealizou uma cidade para o florescimento do homem em corpo e espírito, tal qual aspirava Bergson. Nessa cidade, inexistente e ideal, preconizou o resgate dos laços de solidariedade perdidos entre seus habitantes. Ainda que referenciado na moral cristã e na estrutura familiar patriarcal, Bardet propôs, por intermédio do urbanismo, retomar o equilíbrio natureza-homem e fomentar um crescimento atrelado ao desenvolvimento da coletividade.

5 O ENSINO DO URBANISMO E AS PASSAGENS PELA AMÉRICA LATINA

No ensino do urbanismo Gaston Bardet encontrou uma forma potente de fazer circular suas ideias. Através do *Institut Supérieur d'Urbanisme Appliqué* (ISUA) foi possível divulgar seus escritos, consolidar uma rede de professores, alunos e profissionais com propósitos convergentes. No instituto, sediado em Bruxelas, desenvolveu novos métodos de ensino e organização da prática profissional. Tudo isso paralelamente ao caminho sem volta para os estudos místicos e religiosos, a que se dedicou no fim da vida.

As experiências no ISUA despertaram grande interesse, devido ao surgimento dos primeiros institutos de urbanismo na América Latina e intensa urbanização das principais capitais a partir dos anos 1950. Tamanho entusiasmo, somado à possibilidade de ampliar a rede de urbanistas e alcançar novos mercados de atuação profissional, levaram Bardet a iniciar uma jornada de cursos, palestras e publicações, que só diminuíram de ritmo nos anos 1960.

No presente capítulo, direcionei o olhar para a circulação das ideias de Gaston Bardet fora da França. Parto do entendimento de que, a cada viagem, cidade e disciplina ministrada, o urbanista transformou e foi transformado. Busquei, portanto, avaliar as dimensões de tais transformações. Cabe ressaltar, porém, que o conhecimento apresentado do contexto de cada país está dentro dos limites viáveis, guiado especialmente pelo olhar de Bardet – como urbanista, professor e estrangeiro.

5.1 O recomeço em Bruxelas: o *Institut Supérieur d'Urbanisme Appliqué*

Em 1940, quando Pierre Lavedan assumiu a diretoria do IUUP, Gaston Bardet enviou-lhe um relatório sobre a “formação e evolução ensino do urbanismo na França”⁴²⁴. O documento tinha o propósito de revisar e recomendar as reformas necessárias à formação de novos profissionais. Para embasar a necessidade de adequação do ensino de urbanismo a cada época, ele resgatou os programas do curso, construindo uma “evolução do ensino de urbanismo na França” desde as primeiras aulas na *École des Hautes Études Urbaines*.

⁴²⁴ Formation et évolution de l'enseignement de l'urbanisme em France. Relatório enviado ao Diretor do IUUP, Pierre Lavedan. Publicado em BARDET, 1946d, p. 7-19, tradução nossa.

No relatório, Bardet demonstrou que, enquanto no passado o ensino tinha grande proximidade com a história, administração e direito, as demandas do presente – ampliação de escala, articulação cidade-região e fluxos demográficos – aproximavam o urbanismo da geografia e sociologia. Outra mudança que considerava ainda mais urgente era ensinar o urbanismo como uma ciência aplicada, principalmente por meio da realização de trabalhos práticos em estudos de casos reais.

No entanto, se não falamos mais sobre a ciência "antes das aplicações", parece que não suspeitamos que existe uma ciência a ser feita, uma ciência que é acima de tudo de observação e não é feita de técnica, nem de administração, mas aproxima-se da geografia humana da morfologia social, e que - como se trata do papel social do ser humano - extrai seus dados das leis da vida e psicologia coletiva.⁴²⁵

Esse aspecto do ensino foi algo que Bardet tentou transformar no curto tempo de experiência do *Atelier Supérieur d'Urbanisme Appliqué* (ASUA), como foi exposto no Capítulo 3. Tal desejo ficou ainda mais reforçado com o desenvolvimento dos princípios de enquete e análises urbanas, no início dos anos 1940 – período no qual Bardet mais se dedicou a dotar o urbanismo de ferramentas de análise, não deixando de fora o papel do ensino e do IUUP na empreitada.

No referido relatório, o urbanista esboçou sugestões para que os cinco eixos disciplinares do curso apresentassem um entrelaçamento de ciência pura, aplicada e trabalhos práticos.⁴²⁶ Para o eixo de "Evolução das cidades", por exemplo, sugeriu que os alunos, além do estudo, construíssem esquemas de evolução semelhantes aos que elaborara para Poëte em 1937. Já para o eixo "Organização social das aglomerações", recomendou que as excessivas conferências abrissem espaço para a utilização prática das estatísticas e a substituição dos professores juristas e administradores por um geógrafo, a fim de ensinar a interpretação dos dados sobre o território.

As mudanças sugeridas também abarcavam o acréscimo do 3^a ano de curso, inteiramente dedicado aos trabalhos práticos (semelhante ao estágio) e às monografias. Bardet demonstrou grande preocupação em garantir que os trabalhos dos estudantes fossem aplicados visando a gerar um conjunto documental consistente. Por isso, também

⁴²⁵ BARDET, 1946d, p. 13, tradução nossa. Texto original: "*Toutefois, si l'on ne parle plus de la science 'en avance sur les applications', on ne semble pas soupçonner qu'il y ait une science à faire, science avant tout d'observation et qui n'est faite ni de technique, ni d'administration, mais se rapproche plutôt de la géographie humaine de la morphologie sociale, et qui - comme il s'agit du rôle social, de l'être humain - tire ses données à la fois des lois de la vie et de la psychologie collective.*"

⁴²⁶ Os eixos, disciplinas e professores estão dispostos no Quadro 1, Capítulo 2 desta tese.

recomendou controle maior sobre os temas das monografias, evitando “generalidades”. Por fim, apelou para que a nova direção do IUUP promovesse o ensino não só por meio da teoria e da aplicação, mas também via um “verdadeiro laboratório de trabalhos práticos, onde pudessem emergir princípios do urbanismo-ciência.”⁴²⁷

Ao incluir o relatório entre os textos publicados na coletânea “*Pierre sur Pierre*”, Bardet acrescentou uma pequena nota sobre o que teria sido acatado até o momento. Pouco satisfeito, afirmou que só então o 3º ano começava a se esboçar e que professores geógrafos como René Maunier, Hazzeman e Clauzier se empenhavam para restabelecer o desequilíbrio provocado pelo excesso de juristas. Por fim, anunciou que naquele mesmo ano o *Institut d’Urbanisme de l’Université d’Alger* havia sido criado adotando os princípios por ele expostos.⁴²⁸

A publicação do relatório com sugestões e críticas ao ensino do IUUP não deve ter sido muito bem recebida, visto que, desde então, não constam mais participações de Bardet na instituição. É importante ressaltar que o texto foi também publicado na revista *La Reconstruction* (1943), na Bélgica. Isso demonstra que as ideias do urbanista já transitavam entre os círculos intelectuais daquele país, no qual teve a chance de formular um curso de urbanismo que colocava em prática todas as recomendações listadas.

O *Institut Supérieur d’Urbanisme Appliqué* (ISUA)⁴²⁹ foi criado em 25 de outubro de 1947, sob a Direção Administrativa do arquiteto Henri Gilis (Frei Raymond), que convidou Bardet para assumir a Direção de Estudos.⁴³⁰ A relação entre Bardet e Gilis não é clara, mas possivelmente perpassa pela religião. Não há nos arquivos pesquisados cartas, jornais ou outro tipo de documentos que esclareçam o contato entre eles antes da criação do instituto.

No entanto, sabe-se que o urbanista já tinha reconhecimento entre os belgas, pois, além da publicação de artigos, houve repercussão na imprensa local das conferências proferidas na Antuérpia, Liège, Hainaut e na própria Bruxelas, em 1946. Bardet percorreu

⁴²⁷ BARDET, 1946d, p.19, tradução nossa. Texto original: “*un véritable laboratoire des travaux pratiques, d’où seuls peuvent se dégager les principes de la science de l’urbanisme*”.

⁴²⁸ Sobre o *Institut d’Urbanisme de l’Université d’Alger*, cf: FREY, J.P. Les valises du progrès urbanistique. Modèles, échanges et transferts de savoir entre la France et l’Algérie. **Les Cahiers d’Emam**, [s.l.], n. 20, p.33-57, jul. 2010.

⁴²⁹ Em 1954, passou a chamar-se *Institut International et Supérieur d’Urbanisme Appliqué*. Em 1974, sofreu uma reforma programática passando a chamar-se *Institut Supérieur d’urbanisme et de Rénovation Urbaine (ISURU)*. Ainda sediado em Bruxelas, o ISURU oferece o curso de Mestrado em urbanismo e planejamento territorial (*Master en urbanisme et aménagement du territoire*).

⁴³⁰ Em 1954, o Comitê de Direção do ISUA incluiu o Secretário-geral Jacques Boseret-Mali e a Delegada de Relações Internacionais Denise Moutonnier.

esses centros participando de debates acerca da reconstrução das cidades atingidas, aos profissionais interessados em suas pesquisas e reflexões teóricas (Figura 43).⁴³¹

FIGURA 43 - CONVITE PARA CONFERÊNCIA DE BARDET (1946).



FONTE - Fond Bardet, cx.10.

Assim como a França, a Bélgica atravessou disputas ideológicas e profissionais no período da reconstrução pós-1945. Segundo Sterken e Weyns⁴³², foi num contexto marcado por forte polarização – entre Socialistas e Cristãos Democratas – que a criação do ISUA foi apoiada pelo Ministro de Obras Públicas, Oscar Behogne. Os autores sustentam que o apoio foi uma contrapartida católica ao ensino da *L'École de la Cambre*⁴³³, mais próxima do pensamento socialista e da Bauhaus. Portanto, é possível afirmar que Bardet encontrou na Bélgica uma situação inversa àquela que o isolava na França: um ministro em oposição à difusão do ideário funcionalista e uma instituição comprometida com os preceitos cristãos.

Cabe ressaltar, ainda, que antes do ISUA a Bélgica já tinha um debate bem consolidado no campo do urbanismo, porém, ainda muito vinculado à arquitetura. Na sua investigação epistemológica do urbanismo belga, Grulois⁴³⁴ revela ressonâncias do pensamento vitalista nos pioneiros Jean De Ligne e Louis Van der Swaelmen. Juntamente com o engenheiro Raphaël Verwilghen, eles fundaram a *Société des Urbanistes Belges*

⁴³¹ Fond Bardet, cx.10.

⁴³² STERKEN, S.; WEYNS, E. Urban Planning and Christian Revival. The Institut supérieur d'urbanisme appliqué in Brussels under Gaston Bardet (1947-1973) In MORAVÁNSZKY, A; HOPFENGÄRTNER, J. (Org.). **Re-humanizing Architecture: New Forms of Community, 1950-1970**. Basel: Birkhäuser, 2016, p. 89 - 100.

⁴³³ Conhecida como La Cambre, foi fundada em 1926 pelo arquiteto Henry van de Velde (1863-1957), com o ensino de arquitetura, design e artes visuais aos moldes da Bauhaus de Weimar, o que causou forte reação no meio acadêmico nos primeiros anos. Cf. <<http://www.lacambre.be/fr/informations/histoire-de-l-ecole>>. Acesso em 23 abr. 2019.

⁴³⁴ GRULOIS, G. La construction épistémologique de l'urbanisme en Belgique. **Belgeo**, [s.l.], n. 1-2, p.5-16, 30 jun. 2011. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/belgeo.6329>.

(1919) que, quatro anos depois, foi transformada em *Société Belge des Urbanistes et Architectes Modernistes*, afastando-se dos propósitos iniciais.

Outro fator que favoreceu o surgimento de um novo curso de urbanismo foi a crescente demanda por formação profissional, uma vez que, para captar recursos governamentais, as cidades sinistradas precisavam apresentar planos urbanísticos. Segundo Gaston Bardet, a Bélgica já contava com algumas instituições que ofereciam urbanismo como disciplina, porém, nenhum curso especificamente voltado para a formação de urbanistas, como era a proposta do novo instituto.⁴³⁵

O ISUA foi incorporado ao conjunto de instituições de ensino que formavam os *Instituts Saint-Luc*, cujos princípios seguem a tradição da Irmandade das Escolas Cristãs⁴³⁶. Nesse sentido, não se pode deixar de considerar que a constante presença do cristianismo no pensamento urbanístico de Bardet (ainda mais aflorado no pós-guerra) também tenha pesado na sua indicação para a diretoria. Entre as conferências proferidas em Liège, chama a atenção uma intitulada “Cristianismo e Urbanismo”⁴³⁷, dando pistas das reflexões que desenvolveria nas décadas seguintes.

O ISUA foi “a menina dos olhos” de Bardet, ao qual ele dedicou 27 anos de trabalho. O curso de urbanismo aplicado recebia alunos graduados (arquitetos, topógrafos, sociólogos, etc) e era desenvolvido ao longo de 3 anos, sendo o último dedicado ao trabalho final, que rendia aos concluintes o diploma de arquiteto-urbanista, topógrafo-urbanista ou urbanólogo, a depender da graduação.⁴³⁸

O curso de urbanismo foi concebido de acordo com o pensamento urbanístico de Gaston Bardet, incorporando suas filiações, métodos e concepções. Ao explicar o “espírito do ensino”, ele afirmou que o ISUA renovou as estruturas, avançou no empirismo e criou métodos originais. Ao inverter as etapas práticas para os primeiros módulos, antecedendo a teoria, seu intento foi impulsionar os alunos a formarem conhecimento a partir das observações:

⁴³⁵ BARDET, G. L'enseignement de l'urbanisme appliqué. *L'Architecture Française*, Paris, n. 127, p.74-78, out. 1952.

⁴³⁶ Os institutos e escolas *Saint-Luc* são membros da Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs, fundada em Reims por volta de 1680 por Jean-Batiste de la Salle. A primeira escola Saint-Luc foi inaugurada em Gand em 1838 pelo Frei Marès Joseph, com cursos de desenho para jovens operários. Disponível em < <http://www.stluc-bruxelles.be/spip.php?article14>>. Acesso em 21 mar.2019.

⁴³⁷ Fond Bardet, cx.10.

⁴³⁸ BARDET, G. *Institut International et Supérieur d'Urbanisme Appliqué*. Bruxelles: Direction d'Études, 1954.

A experiência também mostra que não é o curso teórico que deve preceder (logicamente) durante o primeiro trimestre, lançando o trabalho prático para o fim. Pelo contrário, no primeiro trimestre os trabalhos práticos fáceis devem entrelaçar alunos de todos os horizontes (arquitetos, engenheiros, topógrafos, administradores) de todas as idades e de todos os países.⁴³⁹

Inicialmente o curso era desenvolvido através das disciplinas do Quadro 7; à medida que se consolidou, foi aprimorado e passou a ser dividido nos módulos listados no Quadro 8. Com incentivo ao trabalho em grupo, as atividades práticas eram ponto de partida para as reflexões teóricas desde o primeiro trimestre. Daí o conceito de “ensino do urbanismo aplicado” destacado por Bardet como um diferencial para fomentar, o interesse e a interação entre os alunos novos e veteranos.

QUADRO 7- ESTRUTURA DO CURSO DE URBANISMO APLICADO EM 1947.

DISCIPLINA	DOCENTE
URBANISMO	M. BARDET
TRABALHOS PRÁTICOS	
URBANISMO E A LEI	BARON HOUTART
EVOLUÇÃO DAS CIDADES	M. VAN HOUTTE
CLIMATOLOGIA	FRÈRE FERDINAND
ILUMINAÇÃO NATURAL CIENTÍFICA	M. VINACCIA
SOCIOLOGIA	M. BOUTHOU
ENGENHARIA URBANA	M. SRPUYNT
ARTE DOS JARDINS	M. CLAU
ADMINISTRAÇÃO	M. CHAINEUX
DIREITO CIVIL	
DIREITO ADMINISTRATIVO	
GEOGRAFIA	MLLE. LEFÈVRE
ECONOMIA RURAL	
HIGIENE SOCIAL	DR. SPAEY
ECONOMIA HUMANA	FRÈRE FERDINAND
DEMOGRAFIA (TEORIA/PRÁTICA)	MLLE. POËTE
ARTE URBANA	M. VERBOVEN

FONTE - A autora (2019) adaptado de *Horaire des cours (1947/48)*, Centre de documentation - ISURU.

⁴³⁹ BARDET, 1952, p. 74, tradução nossa. Texto original: "L'expérience montre également que ce ne sont pas les cours de théorie qui doivent précéder (logiquement) durant le premier trimestre, rejetant les travaux pratiques in fine. C'est au contraire, dès le premier trimestre que des travaux pratiques faciles doivent opérer l'entre-tissage des étudiants venant de tous les horizons: (architectes, ingénieurs, topographes, administratifs de tous âges et de tous pays." Fond Bardet, cx. 9.

No Quadro 8 nota-se que, sete anos após a fundação, o curso estava bem consolidado, com aumento considerável de disciplinas e docentes. O curso que no primeiro ano letivo contou com 12 alunos, cresceu rapidamente e já havia formado os primeiros 35 alunos, do 187 inscritos – sem contar os ciclos acelerados de verão – em 1954.⁴⁴⁰ As turmas anuais eram nomeadas homenageando urbanistas estudados, reforçando as filiações da instituição: Marcel Poëte, Patrick Geddes, Charles Buls, Idelfons Cerdá, etc.

⁴⁴⁰ Levantamento cedido à autora por Philippe Lorenzen, responsável pelo *Centre de Documentation de l'ISURU*. Bruxelas, 2 jun. 2017.

QUADRO 8- ESTRUTURA DO CURSO DE URBANISMO APLICADO EM 1954.

1ª SEÇÃO – FATORES HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS	
CURSO FUNDAMENTAL. EVOLUÇÃO DA GRANDE ARTE NAS CIVILIZAÇÕES	
CONFERÊNCIAS (1º E 2º ANO)	GASTON BARDET
O LUGAR E O QUADRO GEOGRÁFICO	
LEITURA CARTOGRÁFICA	RENÉ HUYGENS
INTRODUÇÃO ÀS CIÊNCIAS DA TERRA, HIDROLOGIA, ESTUDO DOS SOLOS	FRANS GULLENTOPS
CLIMATOLOGIA APLICADA (1º E 2º ANO)	ROBERT LEROUX
ILUMINAÇÃO NATURAL CIENTÍFICA	GAETANO VINACCIA
GEOGRAFIA HUMANA APLICADA AO URBANISMO	
GEOGRAFIA URBANA	MARGUERITE LEFÈVRE
GEOGRAFIA REGIONAL	OMER TULLIPE
2ª SEÇÃO – FATORES ECONÔMICOS E SOCIAIS	
CURSO FUNDAMENTAL. ESTUDO DO TECIDO URBANO	
DEMOGRAFIA APLICADA AO URBANISMO, ENQUETES E ANÁLISES URBANAS, PRÁTICA DO DOSSIÊ URBANO (1ª, 2ª E 3º ANO)	FRANÇOISE POËTE
ASPECTOS DA SOCIOLOGIA	
HIGIENE SOCIAL	DR. ROBERT HAZZEMANN
SOCIOLOGIA DA CIDADE CRISTÃ	JEAN DAUJAT
PROBLEMAS DA SOCIOLOGIA	GASTON BOUTHOU
O FATOR CULTURAL NO URBANISMO	JEAN MELLOTT
O HOMEM E A ECONOMIA	
ECONOMIA HUMANA	BARON CONRRAD VAN DER BRUGGEN
ECONOMIA RURAL	MARGUERITE LEFÈVRE
ECONOMIA DA CIDADE CRISTÃ	ANDRÉ BOCA
3ª SEÇÃO – ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA	
DIREITO CIVIL; REGIME JURÍDICO DE EXPROPRIAÇÕES POR UTILIDADE PÚBLICA; PRÁTICA DE DOSSIÊS ADMINISTRATIVOS	MARCEL DE COUVREUR
DIREITO CONSTITUCIONAL E ADMINISTRATIVO; REGIME JURÍDICO DA VIA PÚBLICA, ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DAS CIDADES	PIERRE CHAINEUX
O URBANISMO E AS LEIS	BAUDOIN DE HEMRICOURT DE GRUNGE
O ESPÍRITO DAS LEGISLAÇÕES ESTRANGEIRAS	DENISE-TERESA MOUTONNIER
4ª SEÇÃO – ARTE E TÉCNICA DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO	
CURSO FUNDAMENTAL. ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL	
TEORIA E PRÁTICA (1º, 2º E 3º ANO)	GASTON BARDET
CURSO FUNDAMENTAL. TÉCNICAS DE ENGENHARIA	
TEORIA E PRÁTICA (1º, 2º ANO)	JACQUES VAN DER MEEREN
TEORIA E PRÁTICA (3º ANO)	ALBERT HORMIDAS
CURSO FUNDAMENTAL. A ARTE DOS JARDINS	
TEORIA E PRÁTICA (1º, 2º E 3º ANO)	RENÉ PECHERE
URBANISMO NAS COLÔNIAS	
CONFERÊNCIAS	ÉMILE HENVAUX
ATELIER	
ATELIER DE TRABALHOS PRÁTICOS	JACQUES BOSERET-MALI
ATELIER DE MAQUETES	JACQUES DE NEYER

FONTE - BARDET, 1954, tradução e edição nossa.

Sobre o Quadro 7, alguns pontos merecem ser destacados. Primeiramente, a semelhança entre a estrutura do curso e o roteiro das *civics surveys* de Patrick Geddes, buscando apreensão do urbano através de fatores físicos, ambientais, econômicos e socioculturais. O objetivo de construir o conhecimento a partir do empírico também transparece nos módulos práticos em diversas disciplinas e dos ateliers.

Em relação ao corpo docente, cabe sublinhar a divisão quase equivalente de formação entre arquitetos, engenheiros, sociólogos, administradores, geógrafos e juristas. O número de professores formados em instituições francesas e belgas também se mostrou bastante equilibrado. Outro ponto notável foi a presença pioneira de mulheres docentes: a geógrafa Marguerite Lefèvre⁴⁴¹, especialista em economia e desenvolvimento rural; Françoise Poëte, diretora do *Laboratoire d'Enquête et d'Analyse Urbaine*; e Denise Moutonnier, diplomada pela *École des Hautes Études Commerciales* de Paris, responsável pelas relações internacionais do curso.⁴⁴²

A articulação com institutos e urbanistas de outros países ficou registrada no Comitê de Patronos do ISUA, do qual constavam os seguintes nomes e titulações: Saint Jean-Baptiste de la Salle – Patrono da Educação Cristã; Marcel Poëte – Fundador do Ensino de Urbanismo na França; Jean Alazard – Diretor do Instituto de Urbanismo da Universidade de Argel; Maurício Cravotto – Diretor-professor do Instituto de Urbanismo de Montevideú; Pierre Deffontaines – Diretor do Instituto Francês de Barcelona; Lewis Mumford – Fundador da Associação de planejamento regional da América; Mário Pani – Diretor da revista *Arquitectura* no México; Carlos Della Paollera e Ernesto Vautier – Diretor e Professor do Instituto de Urbanismo de Buenos Aires, respectivamente; Tony Socard – Conselheiro de Urbanismo do Governo Geral da Argélia.

⁴⁴¹ Formou-se um ano após a abertura da Universidade de Leuven para mulheres, em 1921, e obteve doutorado 'à titre étranger' na Sorbonne em Paris com a tese "*L'Habitat rural en Belgique*", em 1925. Na Bélgica, esse título não estava aberto a pesquisadoras do sexo feminino naquela época. Foi Vice-Presidente da *Union Géographique Internationale* em 1949 e membro da *Association des Femmes Universitaires Catholiques*. Apesar de dar aula no ISUA e em outras instituições desde 1947, só foi titulada como professora em 1960. Na época, ela tinha 66 anos, trabalhava como professora há mais de 20 e tinha 80 publicações em seu nome. Disponível em < <https://rosavzw.be/site/het-geheugen/portretten-van-inspirerende-vrouwen/wetenschap-entechniek/150-marguerite-lefevre-eeen-academische-pionier>>. Acesso em 24 abr. 2018.

⁴⁴² O papel de Denise Moutonnier foi crucial para a internacionalização do curso, pois, além de intermediar as articulações via correspondência e a recepção de alunos estrangeiros nos cursos de verão, ela acompanhou a maior parte das conferências de Bardet para atuar como intérprete.

Tais patronos estão relacionados à difusão da vertente que Bardet desenvolveu no ISUA, constituindo uma rede de ensino de urbanismo.⁴⁴³ Há representantes dos principais países que ele visitou, mas a ausência de um representante do Brasil é notável, embora compreensível, devido aos conflitos que marcaram sua segunda passagem pelo país.

A noção de urbanismo como uma ciência de observação fez Bardet acreditar e insistir no potencial das experiências para a formação dos alunos. Isso pode ser observado nos relatórios trimestrais de avaliação do curso, anotações pessoais e nas recomendações ao corpo docente.⁴⁴⁴ Nesses documentos, ele registrou preocupação em promover a troca de conhecimento não só por intermédio dos professores, mas também entre os alunos, a partir dos exercícios.

Seus alunos podem fazer seus trabalhos em casa, mas há o maior interesse em vir desenhá-los no Atelier do I.S.U.A. (1º andar), onde estão entre eles e podem trocar ideias preparando-se para a organização polifônica[...] Para desenvolver suas qualidades de observação direta e escolha dos melhores exemplos, os alunos dos três anos devem apresentar no exame o caderno de croquis.⁴⁴⁵

O Quadro 7 mostra que, além das atividades de direção, Bardet foi responsável pela condução de duas disciplinas. A primeira, constituída por ciclos de conferências, era direcionada aos alunos dos primeiros anos e tinha o objetivo de relacionar os grandes conjuntos monumentais da história à evolução das civilizações – da Antiguidade até o seu tempo. Apesar da filiação evidente a Marcel Poëte, é notável a inserção de civilizações africanas, americanas e asiáticas, ainda que numa perspectiva eurocêntrica reduzindo-as a “não-cristãs”. As conferências⁴⁴⁶ lecionadas nessa disciplina adotavam o cristianismo (ou outras religiões, a depender da cultura) como o “elã vital” da transformação das cidades, relacionando a degradação da civilização ao afastamento do homem desses princípios.

Formar urbanistas aptos a resgatar “os traços de Deus” na arte e na técnica era, no ponto de vista de Bardet, uma estratégia para resgatar o desenvolvimento humanos nas cidades. Portanto, o ISUA abarcava no ensino uma forte carga doutrinária, sendo definido

⁴⁴³ BARDET, 1954, p.2, tradução nossa.

⁴⁴⁴ *Centre de documentation* – ISURU.

⁴⁴⁵ BARDET, G. Exécution de travaux pratiques. 20 nov.1951, p.2, tradução nossa. Texto original: “*Leurs élèves peuvent exécuter leur travaux chez eux, mais ont le plus grand intérêt à venir les dessiner à l'Atelier de l'I.S.U.A. (1er étage) où ils se trouveront entre eux et seront à même d'échanger des idées les préparant à l'organisation polyphonique [...] Afin de développer leur qualité d'observation directe et de choix des meilleurs exemples, les élèves des trois années doivent présenter à l'examen un cahier de croquis.*” *Centre de documentation* – ISURU.

⁴⁴⁶ BARDET, G. **Les sources du Grand Art: l'Homme, la Femme et le Sacré** Comment rajeunir dans le Christ nos techniques sclérosées, Bruxelles, Institut Supérieur et International d'Urbanisme Appliqué, s. d.; **Comment retrouver la trace de Dieu : l'art, la technique et le sacré**, Bruxelles, Institut Supérieur et International d'Urbanisme Appliqué, s. d. Fond Bardet, cx. 027.

pelo urbanista como um “centro de pensamento cristão”.⁴⁴⁷ Apesar do forte apelo religioso e humanista, não há qualquer referência direta que relacione as aulas, atividades e bibliografias ao movimento EH.

Nas disciplinas de organização do espaço social, Bardet desenvolvia trabalhos que iam dos desenhos às maquetes de diversas escalas, simulando uma situação hipotética numa aglomeração urbana real. Os exercícios abarcavam o urbano em sua totalidade, aumentando à medida que se avançava a escala da aglomeração e a complexidade das questões a resolver. Basicamente, as turmas trabalhavam na prática o escalão Patriarcal no 1º ano, o Doméstico no 2º e o Paroquial no 3º.

Na concepção de Bardet, os alunos deveriam estar aptos a lidar com diferentes culturas urbanísticas, tendo, sobretudo, que aprender a investigar, rechaçando a aplicação de modelos pré-concebidos. Para desenvolvimento dessa competência, os exercícios abordavam os objetos de estudos mais variados, tais como: um bairro residencial numa cidade venezuelana⁴⁴⁸, uma vila militar na Argélia⁴⁴⁹, um vilarejo-central nas margens de um rio no Congo⁴⁵⁰, a reconstrução de uma cidade colonial abandonada no Peru ou de uma cidade universitária bombardeada na Inglaterra⁴⁵¹.

As fotografias a seguir retratam maquetes confeccionadas por alunos de Bardet (1ºano, 1951/52). Na Figura 44, está o primeiro exercício: um grupamento com cerca de 15 casas numa região semi-rural belga. Já na Figura 45, o último exercício da mesma turma: uma vila de refugiados da guerra para 125 famílias no Chile, dotada de estrutura escalonada, equipamentos urbanos e rurais, edifícios comunitários e jardins. De acordo com o professor, a primeira intenção era familiarizar gradativamente os alunos arquitetos com grandes escalas de trabalho para, em seguida, abrir os horizontes (*dépayser*) deles a culturas distintas dos seus países de origem, já que muitos trabalhariam no estrangeiro depois de formados.⁴⁵²

⁴⁴⁷ BARDET, 1954, p.16, tradução nossa.

⁴⁴⁸ BARDET, G. Aménagement de l'espace social: 1^{ère} année. Exercice n. 1. Bruxelas, ISUA, 1953/54. *Centre de documentation* – ISURU.

⁴⁴⁹ BARDET, G. Aménagement de l'espace social: 2^{ème} année. Exercice n. 1. Bruxelas, ISUA, 1953/54. *Centre de documentation* – ISURU.

⁴⁵⁰ BARDET, G. Aménagement de l'espace social: 2^{ème} année. Exercice n. 1. Bruxelas, ISUA, 1955/56. *Centre de documentation* – ISURU.

⁴⁵¹ BARDET, G. Aménagement de l'espace social: 1^{ère} année. Exercice n. 2 et 3. Bruxelas, ISUA, 1952/53. *Centre de documentation* – ISURU.

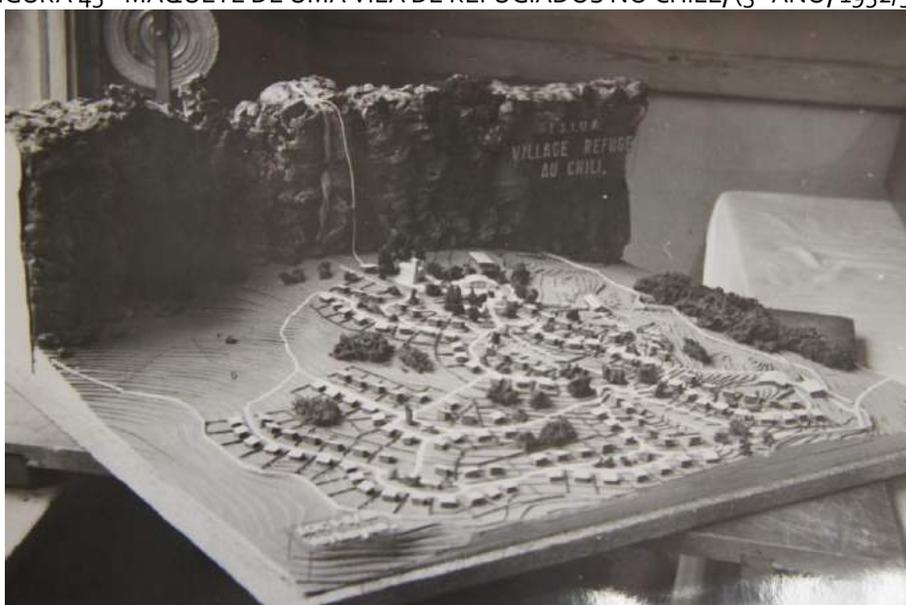
⁴⁵² BARDET, 1952, p. 75.

FIGURA 44 - MAQUETES DE UMA PEQUENA VILA DE AGRICULTORES NA BÉLGICA (1º ANO, 1952/53).



FONTE - Fond Bardet, cx.30.

FIGURA 45 - MAQUETE DE UMA VILA DE REFUGIADOS NO CHILE, (3º ANO, 1952/53).



FONTE - Fond Bardet, cx.30.

Para que tais exercícios fossem possíveis sem visitas de campo, Bardet recomendava algumas fontes de pesquisa e cedia informações observadas durante suas viagens de trabalho. Ao passar pelo Brasil, em 1953, por exemplo, observou o debate acerca da construção da nova capital, o que o inspirou a levar o tema “Construção de um centro governamental para o Estado do Brasil”⁴⁵³ a seus alunos.

⁴⁵³ BARDET, G. Grand Composition d’Art Urbaine: 1,2,3^{ème} anée. Exercice 5. Bruxelas, ISUA, 1956/57; Aménagement de l’espace social: 3^{ème} année. Exercice n.1. Bruxelas, ISUA, 1957/58. Centre de documentation – ISURU.

Nesse exercício, descreveu como características que “a capital de um dos grandes estados do Brasil tem uma vasta composição de inspiração francesa, inacabada há dois séculos”⁴⁵⁴, para solicitar um projeto de composição urbana que incluísse: 1) composição de jardins e avenidas; 2) edifícios e monumentos públicos; 3) entorno de edificações privadas com vias e estacionamentos necessários. Os desenhos deveriam ser representados em escala 1/5.000 na primeira entrega, reduzindo gradativamente até chegar à 1/500 na última, acompanhados das devidas explicações.⁴⁵⁵

Na Figura 46 está uma maquete do trabalho desenvolvido pela turma de 3º ano em 1951/52. Supondo uma situação na qual o centro histórico de Letchworth havia sido destruído por um bombardeio, Bardet encarregou seus alunos de planejar a reconstrução seguindo as seguintes etapas: 1) desenvolver o novo centro e bairros do entorno num esboço geral em 1/5.000; 2) divididos em equipes estabelecer o plano do centro e entorno em 1/1.000 e a base da maquete; 3) consolidar o plano em uma maquete para toda a turma, em 1/500, detalhando tipos arquitetônicos, mobiliário das ruas, colorações, etc. Sobre o resultado alcançado com esse exercício, o professor afirmou:

Que melhor maneira de conhecer, apreciar o gênio de Raymond Unwin, do que ser enxertado em sua composição! [?] Que melhor maneira de ensinar sua escola, enquanto corrige seu erro sociológico, do que se apegar às silhuetas existentes?⁴⁵⁶

⁴⁵⁴ BARDET, G. Aménagement de l'espace social: 3ème année. Exercice n.1. Bruxelles, ISUA, 1952/53, p. 1, tradução nossa. Texto original: “La capitale d'un des grands états du Brésil dispose d'une vaste composition à la française, inachevée depuis deux siècles.

⁴⁵⁵ Ibid, p.2.

⁴⁵⁶ BARDET, 1952, p. 78.

FIGURA 46 - MAQUETE DETALHE RECONSTRUÇÃO DO CENTRO DE LETCHWORTH (3º ANO, 1952/53).



FONTE - Fond Bardet, cx.30.

Conforme retratado no capítulo anterior, ao formular um novo urbanismo, Bardet centrou o homem como finalidade maior da prática. Isso significou repensar os resultados, mas também os processos de produção de cidades. Tomado por esse propósito, o urbanista desenvolveu a “organização polifônica”, um método de trabalho que colocou em prática junto aos alunos e professores do ISUA.

Em 1950, Bardet ⁴⁵⁷ publicou artigos no qual explicou que desenvolveu a “organização polifônica” com objetivo de se contrapor à excessiva especialização do trabalho que reprimia a criatividade dos urbanistas, refletindo-se na desumanização das propostas. A fim de reverter esse processo, propôs que os alunos exercitassem ao máximo a competência e domínio sobre as diversas escalas do plano urbanístico, do geral ao detalhe. Ele partiu do princípio de que toda empresa é composta por uma hierarquia de direção geral e escalas de funcionários para sugerir que, na planificação do território, os urbanistas se revezassem nestas posições.

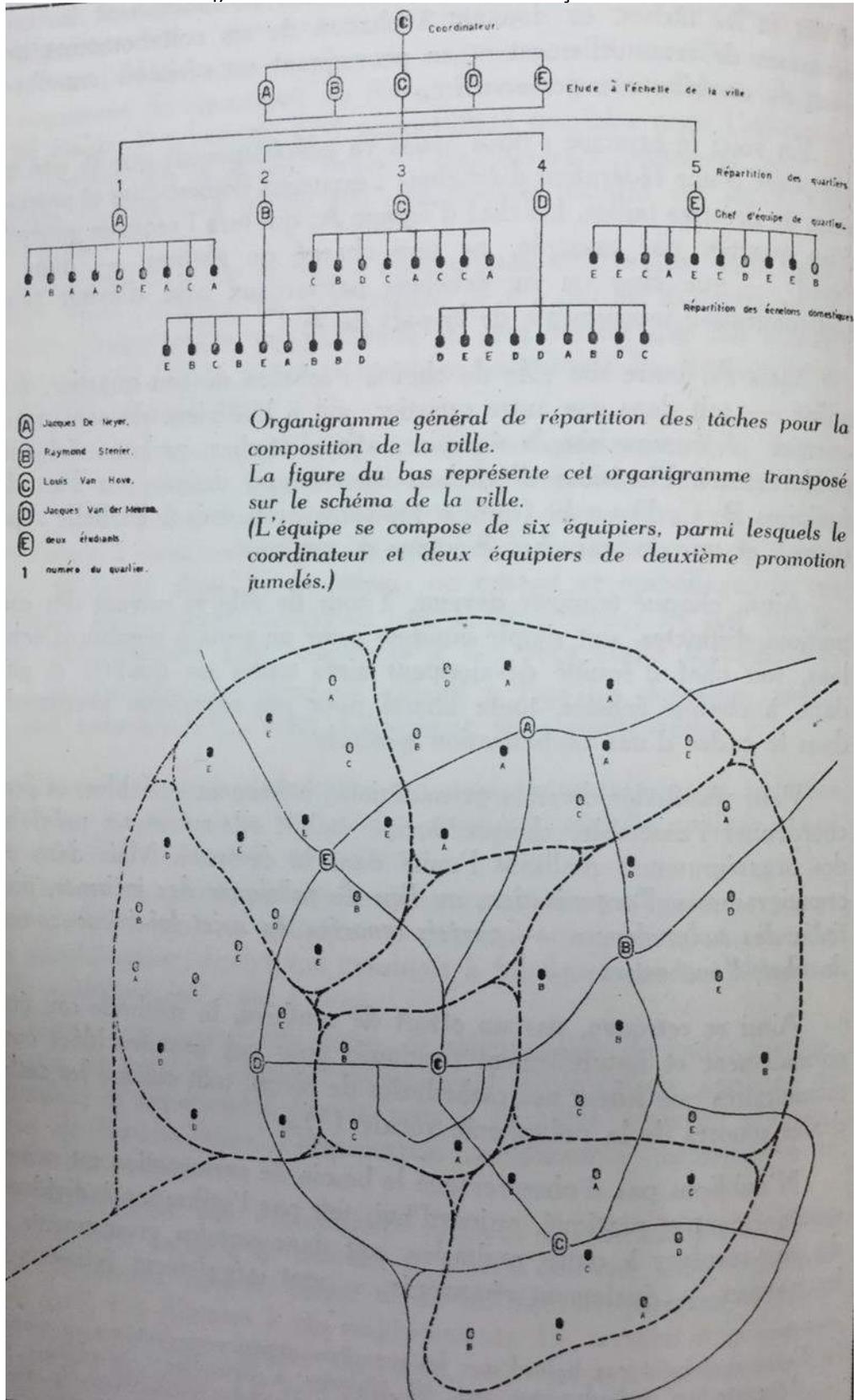
⁴⁵⁷ BARDET, G. Une nouvelle démonstration: L'Organisation polyphonique. **Architecture, Urbanisme, Habitation**, Bruxelles, v. 10, n. 10, p.29-36, fev. 1950a, p.33; La dernière chance: l'organisation polyphonique. **L'Habitation**: revue d'étude et d'information de l'institut national pour la promotion de l'habitation, Bruxelles, v. 3, n. 3, p.3-15, mar. 1950b, Fond Bardet, cx. 09.

Segundo Bardet, o exercício teria mostrado resultados como a melhoria de rendimento qualitativo e quantitativo no ISUA, permitindo que os alunos tivessem igual oportunidade de expressão e crescimento pessoal. A ideia principal era que, ao invés da divisão por funções – traçado viário, ocupação do solo, espaços públicos, etc – , os alunos se dividissem por escalões, preservando assim a compreensão completa do território. Mas como evitar que o resultado fosse uma colagem de propostas desconexas?

Na Figura 47 está disposto um organograma exemplificando tal divisão. No centro, a letra C representa o professor-coordenador do atelier que, acompanhado de outros professores (B, C, D) e estudantes (E), orienta as diretrizes gerais do plano no escalão paroquial. Por sua vez, esses professores e estudantes são responsáveis por coordenar e intermediar a elaboração de um escalão patriarcal, isto é, a coesão entre um conjunto de escalões domésticos. Em síntese, a organização polifônica consistia em: “alternância de tarefas escalonadas e alternância de chefes de equipes, pela permutação no quadro de cada atividade.”⁴⁵⁸

⁴⁵⁸ BARDET, 1950b, p.12.

FIGURA 47 - ORGANIGRAMA DA ORGANIZAÇÃO POLIFÔNICA



A “organização polifônica” foi, então, um passo adiante das constatações negativas de Bardet com relação às cidades maquinistas, fazendo ressonância das experiências comunitárias numa nova forma de conceber e articular as aglomerações urbanas. À sua maneira, ele tentou resistir à alienação do trabalho, para formar urbanistas ambivalentes e conscientes do processo de produção das cidades. De certa forma, foi também um meio de combater a pobreza formal advinda da padronização, promovendo a variedade e criatividade das composições urbanas.

Para Bardet, essa forma de ensinar e pensar as cidades favorecia os laços comunitários e os valores do cristianismo, como o amor e a caridade. É curioso, por exemplo, ver longas páginas explicando a organização polifônica nos trabalhos do ISUA numa revista de arte sacra – “*Instaurare omnia in Christo*”⁴⁵⁹. Para o autor, no entanto, trazer o homem para o centro do debate era desenvolver um “urbanismo cristão”.

Concluindo, o I.S.U.A. é um centro no qual eles aprendem a pensar por si mesmo como seres razoáveis, capazes de escolha livre e superior, e a não se deixar levar por manifestos como animais puramente sensíveis. É isso que dá a esse centro internacional do pensamento cristão um caráter tão especial.⁴⁶⁰

Inicialmente, a concepção *bardetiana* de “urbanismo cristão” estava ligada às noções de evolução criadora, comunidade, caridade e humanidade. Em algumas conferências proferidas e publicadas pelo ISUA, Bardet procurou mostrar como tais noções estavam em risco com a supremacia os títulos sugeriam uma visão maniqueísta de bem e mal, humano e máquina: « *Comment retrouver les traces de Dieu : l'art, la technique et le sacré* », « *Comment rajeunir dans le Christ nos techniques sclérosées ?* » e « *Les sources du Grand Art : l'homme, la femme et le sacré* ». ⁴⁶¹

Em 1951, foi organizado o primeiro curso intensivo de verão (4 semanas), do qual participaram 46 alunos de 11 nacionalidades, incluindo oriundos da Guatemala, Panamá e

⁴⁵⁹ BARDET, G. *Instaurare omnia in Christo: una scuola cristiana di urbanistica*. **Arte Cristianna**, Milano, v. 5-6, p.87-104, jan. 1957. Fond Bardet, cx.71.

⁴⁶⁰ Ibid, p.104, tradução nossa. Texto original: “*Concludendo l’I.S.U.A. è un centro in cui impara a pensare da sé come esseri ragionevoli, capaci di scelta libera e superiore, e non a lasciarsi muovere da dei manifesti come animali puramente sensibili. E’ quanto conferisce un carattere tanto particolare a questo centro internazionale del pensiero cristiano.*”

⁴⁶¹ Fond Bardet, cx.27.

Peru.⁴⁶² O sucesso fez com que o curso fosse novamente ofertado em 1954, dessa vez com 44 alunos de 14 países, com destaque para Chile, México e Vietnã. ⁴⁶³

Bardet permaneceu na direção do ISUA até meados dos anos 1960, quando o cristianismo e a mística passaram ao primeiro plano dos escritos. Em 1973, uma carta do então diretor, Léon de Keyser (seu ex-aluno da turma de 1953), anunciou uma grande reformulação no curso – que passou a se chamar *Institut Supérieur d'urbanisme et de Rénovation Urbaine* –, agradeceu a contribuição de Bardet e comunicou a dispensa do professor a partir daquele ano acadêmico.

FIGURA 48 - PROFESSORES E ALUNOS DO ISUA. BARDET NA PRIMEIRA FILA, À DIREITA DA PLACA.



FONTE - Fond Bardet, cx.30.

⁴⁶² Relatório "Cours de perfectionnement d'été 1951". Documento datilografado, s/d. *Centre de Documentation - l'ISURU*.

⁴⁶³ Relatório "Cours de perfectionnement d'été 1954". Documento datilografado, s/d. *Centre de Documentation - l'ISURU*.

5.2 Do outro lado do Atlântico: conferências e cursos pela América Latina

Quando nos perguntamos “o que levou Gaston Bardet a cruzar o oceano para difundir suas ideias?”, muitas podem ser as respostas. A primeira que vem à mente é, certamente, a disputa ideológica e pelo mercado de atuação profissional, isto é, a visão eurocêntrica de um “novo mundo” aberto às experimentações. Há também, sobretudo no início dos anos 1950, um forte movimento das vertentes do catolicismo social no combate à miséria nos países “subdesenvolvidos”, como vimos no capítulo anterior. Por fim, a própria rede estabelecida entre Bardet com seus colegas egressos do IUUP, do ASUA e ISUA, o levou a circular entre os debates sobre o urbanismo sul-americano.

Assim como seus mestres, Poëte e Geddes, ele não se contentou em formular teorias urbanísticas, mas também em aplicar e divulgar. Seu pensamento urbanístico foi constituído a partir da observação da realidade, principalmente daquelas distintas que o levaram a constatar a inevitável falência de aplicar modelos e soluções pré-concebidas no conjunto de aspectos que formam o urbano.

Os países da América Latina e do norte da África foram objetos de pesquisa e intervenção bastante debatidos desde os tempos em que Bardet estudou no IUUP, e assim continuaram até o ISUA. Antes de defender sua tese, em 1932, alguns estudos já haviam sido realizados, como: o da evolução de Buenos Aires, por Carlos Della Paolera; o ordenamento e extensão de Niterói, por Atílio Corrêa Lima; e o estudo sobre a organização de Bogotá, por Carlos Martinez.⁴⁶⁴ Durante a experiência do ASUA, Rodolphe Henri apresentou uma proposta sobre o urbanismo na Argentina (Quadro 2, Capítulo 3).

As experiências de urbanistas franceses na América do Sul também eram tema recorrente das páginas da revista “*La Vie Urbaine*” e dentre os membros da SFU que difundiram o urbanismo francês nos principais centros econômicos do continente, entre os anos 1920-30: Alfred Agache no Rio de Janeiro, Curitiba e Recife, Jean-Nicholas Forestier em Havana, Maurice Rotival em Caracas.⁴⁶⁵ Como vimos ao longo da presente tese, os

⁴⁶⁴ Anexo 1 – Teses defendidas no IUUP (1921-1945).

⁴⁶⁵ Sobre a atuação dos urbanistas da SFU na América Latina, cf: GUTIÉRREZ (2007), GOMES et ali (2009), ALMANDOZ (2008).

caminhos de Bardet cruzaram-se com os desses urbanistas, tanto por meio de instituições como o IUUP e SFU, quanto pelo contato pessoal, como foi o caso de Rotival.⁴⁶⁶

Segundo Roberto Segre:

[...] o predomínio da escola francesa na América Latina teve escassas exceções de tendências alternativas” no início do século XX. Entre as exceções estão os projetos do austríaco Karl H. Brunner no Chile, Colômbia e Panamá (1929) e do britânico Barry Parker em São Paulo (1915).⁴⁶⁷

Antes de adentrarmos às passagens de Bardet pelo continente americano, cabe esclarecer que as décadas de 1940-50 são marcadas pela modernização e industrialização das principais capitais e centros econômicos. De acordo com Gomes⁴⁶⁸, algumas aglomerações alavancavam o índice populacional que passou a ser majoritariamente urbano em países como Uruguai (78%), Argentina (65,3%), Chile (58,4%) e Venezuela (53,2%). Ainda que não se possa generalizar os fenômenos urbanos em países tão distintos, o contexto favorecia a atuação de urbanistas para planejar da melhor forma o crescimento das cidades.

Esse clima modernizador estava penetrado por um nacionalismo econômico compartilhado de forma heterodoxa por regimes estatistas e liberais, democráticos e ditatoriais[...] A agenda comum desenvolvimentista havia sido apoiada, desde 1948, pela criação de agências internacionais, como a Organização dos Estados Americanos (OEA) e a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), patrocinadas pelas Nações Unidas e os crescentes interesses estadunidenses na exploração primária e industrial da região.⁴⁶⁹

É também importante ressaltar que a modernização sul-americana no segundo pós-guerra estava intrinsicamente ligada à industrialização e urbanização. Nesse âmbito, Gorelik⁴⁷⁰ demonstra o papel do pacto produzido entre as vanguardas e o Estado na adoção do modernismo como vitrine do desenvolvimentismo. Mesclado às culturas nacionais, emergiram então “modernismos alternativos”, como no Brasil e no México, que se projetaram internacionalmente e deram fôlego às discussões dos CIAM’s, reforçando a difusão do paradigma funcionalista na América Latina.

⁴⁶⁶ Bardet e Rotival cultivaram uma relação de amizade observada nas correspondências do *Fonds Bardet*, cx. 22.

⁴⁶⁷ SEGRE, R. *Mestres e discípulos no urbanismo latino-americano (1920-1960): Buenos Aires e Havana, duas cidades paradigmáticas*. In GOMES, 2009, p.94.

⁴⁶⁸ GOMES, 2009, p.231.

⁴⁶⁹ ALMANDOZ, A. *Mudanças políticas e institucionais para o planejamento latino-americano do segundo pós-guerra*. In GOMES, 2009, p.232.

⁴⁷⁰ GORELIK, A. *Das vanguardas a Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

A primeira turnê de conferências de Bardet na América Latina foi em 1948. Nela, passou por São Paulo, Montevideú, Buenos Aires, Santiago, Lima e Caracas, respectivamente, finalizando com uma visita a Yale, nos EUA.⁴⁷¹ Durante três meses, ele realizou palestras abordando as ideias que consolidaram o seu conceito de Novo Urbanismo. Este circuito foi articulado especialmente pelas instituições de urbanismo emergentes nesses países, com apoio da Aliança Francesa.

A grande repercussão desse contato inicial rendeu-lhe convites para retornar nos anos seguintes, agora apresentando os primeiros resultados do método de ensino promovido em Bruxelas, especialmente a "organização polifônica". Em 1949, Bardet realizou a segunda turnê, passando por Buenos Aires, Mendoza, Rosário, Santiago, Havana, Cidade do México, Monterey, Nova York e Chicago, nos EUA. Em 1953, retornou ao Brasil para ministrar um curso intensivo em Minas Gerais, passando rapidamente por Caracas, Santiago e Cidade do Panamá. Além dessas grandes turnês, retornaria em alguns outros momentos pontuais nas décadas seguintes: Cidade do México (1956) e Buenos Aires (1973). A seguir, trataremos de suas passagens pelo território latinoamericano, buscando tanto as contribuições de Bardet para o debate local, quando o impacto do contato com as diferentes culturas no seu pensamento urbanístico.

5.2.1 Uruguai, Peru e Venezuela: breves passagens

Gaston Bardet passou por Montevideú⁴⁷² para realizar um ciclo de conferências aos alunos da *Facultad de Arquitectura da Universidad da Republica Uruguia*. O convite foi realizado por Maurício Cravotto, professor e criador do *Instituto de Urbanismo* da faculdade, com apoio da Aliança Francesa do Uruguai, que inseriu o urbanista no ciclo de comemorações dos 25 anos da instituição.⁴⁷³

Apesar de não haver mais do que breves recortes de jornal noticiando sua passagem, é relevante situar a importância de Maurício Cravotto. O contato entre ele e Bardet possivelmente se estabeleceu por intermédio de Marcel Poëte, de quem o uruguaio foi

⁴⁷¹ Os roteiros de viagem e datas de passagem de Gaston Bardet por cada cidade foram remontados com base nas reportagens de jornal, cartas, anotações de viagem e demais documentos localizados no Fond Bardet, CX.10, 21 e 27.3.

⁴⁷² Bardet chegou em Montevideú 29 ago 1948.

⁴⁷³ LAS bodas de plata de la Alliance Française. *El Diario*, Montevideo, 29 ago. 1948; EL GRAND urbanista M. Gaston Bardet: hoy hablará em la Alianza Francesa, *Mañana*, Montevideo, 03 set. 1948.

aluno antes da criação do IUUP (entre 1919-21). Segundo Ferraz e Almeida⁴⁷⁴, os ensinamentos, planos e projetos do urbanista uruguaio o tornaram uma importante referência para os profissionais atuantes na região, ultrapassando inclusive as fronteiras nacionais para apresentar ressonâncias na prática de urbanistas no Rio Grande do Sul.⁴⁷⁵

Cravotto também referenciou seu pensamento urbanístico nas ideias de Geddes e Mumford e partilhou com Bardet o engajamento de dotar o urbanismo de sensibilidade humanista.⁴⁷⁶ Portanto, o convite de Cravotto significou também a afirmação de convergência de pensamento e, de igual modo, o seu nome incorporado à lista de patronos do ISUA desde então.

FIGURA 49 - CONFERÊNCIA DE BARDET PARA OS ALUNOS DE URBANISMO EM MONTEVIDEU.



FONTE - M. BARDET, hablo em nuestra Facultad de Arquitectura. La mañana, Montevideo, 2 set. 1948.

Em Lima⁴⁷⁷, Bardet foi convidado pelo *Programa de Extensión Cultural* a proferir duas conferências na *Universidad Nacional Mayor de San Marcos*. Os temas "*Sociologia e Urbanismo*" e "*Missão do Urbanismo*" repetiram questões tratadas durante a visita ao Brasil e

⁴⁷⁴ FERRAZ, C.F.deS.; ALMEIDA, M.S.de. Fronteiras intercambiáveis: o urbanismo que veio do Uruguai. In GOMES, 2009.

⁴⁷⁵ "Seus alunos brasileiros, entre eles o engenheiro Edvaldo Pereira Paiva, foram os difusores de suas teorias e as aplicaram na elaboração de planos para várias cidades do Rio Grande do Sul, em especial Porto Alegre, divulgando-o ainda mais através de suas atividades acadêmicas, a partir dos anos 1940." (Ibid, p. 91).

⁴⁷⁶ "Utilizava-se Cravotto de instrumentos amplamente difundidos em seu tempo de vivência no exterior, como o zoneamento do urbanismo francês e a unidade de vizinhança, do urbanismo americano, colocados sempre como referidos ao contexto social para o qual se destinassem. Os valores humanísticos que prevaleciam em suas ideias foram sempre ressaltados pelos autores analíticos de sua obra. Essa atitude crítica entre os princípios do moderno urbanismo que havia apreendido em sua experiência estrangeira parecia transparecer em suas próprias afirmativas quando dizia, definindo suas posições, que valorizava o fato da planificação não ser exatamente uma ciência, para assim poder tratá-la como arte. Preconizava um urbanismo onde os valores culturais e humanísticos predominavam sobre a técnica" (Ibid, p. 197-198).

⁴⁷⁷ Bardet chegou em Lima em 27 set. 1948.

Uruguai. ⁴⁷⁸ Como fez nos demais países, ele expôs à imprensa seu olhar de urbanista estrangeiro, construído a partir da curta observação de campo. Sobre Lima, declarou ser a capital “de maior qualidade humana” que havia conhecido até o momento da viagem, ressaltando como qualidades as casas coloniais, parques, árvores e jardins floridos.

Com relação ao crescimento futuro da cidade, destacou a monotonia da Avenida Brasil, que circunda a cidade ligando-a aos bairros periféricos. A seu ver, essa grande via, ocupada principalmente por casas térreas, poderia ser diversificada com a implantação (em determinados pontos) de pequenos centros de vida “semiautônoma”, com escalonamento de edifícios para receber solteiros e famílias pequenas.⁴⁷⁹ Apesar da análise ser muito preliminar, é notável nessa entrevista que Bardet buscava, sobretudo, equilibrar as cidades, admitindo inclusive a verticalização quando necessária.

Segundo José Carlos Espinoza⁴⁸⁰, Lima atravessava um momento no qual discussões sobre urbanismo, habitação e expansão estavam fortalecidas pelo recém-criado *Instituto de Urbanismo del Perú* (IUP)⁴⁸¹. O autor resalta o papel dos alunos egressos do instituto, ao assumir cargos públicos que possibilitaram a criação da *Corporación Nacional de la Vivienda*, com objetivo de melhorar as condições de habitabilidade no país. Entre as vilas operárias construídas pela instituição, a *Unidad Vecinal* nº 3 (UV3) foi considerada a mais emblemática.

FIGURA 50- VISTA AÉREA DA UV 3, EM LIMA.



FONTE - ESPINOZA In: GOMES, 2009, p.216.

⁴⁷⁸ EL COMERCIO. Lima, 30 set. 1948.

⁴⁷⁹ CON el professor Gaston Bardet. *El Comercio*, Lima, 30 set 1948.

⁴⁸⁰ ESPINOZA, J.C.H. A construção do Peru pelos peruanos: a experiência urbanística de Lima. In: GOMES, 2009.

⁴⁸¹ Criado em 1944 a partir da iniciativa privada e organizado por Luis Dorich, Luis Ortiz de Zevallos, Carlos Morales Machiavello e Fernando Belaúnde Terry.

Diante do exposto, é possível que a passagem de Bardet pela capital peruana tenha sido impulsionada pela possibilidade de firmar contatos profissionais. Talvez por isso, quando questionado sobre a UV3 (Figura 50), ele manifestou um posicionamento muito mais ameno do que de costume, sem grandes ataques à adoção da arquitetura e urbanismo funcional.

Em entrevista ao Jornal *La Tribuna*, Bardet afirmou ter visitado a UV3, considerando-a bem realizada, ainda que “destoante em aspectos secundários”. Sobre as vilas operárias em geral, atentou para a necessidade de incluir os habitantes no planejamento e construção, evitando que, ao receber a obra acabada, os mesmos não se identificassem com ela. Além disso, alertou que cada país e região têm características próprias de tipo habitacional que deveriam ser consideradas: modo de morar, matérias, condições climáticas, etc.⁴⁸²

Sem firmar grandes contatos profissionais no Peru, Bardet fez sua última parada em Caracas⁴⁸³, antes de partir para os EUA. O contexto da capital venezuelana era muito próximo daquele que ele encontrara em Lima, especialmente na difusão das unidades de vizinhança para enfrentamento do déficit habitacional. Segundo a imprensa, o convite partiu da *Comisión Nacional de Urbanismo* (CNU)⁴⁸⁴ – “por se tratar de um urbanista de prestígio universal” –, para Bardet realizar conferências técnicas à *Sociedad de Arquitectos* e assessorar os projetos em desenvolvimento.

Em entrevista, o urbanista esteve acompanhado do arquiteto Carlos Raúl Villanueva⁴⁸⁵ e do engenheiro Leopoldo Martínez Olavaría, diretor do *Banco Obrero*⁴⁸⁶. Quando questionado sobre o projeto de reurbanização do bairro *El Silencio* (Figura 51), elogiou-o como “um dos melhores conjuntos habitacionais da América”⁴⁸⁷, uma boa obra urbanística, especialmente pela concepção, que respeitava a escala das cidades, e por

⁴⁸² “FACTOR de armonía entre los hombres debe ser el urbanismo”. *La Tribuna*, Lima, 2 oct. 1948.

⁴⁸³ Bardet chegou em Caracas em 9 out. 1948.

⁴⁸⁴ Instituição criada em 1946, vinculada ao Ministério de Obras Públicas, para elaborar planos reguladores para as cidades venezuelanas.

⁴⁸⁵ Carlos Raúl Villanueva (1900-1975) foi arquiteto formado pela *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris* (1922), participou do Plano Regulador de Caracas, na Direção de Urbanismo do Governo do Distrito Federal, (1938), foi Arquiteto Chefe e Assessor do *Banco Obrero*, projetou a Cidade Universitária de Caracas (1949-1951) entre outros, Disponível em <<http://www.fundacionvillanueva.org/>>. Acesso em 17 mai. 2019.

⁴⁸⁶ Instituição criada para promover soluções e melhorar as condições de habitação da classe trabalhadora na Venezuela.

⁴⁸⁷ URBANISTA francês califica de muy favorable a su mejor desarrollo el povenir urbanístico de nuestra capital. *La esfera*, Caracas, 9 out 1948.

transitar com harmonia entre a arquitetura colonial e moderna. A exemplo desse projeto, Bardet recomendou que, futuramente, não fossem construídos edifícios acima de 10 pavimentos na capital, no intuito de preservar a “estética da cidade, que está rodeada de montanhas”.⁴⁸⁸

FIGURA 51- REURBANIZAÇÃO EL SILENCIO (1949).



FONTE - BELLORÍN, R.E.M. Reurbanización El Silencio and Urbanización Altamira: Public and private planning, building the city Of Caracas. In: INTERNATIONAL PLANNING HISTORY SOCIETY CONFERENCE'S, 13, 2008, Chicago. Memories... Chicago: IPSH, 2008. p. 9 - 1505.

É interessante notar que os projetos desenvolvidos no âmbito do *Banco Obrero*, especialmente o de Villanueva, ficaram conhecidos internacionalmente como expressões do modernismo venezuelano. Outros conjuntos, como *El Paraíso* (1954) e Urbanização do conjunto 2 de *Diciembre* (1955-1957), parecem muito mais próximos dos paradigmas corbusianos. Isto não impediu que Bardet mantivesse por muitos anos contato com o arquiteto venezuelano⁴⁸⁹, que na introdução de seu livro "*La Caracas de ayer y de hoy, su arquitectura colonial y la reurbanización de El silencio*" (1950), declarou:

⁴⁸⁸ LA OPINIÓN de um arquitecto francés es la de que em Caracas no se deben hacer edificios mayores de ocho a diez pisos. *El Universal*, Caracas, 09 out.1948.

⁴⁸⁹ Além das correspondências, Villanueva enviou com dedicatória a Bardet o livro citado. Fonds Bardet, Cx. 058.1

Situado el barrio en pleno corazón de la ciudad, la solución debía ser esencialmente urbana. Era necesario hallar los espacios libres no sobre un plano flexible como en los aledaños de las ciudades, sino en un rígido cuadro en el cual los ejes de las calles cortan el trazado en sectores netamente definidos. Partiendo de esta división en sectores independientes, he querido encontrar alrededor de un punto central - el pátio - la primera agrupación moderna de actividades humanas que Gaston Bardet llama 'el escalón doméstico', y que esta formado por el primer grupo cooperativo de 50 a 150 familias, elemento que debe acoplar sus actividades humanas al interés común: parques infantiles, tiendas, cocinas, lavanderías, etc.⁴⁹⁰

Em 1953, Bardet foi convidado novamente pela CNU para realizar outro ciclo de conferências no *Colegio de Ingenieros*⁴⁹¹. Na ocasião, foram trabalhados os seguintes temas: I) Panorama geral do urbanismo; II) Paris, evolução dos traços urbanos; III) O ensino do urbanismo aplicado no ISUA; IV) A organização polifônica e os métodos de grande composição. Isso demonstra que, apesar das diferentes orientações, havia interesse por parte das instituições e urbanistas venezuelanos sobre o método de ensino desenvolvido por Bardet no ISUA.

5.2.2 Chile e o inimigo dos arranha-céus

A primeira visita de Bardet a Santiago do Chile⁴⁹² foi a convite da *Facultad de Arquitectura da Universidad del Chile*, dirigida pelo arquiteto Héctor Mardones. De todas as capitais que visitou na América do Sul, essa foi a única que tinha menos interlocuções com urbanistas franceses, graças aos anos de atuação do austríaco Karl Brunner⁴⁹³, cujo papel foi fundamental para organização da profissão no país.

Ao longo de uma semana, Bardet palestrou sobre os seguintes temas: 1º dia – I) Nascimento e evolução do urbanismo; II) Estruturas sociais e escala humana, III) Missão do urbanismo, IV) Sociologia e Urbanismo; 2º dia – V) Os planos nacionais de urbanismo, VI) Planejamento nacional e regional da França, VII) Organização administrativa; 3º dia – VIII) Os planos nacionais de urbanismo, IX) Planejamento nacional e regional da França; 4º dia –

⁴⁹⁰ Disponível em <www.fundacionvillanueva.org/FV05/escritos/1_1lacaracas.html>. Acesso em 17 mai.2019.

⁴⁹¹ Bardet retornou à Caracas em 19 fev. 1953.

⁴⁹² Bardet chegou em Santiago em 20 set.1948.

⁴⁹³ Karl H. Brunner (1887-1960) arquiteto austríaco, discípulo de Camillo Sitte, elaborou projetos no Chile, Colômbia e Panamá entre 1929-1948. Suas ideias tiveram bastante circulação nas regiões andinas devido à publicação do *Manual de Urbanismo* (1939-1940). Há um exemplar desse livro na biblioteca de Bardet. Fonds Bardet, cx.51.

X) A centralização industrial, XI) A nova estrutura rural; 5º dia – XII As cinco fases da organização espacial, XIII) Como fazer renascer o bairro?⁴⁹⁴

Tal qual nos demais países, a passagem de Bardet foi bastante repercutida na imprensa, com direito a entrevistas na qual explicitava suas impressões acerca do urbanismo praticado em Santiago. Em geral, ele se demonstrou bastante espantado com o nível de verticalização, o que rapidamente lhe rendeu o apelido de “inimigo dos arranha-céus”. A seu ver, esse fenômeno tornava a cidade uma “estrutura monolítica”, como uma grande pirâmide, cujo vértice era formado pelos arranha-céus, no centro, e as bordas os bairros mais distantes.

Para explicar tal desequilíbrio, Bardet comparou Santiago à uma cabeça de gigante em corpo de pigmeu, alertando também para os perigos que a verticalização apresentava num lugar onde os terremotos eram frequentes. Como possível solução para o crescimento da cidade, reforçou a importância da descentralização: *“una ciudad de un milion de habitantes como Santiago, debe descomponerse em una decena de centros com cien mil almas.”*⁴⁹⁵

FIGURA 52- JORNAL CHILENO ANUNCIA BARDET COMO “INIMIGO DOS ARRANHA-CÉUS”.



FONTE - ENEMIGO de los rascacielos es el urbanista francés G. Bardet. La Hora, Santiago, 23 set.1948.

⁴⁹⁴ URBANISTA francés Gastón Bardet dará conferencia en U. de Chile. **La Hora**, Santiago, 21 set.1948.

⁴⁹⁵ SOY enemigo de los rascacielos en Santiago”, disse o urbanista francés. **La Nation**, Santiago, 23 set.1948.

Apesar de ter feito duras críticas, pode-se dizer que Bardet teve uma boa recepção no Chile. Durante a estadia, foi pessoalmente convidado pelo Presidente da República, Gabriel González Videla, a visitar sua cidade natal, La Serena.⁴⁹⁶ Na ocasião, recebeu a incumbência de assessorar os urbanistas locais no desenvolvimento do plano de modernização da cidade. A atenção dada ao urbanista estrangeiro pelo Presidente – ironizado na charge da Figura 53 como “Don Gabito” – causou algumas controvérsias entre os entusiastas da verticalização e da especulação imobiliária. Além disso, Bardet foi homenageado com o título de membro honorário do Instituto de Urbanismo, presidido por Rodolfo Oyarzún.⁴⁹⁷

FIGURA 53- CHARGE IRONIZANDO O PRESIDENTE (DON GABITO) QUE CONSULTA BARDET EM CASO DE DOENÇA DO URBANO.



FONTE - Fond Bardet, Cx.10.

No ano seguinte, Bardet retornou ao país para uma única apresentação na *Universidad del Chile*, porém, continuou a corresponder-se com arquitetos de reconhecida atuação no campo do urbanismo e da administração pública no Chile: Juan Antonio Parrochia (foi seu aluno no ISUA), Ricardo González Cortez, Osvaldo Cáceres e Raul

⁴⁹⁶ LA SERENA sera transformada em uma moderna ciudad jardin. *El diário ilustrado*, Santiago, 26 set. 1948.

⁴⁹⁷ PROYETARÁ la modernización de La Serena el urbanista Gaston Bardet. *La Nation*, Santiago, 24 set. 1948.

Gonzalez Dias.⁴⁹⁸ Em 1955, a passagem do urbanista pelo país foi reconhecida e lembrada com o título de membro honorário do *Colegio de Arquitectos de Chile*.⁴⁹⁹

5.2.3 México: da arquitetura à sociologia

Antes de chegar ao México, Bardet já era de certa forma conhecido pelos urbanistas. Em 1938, passou brevemente pelo país para participar do VI *Congreso Internacional de Habitación y Vivienda*, apresentando seus estudos sobre urbanismo subterrâneo.⁵⁰⁰ Em 1946, teve um artigo intitulado *El Urbanismo*, com ideias-chave e referências do que considerava o “urbanismo essencial”, publicado numa revista de grande circulação entre os arquitetos mexicanos.⁵⁰¹ Provavelmente por esses motivos o país foi incluído na 2ª turnê de Bardet, como última parada antes de seguir para os Estados Unidos.⁵⁰²

A chegada do urbanista ao país foi noticiada pelos jornais, com referências ao sucesso de suas conferências pelas cidades em que tinha passado anteriormente.⁵⁰³ Ele ministrou um ciclo de 6 conferências, cujo tema geral foi “Novos métodos de análise e de composição urbana”. O convite veio da *Escuela Nacional de Arquitectura da Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM), possivelmente pelo Professor Mario Pani. Segundo a imprensa⁵⁰⁴, as aulas foram acompanhadas tanto por estudantes, quanto por funcionários de obras públicas de diversas secretarias, demonstrando o interesse (não só acadêmico, mas também profissional) pelos métodos desenvolvidos pelo urbanista.

Bardet também fez uma conferência extra intitulada “E se as mulheres construíssem as cidades?”, no *Instituto Francés de América Latina* e foi homenageado na embaixada de seu país de origem.⁵⁰⁵ Na recepção de honra oferecida, estiveram presentes Guillermo Zárraga, presidente do *Colegio de Arquitectos de México*, José Luis Cuevas, Enrique del Moral, Alonso Mariscal, Luís Barragán, José Villagrán García e Mario Pani, entre outros arquitetos expoentes do modernismo mexicano (Figura 54).

⁴⁹⁸ Fond Bardet, cx. 21.

⁴⁹⁹ CARTA do Colégio de Arquitectos de Chile, Santiago, 19 dez. 1955. Fond Bardet, cx. 21.

⁵⁰⁰ Fond Bardet, cx. 53.1.

⁵⁰¹ BARDET, G. El urbanismo. *Arquitectura de México*, México, nov. 1946. Fond Bardet, cx. 08.

⁵⁰² Bardet chega à Merida em 8 out. 1949.

⁵⁰³ DINSTIGUIDO intelectual francês em Merida. *El Diario de Yucatan*, Merida, 8 out. 1949; ACABA de llegar el Urbanista Bardet. *Excelsior*, México, 16 out. 1949.

⁵⁰⁴ HOY terminarán las Conferencias del arquitecto Bardet. *El Nacional*, México, 27 out. 1949.

⁵⁰⁵ RECEPCIÓN en honor del señor Bardet, Urbanista Francés. *Excelsior*, México, 30 out. 1949.

FIGURA 54- RECEPÇÃO NA EMBAIXADA FRANCESA. BARDET (AO CENTRO) E OS ARQUITETOS PANI (À ESQUERDA) E CUEVAS (À DIREITA).



FONTE - Fond Bardet, Cx.10.

Entre os mexicanos, Mario Pani⁵⁰⁶ foi o nome escolhido para figurar entre os patronos do ISUA. Além de receber Bardet no México, o arquiteto intermediou a visita de Bardet à Universidade da Columbia⁵⁰⁷, o que sinaliza um elo construído entre os dois profissionais. No entanto, é difícil explicar o nível dessa interlocução, visto que ambos adotaram paradigmas urbanísticos diametralmente opostos para pensar soluções ao crescimento dos centros urbanos.

Pani foi um dos maiores promotores da arquitetura e urbanismo funcionalistas no México, autor de projetos marcados pela verticalização e adensamento, como a *Ciudad Satélite* e o *Conjunto Habitacional Nonoalco Tlatelolco* (Figura 55), além do plano da *Ciudad Universitaria da UNAM*. Possivelmente, o nome de Pani entre os patronos deve-se à representatividade entre arquitetos e urbanistas mexicanos e ao desejo de Bardet de configurar uma rede.

⁵⁰⁶ Mario Pani (1911-1993) formou-se arquiteto na Escola de Belas Artes de Paris (1934) e foi professor de arquitetura na UNAM. Fundou o *Colegio de Arquitectos de México* (1946) e a revista *'Arquitectura'*, posteriormente chamada *'Arquitectura México'* (1948). Disponível em <https://elpais.com/internacional/2018/03/29/mexico/1522318696_100415.html>, acesso em 16 mai. 2019.

⁵⁰⁷ A carta do Prof. J. Marshall Miller em 31 out. 1949 foi enviada a Bardet aos cuidados de Mario Pani.

FIGURA 55- CONJUNTO HABITACIONAL NONOALCO TLATELOLCO, PROJETADO POR PANI EM



FONTE - <https://elpais.com/internacional/2018/03/29/mexico/1522318696_100415.html> acesso em 16 mai.2019.

Ainda nesta viagem, Bardet atendeu ao convite para uma aula magna na *Universidad Autónoma de Nuevo León (UANL)* na cidade de Monterrey. Segundo o jornal *El Norte*⁵⁰⁸, sua apresentação, intitulada “As tendências atuais do urbanismo no Ocidente”, foi bastante aplaudida por estudantes e profissionais de engenharia e arquitetura, deixando todos bastante interessados em escutá-lo por mais tempo.

O retorno de Bardet à cidade só aconteceu em 1956, para participar do VII Congresso Nacional de Sociologia. Na ocasião, ele já estava mergulhado nos estudos religiosos e apresentou o tema “A sociologia frente ao homem íntegro”⁵⁰⁹, mesclando questões sociológicas e da moral cristã, o que causou bastante polêmica e até protestos entre os demais palestrantes.⁵¹⁰ Um ano depois, o texto completo foi publicado na revista mexicana de urbanismo *Ciudad*⁵¹¹; na apresentação, Adrian Cortés enalteceu as questões postas pelo urbanista, considerando inflamada a reação dos “adversários”.⁵¹²

⁵⁰⁸ EL ARQ. Bardet da conferencias em la Universidad de N. León. *El Norte*, Monterrey, 2 nov.1949.

⁵⁰⁹ Artigo publicado pela coletânea Estudos Sociológicos, VII Congresso Nacional de Sociologia, 1956. Fond Bardet, cx.29.

⁵¹⁰ LA PONENCIA de Gastón Bardet es causa de acalorada discusión. *El Norte*, Monterrey, 4 dez.1956.

⁵¹¹ BARDET, G. El hombre de nuestro tiempo es un ser mutilado: es preciso devolverle a su origen substancial. *Ciudad*, Revista de Urbanismo, México, n.8, ene. 1958, p.32.

⁵¹² CORTÉS, A.G. La doctrina de Bardet y la curiosa reacción de sus adversários. *Ciudad*, Revista de Urbanismo, México, n.8, ene. 1958, p.32.

As passagens de Bardet por Monterrey tiveram ressonâncias, que podem ser observadas na publicação de seus artigos na imprensa local, até mesmo quando já havia retornado à Europa.⁵¹³ Por sua vez, é também notável a presença de diversos volumes publicados pelo *Departamento del Plan Regulador de Monterrey* (entre 1965 e 1967) na biblioteca do urbanista. Em todos os volumes enviados pelo Departamento constam dedicatórias a Bardet. Na mais significativa, há os seguintes dizeres: “Dedicado a Gaston Bardet, cujo espírito inspirou o trabalho do Departamento de Planificación”.⁵¹⁴ Recentemente, em 2010, “*El Nuevo Urbanismo*” [*Le Nouvel Urbanisme*], foi reeditado pela editora da *UANL*, traduzido pelo arquiteto Helios Albalate Olario, mexicano formado pelo ISUA.⁵¹⁵

5.2.4 Argentina: laços estreitos e futuros urbanistas

Quando aportou pela primeira vez em Buenos Aires, em setembro 1948, Gaston Bardet se defrontou com um ambiente cultural explorado por urbanistas franceses e um debate urbanístico bem consolidado⁵¹⁶. Antes dele, haviam passado pela jovem capital, Joseph Antoine Bouvard (1907), J.C.N. Forestier (1924) e Le Corbusier (1929,1938), a propor soluções para diversos aspectos urbanísticos. Tamanha “intromissão” estrangeira já era inclusive motivo de críticas entre os profissionais locais, que se consideravam aptos a pensar por si tais soluções, como Victor Jaeschke e Benito Javier Carrasco.⁵¹⁷

O convite para palestrar na capital veio por parte de Carlos Della Paolera, urbanista formado em 1927 sob orientação de Marcel Poëte. Em sua tese, o argentino realizou um amplo estudo de evolução de Buenos Aires, com vistas a contribuir com um plano de organização, embelezamento e extensão da cidade.⁵¹⁸ Ao regressar ao país de origem,

⁵¹³ ALVAREZ, F.J. Urbanismo. **Monterrey**, 3 mar. 1957. BARDET, G. Lo que significa el arte urbano clásico: La lección de París. **El Universal**, Monterrey, 15 jul. 1956; La enseñanza del urbanismo aplicado. **El Universal**, Monterrey, 4 ago. 1956; _____. Arte y educación. **El Universal**, Monterrey, 14 oct. 1956.

⁵¹⁴ Departamento del Plan Regulador de Monterrey, Plan regulador de Monterrey, Nuevo León y municipios vecinos, Doctrina – metodología – labor realizada, Monterrey: Departamento del plan regulador de Monterrey, Nuevo León y municipios vecinos – Dirección general de planificación, ago. 1965 [dédicacé à Gaston Bardet “dont l’esprit a inspiré le travail de ce département de planification”].

⁵¹⁵ Disponível em < http://wiki.uanl.mx/index.php/Urbanismo,_una_estructura_biol%C3%B3gica>. Acesso em 16 mai.2019.

⁵¹⁶ GUTIÉRREZ, 2007.

⁵¹⁷ SEGRE In GOMES, 2009.

⁵¹⁸ DELLA PAOLERA, 1927.

manteve contato com o orientador e foi um dos principais difusores do urbanismo ensinado no IUUP.

Chefe do Departamento de Urbanismo da Prefeitura de Buenos Aires (1932-1939), [Della Paolera] teve o mérito de assumir os problemas reais da cidade, gerados pelo incremento da população suburbana fora dos limites da Capital Federal, bem como a clara percepção da necessária integração regional, que definiu como a nova categoria espacial da Grande Buenos Aires.[...] Com o arquiteto Ernesto Vautier e o engenheiro Pascual Palazzo, Paolera realizou a primeira *parkway* da América Latina – a Avenida General Paz –, que define os limites físicos da Capital Federal.⁵¹⁹

Uma das mais fortes vias de ação de Della Paolera foi o ensino. Além de fundar as primeiras cátedras de Urbanismo nas Escolas de Arquitetura de Rosário e Buenos Aires, entre 1929-33, criou e dirigiu o *Instituto Superior de Urbanismo* (ISU) de Buenos Aires.⁵²⁰ O argentino já havia levado à cidade Marcel Poëte e León Jaussely⁵²¹, logo, o convite feito a Bardet renovava e reafirmava as filiações à vertente de urbanismo do IUUP. Nessa primeira e breve passagem, Bardet dissertou sobre os mesmos temas trabalhados nas demais cidades que visitou, além de alinhar o programa de ensino do ISU às experiências desenvolvidas em Bruxelas e Argel.⁵²²

Em Buenos Aires, Bardet foi convidado a relatar à imprensa suas impressões sobre o urbanismo praticado na cidade (Figura 56). De modo geral, ele alertou para os problemas da congestão, da verticalização, da hiperconcentração e do crescimento desordenado da megalópole sem a articulação cidade-campo. As dificuldades pareciam comuns a todas as capitais, porém, a “juventude” da América parecia dar espaço para a correção de tais problemas, antes que se tornassem irreversíveis, ou seja, havia ainda a possibilidade de conduzir melhor o crescimento urbano.

⁵¹⁹ SEGRE In GOMES, 2009, p.101.

⁵²⁰ O ISU foi criado em 1948, vinculado à Escola de Arquitectura y Urbanismo. Atualmente chama-se Instituto Superior de Urbanismo, Territorio y Ambiente. Cf. <<http://isufaduuba.com.ar/?p=29>>. Acesso 10 mai. 2019.

⁵²¹ GUTIÉRREZ, 2007, p. 10.

⁵²² LA ESTRUCTURA urbana. **La Nation**. Buenos Aires, 08 set.1948.

FIGURA 56- EM REVISTA ARGENTINA BARDET ARGUMENTA PELO FIM DOS ARRANHA-CÉUS.



FONTE - ASÍ DEBE ser la ciudad ideal del futuro. Veja y lea, 1948, p.20.Fond Bardet, cx.10.

Assim como na maior parte dos países, Bardet recebeu o convite para retornar. Em 1949, chegou à Buenos Aires com a missão de ministrar um curso intensivo de urbanismo aplicado e organizar tanto o curso quanto a biblioteca do ISU. Bardet permaneceu na Argentina durante seis meses, tempo suficiente para – além do curso – realizar palestras em outras cidades, como Rosário e Mendoza.

Segundo Pontual⁵²³, constam nos registros do ISU quatro conferências com os seguintes temas: I) Se as mulheres construísem as cidades; II) Acariciando o Parthenon; III) A arquitetura do amor; IV) Da arte urbana ao planejamento do espaço. Outras cinco aulas constam entre os arquivos de Bardet⁵²⁴, desenvolvendo os temas: V) O homem; VI) O urbanismo para o homem. Esse conjunto de aulas deriva dos artigos e livros trabalhados ao longo da presente tese e, em geral, abordam temas trabalhados em capítulos de "*Le Nouvel Urbanisme*", à exceção dos temas II e III.

Ao discorrer sobre os princípios norteadores do Partenon (tema II), Bardet antecipou um pouco do que estava desenvolvendo no livro "*Naissance et Méconnaissance de l'Urbanisme*"⁵²⁵, no qual trabalhou a evolução dos traçados clássicos à arte urbana do século XIX. Nessas aulas, buscou demonstrar, especificamente, a dimensão filosófica dos traçados

⁵²³ A autora cita o documento "*Conferencias del Profesor Arquitecto Don Gaston Bardet*", Buenos Aires, 1949 (PONTUAL, 2016, p.14).

⁵²⁴ Fond Bardet, cx.27.

⁵²⁵ BARDET, G. *Naissance et méconnaissance de l'urbanisme*: Paris. Paris: S.A.B.R.I., 1951.

reguladores, que ultrapassavam razões formalistas e estéticas para tecer relações entre as partes e o todo, ou seja, lições de como conformar um conjunto harmônico.

Já na conferência sobre a “Arquitetura do amor” (tema III), Bardet expôs sua visão sobre os males da arquitetura racionalista, em contraponto à possibilidade de uma arquitetura guiada por princípios cristãos da caridade e do amor. O urbanista levou à Argentina uma perspectiva permeada de referências católicas, refletindo sua proximidade com os movimentos comunitários do seu país de origem.

Até então, nenhuma novidade, não fossem as menções positivas às experimentações de Frank Lloyd Wright e Richard Neutra⁵²⁶, os quais, a seu ver, concebiam uma arquitetura orgânica permeada de traços da cultura, paisagem e sociedade. Nesse período, o contato com a efervescência americana fez com que Bardet repensasse algumas leituras, como Walter Gropius, por exemplo, que passou a aparecer em seus textos com alguns propósitos em comum.

Eu concordo completamente com Frank Lloyd Wright, meu amigo Lewis Mumford ou Walter Gropius sobre o caráter orgânico e biológico que a arquitetura de nossa era deve tomar. O abrigo da crescente família ou grupo deve poder crescer também, até que o grupo se espalhe, não esqueçamos. Porque, quando um organismo atinge seu tamanho ideal, ele não cresce mais. Se muitos arquitetos sentem a necessidade de contínuas transformações, é porque não estruturamos nossas sociedades seguindo os ‘escalões’ orgânicos que são viáveis.⁵²⁷

Ao analisar os rastros de Bardet na Argentina, Gutierrez⁵²⁸ reafirma seu papel no fortalecimento da vertente de “urbanismo científico e social”, encabeçada por Della Paolera. Segundo o autor, o Bardet consolidou uma contraposição às propostas funcionalistas em voga no país desde a primeira passagem de Le Corbusier até a publicação do Plano Diretor de Buenos Aires, junto aos arquitetos Jorge Ferrari Hardoy e Juan Kurchan.⁵²⁹

⁵²⁶ No tempo que passou em Buenos Aires até 1950, Bardet passou a se corresponder com Richard Neutra, discutindo convergências de pensamento e o método da organização polifônica. Fond Bardet, cx.22.

⁵²⁷ BARDET, G. La mission de l'architecture monumentale: du temp et de le space. **L'Architecture Française**, Paris, v. 1, n. 93-94, jan. 1949, p.6, *tradução nossa*. Texto original: “*Je suis entièrement d'accord avec Frank Loyd Wright, mon ami Lewis Mumford ou Walter Gropius sur le caractère organique et biologique que doit prendre l'architecture de notre ère. L'abri de la famille ou du groupe que s'accroît doit pouvoir s'accroître lui aussi, jusqu'à ce que le groupe essaime, ne l'oublions pas. Car, lorsqu'un organisme a atteint sa taille optima, il ne s'accroît plus. Si trop d'architectes ressentent le besoin de transformations continues, c'est parce que nous n'avons pas structureé nos sociétés suivant les 'échelos' organique qui sont viables.*”

⁵²⁸ GUTIÉRREZ, 2007.

⁵²⁹ Este plano foi elaborado em Paris (entre 1938-47) com a participação dos arquitetos argentinos enviados pela prefeitura e, apesar de publicado, não chegou a sair do papel (GUTIÉRREZ, 2007).

Rigotti⁵³⁰ ressalta as técnicas de pesquisa como principais contribuições de Bardet aos urbanistas argentinos. Segundo a autora, os princípios da topografia social, especialmente a compreensão da família como célula base da compreensão urbana, repercutiram entre as propostas da *Corporación de Arquitectos Católicos* encabeçadas por Carlos Mendioroz e Julio Otaola. Da mesma forma, a concepção de planejamento regional e da cidade polinucleada já promovida por Della Paolera foi fortalecida pelo urbanista José Pastor.

Ao retornar à Europa, Bardet consolidou os laços com o ISU, incorporando Carlos Della Paollera e Ernesto Vautier entre os patronos do ISUA. O estabelecimento de laços profissionais e afetivos também é notável pela presença de correspondências de ex-alunos argentinos como Luis Castellani, Graziella de Heurtley e Luis Bonin⁵³¹. Em 1974, o urbanista foi à Buenos Aires pela última vez, para inaugurar a *Escuela de Posgrado de Ingenieros Urbanistas*. Nessa derradeira visita, apresentou um texto jamais publicado, intitulado "Argentina: um caso extremo"⁵³², onde constatou melancolicamente o estado de degenerescência das principais cidades do país e indicou o planejamento regional como última possibilidade de reversão do quadro.

5.2.5 Brasil: entre previsões e polêmicas

O Brasil foi a porta de entrada de Bardet na América do Sul, o primeiro país visitado para proferir uma série de conferências, em 1948, a convite da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo e patrocínio do Departamento Regional de Serviço Social e da Indústria.⁵³³ Cabe lembrar que, um ano antes, o Pe. Lebret esteve na mesma instituição para lecionar o curso de Introdução à Economia Humana, apresentando entre suas referências os princípios de enquete e análises urbanas.

Segundo Pontual⁵³⁴, Bardet provavelmente foi convidado pelo diretor da Escola, o Prof. Cyro Berlink (Figura 57). A autora também ressalta a publicação do texto "Problemas

⁵³⁰ RIGOTI, 2001.

⁵³¹ Fond Bardet, cx.22.

⁵³² Fond Bardet, cx. 08.

⁵³³ A NOVA estrutura rural. *Diário de São Paulo*, 21 ago 1948.

⁵³⁴ PONTUAL, 2014.

de Circulação”, na Revista do Instituto de Organização Racional do Trabalho, em 1938, como uma primeira menção à recepção de suas ideias.

FIGURA 57- CONFERÊNCIA NA ELSA, BARDET (À ESQUERDA) E CYRO BERLINCK (AO CENTRO).



FONTE - Correio Paulistano, 17 ago. 1948.

A passagem de Bardet por São Paulo foi noticiada pelos principais jornais da cidade, com repercussão positiva.⁵³⁵ Durante quatro dias, ele palestrou sobre temas inseridos nos seus livros mais recentes: I) Sociologia e urbanismo; II) A Escala Comunitária; III) A organização natural e regional da França e IV) A nova estrutura rural e Simbiose cidade-campo.

Na época, a população de São Paulo, que já tinha ultrapassado 2 milhões de habitantes, enfrentava problemas com congestionamento, déficit habitacional e transformação desordenada da paisagem urbana. Numa entrevista lúcida (para não dizer profética), Bardet criticou o excesso de verticalização e a falta de relação com a paisagem pré-existente, declarando:

Ademais, de pouco serve rasgar novas avenidas, no intuito de facilitar o trânsito de veículos, se ao mesmo tempo essas vias públicas são repletas de imóveis, multiplicando-se a densidade anterior sete, oito vezes [...] É evidente – prosseguiu o técnico francês – que essas vastas artérias não poderão ajudar a circulação. Dentro de dez anos o centro da cidade de São Paulo estará definitivamente congestionado.⁵³⁶

Aquele foi um período em que o urbanismo se firmava enquanto campo de conhecimento e de prática profissional no Brasil. As principais capitais, que já haviam passado por reformas urbanas no início do século, começavam a se tornar objeto de planos

⁵³⁵ Fond Bardet, Cx.10.

⁵³⁶ DENTRO de dez anos o centro da cidade de São Paulo estará definitivamente congestionado **Diário de São Paulo**, São Paulo 20 ago 1948.

mais complexos, abarcando a articulação de bairros com o centro, sistematização de vias e transportes, primeiros zoneamentos, etc.

Segundo Leme⁵³⁷, foi um período de intensa circulação de ideias, transferências e traduções, decorrentes também da tendência a convidar profissionais estrangeiros para a realização de planos e formação de quadros profissionais. Além de Bardet, pode-se citar como exemplo também a atuação de Joseph-Antoine Bouvard nos projetos para o Vale do Anhangabaú e do Pe. Lebret na formação de escritórios de pesquisa e difusão do EH. Essa circulação se deu até mesmo por profissionais brasileiros que, formados no exterior, retornaram ao país para aplicar o conhecimento apreendido na transformação da realidade local, como Attílio Corrêa Lima.

Os cursos de arquitetura e urbanismo começavam a ser criados no país e os profissionais formados iam se inserindo enquanto protagonistas desse campo. Apesar da crescente autonomia com relação às belas artes e engenharias, o mesmo não se pode dizer no tocante à arquitetura, principal meio de formação dos urbanistas no país.⁵³⁸ Em meio a esse debate e ao ciclo de urbanização e industrialização no país, a passagem de Bardet teve repercussão suficiente para lhe redar um segundo convite, dessa vez mais extenso: ministrar um curso intensivo de urbanismo com quatro meses de duração, em 1953.

Bardet foi chamado pelo Professor Aníbal Matos, diretor da Escola de Arquitetura de Minas Gerais, por sugestão do Professor José Geraldo Farias.⁵³⁹ Segundo Marques⁵⁴⁰, o curso profissionalizante de Urbanismo tinha sido recentemente inaugurado na escola (1950), resultado da intensa demanda por profissionais especializados. Nas aulas, Bardet apresentou uma explanação geral das teorias urbanísticas vigentes, junto à síntese das disciplinas que lecionava no ISUA.

⁵³⁷ LEME, 1999.

⁵³⁸ Em Belo Horizonte foi criada a Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais (1930), em São Paulo foram criadas a Faculdade de Arquitetura Mackenzie (1947), separada da Escola de Engenharia Mackenzie, e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (1948), oriunda da Escola Politécnica; no Rio Grande do Sul, a Faculdade de Arquitetura (1952) foi separada do Instituto de Belas Artes; na Bahia a Faculdade de Arquitetura da UFBA (1959); em Pernambuco a Faculdade de Arquitetura da UFPE (1959).

⁵³⁹ VEIO organizar um curso intensivo de urbanismo. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 13 mar. 1953.

⁵⁴⁰ MARQUES, A.L.L. Gaston Bardet e a formação de urbanistas em Belo Horizonte: embates e permanências. In: **Anais do XV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/xvshcu/83005-GASTON-BARDET-E-A-FORMACAO-DE-URBANISTAS-EM-BELO-HORIZONTE--EMBATES-E-PERMANENCIAS>>. Acesso em 08 mar. 2019.

O curso foi amplamente divulgado e acompanhado pelos jornais locais – Estado de Minas, Folha de Minas e Tribuna de Minas (Figura 58) –, tanto pelo fato de ser o professor um estrangeiro, quanto pela ampla polêmica que se instaurou na aula inaugural.⁵⁴¹

FIGURA 58- MANCHETE SOBRE A AULA INAUGURAL DE BARDET.



FONTE - AULA inaugural se estabelece em clima de confusão. Tribuna de Minas, Belo Horizonte, 18 mar. 1953.

É importante sublinhar que o Bardet dos anos 1950 já não era tão contido quanto o das turnês anteriores. Estabilizado em Bruxelas e isolado na França, não hesitou em expor sua opinião com duras críticas ao urbanismo funcionalista, às ideias difundidas por Le Corbusier e a seu projeto do Ministério de Educação e Saúde (MES). Talvez ele não esperasse que a obra tivesse uma relação especial com os arquitetos, políticos e intelectuais locais. O ministro Gustavo Capanema, diretamente ligado à realização do edifício⁵⁴², era mineiro, assim como Juscelino Kubitschek, realizador do Conjunto da Pampulha quando prefeito de Belo Horizonte (1940-1945) e entusiasta do modernismo arquitetônico como linguagem do desenvolvimento brasileiro, quando Presidente da República (1956-1961).

⁵⁴¹ Fond Bardet, cx.10.

⁵⁴² No episódio do concurso para a sede do MES, o projeto vencedor – edifício Neomarajoara, de Archimedes Memória – recebeu o prêmio, mas não foi executado. O ministro Gustavo Capanema optou por reunir uma equipe de jovens arquitetos, liderados por Lúcio Costa e com consultoria de Le Corbusier, para construir o edifício que se tornou marco da arquitetura moderna (PEREIRA,2009).

Os jornais relatam que as críticas causaram o ápice de desconforto quando o Professor Sylvio de Vasconcellos se retirou do local em protesto, seguido pelos arquitetos Eduardo Guimarães Jr. e Paulo Campos Cristo, que chegaram a solicitar à diretoria a revogação do curso, sem sucesso. Aos jornais, Vasconcellos, que também era Diretor Regional da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, declarou:

[...]julguei melhor abandonar o recinto, no que fui acompanhado por diversos presentes. Entendo que as considerações do sr. Gaston Bardet, além de demonstrarem originalmente má vontade, tornavam-se inaceitáveis em uma aula inaugural, eis que manifestava o conferencista completo desprezo por todas as conquistas obtidas pelos arquitetos brasileiros, tachando-nos de atrasados e primários.⁵⁴³

Bardet, que não era de fugir às polêmicas, “esclareceu” aos jornais que as críticas ao edifício do MES não foram direcionadas aos brasileiros, visto que, internacionalmente, o arquiteto suíço reivindicara a autoria do projeto. Não suficiente, comparou o prestígio de Le Corbusier ao da Coca-cola: “Muitos o seguem apenas pela fama. Existe em razão da publicidade e não do seu valor.”⁵⁴⁴ Obstinado em não amenizar a situação, declarou que não havia nada de original na arquitetura brasileira, concebida segundo preceitos internacionais, tendo ainda ironizado a utilização dos azulejos como tentativa de abraçar o formalismo.⁵⁴⁵

Infelizmente, as polêmicas que provocou tiveram mais enfoque do que o conteúdo do curso, que prosseguiu normalmente e foi concluído em 29 de junho de 1953, com solenidade de encerramento no salão nobre da Escola de Arquitetura.⁵⁴⁶ Segundo a imprensa, o curso terminou com êxito, atingindo os objetivos esperados, e a cerimônia de encerramento transcorreu tranquilamente, contando com a presença do diretor da Escola, professores e alunos.

⁵⁴³ ESCLARECIMENTOS do diretor da Escola de Arquitetura de Minas. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 18 mar. 1953.

⁵⁴⁴ LE CORBUSIER comparado a Coca-cola. **Diário de Minas**, Belo Horizonte, 20 de mar. 1953.

⁵⁴⁵ A ARQUITETURA moderna não tem base técnica nem econômica. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 20 mar. 1953.

⁵⁴⁶ TERMINO do curso de urbanismo. **O Diário**, Belo Horizonte, 1 jul. 1953.

Concluíram o curso os professores Aluísio Barbosa de Oliveira, Edmundo Bezerril Fontenelle, Danilo Ambrósio, Francisco de Assis Brandão, José Geraldo Faria, Luciano Jorge Passini, Palladio Barroso Castro e Silva e Roger Telliére; os urbanistas Newton dos Santos Viana, Ramiro da Silva Pinto, Valter Machado e Wilson Ferreira dos Santos; os arquitetos Benjamim Teodoro Soares Filho, Eliseu Massote, Eurípedes Santos, Euclides Lisboa, Paulo Monteiro e Vitor Purri; e os alunos de arquitetura Mário Berti, Vitor Signorelli e Wilson Ferreira dos Santos⁵⁴⁷

O concluinte Benedito Quintino Santos realizou um discurso de agradecimento em nome da turma (Figura 59), assim como o professor Francisco Brandão, que ressaltou a importância da dimensão social no urbanismo e dos ensinamentos de Bardet para a concepção de cidades articuladas a planos regionais.⁵⁴⁸ O professor também sublinhou o papel da Escola de Arquitetura ao oferecer cursos como aquele, proporcionando uma visão de fato plural da profissão.

FIGURA 59- ENTREGA DOS CERTIFICADOS, BENEDITO QUINTINO, ANÍBAL MATOS E BARDET.



FONTE - Diário de Minas, 1º jul. 1953.

Além das conferências e do polêmico curso, outro meio de circulação das ideias de Bardet no Brasil foi o movimento EH, que teve atuação significativa para a configuração dos quadros de planejamento urbano no Brasil. Como já mencionado, o urbanista consta entre as poucas referências que o Pe. Le Bret listou na bibliografia de seu curso em São Paulo, ministrado em 1947, e no livro "*L'enquête urbaine*", no qual as relações entre a topografia social e o método de aproximações sucessivas ficam mais evidentes.

⁵⁴⁷ ENTREGA de certificados aos alunos do curso de urbanismo. Folha de Minas, Belo Horizonte, 28 de jun. 1953.

⁵⁴⁸ CURSO de urbanismo do professor Gastão Bardet: Discurso do Professor Francisco de Assis da Silva Brandão. Revista da Escola de Arquitetura, 1956. p. 156-160.

As ideias de Gaston Bardet também tiveram ressonâncias nos estudos e planos do urbanista pernambucano Antônio Baltar⁵⁴⁹. Na tese “Diretrizes de um plano regional para o Recife”⁵⁵⁰ há convergências na concepção de urbanismo de ambos, fortemente embasada na noção de região. No capítulo dedicado à “evolução urbana” do Recife, Baltar declara sua filiação a Bardet, citando-o para justificar que: “É necessário, antes de tudo, sentir, viver essa aglomeração que, como todo ser vivo, segue o grande ciclo universal”.⁵⁵¹

Bardet também estava entre os urbanistas apresentados aos alunos de Baltar durante o curso de Introdução ao Planejamento Urbano, sobretudo, por suas contribuições ao debate sobre os métodos e técnicas de pesquisa e representação das pesquisas urbanas.⁵⁵² Ao tratar das filiações presentes na prática de Baltar, Pontual concluiu que:

Baltar deve ter se referenciado em Bardet para a proposição de seu modelo urbano de uma cidade regional, embora suas ideias estejam permeadas com outros aportes urbanísticos provenientes do urbanismo inglês e americano. No levantamento dos títulos integrantes da biblioteca pessoal de Baltar constam três livros de autoria de Gaston Bardet: “Pierre sur pierre: Construction du nouvel urbanisme, L’urbanisme e Naissance et meconnaissance de l’urbanisme”. A semelhança na representação de organizações urbanas não deixa dúvidas da filiação teórica.⁵⁵³

Apesar do ambiente pouco acolhedor durante segunda passagem de Bardet pelo Brasil, é possível afirmar que suas ideias tiveram circulação entre os arquitetos e urbanistas do país. Tanto por intermédio dos cursos, quanto dos livros, revistas e planos como os desenvolvidos por Baltar. Essa afirmação pode ser confirmada numa breve pesquisa entre os acervos das bibliotecas das Faculdades/Escolas de Arquitetura e Urbanismo das Universidades Federais de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Brasília, Pernambuco e Bahia, onde surgiram os primeiros cursos de urbanismo do país.

⁵⁴⁹ Antônio Bezerra Baltar foi engenheiro, urbanista, economista, professor, militante do partido socialista, vereador e suplente de senador. Estagiou na Diretoria de Arquitetura e Urbanismo em Pernambuco, integrou a Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais, a Comissão Econômica para a América Latina, fundou o Centro de Estudos de Planejamento Urbano e Regional, foi importante interlocutor do Pe. Lebreton no Brasil. Cf: PEREIRA, J. M; PONTUAL, V.; CABRAL, R.O urbanista por seus livros: possíveis leituras sobre a biblioteca de Antônio Baltar. **URBANA**: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade, v. 6, n. 1, p. 166-189, 19 nov. 2014.

⁵⁵⁰ BALTAR, A.B. **Diretrizes de um plano regional para o Recife**. Recife: Editora Universitária, 2000.

⁵⁵¹ Ibid, p. 35.

⁵⁵² BALTAR, A.B. **Seis Conferências de Introdução ao Planejamento Urbano**. Publicação da Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia, 1957.

⁵⁵³ PONTUAL, Virginia. O engenheiro Antônio Bezerra Baltar: prática urbanística, CEPUR e SAGMACS. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 151, mai. 2011. Disponível em: <<http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/290>>. Acesso em: 02 ago. 2019.

Para concluir sobre as passagens de Bardet pela América Latina, relembro as palavras do protagonista de Calvino. Quando indagado pelo imperador Kublai Khan sobre suas viagens, Marco Polo, respondeu: “Os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá.”⁵⁵⁴ A partir das diferenças, o protagonista do livro “As cidades Invisíveis” se conhecia cada vez mais, tinha certeza de suas origens e da cultura a partir da qual enxergava o mundo.

Os espelhos em negativo refletiram no pensamento urbanístico de Gaston Bardet. A cada retorno à Europa, o urbanista levou consigo novas questões, problemas e articulações que podem ser observados tanto nos temas de artigos, quanto nos exercícios desenvolvidos no ISUA. Na Bélgica, alunos desenvolviam projetos para vila de refugiados no Chile, cidades petrolíferas na Venezuela, recuperação de centro histórico no Peru, vila de pesquisadores na Amazônia e até mesmo uma alternativa para a nova capital do Brasil. Os resultados fomentavam as conferências do urbanista toda vez que era convidado a regressar ao “jovem continente”.

Os contatos que Bardet estabeleceu nas viagens lhe permitiram configurar uma rede de urbanistas engajados no ensino e formação de novos profissionais. De Carlos Della Paolera a Richard Neutra, de Maurício Cravotto a Maurice Rotival, de Raúl Villanueva a Mario Pani – a todos que pôde, ele explicou suas ideias de topografia social, organização polifônica e cidade comunitária. A passagem pelos recém-criados institutos de urbanismo também viabilizou a Bardet difundir uma vertente de pensamento urbanístico crítica à adoção de modelos formais e padronização simplificadora da complexidade urbana.

A difusão de seus livros pelas bibliotecas e disciplinas dos institutos, universidades e cursos de urbanismo em geral, o regresso de alunos formados no ISUA e a adesão às suas concepções nos estudos de planejamento regional confirmam a circulação transatlântica das ideias de Gaston Bardet.

Por outro lado, a vivência na América Latina também foi incorporada ao pensamento urbanístico e se refletiu nos escritos de Bardet. Com base em suas visitas, ele escreveu sobre a arte pré-colombiana⁵⁵⁵, as unidades de vizinhança, a fragilidade da nova

⁵⁵⁴ CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.29.

⁵⁵⁵ BARDET, G. De l'architecture à l'Urbanisme (IV) – l'art précolombien. **L'Architecture Française**, Paris, nº 119-120, 1951, p.3.

monumentalidade arquitetônica do MES.⁵⁵⁶ Aos jornais franceses, ele relatou sobre a verticalização desenfreada das cidades latino-americanas, movida pelo capital⁵⁵⁷, a “boa arquitetura moderna” que observou nas unidades de vizinhança de Caracas e o horror aos prédios luxuosos de São Paulo, que mais pareciam indústrias.⁵⁵⁸

⁵⁵⁶ BARDET, G. La mission de l'architecture monumentale: du temp et de le space. **L'Architecture Française**, Paris, v. 1, n. 93-94, jan. 1949, p.5-8.

⁵⁵⁷ BARDET, G. Point de vue d'Amérique. **Journé du batiment**, Paris, 25 jui. 1953.

⁵⁵⁸ GASTON Bardet à son retour d'Amérique nous dit[...] **Arts**, Paris, 5 nov. 1948.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DE FIGURA QUIXOTESCA À ANTECIPAÇÃO CRÍTICA

Chegar ao fim desta tese é concluir que Gaston Bardet não foi uma figura fácil. Desde meu primeiro contato – por meio de seu único livro traduzido para o português –, o tom ácido e exagerado das críticas foi o mais marcante: Haussmann era “enfadonho”⁵⁵⁹; Le Corbusier “cubista”⁵⁶⁰; Gropius e a Bauhaus tinham “o objetivo confesso de destruir a família”⁵⁶¹; Brasília era a “obra-prima mundial em termos de megalomania e absurdo”.⁵⁶² Boa parte do que eu havia estudado, ensinado e admirado até então era reduzido às críticas ressentidas de um urbanista desconhecido. Outro aspecto tão impactante quanto incompreensível estava nas inúmeras referências ao “espírito”, “alma”, “dimensão espiritual” das cidades... Vinha-me à mente uma espécie de Dom Quixote a lutar sozinho e desesperado contra moinhos de vento. Estava posto o desafio.

Ultrapassado o limite do estranhamento, deparei-me com um vasto acervo de documentos, obras, estudos, artigos, planos e reportagens que me permitiram mergulhar no objeto de estudo. A produção de Bardet foi intensa: embora tenha vivido 83 anos, entre o primeiro artigo e o último livro de Urbanismo passaram-se somente 17⁵⁶³. Com uma década de formado, ele já havia publicado textos suficientes para lançar uma coletânea de reflexões sobre o campo. Percebi, então, que nem sempre ele havia sido desconhecido, mas apagado.

À luz da teoria, a leitura do conjunto de sua obra facilitou identificar permanências e mudanças no pensamento urbanístico de Gaston Bardet. Entre as permanências, conceituar o urbanismo foi um esforço constante, presente na maioria de suas publicações, seja como conceito principal ou secundário, seja como um pano de fundo. Cabe notar que essas definições não são estáticas; elas mudam, ganham outras nuances e o autor não as toma como excludentes, mas as mescla e usa conforme lhe fosse mais apropriado para o argumento que estava a desenvolver.

No entusiasmo das então recentes instituições, permeadas de ideias dos reformadores sociais e higienistas, Bardet conceituou o urbanismo como uma “síntese de

⁵⁵⁹ BARDET, 1988, p.22.

⁵⁶⁰ Ibid, p.32.

⁵⁶¹ Ibid, p.106.

⁵⁶² Ibid, p.103.

⁵⁶³ Anexo 1 – Cronologia de Gaston Bardet.

ideologias francesas”, com a missão de salvaguardar a vida das cidades e dos habitantes mais necessitados. Nessa definição, enfatizou os propósitos dos intelectuais, empresários, políticos, administradores, filantropos e profissionais liberais reunidos em torno do *Musée Social* e da *Section d’Hygiène Urbaine et Rurale*. Entretanto, é também uma definição que remete ao urbanismo ensinado no *Institut d’Urbanisme de l’Université de Paris* e ao protagonismo de Marcel Poëte, pois a cidade é revelada com vida.

A partir daí, Bardet se autoinsere numa sucessão de profissionais mobilizados para reagir ao quadro de miséria, degradação social e ambiental que assolou as grandes cidades no início do século e toma para si a missão de continuar.

Obstinado em dotar o urbanismo de fidedignidade “científica”, ele o definiu como: “ciência balbuciante de limites imprecisos”⁵⁶⁴, “ciência dos agrupamentos humanos saudáveis”⁵⁶⁵, “ciência do melhoramento dos grupamentos humanos”⁵⁶⁶, “ciência de ordem experimental”⁵⁶⁷. Tais enunciados são ressonâncias de alguns dos debates estabelecidos no âmbito da *Société Française des Urbanistes*, especialmente no período de Agache e Jausse, cujo anseio era dotar o urbanismo de procedimentos “científicos” e delimitar um escopo de práticas profissionais. Sinalizam também a filiação direta de Bardet a Geddes e Le Play.

Bardet conformou seu pensamento urbanístico movido por um desejo quase obsessivo de contribuir para o campo. Embasado num vasto trabalho de pesquisa, levantamento, observação, comparação, experimentação e intermináveis processos de análises e sínteses, ele construiu uma leitura própria das cidades francesas e também das de países que teve a oportunidade de visitar, conhecer ou estudar, como Roma, Tóquio, Cairo, Argel, Bruxelas, São Paulo, Buenos Aires, La Serena, entre tantas outras. A noção de “evolução” fez com que ele percebesse cada uma dessas cidades como única, dotadas de um corpo social e processo de transformação próprios, os quais, a seu ver, deveriam ser captados e respeitados pelos urbanistas que nelas atuassem.

Culto, curioso e inteirado dos debates institucionais e urbanísticos internacionais, Bardet foi um urbanista moderno, que refletiu sobre as diversas vertentes de pensamento que gravitaram ao seu redor para formular respostas às questões colocadas pelo campo.

⁵⁶⁴ BARDET, 194C1, p.1.

⁵⁶⁵ Id. Un problème moderne: l’Urbanisme. *Organisation et statistiques du bâtiment*, Paris, a.1, n. 5, p. 131-138, mai 1938h.

⁵⁶⁶ Id. Qu’est-ce que l’urbanisme? *Revue d’Administration Communale*. Paris, n. 48, p.75-81, mar. 1935e.

⁵⁶⁷ Id. Connaissance de la ville. *Urbanisme*, Paris, v. 92-93, p.149-155, jul. 1943b.

Seu pensamento urbanístico reflete um contínuo desejo de atrelar teoria, observação e prática, para consolidar o conhecimento do meio urbano. Em seus escritos, ele articulou um amplo espectro teórico para convergir ou se contrapor às ideias em voga no urbanismo europeu e americano. Suas críticas à cidade funcional, por exemplo, podem ter sido incômodas e incisivas, mas foram fundamentadas na leitura de Sitte, Howard, Hénard, Unwin, de la Blache, Durkheim, Mumford, Perry, Perroux, Thibon, Desroches e demais urbanistas, filósofos, geógrafos e pesquisadores sociais citados nesta tese.

Ora um conjunto de disciplinas, ora uma ciência, ora uma doutrina, o urbanismo pode ter tido vários significados para Gaston Bardet, mas somente uma finalidade maior, claramente posta em suas palavras: “É necessário, antes de tudo, embasar o urbanismo sobre a essência do homem”⁵⁶⁸. O humanismo *bardetiano* teve bases na moral cristã, na utopia de Morus, na filosofia de Bergson, de Tomás de Aquino e Emanuel Mounier. Por isso, colocar o homem como centro do seu pensamento urbanístico significou compreendê-lo como “corpo e espírito”, como “pessoa” insubstituível e não-objetificável, que deveria ter oportunidades de se desenvolver em todas as potencialidades.

De fato, Bardet foi um “não conformista”⁵⁶⁹, que acreditou e apostou na capacidade de transformação social do urbanismo. Tal convicção o levou a se envolver nos embates que, se por um lado, demonstraram certo conservadorismo e resistência às mudanças na estrutura familiar, às novas expressões artísticas e à inevitável pré-fabricação arquitetônica, por outro, expressaram sua indignação frente à precarização da vida, à exploração do trabalho e à desumanização das cidades pós-industriais.

O “florescimento do homem”⁵⁷⁰, almejado por Bardet, estava na possibilidade de desfrutar da vida familiar, desenvolver seus interesses culturais, artísticos e científicos, participar da vida política e religiosa. A seu ver, o urbanismo poderia contribuir para esse todo, promovendo circulações eficientes, articulação entre espaços e equipamentos públicos de diferentes escalas, tipologias habitacionais favoráveis às relações de vizinhança, usos do solo que fossem promotores da vida comunitária, limites de densidade e ocupação

⁵⁶⁸ BARDET, 1948d, p.43, tradução nossa. Texto original: “[...] il faut, avant tout, baser l'urbanisme sur l'essence de l'homme.”

⁵⁶⁹ Balmand, 1985.

⁵⁷⁰ BARDET, op cit, p. 129, tradução nossa. Texto original: “[...] mais qui permet à l'homme l'épanouissement et le déploiement de son être en des activités supérieures au travail: vie de famille, amitiés diverses, arts et sciences, vie politique ou religieuse, et, au sommet la contemplation: couronnement suprême du jeu.”

– sempre adequando-se ao meio ambiente, ordenando o crescimento urbano e fortalecendo as características da região.

Ao formular todo o aparato metodológico do urbanismo aplicado, o objetivo de Bardet era apoiar a planificação da reconstrução das cidades atingidas pela 2ª Guerra Mundial. Além de entrar na disputa pelo campo de atuação profissional, ele visualizou a possibilidade de recomeçar e reverter o processo de desumanização das cidades. A Cidade Humana foi sua utopia, uma expressão de sociedade ideal, em contraposição à realidade do seu tempo. Nela, seria possível resgatar o espírito comunitário, o equilíbrio natureza-homem e fomentar um crescimento atrelado ao desenvolvimento humano. Para tanto, as interlocuções com o movimento Economia e Humanismo foram fundamentais.

Com a reorganização política e os embates ideológicos da França na Liberação, Bardet foi da utopia ao desencanto. Para o urbanista, além de perder a chance de aplicar o conhecimento que havia construído durante mais de uma década de pesquisa, estudos e preparação, foi revoltante assistir, por meio do *Ministère de la Reconstruction et de l'Urbanisme*, a difusão de um ideário urbanístico que ele considerava socialmente “degradante”. É nesse ponto que volto às críticas mencionadas no início deste capítulo. Não eram moinhos de vento, mas arranha-céus de concreto e vidro o que ele combatia.

Isolado e cada vez mais rotulado como “tradicionalista”, “regionalista” e “conservador”, Bardet ganhou mais adeptos no âmbito internacional do que no seu país de origem. A experiência do *Institut Supérieur d'Urbanisme Appliqué* teve amplas ressonâncias na América Latina, inclusive no Brasil. À medida que passou pelos países, ele questionou a crescente verticalização, a supremacia dos veículos automatizados, a desintegração cidade-região e a hiperconcentração dos centros. Nas conferências que ministrou, promoveu o ensino do urbanismo aplicado e o método da organização polifônica, como modo de resistir à crescente padronização do urbanismo e preservar a espontaneidade, a criatividade, a dimensão artística e humana das cidades.

Viver, observar e trabalhar em cidades brasileiras do século XXI me permite, ao fim desta tese, destacar a antecipação crítica de Gaston Bardet. São problemas fáceis de serem notados nas grandes cidades e regiões metropolitanas: a falta de diversidade de usos, a escassez de espaços públicos e comunitários, a degradação voraz do patrimônio histórico e natural, a verticalização para multiplicar o lucro imobiliário, o deslocamento diário das massas populacionais que habitam distante do local de trabalho, a quantidade de carros nas

ruas, etc. De fato, seria irresponsável e generalista atribuir todos esses problemas à adoção do urbanismo funcionalista, mas não se pode desconsiderar as consequências sociais e ambientais dos espaços urbanos concebidos segundo tais princípios.⁵⁷¹

Por fim, é possível confirmar a hipótese de que Gaston Bardet construiu um pensamento urbanístico próprio e denso, aglutinando saberes, disciplinas, teorias, observações, vivências, filiações e interlocuções para dar conta da complexa cidade e sociedade de seu tempo. Ele não se limitou ao papel de continuador de Marcel Poëte, pois demonstrou autonomia e iniciativa para se lançar ao estudo das próprias inquietações. De igual modo, sua contribuição não pode ser reduzida à oposição crítica aos princípios funcionalistas do urbanismo, dada a complexidade de suas formulações.

Chego à conclusão de que ele foi um urbanista inovador, que buscou de todas as formas conhecer a dimensão física, ambiental e social das cidades, com vistas a torná-las o ambiente mais favorável possível ao florescimento das pessoas que nelas habitam.

⁵⁷¹ Sobre a crítica ao paradigma funcionalista e suas consequências nas cidades contemporâneas, cf: GEHL, J. **Cidade para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013; JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2013; MONTANER, J; MUXÍ, Z. **Arquitetura e política**: ensaio para mundos alternativos. São Paulo: Gustavo Gili, 2014; PAQUOT, T. **L'urbanisme c'est notre affaire !** Nantes : L'Atalante, 2010.

REFERÊNCIAS

ACABA de llegar el Urbanista Bardet. **Excelsior**, México, 16 out. 1949.

A ARQUITETURA moderna não tem base técnica nem econômica. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 20 mar. 1953.

ALMANDOZ, A. **Entre libros de historia urbana: para uma historia de la ciudad y el urbanismo em América Latina**. Caracas: Editorial Equinoccio, 2008.

ANDRADE, C. R. M. A circulação transatlântica da ideia de cidade jardim. In: Segundo Congresso Internacional de História Urbana, 2009, Campinas. **Anais do Segundo Congresso Internacional de História Urbana**. Campinas, 2009.

_____. Barry Parker em São Paulo: ressonâncias da ideia de cidade-jardim. In: **IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Rio de Janeiro: 1996.

_____. Ressonâncias do tipo cidade-jardim no urbanismo de cidades novas no Brasil. In: 6o. Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2000, Natal - RN. **Anais do 6º Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Natal - RN : UFRN - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2000.

ANDRADE, G.I.F de; BOTTON, R. R. A influência do pensamento autoritário da Ação Francesa no governo provisório de Vichy. **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão, n. 20, p.52-66, jun. 2015.

ANGELO, M.R. **Les dévellopeurs: Louis-Joseph Lebrete e a SAGMACS na formação de um grupo de ação para o planejamento urbano no Brasil**. Tese (Doutorado), EESC-USP, São Carlos, 2010.

A NOVA estrutura rural. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 21 ago. 1948.

ARCHITECTURA: rivista del Sindacato Nazionale Fascista Architetti. Milano, Treves, Treccani, Tumminelli, Roma, a. XI, feb. 1932. Bibliothèque Poète et Sellier.

ARCHIWEBTURE. < <https://archiwebture.citedelarchitecture.fr/fonds>>. Acesso em 13 jun.2019.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARRIÈS, P. A história das mentalidades. In LE GOFF, J. **A História Nova**. São Paulo. Martins Fontes, 1993.

ASÍ DEBE ser la ciudad ideal del futuro. **Veja y lea**, Buenos Aires, 1948, p.20.

AULA inaugural se estabelece em clima de confusão. **Tribuna de Minas**, Belo Horizonte, 18 mar. 1953.

AUZELLE, R. **Cours d'Urbanisme a l'Institut d'Urbanisme de Paris**: L'Intelligence du milieu et stratégie de l'aménagement. Paris: Vicent, Fréal Et Cie, 1965.

BADOUÏ, R. Les technocrates sous Vichy : Modernité productive et anti-modernité architecturale et urbaine. Colloque Architecture, arts et culture dans la France de Vichy, 1940-1944. Paris: Collège de France, juin, 2016. Disponível em < <http://www.college-de-france.fr/site/jean-louis-cohen/symposium-2016-06-16-09h30.htm>>. Acesso em 1º nov. 2018.

BALTAR, A.B. **Diretrizes de um plano regional para o Recife**. Recife: Editora Universitária, 2000.

_____. **Seis Conferências de Introdução ao Planejamento Urbano**. Publicação da Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia, 1957.

BARDET, A. **Curriculum vitae de Gaston Bardet**. São Paulo: 03 nov. 2013 [documento não publicado].

BARDET, G. À la recherche d'une structure rurale : les villages-centres. **CNOF**, Paris, n. 16, p. 1-3, mai. 1942a.

_____. À la recherche d'une structure rurale : les villages-centres. **Économie et Humanisme**, [S.l.], n. 10, p. 873-894, nov. 1943a.

_____. As aldeias-centros, pontos de apoio da estrutura rural renovada. **Binário: arquitetura, construção, equipamento**. Porto, n.28, p.14-14, 1961.

_____. Architecture et urbanisme. La Cité des hommes. **Les Nouvelles littéraires**, Paris, p.?, 17 août 1935a.

_____. Arte y educación. **El Universal**, Monterrey, 1 p.?, 4 oct. 1956a.

_____. Art urbain et art militaire à la Renaissance. **L'Architecture d'Aujourd'hui**, n° 8, p.7-8 août 1939a.

_____. Comment financer la reconstruction. **La Fédération**, Paris, n. 74, p. 110-114, mar.1951a.

_____. **Comment retrouver la trace de Dieu**: l'art, la technique et le sacré. Bruxelles, Institut Supérieur et International d'Urbanisme Appliqué, [195-].

_____. Connaissance de la ville. **Urbanisme**, Paris, v. 92-93, n. ?, p.149-155, jul. 1943b.

_____. Connaissance de la ville. **Économie et Humanisme**, [S.l.], n. 12, p. 204-208, mar-avr, 1944a.

_____. Concordance entre les méthodes anglo-américaines d'aménagement et les méthodes françaises de topographie sociale. **L'Architecture Française**, Paris, n. 50, p. 3-10, set. 1945a.

_____. Concordance entre les méthodes nouvelles françaises, anglaises et américaines d'aménagement des villes. **Bulletin de la Société Française des Urbanistes**, p. 3-10, août. 1945b.

_____. Comment composer de grands ensemble? **SADG, Bulletin mensuel d'informations de la société des architectes diplômés par le gouvernement**, Paris, n.84, p. 38-42, fév. 1960a.

_____. Comment désireriez-vous être logés ? **L'Hygiène sociale**, Paris, n. 46, p. 54-55, avr. 1946a.

_____. Courrier: réponse de David. **L'Architecture d'Aujourd'hui**. Paris, n. 16, dez. 1947a.

_____. **Cours d'Urbanisme**. 1933, p.32-34 [Pièce publicitaire].

_____. Coup d'œil sur l'urbanisme anglais. **L'Architecture d'Aujourd'hui**, Paris, n. 10, p.3-9, oct. 1938a.

_____. De la présence du père. **La Journée du bâtiment**, Paris, 6 août. 1949a.

_____. De l'architecture à l'urbanisme (I): Les sources du grand art. **L'Architecture française**, Paris, n° 111-112, p. 5-10, 1951b.

_____. De l'architecture à l'urbanisme (II): Notre Mère Egypte. **L'Architecture française**, n° 113-114, p. 3-10, 1951c.

_____. De l'architecture à l'urbanisme (III): L'inférieure Babylone. **L'Architecture française**, n° 115-116, p. 5-11, 1951d.

_____. De l'architecture à l'urbanisme (IV): L'art précolombien. **L'Architecture française**, n° 119-120, p. 3-6, 1951e.

_____. De l'air, des parcs, des sports. **La Revue d'administration communale**, Paris, a.6, p. 204-206, jui. 1936a.

_____. Destruction de Paris. **Économie et Humanisme**, n° 5, p. 141-143, jan-fév., 1943c.

_____. De l'urbanisme à l'architecture (I) : Le Dilemme de Neutra ou l'urbanisme antidote de la préfabrication", **L'Architecture française**, n° 83-84, p. 4-7, 1948a.

_____. De l'urbanisme à l'architecture (IV) : la mission de l'architecture monumentale ou du temps et de l'espace. **L'Architecture française**, n° 93-94, p. 5-8, 1949b.

_____. De l'urbanisme à l'architecture (VII) : L'Organisation polyphonique appliquée à la composition des Grands-ensembles. **L'Architecture française**, n° 101-102, p. 3-15, 1950a.

_____. Des canons, des munitions, merci! Des maisons, SVP. **L'Architecture Française**, Paris, n° 109-110, p. 3-6, 1951f.

_____. El hombre de nuestro tiempo es un ser mutilado: es preciso devolverle a su origen substancial. **Ciudad**, Revista de Urbanismo, México, n.8, p.32, ene. 1958.

_____. Instaurare omnia in Christo: una scuola cristiana di urbanistica. **Arte Cristianna**, Milano, v. 5-6, p. 87-104, jan. 1957.

_____. **Institut International et Supérieur d'Urbanisme Appliqué**. Bruxelles: Direction d'Études, 1954.

_____. La ciudad llamada radiosa, **Arquitectura y urbanismo**. Havana, não. p., oct. 1938b.

_____. La cité machiniste est-elle une cité radieuse? **La Revue d'administration communale**, p. 6-9, jan. 1937a.

_____. La enseñanza del urbanismo aplicado. **El Universal**, Monterrey, 4 ago. 1956b.

_____. La dernière chance: l'organisation polyphonique. **L'Habitation: revue d'étude et d'information de l'institut national pour la promotion de l'habitation**, Bruxelles, v. 3, n. 3, p.3-15, mar. 1950b.

_____. La foule actrice et spectatrice. **L'Architecture d'Aujourd'hui**, n.9,p.92-93,sep. 1938c.

_____. La machine pour l'homme, principes d'un plan national d'outillage. **Économie et Humanisme**, Écully, n° 15, , p. 421-429, août-sep-oct, 1944b.

_____. L'Âme de la Cité. **Revue de la Méditerranée**, Alger, p. 163-174, mar-avr, 1947b.

_____. La mission de l'architecture monumentale: du temp et de le space. **L'Architecture Française**, Paris, v. 1, n. 93-94, , p.5-8, jan. 1949c.

_____. La Paris souterrain. **L'Architecture d'Aujourd'hui**. Paris, n. 5-6, , p.39-41, jui 1937b.

_____. L'Architecture de l'amour. **L'Architecture française**, Paris, n° 81-82, p. 4-6, jui. 1948b.

_____. L'Architecture rurale et bourgeoise française. **Économie et Humanisme**, Écully, n° 7, p. 456-459, mai-jui 1943d.

_____. **La Rome de Mussolini**: contribution à le étude du Plan Regulateur de 1931. Thèse, l'IUP, Paris, 1932.

_____. **La Rome de Mussolini**: une nouvelle ère romaine sous le signe du Faisceau. Paris : CH. Massin et C. Editeurs à Paris, 1937e.

_____. La Science de l'évolution des villes, base de l'urbanisme. **La Revue d'administration communale**, Paris, p. 143-146, mai, 1935b.

- _____. Le Centre d'échanges et les autoroutes souterraines de grande profondeur. **Monde souterrain**. Paris, jan., 1937c [n. spécial Activité au sous-sol].
- _____. L'Enseignement de l'urbanisme appliqué. **L'Architecture Française**, Paris, n. 127, p.74-78, out. 1952.
- _____. L'Ensoleillement scientifique des cités. **O.S.B.** Paris, a.2, n. II-5, mai 1939b.
- _____. Le Nouveau gabarit et l'urbanisme. **Beaux-Arts**, Paris, 14 avr. 1939c.
- _____. **Le Nouvel Urbanisme**. Paris: Vincent, Fréal Et Cie, 1948d.
- _____. Le Planning territorial. **L'Hygiène sociale**, a.17, n. 2, p.18-29, fev. 1944c.
- _____. Le Plus grand Tokyo. **Paris et la région capitale**, Paris, n. 3, p. 69-71, sep, 1937d.
- _____. Les alentours immédiats de Vichy: un plan de promenades et parcs. **Revue d'Administration Communale**, Paris, v. 2, n. 9, p.43-47, fev. 1939d.
- _____. Les Causeries de l'atelier: problèmes de structure sociale. **L'Architecture française**, Paris, n° 5, mar. 1941a.
- _____. Les Echelons communautaires dans les agglomérations urbaines. **Économie et Humanisme**, Écully, n° 8, p. 501-521, juil-août, 1943e.
- _____. Les Espaces libres: Influencia, Jerarquia, Répartición. **Arquitectura y urbanismo** Havana, p. 18-27, déc. 1936b.
- _____. **Les sources du Grand Art: l'Homme, la Femme et le Sacré** Comment rajeunir dans le Christ nos techniques sclérosées. Bruxelles: Institut Supérieur et International d'Urbanisme Appliqué, 1950e.
- _____. Les Villages-centres. **La Reconstruction**, Bruxelles, n. 20, set., 1942b.
- _____. Le VI° Salon des urbanistes. **Beaux-Arts**, Paris, 12 mai 1939f.
- _____. L'Impôt sur la santé. **Beaux-Arts**, 27 mar. 1936c.
- _____. Lo que significa el arte urbano clásico: La lección de París. **El Universal**, Monterrey, 15 jul. 1956c.
- _____. L'organisation de la région parisienne. **L'Architecture d'Aujourd'hui**, Paris, v. 3, n. 3, p.6-17, mar. 1939g.
- _____. L'Organisation de l'urbanisme souterrain. **O.S.B.** a.1, n. I-7, p. 191-201, jui. 1938d.
- _____. L'Unité de voisinage dans l'urbanisme anglo-saxon, **Économie et Humanisme**, L'Abresle, n. 20, , p. 427-435, jui-août 1945c.
- _____. **L'Urbanisme - Que sais-je?** Paris: PUF, 1945f.

- _____. L'Urbanisme et la défense passive. **L'Architecture d'Aujourd'hui**, n. 7, jui, 1939h.
- _____. L'Urbanisme souterrain : essai de doctrine et de méthode. **Travaux**, n.66, p. 279-286, jui. 1938f.
- _____. Megalopolis. La ville tentaculaire. Écully, **Économie et Humanisme**, n. 17, p. 45-63, jan-fév. 1945d.
- _____. **Mission de l'Urbanisme**. Paris: Économie Et Humanisme, 1949d.
- _____. Naissance de l'urbanisme. **Urbanisme**. Paris, n. 28, p. 232-233, jui-sep, 1934.
- _____. **Naissance et méconnaissance de l'urbanisme**: Paris. Paris: SABRI, 1951i.
- _____. Organisation polyphonique ou monocorde, faut-il brûler Taylor ? **La Journée du bâtiment**, Paris, a.4, p.1-2, juin 1950c.
- _____. **O urbanismo**. Campinas: Papyrus, 1990.
- _____. Paris et les autoroutes souterraines. **Urbanisme**. Paris, n. 35, p. 164-173, avr. 1935c.
- _____. Paris, les autoroutes souterraines de grand trafic à grande profondeur. **Travaux**, Paris, n.28 , p.157-162, avr. 1935d.
- _____. **Petit Glossaire d'Urbanisme em six langues**. Paris : Vicent, Fréal et Cie, 1946c.
- _____. **Pierre sur pierre**: construction du Nouvel Urbanisme. Paris : Éditions LCB, 1946d.
- _____. Planning ou planisme ? Revue de la Société d'études et d'expansion. Liège, n. 221, p.434-4400, mai-juin, 1960b.
- _____. Point de vue d'Amérique. **Journée du bâtiment**, Paris, 25 jui. 1953.
- _____. Pourquoi pas le prêt à intérêt ? **La Propriété familiale**, Paris, [nã. p], jun. 1951g.
- _____. Précurseurs de la cité communautaire. **Économie Et Humanisme**, L'Abresle, p.554-560, set. 1946b.
- _____. **Principes inédits d'enquêtes et d'analyses urbaines**. Paris: Colma, 1943h.
- _____. Principes d'analyse urbaine. **Journal de la Société Statistique de Paris**. Paris, t. 85, p.245-271, out, 1944d.
- _____. Principes d'une politique nationale d'urbanisme. **L'Hygiène sociale**, n. 7, p. 98-100 juil-aoû, 1943f.
- _____. **Problèmes d'urbanisme**. Paris: Dunod, 1941c.
- _____. Problèmes d'Urbanisme : la circulation. **Organisation et statistiques du bâtiment**, Paris, a. II, n° 2, p.48-56, fév. 1939i.

_____. Qu'est-ce que l'urbanisme? **Revue d'Administration Communale**. Paris, n. 48, p.75-81, mar. 1935e.

_____. Seul le prêt sans intérêt. **Revue mensuelle de l'habitat populaire**, Paris, n. 34, p.18-19, jul. 1951h.

_____. Si les femmes construisaient les cités? **Économie et Humanisme**, L'Abresle, , p.208-215, mar-avr, 1948c.

_____. Un précurseur : Eugène Hénard. **L'Architecture d'Aujourd'hui**, Paris, n. 3, p. 18, mar 1939j [N. spécial: 20 ans d'urbanisme appliqué en France].

_____. Un problème moderne : l'Urbanisme. **Organisation et statistiques du bâtiment**, Paris, a.l, n. 5, p. 131-138, mai 1938h.

_____. Une nouvelle démonstration: L'Organisation polyphonique. **Architecture, Urbanisme, Habitation**, Bruxelles, n. 10, p.29-36, fev. 1950d.

_____. Urbanisme: Les Villages-centres. **L'Architecture Française**, Paris, n. 11, p.29-31, sep. 1941b.

_____. Urbanismo e higiene mental. **Arquitectura 63**, Barcelona, ETS de arquitectura de Barcelona, s/n, p.172-175, 1963.

_____. Vernon et Louviers. **Urbanisme**, Paris, p. 58-62, n° 88, mar. 1943g.

_____. Villages-centres. **Urbanisme**. Paris, p.157, n. 116, juil. 1947c.

BARDET, G., DESROCHES, H.C., PERROUX, F., THIBON, G. e GARDET, L. **Caractères de la communauté**. Ecully: Économie et Humanisme, 1944.

BALMAND, P. Piétons de Babel et de la cité radieuse : les jeunes intellectuels des années 1930 et la ville. **Vingtième Siècle. Revue d'histoire**. Paris, Centre National de Lettres, n. 8, p. 31-42, octobre-décembre, 1985.

BAUDELAIRE, C. **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BELLORÍN, R.E.M. Reurbanización El Silencio and Urbanización Altamira: Public and private planning, building the city Of Caracas. In: INTERNATIONAL PLANNING HISTORY SOCIETY CONFERENCE'S, 13, 2008, Chicago. **Memories...** Chicago: IPSH, 2008. p. 9 - 1505.

BENÉVOLO, L. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BENJAMIM, W. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERGSON, H. **A evolução criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BnF GALLICA. < <https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/content/accueil-fr?mode=desktop>>. Acesso em 10 abr. 2017.

BORGES, V. P. Grandezas e mistérios da biografia. In: PINSKY, C.B. (Org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

BOSI, A. Economia e humanismo. **Estudos Avançados**, [s.l.], v. 26, n. 75, p.249-266, ago. 2012.

BOTELHO, T. R. A Família na Obra de Frédéric Le Play. **Dados: Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 3, p.513-544, jul. 2002.

BOUCHET, H., FAUVEL, J. **Fiches-plans pour enquêtes régionales**, I – La vie d'un village. Paris: La Hutte, coll. « l'exploration régionale », [193?].

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J. e FERREIRA, M. de M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.183-191.

BRESCIANI, M.S. Cidade e território: os desafios da contemporaneidade numa perspectiva histórica. In: Pontual, V; PICCOLO, R. (Org.). **Cidade, território e urbanismo: um campo conceitual em construção**. Olinda: CECL, 2009.

_____. **O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Viana entre os intérpretes do Brasil**. São Paulo: Unesp, 2005.

BRUANT, C. Donat-Alfred Agache: urbanismo, uma sociologia aplicada. In RIBEIRO, L.C. de Q.; PECHMAN, R. (Org.). **Cidade, povo e nação: Gênese do urbanismo moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BULLOCK, N. Gaston Bardet: post-war champion of the mainstream tradition of Frenchurbanisme. **Planning Perspectives**, [s.l.], v. 25, n. 3, jul. 2010, p.347-363.

CABRAL, R. **A noção de "ambiente" em Gustavo Giovannoni e as leis de tutela do patrimônio cultural na Itália**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), IAU-USP, São Carlos, 2013.

CALABI, D. **História do Urbanismo Europeu: questões, instrumentos, casos exemplares**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

CALABI, D. **Marcel Poëte et les Paris des années vingt: aux origines de l'histoire des villes**. Paris-France / Montréal-Canada : L'Harmattan, 1997.

CALABI, D. O papel de Paris na Urbanística Italiana do século XIX: o mito da modernização. In: SALGUEIRO, Heliana (Org.). **Cidades capitais do século XIX: racionalidade, cosmopolitismo e transferência de modelos**. São Paulo: Editora da USP, 2001, p. 104-134.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CERTEAU, M. de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

CESTARO, L. **A atuação de Lebrecht e da SAGMACS no Brasil (1947-1964):** Ideias, planos e contribuições. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), IAU-USP, São Carlos, 2015.

CIRQUEIRA, J. V. Élisée Reclus e a excentricidade de sua geografia anarquista. **Terra Brasilis** [s.l.], n. 7, p.1-18, 9 dez. 2016. Disponível em: <<http://terrabrasilis.revues.org/1787>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

CHARTIER, Roger. **História cultural:** entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil AS/DIFEL, 1990.

CHEREAU, G. Claudius-Petit a commenté au Havre, au Congrès de la Propriété Familiale, ler rapport de M. Gaston Bardet: De la presence du père. **La Journée du bâtiment**, Paris, 23 jun. 1949.

CHEVALIER, G. L'entrée de l'urbanisme à l'Université. La création de l'Institut d'urbanisme (1921-1924). **Genèses**, [s.l.], v. 39, n. 1, p.98-120, 2000. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.3406/genes.2000.1624>>. Acesso em 12 fev.2017.

CHOAY, F. **O urbanismo.** Utopias e realidades, uma antologia. São Paulo: Perspectiva, 2005.

COHEN, A. « Vers la révolution communautaire »: Rencontres de la troisième voie au temps de l'ordre nouveau. **Revue D'histoire Moderne et Contemporaine**, Paris, v. 2, n. 51, p.145-161, abr. 2004.

COHEN, J-L. Architecture, arts et culture dans la France de Vichy, 1940-1944. **Curso ministrado no Collège de France em 2016.** Disponível em < <http://www.college-de-france.fr/site/jean-louis-cohen/course-2015-2016.htm>>. Acesso em 1º nov. 2018.

_____. Entretien avec Gaston Bardet. **Revue Architecture, Mouvement, Continuité**, Paris, Société des architectes diplômés par le gouvernement, n. 44, p.78-84, 1978a.

_____. Gaston Bardet et la "Rome de Mussolini", **Zodiac**, nº. 17, p. 70-85, 1997.

_____. Gaston Bardet: un humanisme à visage urbain. **Revue Architecture, Mouvement, Continuité**, Paris, Société des architectes diplômés par le gouvernement, n. 44, p.74-77, 1978b.

_____. **La coupure entre architectes et intellectuels, ou les enseignements d'Italophilie.** Belgique: Édition Mardaga, 2015.

_____. Le 'nouvel urbanisme' de Gaston Bardet. **Le Visiteur. Ville, territoire, paysage, architecture**, Paris, SFA, n. 2, p. 134-147, 1996.

_____. **O futuro da arquitetura desde 1989:** Uma história mundial. São Paulo, Cosac&Naify, 2013.

_____. Ville sur ville, le destin de Gaston Bardet . **L'Architecture d' Aujourd'hui**, Paris, n. 265, p.78-82, oct., 1989.

- CLAUDIUS-PETIT, E. Renaissance. **L'Architecture d'Aujourd'hui**, Paris, n. 1, mai-jun, 1945.
- CON el professor Gaston Bardet. **El Comercio**, Lima, 30 set. 1948.
- CORTÉS, A.G. La doctrina de Bardet y la curiosa reacción de sus adversários. **Ciudad**, Revista de Urbanismo, México, n.8, ene. 1958, p.32.
- CRONOLOGIA do pensamento urbanístico. <www.cronologiadourbanismo.ufba.br>. Acesso em 08 ago.2019.
- CUGINI, P. A filosofia de Charles Péguy: ás origens do pensamento pós-moderno. **Dialegesthai**. Rivista telematica di filosofia, a.12, 2010. Disponível em <<https://mondodamani.org/dialegesthai/pcuo2.htm>>. Acesso em 15 mai. 19.
- CUILLIER, F. Interview: Gaston Bardet. **Métropolis**, urbanisme/planification régionale/environnement, Paris, v. , n. 282930, p.48-52, 1977.
- CURSO de urbanismo do professor Gastão Bardet: Discurso do Professor Francisco de Assis da Silva Brandão. Revista da Escola de Arquitetura, 1956. p. 156-160.
- DELLA PAOLERA, C. M. **Contribution à l'étude d'un plan d'aménagement, d'embellissement et d'extension de Buenos Aires**: Étude sur l'évolution de la ville. 1927. Paris, Thèse (Doutorado), l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris, 1927.
- DENTRO de dez anos o centro da cidade de São Paulo estará definitivamente congestionado **Diário de São Paulo**, São Paulo, 20 ago. 1948.
- DICKENS, C. **Tempos difíceis**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- DINIZ, A. **O itinerário pioneiro do urbanista Attilio Corrêa Lima**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Unb, Brasília, 2015.
- DINSTIGUIDO intelectual francês em Merida. **El Diario de Yucatan**, Merida, 8 out. 1949.
- DOSTOIÉVSKI, F. **Crime e Castigo**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- DUMONS, B. Christian Topalov (dir.), Laboratoires du nouveau siècle. La nébuleuse réformatrice et ses réseaux en France (1880-1914), Paris, Editions de l'EHESS, 1999. **Revue d'Histoire Moderne Et Contemporaine**, [s.l.], v. 48-2, n. 2, p.368-373, 2001. Disponível em <<https://www.cairn.info/revue-d-histoire-moderne-et-contemporaine-2001-2-page-368.htm>>. Acesso em 23 jul. 2019.
- DUQUINO, L.G. Patrick Geddes: Geografia y urbanismo em el marco de la planificación regional. **ARKA** – Revista de Arquitetura, Bogotá, v.3, p.116-125, ene-dic, 2012.
- EL ARQ. Bardet da conferencias em la Universidad de N. León. **El Norte**, Monterrey, 2 nov. 1949.
- EL COMERCIO. Lima, 30 set. 1948.

EL GRAND urbanista M. Gaston Bardet: hoy hablará em la Alianza Francesa, **Mañana**, Montevideo, 03 set. 1948.

ENEMIGO de los rascacielos es el urbanista francés G. Bardet. **La Hora**, Santiago, 23 set. 1948.

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2008 [1ª.ed 1945].

ENTREGA de certificados aos alunos do curso de urbanismo. **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 28 de jun. 1953.

ESCLARECIMENTOS do diretor da Escola de Arquitetura de Minas. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 18 mar. 1953.

FACTOR de armonía entre los hombres debe ser el urbanismo. **La Tribuna**, Lima, 2 oct. 1948.

FARIA, R. S. de. **O urbanista e o Rio de Janeiro**: José de Oliveira Reis, uma biografia profissional. São Paulo: Alameda, 2007.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

_____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Ditos e escritos**: Filosofia, diagnóstico do presente e verdade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FRANÇA. **Loi Cornudet**, de 14 mar. 1919. Disponível em <<http://www.urbaniste.com/>>. Acesso em 24 jul. 2019.

FREY, J.-P. [Jean-] Gaston Bardet: L'espace social d'une pensée urbanistique. **Les Études Sociales**, Paris, Société d'économie et de science sociales, v. 130, p.57-82, jul. 1999.

_____. Gaston Bardet, théoricien de l'urbanisme 'culturaliste'. **Urbanisme**, Paris, n. 319, p.32-36, jui-aoû, 2001a.

_____. Généalogie du mot 'urbanisme'. **Urbanisme**, Paris, n. 340, , p.63-71, jan-fev, 2001b.

_____. Les valises du progrès urbanistique. Modèles, échanges et transferts de savoir entre la France et l'Algérie. **Les Cahiers d'Emam**, [s.l.], n. 20, p.33-57, jul. 2010.

FREY, J.P.; FOURCAUT, A. L'Urbanisme en quête de revues In: PLUET-DESPATIN J., et al. (Org.). **La Belle Époque des revues, 1880-1914**. Paris: Editions de l'IMEC, 2002, p. 285-304.

GALEANO, E. **As palavras andantes**. Porto Alegre: L&PM, 1994.

_____. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

GARRIDO, M.D. Pensamiento visual en Patrick Geddes. **Revista de Expresión Gráfica Arquitectónica**, [s.l.], v. 22, n. 29, p.256-265, mar. 2017. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.4995/ega.2017.7374>>. Acesso em: 20 jan.2019.

GASTON Bardet à son retour d'Amérique nous dit(...) **Arts**, Paris, 5 nov. 1948.

GASTON Bardet multiplie les polémiques et dénonce la «dictature de Claudius Minimus célèbre résistant... au ridicule». **La Journée du bâtiment** . Paris, 6 ago. 1949.

GAUDIN, J.P. **Desenho e futuro das cidades**: uma antologia. Rio de Janeiro: Rio Books, 2014.

_____. **L'Avenir et le Plan**: thecnique et politique dans la prévision urbaines. Paris: Champ Valon, 1985.

GEDDES, P. **Cidades em evolução**. Campinas: Papirus, 1994.

_____. **Cities in Evolution**. London: Willians & Norgate Ltd., 1949.

GEHL, J. **Cidade para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GHORAYEB, M. **La loi Cornudet**: Paris: Société Française des Urbanistes, 2018.

GINZBURG, C. Controlando a evidência: entre o juiz e o historiador. In: NOVAIS, F.A.; SILVA, R.F.(Org.). **Nova história em perspectiva volume 1**. São Paulo: Cosac&Naify, 2011.

_____. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo : Companhia das Letras, 2006.

GOMES, M.A.A.F. (Org). **Urbanismo na América do Sul**: circulação de ideias e constituição do campo,1920-1960. Salvador: EDUFBA, 2009.

GORELİK, A. **Das vanguardas a Brasília**: cultura urbana e arquitetura na América Latina. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

GRULOIS, G. La construction épistémologique de l'urbanisme en Belgique. **Belgeo**, [s.l.], n. 1-2, p.5-16, 30 jun. 2011. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.4000/belgeo.6329>>. Acesso em: 23.04.2019.

GUERRAND, R-H; MOISSINAC, C. **Henri Sellier, urbaniste et réformateur social**. Paris: Ed. La Découverte, 2005.

GUILLOT, J-F. La Société française des urbanistes et l'Institut d'urbanisme : deux usages du réseau pour une même cause ? **La France savante (Actes des Congrès des Sociétés Historiques et Scientifiques)**, Paris, Édition électronique Du Cths, 2017. p. 1 - 9.

GUTIÉRREZ, R. O princípio do urbanismo na Argentina. Parte 1 – O aporte francês, **Arquitextos**, São Paulo, a. 8, n. 087.01, Vitruvius, ago. 2007. Disponível em

<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/216>>. Acesso em 24 jul.2014.

HALL, P. **Cidades do amanhã**: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX. São Paulo: Perspectiva, 1995.

HISTORIQUE DE LA SFU. <<http://www.urbaniste.com/notre-histoire/historique-de-la-sfu/>>. Acesso em: 24 jul. 2019.

HOBBSAWM, E. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOY terminarán las Conferencias del arquitecto Bardet. **El Nacional**, México, 27 out. 1949.

HOWARD, E. **Cidades-jardins de amanhã**. São Paulo: Hucitec, 1996. (Arte e vida Urbana). Tradução de: Marco Lagonegro.

HUGO, V. **Os Miseráveis**. [S.l.]: Book House, 2006.*E-book*.

HUXLEY, A. **Admirável Mundo Novo**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

INSTITUT International et Superieur d'Urbanisme Appliqué. **Institut International et Superieur d'Urbanisme Appliqué**. Paris: ISUA,1954.

INSTITUTO LUCE. < <https://www.archivioluce.com/>>. Acesso em 26 ago. 2015.

INSTITUTS SAINT-LUC. <<http://www.stluc-bruxelles.be/spip.php?article14>>. Acesso em: 21 mar.2019.

INSTITUTO SUPERIOR DE URBANISMO, TERRITORIO Y AMBIENTE. <<http://isufaduuba.com.ar/?p=29>>. Acesso em 10 maio 2019.

INSTITUT SUPÉRIEUR D'URBANISME ET DE RÉNOVATION URBAINE. < <https://www.isuru.be/>>. Acesso em 06 ago. 2015.

JACQUES, P. B.; PEREIRA, M. da S. (Org.). **Nebulosas do pensamento urbanístico**: tomo I – modos de pensar. Salvador: Edufba, 2018.

JOURNÉES DU MONT-DORE, le 10 à 14 avril 1943. Fonds Leuret, cx. AN45.

KUHL, Beatriz (Org.). **Gustavo Giovannoni, 1873-1947**: Textos escolhidos. Cotia: Atelier Editorial, 2013.

LA BLACHE, P V de. Les genres de vie dans la géographie humaine. **Annales de Géographie**, [s.l.], v. 20, n. 111, p.193-212, 1911. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.3406/geo.1911.7340>>. Acesso em 23 jul.2019.

LA CAMBRE. <<http://www.lacambre.be/fr/informations/histoire-de-l-ecole>>. Acesso em 23 abr.2019.

LA ESTRUCTURA urbana. **La Nation**. Buenos Aires, 08 set. 1948.

LAMAS, J.M. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2011.

L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. Paris, do n. 8, 1937 ao n.1, 1945. Bibliothèque de la Cité de l'architecture & du Patrimoine e BnF.

L'ARCHITECTURE FRANÇAISE. Paris, do n. 11, 1941 ao n.82, 1948. Bibliothèque de la Cité de l'architecture & du Patrimoine e BnF.

LA OPINIÓN de um arquitecto francés es la de que em Caracas no se deben hacer edificios mayores de ocho a diez pisos. **El Universal**, Caracas, 09 out. 1948.

LA PONENCIA de Gastón Bardet es causa de acalorada discusión. **El Norte**, Monterrey, 4 dez. 1956.

LA SERENA sera transformada em uma moderna ciudad jardin. **El diário ilustrado**, Santiago, 26 set. 1948.

LAS BODAS de plata de la Alliance Française. **El Diario**, Montevideo, 29 ago. 1948.

LA VIE URBAINE. Paris, Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris, do n. 8, 1932 ao n.24, 1934. Bibliothèque d'Hôtel de Ville.

L'ÉCOLE D'URBANISME DE PARIS. < <https://www.eup.fr/>>. Acesso em 6 ago.2015.

LE CORBUSIER comparado a Coca-cola. **Diário de Minas**, Belo Horizonte, 20 de mar. 1953.

LE CORBUSIER. **Maneira de pensar o urbanismo**. Mem-Martins: Ed. Europa América, 1977.

_____. **Precisões**: sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo. São Paulo: Cosac&Naify, 2004.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LE JURY de l'Exposition 1937 a atribué deux grand prix à un architecte vichyssois. **Tribune Republicaine**. Vichy, s/p, 5 dez. 1937.

LE MAÎTRE D'OEUVRE DE LA RECONSTRUCTION FRANÇAISE. Collection complète du 28 septembre 1945 au 7 février 1947. *Fonds Bardet*, cx. 072 e 073.

LE MAÎTRE D'OEUVRE: Revue française d'urbanisme. Paris, L'amicale de l'École Supérieur d'Architecture, do n. 39, jan. 1930, n. 43-44, mai-jun. 1930. Bibliothèque Poète et Sellier e BnF.

LEME, M. C. da S.. A circulação de ideias e práticas na formação do urbanismo no Brasil. In: Pontual, V; PICCOLO, R. (Org.). **Cidade, território e urbanismo**: um campo conceitual em construção. Olinda: CECI, 2009.

_____. (Org.). **Urbanismo no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel/ FAUUSP/ FUPAM, 1999.

LE MONDE SOUTERRAIN. Paris, GECUS, v. 13-14, jun. 1937. Bibliothèque Poète et Sellier.

LEPETIT, B. **Por uma nova história urbana/Bernard Lepetit**. São Paulo: Editora da USP, 2001.

LE ROUX, R. L'impossible constitution d'une théorie générale des machines? **Revue de Synthèse**, Springer Verlag/Lavoisier, 2009, v.130, n.1, p.5-36. Disponível: <<https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00478459/document>>. Acesso em 15 jun. 2019.

LES NOUVELLES DE L'ATELIER: ASUA. Relatório de atividades elaborado por Gaston Bardet. Paris, nov. 1939 - ago. 1940.

LIRA, J.T.C. **Warchavchik**: fraturas da vanguarda. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LODS, M. Attaques contre la Charte d'Athènes. **L'Architecture d'Aujourd'hui**, Paris: n. 15, nov. 1947. Bibliothèque de la Cité de l'architecture & du Patrimoine.

LOEW, M.R. Problème d'urbanisme par Gaston Bardet. **Revue Économie et Humanisme**, Marseille, n.1, p.154-156, avr-mai, 1942. Fonds Bardet, cx. 009.

MAGRI, S.; TOPALOV, C. De la cité-jardin à la ville rationalisée Un tournant du projet réformateur, 1905-1925: Etude comparative France, Grande-Bretagne, Italie, Etats-Unis. **Revue Française de Sociologie**, [s.l.], v. 28, n. 3, p.417-451, jul. 1987.

MANZIONE, L. **Déclinaisons de l' « urbanisme comme science »**. Discours et projets: Italie et France (1920-1940). Tese (Doutorado), Université Paris 8, Paris, 2006.

_____. Économie du lien et biopolitique. Gaston Bardet et l'urbanisme comme science sociale. **Espaces et sociétés**, nº 140-141, p. 193-213, 2010.

_____. Une généalogie du savoir disciplinaire: le modèle science dans la construction du discours des urbanistes dans la première moitié du XXe siècle. **Revue Lieux communs**, n. 14, p. 175-192, 2011.

MANZONI, C. Quelques mots de S.E.M. **La vie urbaine**. Paris, Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris, p. 3, 1930.

MARGUERITE LEFÈVRE: EEN ACADEMISCHE PIONIER. < <https://rosavzw.be/site/het-geheugen/portretten-van-inspirerende-vrouwen/wetenschap-en-techniek/150-marguerite-lefevre-een-academische-pionier>>. Acesso em 24 abr. 2018.

MARIO PANI, EL VISIONARIO DE LA PLANIFICACIÓN URBANÍSTICA DE CIUDAD DE MÉXICO. < https://elpais.com/internacional/2018/03/29/mexico/1522318696_100415.html>. Acesso em 16 mai. 2019.

MARQUES, A.L.L. Gaston Bardet e a formação de urbanistas em Belo Horizonte: embates e permanências. In: **Anais do XV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/xvshcu/83005-GASTON-BARDET-E-A-FORMACAO-DE-URBANISTAS-EM-BELO-HORIZONTE--EMBATES-E-PERMANENCIAS>>... Acesso em: 08 mar 2019.

M. BARDET, hablo em nuestra Facultad de Arquitectura. **La mañana**, Montevideo, 2 set. 1948.

MINISTÈRE de La Reconstruction et Urbanisme. **La construction, la reconstruction: un bilan**. Paris: Ministère de La Reconstruction Et Urbanisme, 1950.

MONERRIS, J.I.G. Frédéric Le Play y su círculo de reforma social. **Papers: revista de sociologia**, Barcelona, v. 1, n. 69, p.133-146, fev. 2003

MONTANER, J.; MUXÍ, Z. **Arquitetura e política: ensaio para mundos alternativos**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

MORE: Mecanismo online para referências, versão 2.0. Florianópolis: UFSC Rexlab, 2013. Disponível em: < <http://www.more.ufsc.br/> >. Acesso em: 10 ago. 2019.

MOREIRA, F. D. Arte e ciência na formação do urbanismo francês: a Beaux Arts e a Société Française d'Urbanisme. In PONCIONI, C; PONTUAL, V (Org.). **Un ingénieur du progrès: Louis-Léger Vauthier entre la France et le Brésil**. Paris: Michel Houdiard Éditeur, 2010.

_____. Alfred Agache e a nascente ciência urbanismo. In Enanparq, 2016, Porto Alegre. **Anais do IV Enanparq**. Porto Alegre: Propar / Ufrgs, 2016. p. 1 - 23. Disponível em: <<https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-4/SESSAO%2036/S36-03-MOREIRA,%20F.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

_____. **Shaping Cities, Building a Nation: Alfred Agache and the Dream of Modern Urbanism in Brazil, 1920-1950**. Ph.D. Diss., University of Pennsylvania, Philadelphia, 2004.

_____. Urbanismo e modernidade: reflexões em torno do Plano Agache para o Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [s.l.], v. 9, n. 2, p.95-114, 30 nov. 2007.

MONTE, L. A. D.S. **O engenheiro Antônio Bezerra Baltar: dossiê de formação profissional e contribuições ao urbanismo**. Recife: Relatório de Iniciação Científica, 2009.

MOREL, M. Reconstruire, Dirent-ils. – Discours et doctrines de l'urbanisme. **Cahiers de l'IHTP** - Images, discours et enjeux de la reconstructions de villes française après 1945, Paris, n.5, p. 13-49, jui., 1989.

MUÑOZ, A. **Roma di Mussolini**. Milano: Fratelli Trevis, 1935.

MUMFORD, L. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NOVAIS, F.A.; SILVA, R.F. (Org.). **Nova história em perspectiva volume 1**. São Paulo: Cosac&Naify, 2011.

NOVAIS, F.A.; SILVA, R.F. (Org.). **Nova história em perspectiva volume 2**. São Paulo: Cosac&Naify, 2013.

NOVICK, A. El Museo Social Argentino: La ciudad desde el campo. **Seminários de Crítica**, Buenos Aires, v. 1, n. 46, p.1-23, dez. 1993. Disponível em: <<http://www.iaa.fadu.uba.ar/publicaciones/critica/0046.pdf>>... Acesso em: : 17 jun. 2017.

PALESTRA de Annie Bardet para o curso de pós-graduação da FAU USP em outubro de 2013. Realização de FAU USP. Coordenação de Maria Cristina Leme Silva. São Paulo: Videofau, 2014. P&B. Disponível em: <<http://intermeios.fau.usp.br/midia/89297969>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

PANE, A. Atualidade de Gustavo Giovannoni. In: KUHL, Beatriz (Org.). **Gustavo Giovannoni, 1873-1947: Textos escolhidos**. Cotia: Atelier Editorial, 2013. p. 31-52.

PAQUOT, T. **Les faiseurs de villes**. Paris : Infolio, 2010.

_____. **L'urbanisme c'est notre affaire !** Nantes : L'Atalante, 2010.

PARIS: et la Région Capitale. Paris, do n. 1, mai. 1937 ao n. 3, sep. 1937. Bibliothèque Poète et Sellier.

PELETIER, D. **Économie et Humanisme: de l'utopie communautaire au combat pour le Tiers Monde – 1941-1966**. Paris: Les éditions du CERF, 1996.

PEREIRA, J.M. **Dilemas e confrontos entre o urbanismo modernista e a conservação urbana na cidade do Recife: o Plano de Gabaritos de 1965**. Trabalho de graduação (Arquitetura e Urbanismo), CAC/UFPE, Recife, 2009.

_____. **Admiráveis Insensatos: Ayrton Carvalho, Luís Saia e as práticas no campo da conservação no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbanos), MDU-UFPE, Recife, 2012.

PEREIRA, J.M.; PONTUAL, V. O pensamento moderno de Gaston Bardet: *Le nouvel urbanisme*. **Anais do XV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.

PEREIRA, J. M.; PONTUAL, V.; CABRAL, R.O urbanista por seus livros: possíveis leituras sobre a biblioteca de Antônio Baltar. **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, v. 6, n. 1, p. 166-189, 19 nov. 2014

PINHEIRO, E.P. **Europa, França e Bahia: difusão de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador)** [online] 2nd. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 25 mai.2019.

PINSKY, C.B. (Org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

PICARD, A.; BAUDUI, R. Potrait d'une école. l'Institut d'Urbanisme de Paris 1919-1989: 70 ans d'enseignement de l'urbanisme. **Urba**, Paris, nº 218, p.78-80,1988.

PLANOS URBANOS DO RIO DE JANEIRO: Plano Agache <<http://planourbano.rio.rj.gov.br>>. Acesso em 03 mai. 2019.

POËTE, M. L'ésprit de l'urbanisme français. **Architecture d'Aujourd'hui**, Paris, v. 3, n. 3, p.4-5, mar. 1939. [N. spécial: 20 ans d'urbanisme appliqué en France].

POËTE, M. **Introduction à l'urbanisme**. Paris : Sens & Tonka, 2000.

_____. **Paris, son évolution créatrice**. Paris: Vicent, Fréal Éditeurs, 1938.

PONTUAL, V. Gaston Bardet: um teórico do urbanismo. **Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Brasília: FAU UNB, 2014.

_____. **Louis-Joseph Lebreton na América Latina**: um exitoso laboratório de experiências em planejamento humanista. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

_____. O engenheiro Antônio Bezerra Baltar: prática urbanística, CEPUR e SAGMACS. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 151, mai 2011. Disponível em: <<http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/290>>. Acesso em: 02 ago. 2014.

_____. O Urbanismo Aplicado do mestre Gaston Bardet: conferências, cursos e instituições. **Urbana - Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade**, v.8, p. 89-110, 2016.

POUVREAU, B. **Un politique en architecture**: Eugène Claudius-Petit (1907-1989). Paris: Le Moniteur, 2004.

PROYETARÁ la modernización de La Serena el urbanista Gaston Bardet. **La Nation**, Santiago, 24 set. 1948.

QUINTELLA, I. A concepção da forma urbana na escola francesa de urbanismo: rupturas e continuidades. In: VIII Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo, 2016, BARCELONA/ ESPANHA. **ANAIS DO VIII Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo**, 2016.

RECEPCIÓN en honor del señor Bardet, Urbanista Francés. **Excelsior**, México, 30 out. 1949.

RIBEIRO, E. S. Bergson, e a intuição como método na filosofia. **Kínesis**, n. 9, p. 94-108, jul. 2013. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/eduardoribeiro.pdf>>. Acesso em 18 mar. 2017.

RIGOTTI, A. M. Un francés en las pampas. Los viajes a America de Gaston Bardet. **Revista A&P**, Facultad de Arquitectura, Planeamiento y Diseño de la Universidad Nacional de Rosario, nº 15, p. 8-17, jul. 2001.

ROCHA, A. G. V. **As noções de pessoa e vida pessoal em Emmanuel Mounier**: Fundamentos de sua proposta de sociabilidade e de sua crítica ao processo de despersonalização. 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia), ICA/UFC, Fortaleza, 2011.

ROJAS, L.G.D Patrick Geddes: Geografía y urbanismo em el marco de la planificación regional. **ARKA – Revista de Arquitectura**, Bogotá, v.3, p.116-125, ene-dic, 2012.

ROLDAN, D. D. **Um ideário urbano em desenvolvimento: A experiência de Louis-Joseph Lebreton em São Paulo de 1947 a 1958.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) FAU/USP, São Paulo, 2012.

SEBILLE, G. Roma de Mussolini. **L'Architecture d'Aujourd'hui.** Paris, mars 1937. Fonds Bardet, cx. 19.

SECCHI, B. **Première lesson d'urbanisme.** Marseille: Éditions Parenthèses, 2000.

SFU. **Status nº 1**, le 19 mai 1920. BnF.

SFU. 100 ans d'urbanisme : 1911 – 2011. Panneaux de l'expo itinérante de la SFU, 2011. Disponível em < <http://www.urbaniste.com/notre-histoire/lexpo-itinerante-de-la-sfu/>>. Acesso em 24 mai.2016.

SILVA, A. O impulso vital enquanto princípio explicativo da evolução no pensamento bergsoniano. In: **Existência e Arte - Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei .**Ano 2, n. 2, jan. dez. 2006.

SIMÕES Jr., J. G. Town Planning Conference, Londres, 1910. Intercâmbios internacionais nos primórdios do urbanismo moderno e seus reflexos no Brasil. **Arquitextos**, São Paulo, ano 15, n. 170.01, Vitruvius, jul. 2014. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.170/5272>>. Acesso em: 17.06.17.

SITTE, C. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos.** São Paulo: Ed. Ática, 1992.

SIXIÈME SALON DES URBANISTES. Álbum de fotografias dos trabalhos expostos pelos alunos do ASUA. Paris, 1939.

SOY enemigo de los rascacielos en Santiago”, disse urbanista francês. **La Nation**, Santiago, 23 set. 1948.

STERKEN, S.; WEYNS, E. Urban Planning and Christian Revival. The Institut supérieur d'urbanisme appliqué in Brussels under Gaston Bardet (1947-1973) In MORAVÁNSZKY, A; HOPFENGÄRTNER, J. (Org.). **Re-humanizing Architecture: New Forms of Community, 1950-1970.** Basel: Birkhäuser, 2016, p. 89 - 100.

SWARCHZ, L.M. **Lima Barreto: triste visionário.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TERMINO do curso de urbanismo. **O Diário**, Belo Horizonte, 1 jul. 1953.

TOPALOV, C. et al (Org.). **A aventura das palavras da cidade, através dos tempos, das línguas e das sociedades.** São Paulo: Romano Guerra, 2014.

TOPALOV, C. Da questão social aos problemas urbanos: os reformadores e a população das metrópoles em princípios do século XX. In: RIBEIRO, L.C. de Q.; PECHMAN, R. (Org.). **Cidade, povo e nação: Gênese do urbanismo moderno.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

UN FRANÇAIS lauréat de l'Institut d'Urbanisme. **Les Débats**. Paris, s/p., 08 jul. 1932.

UNWIN, R. **L'étude pratique de plans de villes**. Paris: Infolio, 2012.

URBANISTA francês califica de muy favorable a su mejor desarrollo el povenir urbanístico de nuestra capital. **La esfera**, Caracas, 9 out. 1948.

URBANISTA francês Gastón Bardet dará conferencia en U. de Chile. **La Hora**, Santiago, 21 set. 1948.

VAGO, P. Sabaudia. **Architecture d'aujourd'hui**. Paris, p. 16-30, 1934.

_____. Le développement urbain en Italie et la lutte contre l'urbanisation. **La vie urbaine**. Paris, p. 216-224, 1930. Bibliothèque d'Hôtel de Ville

VEIO organizar um curso de intensivo de urbanismo. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 13 mar. 1953.

VEYNE, P. **Foucault: o pensamento, a pessoa**. Lisboa: Edições Textos & Grafia, 2009.

VOLDMAN, D. Les enjeux de la reconstruction. In: **Cahiers de l'IHTP**. Images, discours et enjeux de la reconstructions de villes française après 1945, Paris, n.5, 1989.

_____. Reconstruire pour construire ou de la nécessité de naître en l'an 40. **Les Annales de La Recherche Urbaine**, [s.l.], v. 21, n. 1, p.67-84, 1984, p.68. Disponível em <www.persee.fr/doc/aru_0180-930x_1984_num_21_1_1131>. Acesso em: 21.08.2017.

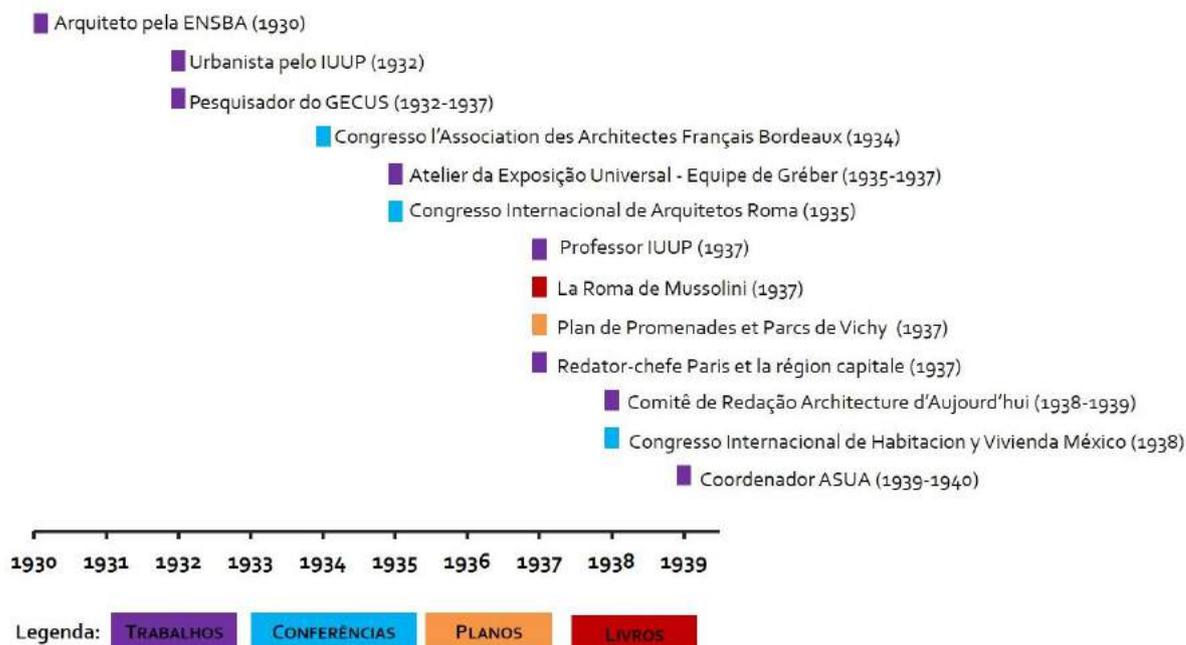
Xavier, L. Marcel Malcor, Au delà du machinisme (compte-rendu). **Revue néo-scolastique de philosophie**, n.58, p.327. Disponível: <http://www.persee.fr/doc/phlou_0776-555x_1938_num_41_58_3900_t1_0327_0000_2>. Acesso em 25 jul. 2017

WAISSE, S.; AMARAL, M.T. C. G. do; ALFONSO-GOLDFARB, A. M. Raízes do vitalismo francês: Bordeu e Barthez, entre Paris e Montpellier. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v.18, n.3, p.625-640, jul.-set. 2011. .

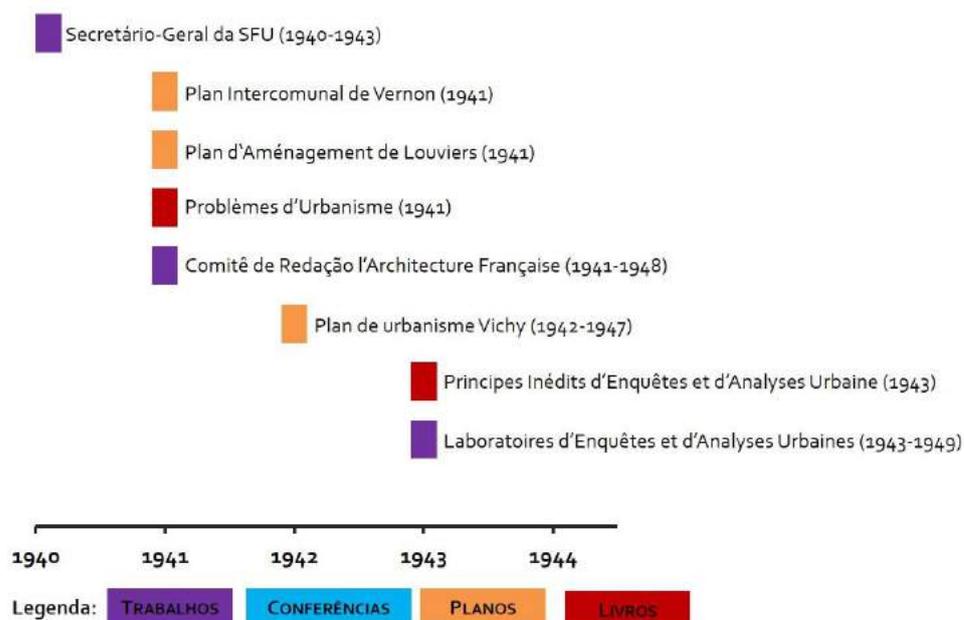
WELTER, V.M. **Biopolis: Patrick Geddes and the city of life**. Cambridge: MIT, 2002.

APÊNDICE A – CRONOLOGIA GASTON BARDET

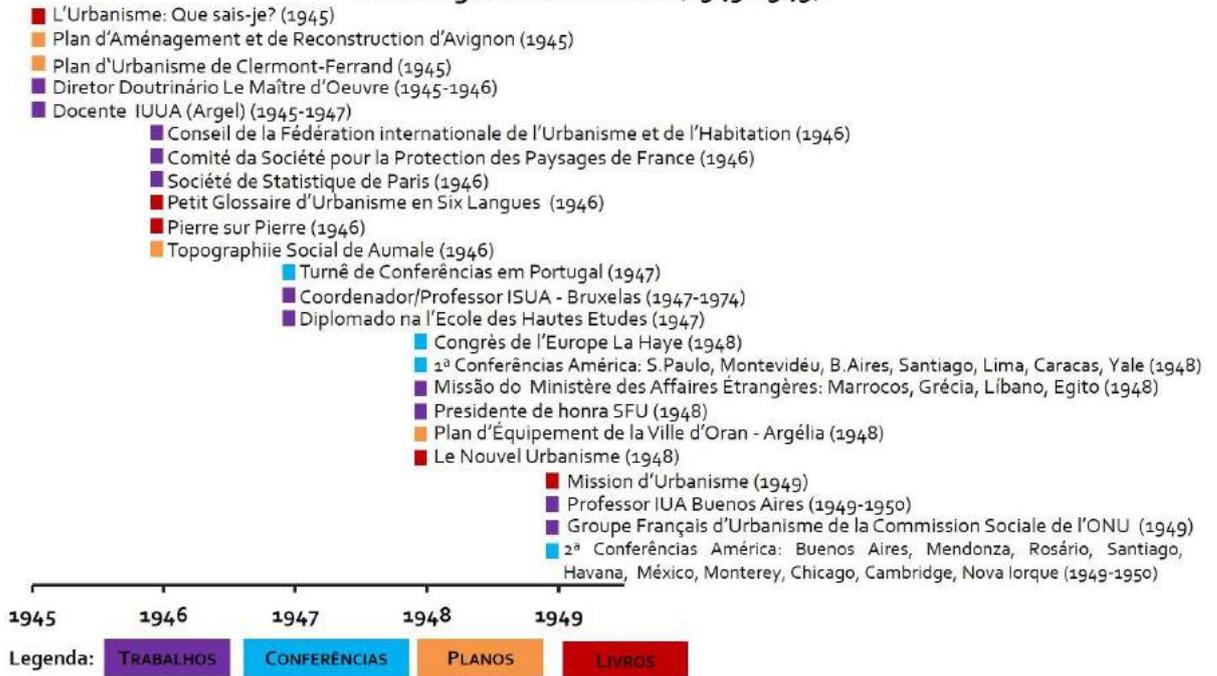
Cronologia Gaston Bardet (1930-1939)



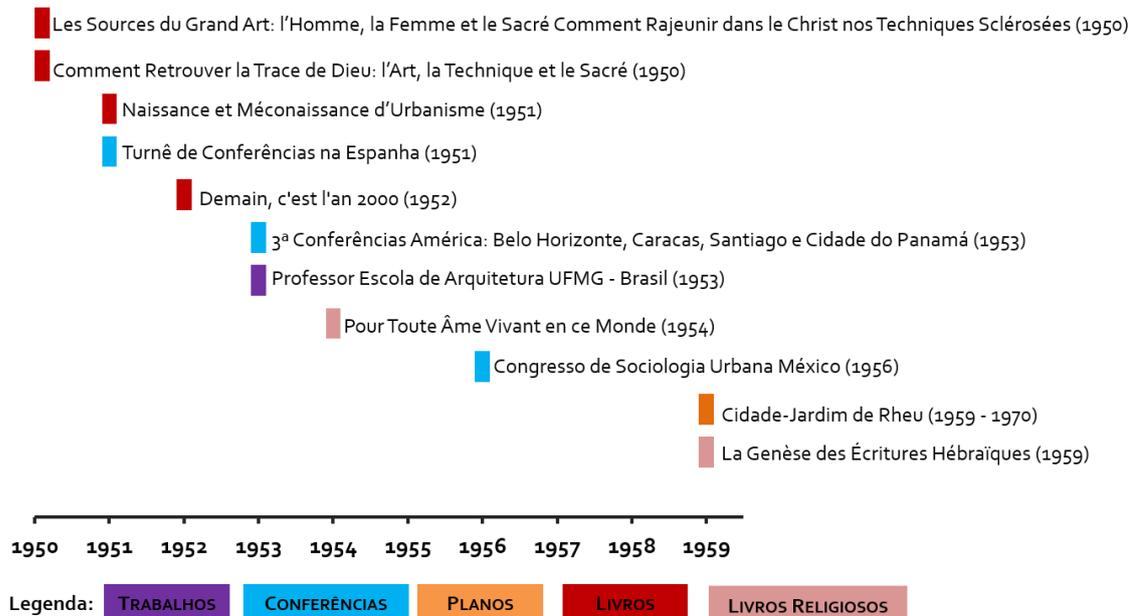
Cronologia Gaston Bardet (1940-1944)



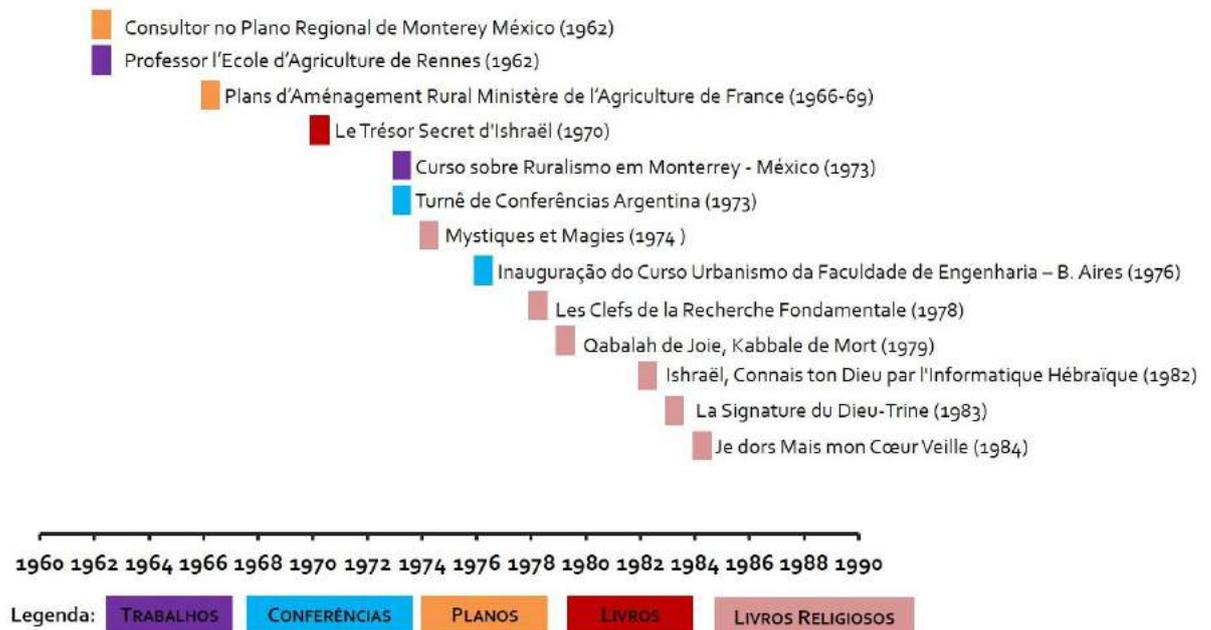
Cronologia Gaston Bardet (1945-1949)



Cronologia Gaston Bardet (1950-1959)



Cronologia Gaston Bardet (1960-1989)



ANEXO A – TESES DEFENDIDAS NO IUUP (1921-1945)

Cote	Auteur	Titre	Président du Jury	Date d'édition
1 (4)	MALETTE, Gustave, (Marie-Joseph).	Étude sur l'histoire et l'évolution du canton de Pantin, 2 vol.. 1er vol.	Inconnu	1921
1(4)(2/2)	MALETTE, Gustave, (Marie-Joseph).	Étude sur l'histoire et l'évolution du canton de Pantin, 2 vol.. 2eme vol.	Inconnu	1921
1 (5)	LEVY, Pauline.	Évolution d'une partie du Grand Paris, dite la Presqu'île de Gennevilliers	Inconnu	1921
1 (3)	KIEFFER, Georges (Paul, Marie).	Avant-projet d'extension de la ville de Dugny.	Inconnu	1921
1 (2)	DAVERTON, Adolphe (Jules, Albert).	Mémoire sur le personnel ouvrier du Service des Egouts.	HERMANN	1922
1	GERARD, Jules.	Meudon, étude d'évolution urbaine, mai 1923.	POETE	1923
2	FOURCAULT, Léon (Didier) .	L'Électrification de la région parisienne. (2 exemplaires)	SENTENAC	1924
3	ROYER, Jean (Louis, Victor).	Libourne, son passé, son état actuel, son avenir.	POETE	1924
4	WILLERVAL, Pierre (Emile).	Des modifications à apporter dans l'organisation légale des municipalités pour obtenir un meilleur fonctionnement de celles-ci, notamment au point de vue financier.	Inconnu	1924
5	CURTET, Albert (Louis).	L'Évolution des villes en Savoie : Alberville.	POETE	1925
6 bis	CLAUZIER, Maurice (Paul).	La Cité-jardin (Gizzy-jardin) d'un port d'aérobuse de la Métropole Urbs.	POETE	1925
6 ter	BURNAP, Georges.	Du Rôle des parcs dans l'aménagement des villes.	Inconnu	1925
6	DEPAULE, Camille (Paul).	Les Sociétés d'habitations à bon marché et l'urbanisme, 2 vol. 1er vol.	OUALID	1925
6	DEPAULE, Camille (Paul).	Les Sociétés d'habitations à bon marché et l'urbanisme, 2 vol. 2eme vol.	OUALID	1925
7	LIANG, Weiss.	La Vie urbaine dans une cité chinoise : Canton.	FUSTER	1925
10	GERARD, Michel (Léon, Denis).	Participation du personnel à la gestion des cités-jardins de la Compagnie des Chemins de Fer du Nord.	JEZE	1926
11	GIOT, Léon (Louis, François).	Essai d'étude sur l'avenir de la région parisienne L'urbanisation et les transports.	GRÉBER	1926
12	LEYMARIE née BLANCHARD, Berthe, Germaine.	Organisation sociale des cités jardins du Grand Paris.	Inconnu	1926
8	BAUDEL, Ernest (Pierre, Joseph).	Une évolution de ville : Cahors en Quercy. 2vol. 1er vol.	POETE	1926
8	BAUDEL, Ernest (Pierre, Joseph).	Une évolution de ville : Cahors en Quercy. 2vol. 2eme vol.	POETE	1926
9	BERNARD, Paul.	Les Solutions modernes du problème des ordures ménagères, leurs applications en France.	SENTENAC	1926
13	PINEAU, Louis Georges.	La circulation à Paris.	PROST	1927
14	LE MOAL, Jean Marie.	L'Hygiène des villes, de l'incinération des ordures ménagères dans les villes et particulièrement à Paris.	SENTENAC	1927
15	DESCOUTURES, Jean.	Aménagement et extension d'une station thermale du bassin de Vichy : Bellerive-sur-Allier, 2 vol.	GRÉBER	1927
16	BRUEL, André (Emile, Louis).	Enquête comparative des différents modes d'exploitation des services d'enlèvement d'ordures ménagères dans la région parisienne.	OUALID	1927
17	POPESCO, Traian.	Évolution urbaine de la ville de Bucarest.	BONNIER	1927
18	PREMONT, Fernand.	L'Évolution de Fontainebleau.	POETE	1927
19	BONNAUD, Antoinette.	Contribution à l'étude de l'évolution de Clermont-Ferrand depuis les origines jusqu'à la fin de l'Ancien Régime.	POETE	1927
20	MIHAESCO, Constantin.	Evolution, aménagement et extension de la ville de Buzeau, chef-lieu du département de Buzeau en Roumanie.	BONNIER	1927
21	SALABERT, Maurice (Alexandre). POETE.	Nogent-sur-Marne, étude et évolution d'une commune de la région de la banlieue parisienne.		1927
22	TCHANG-YEH, Yeh.	Étude sur la population et la question des villes en Chine.	FUSTER	1927
22	TCHANG-YEH, Yeh.	Étude sur la population et la question des villes en Chine.	FUSTER	1927
23	PAOLERA DELLA, Carlos.	Contribution à l'étude d'un plan d'aménagement, d'embellissement et d'extension de Buenos Aires, Etude sur l'évolution de la ville.	POETE	1928
24	BLOND, André-Charles-Emile).	L'Esthétique et l'hygiène dans l'habitation et la cité d'habitations populaires.	BONNIER	1928
26	MAKAWI, Mohamed-Hassaneire.	Aménagement et extension du Caire 3 vol. 1er vol.	BONNIER	1928
26	MAKAWI, Mohamed-Hassaneire.	Aménagement et extension du Caire 3 vol. 2eme vol.	BONNIER	1928
26	MAKAWI, Mohamed-Hassaneire.	Aménagement et extension du Caire 3 vol. 3eme vol.	BONNIER	1928
27	HEMPEL, Alexandre.	Constzantz, Etude d'évolution et avant-projet d'aménagement et d'extension.	POETE	1928
28	STEINBERG, Moshé.	Éclairage de la ville d'Ismaïlia (Egypte) en relation avec sa formation.	SENTENAC	1928
29	DONNÉ, Achille-Jean.	De l'évolution de l'industrie métallurgique et des faits de population et d'urbanisation qui en découlent	FUSTER	1928

Cote	Auteur	Titre	Président du Jury	Date d'édition
30	PUGET, Raoul-Louis.	Du pressant besoin d'une cité jardin pour les classes moyennes Sa réalisation envisagée sur les communes de Domont, Ecouen, Piscop, et Saint-Brice-sous-Forêt, L'urbanisation, d'une grande partie du canton d'Ecouen pour la création d'une cité-satellite de Paris.	FUSTER	1928
31	SZWIF, Michel.	Les Habitations à bon marché de la ville de Vienne.	OUALID	1928
32	YI, Tchang.	Évolution de la ville de Canton	POETE	1928
34	ZAMPHIROPOL, Alexandre.	Une cité du pétrole.	BRUGGEMAN	1928
35	MOUKHTAR, Ahmed.	Évolution de la ville du Caire, 2 vol. 1er vol.	POETE	1929
35	MOUKHTAR, Ahmed.	Évolution de la ville du Caire, 2 vol. 2eme vol.	POETE	1929
36	PARDIES, Jean.	Essai sur l'évolution d'une ville de banlieue immédiate de Paris : Clichy-la-Garenne.	POETE	1929
37	MALVARDI, Aimé (Auguste).	De l'opportunité de retirer aux maires le droit de nomination des secrétaires de mairie.	JEZE	1929
38	HORNSTEIN, Paul.	Quelques directives sur l'aménagement et extension de la ville de Ploesti, Roumanie.	BONNIER	1929
39	RADOVANOVIČ, Mihaïlo.	Évolution, aménagement et extension de la ville de Zenoun, Semlin, Zimony, Yougoslavie, 2 vol.	BONNIER	1929
40	BOUILLOT, Geneviève (Jeanne).	De l'intervention des pouvoirs locaux dans la protection sanitaire de l'enfant à l'école.	FUSTER	1930
41	TELEMAQUE, Jean, Baptiste, Marie, Lionel.	Le Problème du Sewage.	SENTENAC	1930
42	IONESCO, Nicolas.	Projet de mémoire concernant la cité ouvrière de l'usine d'avions de Brasow, Roumanie.	BONNIER	1930
43	POPOVIČ, Dragomir.	Les Habitations à bon marché de la ville de Belgrade.	BONNIER	1930
44	PROQUITTE, Henri Jules.	L'Évolution contemporaine de Vitry-sur-Seine.	POETE	1930
45	VIGNIER, Pierre.	Les Lotissements en Seine-et-Marne, Contribution à l'étude de la banlieue parisienne, 2 vol.	FUSTER	1930
46	SARRE, Raoul Edmond.	Projet d'aménagement, d'embellissement et d'extension d'une petite agglomération provençale : Les Arcs, Var.	BONNIER	1930
47	TONEFF, Lubain.	Ville de Varna, principal port de la Bulgarie à la mer Noire, Étude de son état actuel expliqué par le passé, son aménagement, embellissement et extension.	POETE	1930
48	YOVANOVIČ, Dragolioub.	La Formation et l'évolution de Belgrade.	POETE	1930
49	YAN, Zock Ming.	L'Organisation sociale de Nankin, Chine.	POETE	1930
50	CORREA LIMA, Attlio.	Avant-projet d'aménagement et d'extension de la ville de Niteroi.	PROST	1930
51	BISSON Geo	Mémoire sur les lotissements dans la région parisienne, 2 vol. 1er vol.	BONNIER	1930
51	BISSON Geo	Mémoire sur les lotissements dans la région parisienne, 2 vol. 2eme vol.	BONNIER	1930
52	MARTINEZ, Carlos.	Contribution à une étude sur l'urbanisation de Bogota, Colombie.	POETE	1930
53	REYEZ GAMBOA, Severo.	Projet de cité industrielle à Cali, Colombie.	BRUGGEMAN	1930
54	REGENSTREIF, Jules.	Urbanisme et tuberculose, Contribution à l'étude de l'hygiène de l'habitation.	BONNIER	1930
55	UZIEL, Victor.	Thèse sur les principales régies municipales dans la ville de Grenoble.	OUALID	1930
56	MABEREAU, Paul (Emile).	Étude d'aménagement d'une station balnéaire à la Tremblade.	GRÉBER	1930
57	ROBERT, Pierre (Charles, Jacques).	Étude d'une cité-jardin à Bièvres, Seine-et-Oise.	PROST	1930
58	VELASCO, Ernando.	Projet de station balnéaire à Punta-Basan, Colombie.	BONNIER	1930
59	ZAOUÉ, Balaineh.	Contribution au développement économique de l'Ethiopie par l'organisation rationnelle du tourisme cynégétique.	OUALID	1931
60	CLEMENT, Jules (Léon, Joseph, Alphonse).	Projet d'aménagement, de relèvement et de mise en valeur de la cité thermale de Spa.	BRUGGEMAN	1931
61	COHEN, Arie.	Aménagement et extension de Tibériade, station thermale en Palestine.	PROST	1931
62	CORBIE, Guy.	Senlis, évolution, aménagement, extension.	BONNIER	1931
63	JALBEAU, Louis.	Mémoire sur l'évolution et l'aménagement de la ville de Soissons.	POETE	1931
64	KROLIKOWSKI, Waclaw.	Quelques solutions concernant le plan d'aménagement et d'extension de la ville de Varsovie.	BONNIER	1931
65	MOITY-BIZARY, Renée.	Évolution urbaine de Vichy.	POETE	1931
66	RAYMOND, Jean.	Station balnéaire Agadir-Plage, Côte occidentale du Maroc.	GRÉBER	1931
67	SANCHEZ, Manuel.	Urbanisation et assainissement du port de La Dorada, Colombie. 2 vol. 1er vol.	BONNIER	1931
67	SANCHEZ, Manuel.	Urbanisation et assainissement du port de La Dorada, Colombie. 2 vol. 2eme vol.	BONNIER	1931
68	TLOMAKOWSKI, Janusz.	Évolution et projet d'aménagement de la ville de Vilno.	POETE	1931
69	VAN LIS, Arie.	Certains aspects de l'étude de la ville de Rotterdam. 2 vol. 1er vol.	GRÉBER	1931
69	VAN LIS, Arie.	Certains aspects de l'étude de la ville de Rotterdam. 2 vol. 2eme vol.	GRÉBER	1931
70 bis	MENASCHÉ, Moïse.	Plan d'Aménagement, d'Embellissement et d'Extension de Mahallat el Kobra, principale cité industrielle de l'Egypte.	POETE	1932
70	BARDET, Gaston (Alexis).	La Rome de Mussolini, Contribution à l'étude du plan régulateur.	POETE	1932
71	BASALO, Louis (Marie, Bernard).	L'Urbanisme et la défense des intérêts touristiques de la côte Santonne.	BONNIER	1932

Cote	Auteur	Titre	Président du Jury	Date d'édition
72	BERSON, Claude (Eugène, Joseph).	Étude sur l'œuvre de l'office public des habitations de la ville de Paris.	FUSTER	1932
73	BORISSOF, Nicolas.	Étude sur l'histoire du self-government urbain en Russie.	ROLLAND	1932
74	CHANG, Hsiung.	L'Évolution de la ville de Péking.	POETE	1932
75	GOGOBERIDZÉ, Jean.	Le Ravitaillement municipal pendant la guerre en France et particulièrement à Paris.	FUSTER	1932
76	HUANG, Yueh, Bong.	L'Évolution de la ville de Nankin.	POETE	1932
77	MESTRALLET, Raymond, Edouard.	Essai sur la décongestion du département de la Seine et l'amélioration des conditions de vie de sa population laborieuse.	BONNIER	1932
79	RICHARD, Jean (Edouard, Louis).	Une ville frontière en période de crise, Pontarlier 1900/1930.	FUSTER	1932
80	RIMASSON, Léon.	Le Problème de la circulation à Paris.	GRÉBER	1932
81	WU, Sung Ching.	Évolution de la ville de Shanghai.	POETE	1932
83	LAVIGNE, Albert (Imbert).	Mémoire sur la ville d'Alfortville.	FUSTER	1933
84	HÁRING, Tibériu.	Les Zones de Temesvar, Contribution à l'étude d'un plan d'aménagement et de concentration de la ville de Temesvar [Timisiora].	GRÉBER	1933
85	NEVEU, Léon (Paul).	Anvers, Son passé, Son avenir.	PROST	1933
86	BEAUSOLEIL, Gilbert, Laurent, Emilien.	Évolution historique, économique et sociale de Choisy-le-Roi.	FUSTER	1934
87	CARON, André (Jean, Eugène).	L'Évolution de Melun.	POETE	1934
88	CRASTE, Léo (Eugène).	Un nouvel Hanoï.	BONNIER	1934
89	DIXMIER, Jean (Auguste).	Plan d'aménagement, d'extension et d'embellissement de la ville d'Angers.	PROST	1934
90	DUBOIS, Hubert (Frédéric, Jean-Baptiste).	Perfectionnement, principes et procédés modernes d'utilisation et de traitement des résidus urbains.	SENTENAC	1934
91	HUMERES-SOLAR, Roberto.	Évolution de la ville de Santiago du Chili.	POETE	1934
92	KOPP, Marcel (Joseph).	L'Évolution de Laon.	POETE	1934
93	MARTINOT, Paulette.	Évolution de Roye.	POETE	1934
94	MICHALITSIANOS, Georges.	Vouliaghmeni, cité balnéaire et thermale.	PROST	1934
95	SHAFEY, Hussein.	Une cité industrielle en plein désert.	BONNIER	1934
96	GLORY, Maurice (François).	Mémoire sur la ville de Saint-Cloud. 2 vol. 1er vol	POETE	1934
96	GLORY, Maurice (François).	Mémoire sur la ville de Saint-Cloud. 2 vol. 2eme vol	POETE	1934
97	MULLER, Marcel (David).	Étude sur l'aménagement de la ville de Neuchâtel en Suisse.	BONNIER	1934
98	BEAUVAIS, André-Jean.	Lisieux, Son passé, son état actuel, son avenir Étude sur l'évolution, l'aménagement, l'embellissement et l'extension.	BONNIER	1934
99	BOULANGER, Pierre-Marcel.	L'Industrialisation rouennaise. Contribution à l'étude des effets de la décentralisation urbaine sur la population et ses conditions de vie.	FUSTER	
100	ESTRADA, Ernesto.	Considérations sur l'esthétique dans les voies publiques	GRÉBER	1935
101	GAVORET, Eugène (Maurice).	L'Organisation de l'Assistance Publique à Boulogne-Billancourt. Projet d'institution d'un service social municipal.	JEZE	1935
102	GONDOLO, Jean (Ferdinand, Jules).	Calais, Ville malade, Évolution, crise, avenir, contribution à l'étude de son plan d'extension.	BONNIER	1935
103	LEBRETON, Jean (Bernard, Marie-Joseph).	L'Habitation ouvrière au Mans.	PROST	1935
104	PETRESCO, Jacob, Stefan.	Exposé des motifs du projet d'aménagement et d'extension de la ville d'Anvers et ses environs.	PROST	1935
105	RAMEAU, Emile.	Urbanisme de la région de Corbeil-Essonnes. 2 vol. 1er vol.	PROST	1935
105	RAMEAU, Emile.	Urbanisme de la région de Corbeil-Essonnes. 2 vol. 2eme vol.	PROST	1935
106	VAJDA, Zoetan.	L'Évolution contemporaine d'Ivry-sur-Seine.	POETE	1935
107	ADAM, Alexandre.	La Question de l'habitation et son influence sur l'urbanisme.	SELLIER	1935
108	BAHRMANN, Henri (Auguste).	L'Urbanisme et la Défense du pays. 2 vol. 1er vol.	BONNIER	1935
108	BAHRMANN, Henri (Auguste).	L'Urbanisme et la Défense du pays. 2 vol. 2eme vol.	BONNIER	1935
109	COHEN, Jacques.	Évolution de Salonique, Son passé, son état actuel, son avenir.	POETE	1935
110	DUMAGEN, Lucien (Hubert).	Contribution à l'étude et l'évolution du XVIème arrondissement de Paris. 2 vol. 1er vol.	POETE	1935
110	DUMAGEN, Lucien (Hubert).	Contribution à l'étude et l'évolution du XVIème arrondissement de Paris. 2 vol. 1er vol.	POETE	1935
111	FRANCHETTE, Paul (Emmanuel).	Le Bois de Vincennes, son château et leurs environs.	BONNIER	1935
112	GUTTON, André (Henry, Georges).	Le Rôle du département de Seine-et-Oise dans l'aménagement de la région parisienne. 2 vol. 1er vol	PROST	1935
112	GUTTON, André (Henry, Georges).	Le Rôle du département de Seine-et-Oise dans l'aménagement de la région parisienne. 2 vol. 2eme vol	PROST	1935
113	PHILIPPE Mme, Simone, Laure, Louise.	Ville d'Angers. Son plan d'aménagement, d'embellissement et d'extension.	BONNIER	1935
114	DERRE, Hippolyte (Maurice).	Les Taudis à Paris du point de vue de l'hygiène de l'habitation.	BONNIER	1935
115	BOUCHARDY, Jacques (Annet, Hippolyte).	Évolution et aménagement de la région du Touquet-Berck. 2 vol. 1er vol.	BONNIER	1935
115	BOUCHARDY, Jacques (Annet, Hippolyte).	Évolution et aménagement de la région du Touquet-Berck. 2 vol. 2eme vol.	BONNIER	1935
116	CHIHAB EL DINE, Seddik.	Millénaire de la mosquée, Université d'El Azhar. Travaux d'urbanisme en cette occasion.	POETE	1936
117	GRENIER, Pierre (Louis).	Le Chômage et sa législation.	JEZE	1936

Cote	Auteur	Titre	Président du Jury	Date d'édition
118	LEVIN, Ezra.	De l'habitation individuelle à l'habitation collective.	SELLIER	1936
119	LUCAS, Albert (Sylvain, Charles).	Cité satellite créée à l'occasion de l'exposition internationale de 1ère classe.	PROST	1936
120	NEFF, Robert (Jules, André).	Aulnay-sous-Bois, Son évolution, sa situation actuelle.	POETE	1936
121	PERROT, Louis (André).	Le Municipalisme belge.	OUALID	1936
122	BUGES, Maurice (Pierre).	L'Essor urbain de Toulouse au XXe siècle. 2 vol. 1er vol.	POETE	1936
122	BUGES, Maurice (Pierre).	L'Essor urbain de Toulouse au XXe siècle. 2 vol. 2eme vol.	POETE	1936
123	CAZES, Charles (Célestin).	La Réorganisation des transports publics dans la région parisienne.	SELLIER	1936
125	HANCE, Joseph (Henri, Emile).	Évolution et aménagement de Vitry-le-François.	BONNIER	1936
126	LEDENT, Alfred.	Esquisse de l'urbanisation d'une capitale Bruxelles. Son passé, son avenir.	BONNIER	1936
127	MEYER-HEINE, Georges.	Urbanisme et esthétique, essai pratique de réglementation d'aspect.	BONNIER	1936
128	ROUX, Marcel.	Protection de la terrasse de Saint-Germain-en-Laye et des berges de la Seine. 2 vol. 1er vol.	PROST	1936
128	ROUX, Marcel.	Protection de la terrasse de Saint-Germain-en-Laye et des berges de la Seine. 2 vol. 2eme vol.	PROST	1936
129	PORCHER, Jacques.	Persan-Beaumont, Son évolution urbaine dans le passé et l'avenir.	BONNIER	1936
130	WANG, Chun, Jen.	La Politique foncière urbaine et l'urbanisme. 2 vol. 1er vol.	OUALID	1936
130	WANG, Chun, Jen.	La Politique foncière urbaine et l'urbanisme. 2 vol. 2eme vol.	OUALID	1936
131	BIGAULT DE CASANOVE, Jean de (Charles, René).	Le Soleil dans la cité.	BONNIER	1936
133	LAGUNA ROSALES, Benito.	La Ville de Mexico, Son évolution, la ville de nos jours et son avenir.	POETE	1937
134	LECOMPTÉ, Georges (Gérard).	Belle-Ile-en-Mer, Essai d'urbanisation intégrale.	SEBILLE	1937
135	LEON, Robert (Jacob).	Bordeaux, Origine, Évolution, Avenir.	BONNIER	1937
136	SOCARD, Tony (Paul, Louis).	La Beauté des villes.	POETE	1937
137	TAMIR, Mordechai.	La Mer Morte et une ville à son bord.	BONNIER	1937
138	BREIT, Maurice (Anthelme, Ferdinand).	Saint-Brieuc, son évolution, sa situation économique et sociale.	POETE	1937
139	LAZARD, Roland.	Contribution à la réglementation des lotissements en France.	OUALID	1937
140	PETOT, Henri (François).	Aménagement et assainissement des villages en liaison avec les villes. Le rôle de l'aviation dans cette liaison, essais sur Paris.	BONNIER	1937
141	SABATOU, Jean, Paul, Joseph.	Un centre de sports de montagne pour la jeunesse laborieuse. 2 vol. 1er vol.	BONNIER	1937
141	SABATOU, Jean, Paul, Joseph.	Un centre de sports de montagne pour la jeunesse laborieuse. 2 vol. 2eme vol.	BONNIER	1937
142	ZAIMMANN, Maurice.	La Commune de Genck, centre industriel (charbonnages).	BONNIER	1937
143	BALZANO, Fernand-Louis.	Issy-les-Moulineaux, étude d'évolution urbaine.	BONNIER	1937
144	LAUGA, Pierre (Henri, Félix).	L'Aviation, nouvelle donnée urbaine.	SEBILLE	1938
145	MEFANO, Simanto.	Yambol, Ville thermale.	GRÉBER	1938
146	BADIE, Nasser.	Hygiène des villes en Iran.	SELLIER	1938
147	BRICET, André.	L'Enceinte et la zone de Paris.	SELLIER	1938
148	LAU, Ain-Heung.	L'Évolution routière de la Chine et les routes autostrades.	OUALID	1938
149	PINTO, Vita.	L'Évolution de Antioche, son passé, son état actuel, son avenir.	POETE	1938
150	BARDY, Germaine (Berthe, Hélène).	Le Service social dans les HBM et notamment à l'office public d'HBM du département de la Seine.	PICARD	1938
151	DONIÉS, Jacques.	Saint-Ouen-sur-Seine, étude d'évolution urbaine.	LAVEDAN	1938
152	HARDEL, Jean (Maurice, François).	Saint-Germain-en-Laye et les communes qui l'environnent.	PROST	1939
153	JAO, Houa-Son.	La Police locale en Chine.	ROLLAND	1939
154	MOREIRA DA SILVA, David.	Les Villes qui meurent sans se dépeupler.	SEBILLE	1939
155	REGENSTREIF née BARDY, Hélène, Rose, Blanche.	L'Inspection médicale scolaire, ses prolongements samaritains, prophylactiques et pédagogiques, l'expérience de Suresnes.	PICARD	1939
156	ROBQUIN, Robert (Virgile).	Un projet d'aménagement intercommunal Lagny, Pomponne, Thorigny, Saint-Thibault, Montevrain, Chessy et Chalifert en application d'un projet régional (Région parisienne).	REMAURY	1939
157	SAINT-PRIX, Raoul (Robert).	L'Évolution des conditions de vie et de travail des ouvriers (agricoles et industriels) à la Martinique de 1635 à nos jours.	PICARD	1939
158	SERBESOFF, Dimo.	Pleven, Bulgarie, Son passé, état actuel expliqué par le passé, son aménagement, embellissement et extension future.	SEBILLE	1939
159	TWARKOWSKI, Jan.	Une ville moderne créée par immigration, Tel Aviv.	REMAURY	1939
160	BOULFROY Mlle, Jeanne, Andrée-Auguste.	Le Problème de la ville moderne : la cité jardin.	DE GROER	1939
161	COUPLÉ, Henri.	L'Organisation et les besoins des services publics de l'enseignement du 1er degré dans le département de la Seine.	SELLIER	1939
162	KARMAN, Marcel (Germain).	Montreuil-sous-Bois, Étude d'évolution urbaine.	POETE	1939
163	ALVAREZ, Luis-Carlos.	Organisation de l'hygiène publique en Colombie.	PICARD	1939
164	MOUGENOT, Jean.	L'Urbanisme au secours de l'économie de la cité.	REMAURY	1940
165	TALAZAC, René, Marius.	L'Urbanisme des stations thermo-climatiques.	SELLIER	1940

Cote	Auteur	Titre	Président du Jury	Date d'édition
166	ANGEL, Aron Harun.	L'île de Heybeli, jardin d'Istanbul. Son aménagement, son embellissement.	PROST	1940
167	DINDACHY, Khaled.	Le Tourisme en Syrie et au Liban.	BONNIER	1940
168	PICHON, Armand.	La Société et la ville.	SELLIER	1940
170	CEZERAC, Bernard, Albert, Adrien, Gaston.	L'Assistance aux vieillards, infirmes et incurables en France.	OUALID	1940
171	AUZELLE, Robert (Léon).	Les Problèmes de sépulture en urbanisme.	GRÉBER	1940
172	FOREST, René, Florentin.	Pour une meilleure répartition de la population.	SELLIER	1941
173	MARCHANT-LYON, Manuel.	Contribution à l'aménagement du Chili.	SEBILLE	1941
174	MONDELLINI, Rino (Gaspard).	L'Urbanisme et la guerre.	SEBILLE	1941
175	PENET, Georges (Pierre).	Histoire de Meknès.	LAVEDAN	1941
176	QUILLET, Pierre (Gabriel).	Lausanne et le pays de Vaud.	SEBILLE	1941
177	REYNES, Marceau (André, Armand).	Montpellier, Etude d'évolution urbaine.	LAVEDAN	1941
178	ROUBAUD, Edouard (Léon, René).	Le Cadastre et l'urbanisme.	GRÉBER	1941
179	TORCHEUX, André (Henri, Alexandre).	Une page de sculpture dans la cité, les monuments commémoratifs de la Grande Guerre, Seine. 2 vol. 1er vol.	LAVEDAN	1941
179	TORCHEUX, André (Henri, Alexandre).	Une page de sculpture dans la cité, les monuments commémoratifs de la Grande Guerre, Seine. 2 vol. 2eme vol.	LAVEDAN	1941
180	ARVIS, Jean.	La Cité-jardin et la ville moderne, transformation en cité-jardin d'une commune de la région parisienne (commune de Wissous en Seine-et-Oise). 2vol. 1er vol.	SEBILLE	1941
180	ARVIS, Jean.	La Cité-jardin et la ville moderne, transformation en cité-jardin d'une commune de la région parisienne (commune de Wissous en Seine-et-Oise). 2vol. 2eme vol.	SEBILLE	1941
181	JAUBERT, Louis (Marcel, Jules).	Changhai, étude d'évolution urbaine.	LAVEDAN	1941
182	LOUVET, Jean (Emile, Alphonse).	Servitudes des couvertures dans les plans aménagement en France.	SEBILLE	1941
183	DEUTERE, Robert (Louis, Gustave).	Contribution à l'étude des marchés alimentaires d'une grande ville (distribution, circulation).	SEBILLE	1941
184	DUBOIS, Louise, Amélie.	L'Habitation de louage, service public.	SELLIER	1942
185	GOLDSTEIN, Emmanuel.	Le Port de Galatz, Roumanie.	LAVEDAN	1942
186	LEROUX-HUGON, Joseph-Eugène (Marie).	Les Transports automobiles dans les agglomérations, gares routières et lieux de stationnement.	REMAURY	1942
187	LONGUET, Louis (Charles).	Les Marchés d'alimentation locale.	REMAURY	1942
188	DURANTON, Melle Aline, Hélène.	Le Plan d'organisation et le fonctionnement des écoles primaires de Suresnes.	SELLIER	1942
189	FRAISSE, A.-J. (Alfred, Jean-Baptiste).	Une Réforme de l'administration municipale : l'administrateur urbain.	ROLLAND	1942
190	MAGNA, Paul (Gaston).	La Crémation et l'urbanisme.	HAZEMANN	1942
191	MELCHNER, Alexandre.	Budapest, Ville d'eau.	HAZEMANN	1942
192	LAMBERT, Jean (Ernest).	Le Faubourg Saint-Antoine, Quartier du meuble, Paris	LAVEDAN	1942
193	MANDAROUX, Jean (René).	Le Pays de Caux.	LAVEDAN	1942
194	REVILLARD, Jean.	Essai de critique pour la réalisation des projets d'aménagement de la région parisienne. 2 vol. 1er vol.	REMAURY	1942
194	REVILLARD, Jean.	Essai de critique pour la réalisation des projets d'aménagement de la région parisienne. 2 vol. 2eme vol.	REMAURY	1942
195	ROUSSI, Marcel (Louis).	Essai sur l'urbanisation des zones industrielles. 2 vol. 1er vol.	MAUNIER	1942
195	ROUSSI, Marcel (Louis).	Essai sur l'urbanisation des zones industrielles. 2 vol. 2eme vol.	MAUNIER	1942
196	SAINT-LO, Jean, Louis, Désiré, Emile.	Le Remembrement urbain.	REMAURY	1942
197	CHIN HO TSING.	Évolution du régime municipal en Chine.	POETE	1942
198	CORNESSE, René (Henri).	Considérations générales sur la dissémination industrielle et ses problèmes. 2 vol. 1er vol.	SEBILLE	1942
198	CORNESSE, René (Henri).	Considérations générales sur la dissémination industrielle et ses problèmes. 2 vol. 2eme vol.	SEBILLE	1942
199	DEGONDE, Henri (Jean).	Étude de la réforme des finances communales.	MAUNIER	1942
200	PICHONNAT, Léon.	L'Octroi de la région parisienne, Recherches sur son développement, sa suppression ou son maintien.	ROLLAND	1943
201	PLATZER, Pierre (Louis, Charles).	Du remplacement des octrois par un impôt régional de consommation.	ROLLAND	1943
202	RAPTIS, Michel.	Athènes, étude de l'évolution urbaine de la ville depuis l'Antiquité jusqu'à nos jours.	LAVEDAN	1943
203	VIALLEFOND, Jean (Joseph).	Clermont-Ferrand, Centre régional et industriel.	SEBILLE	1943
204	HEAUME, Arthur-Georges (Pierre).	Urbanisme social.	SEBILLE	1943
205	BADOVICI, Jean.	Les Problèmes de la route, vision générale	MAUNIER	1943
206	BAZIN, Maurice (Louis).	La Vie d'une cité, Moulins.	LAVEDAN	1943
207	COLBOC, Henri (Charles, Bernard).	L'Évolution du Havre de Grâce.	LAVEDAN	1943
208	COUSIN, Yvonne, Marthe, Marie.	Le Problème de l'alimentation supplétive chez les enfants en bas âge scolaire en période de rationnement, Ce qui a été réalisé à Ivry-sur-Seine.	HAZEMANN	1943
209	HOUSEZ, Lucien (Jules, Arthur).	Cherbourg porte du Cotentin, Son évolution, son avenir.	SENTENAC	1943
210	JAUME, Pierre (Emile).	Évolution des villes en fonction du développement de l'aviation.	SEBILLE	1943

FONTE - Bibliothèque Poète et Sellier, grifo nosso.